

MISTAKES WERE MADE...IN SPADES.



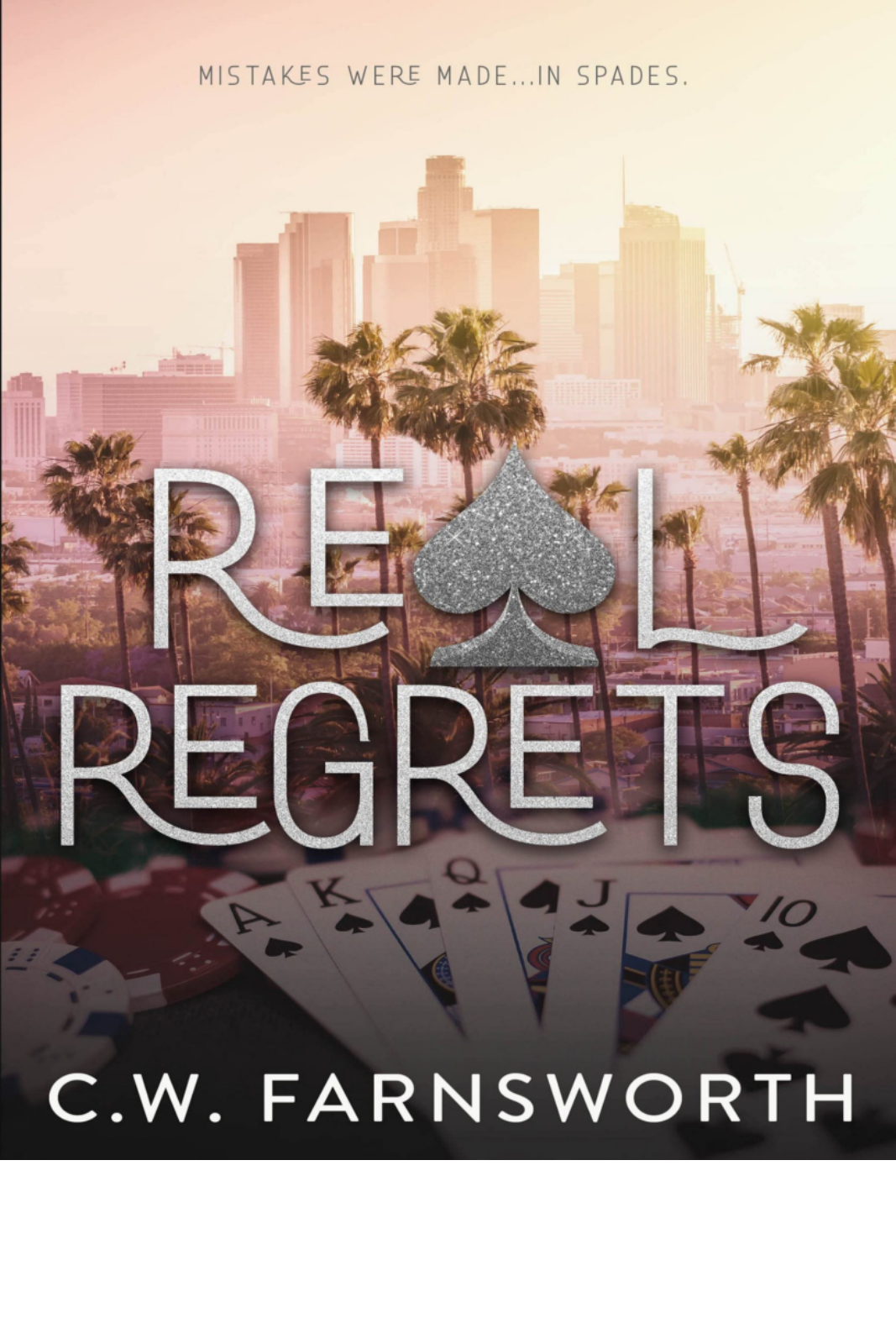
REAL REGRETS

C.W. FARNSWORTH

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

MISTAKES WERE MADE...IN SPADES.



REAL REGRETS

C.W. FARNSWORTH





A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

KENSINGTONS

LANÇAMENTO



KENSINGTONS

UM



DOIS





SINOPSE

Uma despedida de solteiro em Las Vegas é o último lugar onde Oliver Kensington quer passar um fim de semana prolongado. Ele gosta de controlar os resultados, não a incerteza do jogo. Na maior parte, sua reputação como o confiável e responsável irmão Kensington é bem merecida. Mas para uma das poucas pessoas que ele considera um amigo, ele aparecerá na cidade do pecado.

O foco de Oliver está no trabalho - e em voltar às boas graças de seu pai. Mas ele não espera absolvição pelos erros do passado; Arthur Kensington não perdoa.

Então, quando uma oferta para esquecer é feita assim que Oliver retorna a Nova York, é chocante. E é a mesma exigência que seu pai fez anos atrás: casar com uma mulher como parte de um acordo comercial. Desta vez, não há chance de seu irmão Crew estar esperando no final do altar, que é como o último noivado de Oliver terminou.

A resposta deve ser óbvia. A maior parte da vida de Oliver se concentrou em obter a aprovação de seu pai e se tornar CEO, ambas as quais ele considerava oportunidades perdidas. Saber que não são deve ser a melhor notícia que ele recebeu durante todo o ano.

O problema é que há um pedaço de papel em seu bolso que diz que ele já é casado... com a loira que conheceu no bar de um hotel em Las Vegas.

Lamentar profundamente é viver de novo.

HENRY DAVID THOREAU

PRÓLOGO

Oliver

— Não atenda.

Desvio o olhar do telefone vibrando para o perfil orgulhoso do meu pai. Queixo levantado; ombros quadrados. Ele é iluminado por uma única lâmpada que lança um brilho dourado sobre o escritório que é quase uma réplica exata de seu escritório em Nova York. Couro oleado, madeira escura e uísque caro são as imagens e cheiros que associo a meu pai. Estamos a milhares de quilômetros da sede da Kensington Consolidated, mas parece que poderíamos estar sentados em seu escritório de canto com vista para Manhattan.

— É Crew.

— Não responda, — ele repete.

— As ações estão em queda livre. Todo mundo vai entrar em pânico e nós dois estamos fora do país.

Meu pai bebe seu uísque, parecendo despreocupado.

— Pai, — eu tento novamente. — Você não pode simplesmente deixá-lo em um navio afundando sem dizer a ele...

— Eu farei o que eu quiser, Oliver. — Sua voz é tão suave, tão baixa, que automaticamente me encolho. Exclamações altas e raivosas não ferem da mesma forma que declarações calmas e intencionais. — E você não é um CEO atual ou futuro, então sua opinião é irrelevante. — Ele bebe do copo de vidro que está segurando, olhando para a neve que brilha sob o céu estrelado.

Palavras destinadas a mutilar.

Destinadas a doer.

Destinadas a machucar.

Eu engulo em seco e aceno com a cabeça, compartimentando a dor que essas palavras incitam. Ficar aquém sempre foi meu maior medo, e Arthur Kensington sabe disso. Usa isso. Balança sua aprovação à frente, parte de um pico acima de uma montanha que ele nunca vai me deixar chegar ao topo.

Eu sou o tolo que continua subindo de qualquer maneira.

Ele joga para trás o último centímetro de sua bebida e se levanta de repente.

As portas de vidro abrem para o pátio coberto de neve e gelo a cada visita na última década, mas provavelmente é agradável em outras estações. Meu pai olha para a extensão infinita de branco, sua linguagem corporal tão parada e imóvel quanto a água congelada.

— Ethan Gorton vai me acompanhar a Chicago na próxima semana.

Minha espinha enrijece, o gelo em sua voz esfriando minha pele e se espalhando por minhas veias.

— Eu trabalhei nessa oferta por dois meses.

— Você é necessário em Nova York. Scarlett está grávida e o foco de Crew será afetado. As mulheres grávidas são voláteis e carentes. Fique feliz por não estar prestes a descobrir isso sozinho.

Respiro fundo enquanto ele descuidadamente aborda o assunto que tenho medo de levantar.

Minha relação com meu pai sempre foi centrada no trabalho. Quando atendi a sua convocação, foi fácil fingir que a investigação de vazamento de informações confidenciais da empresa era a única catástrofe atual.

Fácil... e covarde.

As malas se alinham no hall de entrada.

Dou um passo à frente, sugando outra respiração profunda, como se oxigênio fosse igual a coragem. — Pai, sinto muito...

Eu não vejo isso chegando.

Em um segundo, estou me movendo em direção à figura tensa de frente para a neve. No próximo, estou quase caindo para trás quando pontos pretos explodem em minha visão, cambaleando com o impacto e o choque do golpe físico.

Eu fico boquiaberto com ele, atordoado, sem palavras e imóvel.

Meu pai nunca, nunca foi o tipo de pai caloroso e mimado. Ele emite ordens e faz exigências. Ele não faz perguntas ou tenta conversa fiada.

Mas ele nunca me bateu.

As punições anteriores eram longos silêncios ou olhares pesados. Ele sempre preferiu deixar sua decepção falar, me sufocar como um cobertor pesado.

A dor começa lentamente, à medida que o choque diminui. Eu toco a pele crua da minha bochecha timidamente, sentindo o gosto metálico de cobre na minha língua.

Porra, isso doeu. Mais do que um soco de qualquer outra pessoa teria.

Há tanto que eu poderia dizer a ele. Justificativas, explicações, admissões, desculpas.

Eu poderia dizer que estou cansado de ser resumido ao meu sobrenome. Eu nasci e cresci para ser um Kensington, e sou reduzido a isso.

E eu estraguei tudo, tentando escapar disso por um minuto.

Eu poderia enfiar as próprias deficiências do meu pai na cara dele. Dizer-lhe que foi um pai terrível e um marido ainda pior e que as plantas murcham sem nutrição, mas as pessoas ficam desesperadas. Tornam-se mesquinhas. Dizer que ele é a razão pela qual sua esposa me implorou para transar com ela. Que ele não deveria ter se casado com uma mulher mais jovem do que eu e depois ignorado a existência dela, se a lealdade dela importasse para ele.

— Perdi todo o respeito que já tive por você, Oliver, — ele sussurra, apontando o dedo na minha cara. Seus dedos estão vermelhos e em carne viva, tão irritados quanto sua expressão. — Então não peça desculpas, porra, porque *os Kensingtons não se desculpam*. E fique muito grato por esse nome porque é a única razão pela qual você não está lutando para encontrar um emprego de zelador. Fora da empresa, você não é meu filho.

Eu sabia que meu pai não iria querer um pedido de desculpas. Sabia que ele vê a admissão de erros como uma fraqueza. Mas eu precisava de uma saída. Para expulsar a massa agitada de arrependimento de alguma forma.

Ele nem me deixou dizera a maldita palavra.

Desculpe, eu digo na minha cabeça.

Mas o que sai é: — *Nunca* fui seu filho fora da empresa.

Uma veia na têmpora de meu pai pulsa. Eu me concentro na rápida subida e descida, tão rítmica quanto a batida de um tambor.

Ele está acostumado com o respeito vindo de mim. Crew sempre foi a dor de cabeça. O filho que festejava demais e trazia garotas escondidas para a propriedade e era muito tranquilo para os gostos impiedosos de meu pai.

Eu era a criança confiável e previsível. E embora meu pai nem

sempre respeitasse essa reverência, ele a apreciava. Talvez mais do que ele percebeu até agora.

Meu pai caminha até o copo de cristal que sei que está cheio de seu uísque favorito. Custa cinco dígitos a garrafa, e ele bebe como se fosse água. Observo-o servir-se de um segundo copo, propositalmente não me oferecendo um. A luz mínima é suficiente para mostrar que a aliança de platina em sua mão esquerda já se foi.

Olhos vermelhos e súplicas suaves e uma reputação de workaholic. Foi assim que vim parar aqui.

Terminei um casamento.

Uma pessoa volátil e infeliz, tenho certeza de que meu pai só se divertia porque ter uma esposa jovem e atraente era um acessório conveniente. Alguém que ele poderia treinar e controlar, da mesma forma que ele moldou Crew e eu.

Mas ainda... um casamento.

E apesar de passar a maior parte da minha vida cercado por - e metade de - casais infelizes, esse compromisso ainda parece sagrado para mim.

Talvez porque eu vi isso transformar Crew em primeira mão. Vi meu irmão descobrir o amor como parte de seu casamento e aprender a tratá-lo como algo precioso.

Meu pai e Candace nunca compartilharam esse vínculo, mas saber disso não é um grande alívio. Não quando minha bochecha arde e posso ouvir os apelos desesperados de Candace me implorando para fazê-lo reconsiderar.

Arthur Kensington não escuta ninguém.

Especialmente eu.

Ele se vira, arqueando uma sobrancelha enquanto bebe meio copo de líquido âmbar.

— Saia da minha frente.

Eu me viro, sabendo que ele vai pensar mal de mim por me afastar sob comando, como um cachorro bem treinado. Mas se eu ficar, ele lamentará minha incapacidade de obedecer a uma simples instrução. Com ele, nunca poderei vencer.

— Oliver.

Paro, com a mão na maçaneta.

— Guarde seus segredos. Se você estragar tudo de novo, vou garantir que todas as pessoas neste país saibam sobre isso. Estou *me*

protegendo, cuidando disso. Não você. *Nunca* você. Entendido?

— Entendido, — eu resmungo.

Eu bato a porta do escritório atrás de mim. É infantil e insignificante, mas o breve vislumbre de satisfação é o melhor que senti durante todo o dia.

CAPÍTULO UM

Oliver

Quando a porta se abre, meu irmão muito bêbado e muito irritado está fortemente apoiado no batente. Todo o seu peso é apoiado em uma mão enquanto ele puxa agressivamente sua gravata azul-marinho com a outra.

Ele franze a testa quando o nó se recusa a ceder, como se o tivesse ofendido pessoalmente por ficar preso. Percebendo tardiamente que a porta foi aberta, Crew passa por mim e tropeça na cobertura, resmungando baixinho.

— Olá. Oi. Claro. Sim. Entre, — eu falo depois que ele desaparece.

Ainda estou de terno do trabalho, mas não cheira a destilaria como o de Crew. O aroma amadeirado e amanteigado do uísque permanece na entrada por mais tempo do que Crew. É o mesmo perfume que associo ao meu pai. E o que eu costumo beber.

Fecho a porta, suspiro e sigo meu irmão pelo corredor que leva à sala de estar.

Quando a campainha tocou, havia apenas dois e-mails não lidos para responder antes de me servir de uma bebida forte e vestir uma calça de moletom. Posso sentir esse número aumentando a cada segundo que passa.

A Kensington Consolidated faz negócios com empresas em todo o mundo. Alguém, em algum lugar, está sempre acordado e respondendo. E quando você está lutando para chegar ao topo - ou lutando para aceitar que nunca *chegará* ao topo, no meu caso - isso significa que o horário comercial normal não existe.

Crew está esparramado no sofá de couro marrom quando entro na sala. Um braço está jogado dramaticamente sobre os olhos, o tecido preto bloqueando a maior parte de seu rosto.

— Os quartos de hóspedes estão no andar de cima.

Ele grunhe. Não se move.

Eu esfrego minha testa, sentindo uma dor de cabeça literal se formar, então me jogo em uma das poltronas de couro combinando. Contratei um decorador de interiores para mobiliar este lugar,

ocupado demais para escolher qualquer coisa sozinho. Como sempre me sento no sofá e raramente tenho companhia, esta é a primeira vez que estou sentado em uma das poltronas. Elas são desconfortáveis.

— Então, o que você está fazendo aqui?

Nenhuma resposta.

Eu limpo minha garganta e cruzo meus braços, preocupado de ficar preso neste purgatório estranho onde Crew fica de mau humor - ou dorme, não posso realmente dizer o que está acontecendo debaixo do braço dele - e estou preso sentado no que parece ser uma tábua de madeira esperando por ele para falar ou se mexer.

Crew me visitando em casa não acontece. Ele esteve aqui uma vez, duas, talvez, desde que comprei esta cobertura alguns anos atrás.

Somos irmãos que trabalham juntos. Passar um tempo juntos fora do escritório ou além dos eventos sociais aos quais somos obrigados a comparecer como parte de nossas funções de destaque na empresa que nosso bisavô fundou é algo inédito. Era raro quando Crew passava seu tempo livre nos clubes de elite de Manhattan, e basicamente inédito agora que ele tem esposa, filha e cachorro.

— Eu discuti com Scarlett mais cedo. — Crew finalmente fala. — Fui a um bar e depois vim para cá. — Ele levanta o braço e me encara com um olhar sério e cansado. — Não se case, Oliver.

— Obrigado pelo conselho não solicitado, — eu respondo, olhando para o carrinho do bar no canto da sala com o mesmo desespero que alguém preso em uma tempestade procuraria abrigo.

O casamento é uma perspectiva desagradável, baixa na minha lista de prioridades - se é que está lá. Além da fase da minha vida em que pensei que minha esposa já havia sido escolhida para mim, não pensei muito nisso. A cada relacionamento fracassado, a possibilidade se distanciava ainda mais. Se você perguntar a qualquer mulher com quem namorei na última década, já sou casado - com meu trabalho.

Ironicamente, Crew é a razão pela qual tenho pensamentos favoráveis sobre a instituição. Todos os casamentos que vi de perto desmoronaram de alguma forma, rachando na superfície até desmoronar.

Exceto por Crew.

Eu testemunhei o relacionamento dele sofrer golpes, mas nunca vi uma fissura se formar. Cínico como sou, isso me dá um pouco de esperança.

Olho para o meu irmão. Ele está em silêncio. Ainda. Não consigo nem o ouvir respirar.

Uma veia lateja em minha têmpora enquanto observo sua forma imóvel. Não sei o que dizer a ele. Crew não quer ouvir sobre o quão perto eu estava de limpar minha caixa de entrada no email antes de ele chegar. Não tenho sabedoria conjugal para oferecer. Mas não consigo deixá-lo aqui deitado, emburrado e sem dar sinais de ir embora, para que eu possa voltar à minha rotina noturna habitual.

Mesmo que isso fosse o que ele imaginava, esperava, ao vir para cá. Crew provavelmente apareceu para que ele pudesse dormir com o uísque em silêncio, não para uma sessão de terapia amadora.

Concentro meu olhar nas janelas, que exibem uma vista de vinte milhões de dólares do Central Park. As luzes da cidade piscam em torno do retângulo de vegetação que atualmente é apenas grama marrom e os contornos esqueléticos das árvores, representando uma centena de lugares que eu preferiria estar do que ouvir meu irmãozinho reclamar de sua vida feliz.

Desde que se apaixonou pela herdeira que nosso pai arranhou para ele se casar - porque em nosso mundo, bilionários se casam com bilionários, ou pelo menos multimilionários - Crew mudou. Ele inicia conversas sobre sentimentos e família. Ele menciona nossa mãe, Elizabeth, a quem deu o nome de sua filha de um ano. E ele fala sobre seu relacionamento com sua esposa, Scarlett, como se eu tivesse uma ideia a oferecer ou fosse fazer recomendações de restaurantes para sua noite de encontro semanal.

Meu passado romântico é chato na melhor das hipóteses e escandaloso na pior. Cada “relacionamento” terminou com lágrimas, gritos ou meu pai me socando na cara.

Em uma palavra, sou *substituível*. Geralmente pelo cara que herdou os mesmos genes, mas de alguma forma ficou melhor, atualmente meio caindo do meu sofá, resmungando algo sobre estar em casa às oito e expectativas irracionais. Já que ele obviamente não está falando comigo, eu nem finjo estar prestando atenção.

Dizer que minha vida sempre foi difícil é um exagero. Eu sou um Kensington. Tudo sempre me foi entregue em uma bandeja de platina.

Em teoria, a libertação fácil parece maravilhosa.

Na realidade, isso significa que trabalho duas vezes mais por tudo o que realizo, e isso é considerado nepotismo ou conquistas compradas de qualquer maneira.

Que estou sempre buscando algo enquanto já tenho tudo.

Como o segundo filho, Crew deveria ser o sobressalente. Meu ato de apoio. Ele sempre foi o irmão descontraído e charmoso. O diabo

pode se importar. Em vez de se ressentir de tudo o que já recebeu, todos querem passar-lhe mais.

Mais elogios, mais admiração, mais atenção, apenas *mais*.

Isso não quer dizer que ele não mereça reconhecimento. Crew é inteligente e motivado. As pessoas o subestimaram como um playboy arrogante e são levadas a uma falsa sensação de complacência agora que ele é o homem de família saudável.

Mas dói - ser constantemente ofuscado por seu *irmãozinho*. Tentei dar um bom exemplo para ele. Tentei mostrar ao meu pai que era forte o suficiente para sobreviver à perda da minha mãe. E todas essas boas intenções se transformaram em expectativas que não consigo me livrar.

A reputação da Crew mudou e deslocou ao longo dos anos. A minha permaneceu constante. Eu sou o filho mais velho sério e responsável. O Kensington em que você sempre pode confiar. O irmão confiável que faz exatamente o que se espera. As poucas vezes que tentei fugir dessa previsibilidade terminaram horivelmente e nunca conseguiram me deixar mais feliz. Elas sempre se transformaram em arrependimentos.

Então, aceitei meu papel, da mesma forma que observei Crew receber o cargo de CEO e a noiva bilionária.

Eu não queria me casar com Scarlett Ellsworth. Eu *teria*, mas não *queria*.

Eu esperava ser o sucessor de meu pai na Kensington Consolidated.

Pior, *todo mundo* esperava isso.

E o mais deprimente é que eu *queria* o cobiçado título. Ainda o faço, mesmo sabendo que está para sempre fora do meu alcance.

Eu realmente não me importo com o que as pessoas pensam de mim. Não me incomoda que sussurem sobre por que meu pai me abandonou. É a minha própria insatisfação que o faz queimar, não o que os outros dizem ou pensam. Não são eles que acordam todas as manhãs para trabalhar em uma empresa que nunca liderarão.

— Quanto tempo você estava planejando ficar? — Pergunto à figura esparramada que não se mexeu nos últimos minutos.

Crew levanta o braço novamente, desta vez para me encarar. — Estou incomodando você?

Sim. — Achei que você iria para a casa de Asher.

O braço cai. — Ele está ocupado esta noite, — diz Crew.

Eu não *quero* Crew acampado na minha sala de estar, fazendo beicinho. Mas dói um pouco saber que eu era sua segunda escolha, mesmo que não seja surpreendente. Seu melhor amigo sem dúvida estaria melhor equipado para lidar com essa situação.

Asher teria piadas prontas ou levaria Crew a um clube para esquecer tudo. Já me disseram repetidamente que não tenho senso de humor, e a última vez que fui a uma boate foi para comemorar minha formatura na faculdade de administração.

Eu me levanto e caminho até o carrinho de metal, enchendo dois copos com o mesmo uísque caro que meu pai bebe. Mesmo quando ele não está aqui, ele está. E não é só o álcool que evoca a sua presença. Ele também está aqui no constrangimento que sempre paira entre Crew e eu, prova de que nunca aprendemos a agir naturalmente um com o outro, como a maioria dos irmãos faz.

Eu coloco um copo de uísque na mesa de centro na frente de Crew e então me retiro para minha poltrona desconfortável, bebendo a maior parte do álcool defumado em um só gole.

— O que aconteceu com Scarlett? — Eu pergunto.

A discussão entre Crew e Scarlett não é novidade. Mas Crew indo a um bar e depois aparecendo aqui é novidade. E preocupante.

Apesar de todo o planejamento meticuloso sobre a fusão de seus impérios, meu pai e Hanson Ellsworth nunca consideraram que seus filhos poderiam se apaixonar. Eles pensaram que o fascínio do dinheiro e do poder seria suficiente para unir Scarlett e Crew permanentemente - eles são duas pessoas lógicas e motivadas que se beneficiam mais por serem casadas do que por não serem casadas. E embora o amor possa ter fortalecido o casamento deles, também é a única coisa que pode destruí-lo. Meu pai entende isso, embora eu não tenha certeza se ele é capaz de sentir essa emoção. É por isso que ele não parou de se intrometer depois que eles se casaram.

Depois de assistir ao casamento do meu irmão, eu teria apostado cinco dígitos que ele e sua esposa estariam morando em prédios separados dois anos depois, enquanto um ou ambos mantinham casos discretos. A última vez que os vi juntos, eles pareciam nauseantemente felizes.

Crew *finalmente* se senta e pega a bebida. Ele estuda o líquido âmbar por alguns segundos, mas não toma um gole. Em vez disso, ele agita o conteúdo como um conhecedor, observando o uísque espirrar pelas laterais e depois pingar no interior do copo. — Ela está grávida, — afirma ele, em seguida, suga a bebida inteira de uma só vez.

— Parabéns? — Sai mais como uma pergunta do que como uma

celebração, já que Crew está franzindo a testa em vez de sorrir. Estas são circunstâncias melhores do que como ele me disse que Scarlett estava grávida pela primeira vez, mas não muito.

Ele acena com a cabeça uma vez, estudando o copo vazio como se ele contivesse todos os segredos da vida. — Obrigado. Não foi planejado... de novo.

— Odeio parecer um professor de saúde do ensino médio, mas existe uma coisa nova chamado controle de natalidade. Posso pegar uma banana na cozinha se precisar de uma demonstração.

Crew revira os olhos e se inclina para trás com um suspiro, o mais leve vislumbre de um sorriso virando seus lábios para cima. — Não que seja *da* sua maldita conta, mas Lili teve infecção de garganta no mês passado. Scarlett também pegou isso.

— Ok... — Não tenho ideia do que infecção de garganta tem a ver com gravidez.

Seu sorriso se aprofunda um pouco em resposta à minha óbvia confusão. — Os antibióticos atrapalham a eficácia da pílula.

— Oh. — Eu estudo a postura caída de Crew. — Scarlett não está feliz com a gravidez?

— Lili mal tem um ano. É um momento de merda; *Rouge* está em toda parte e a distribuição de Haute triplicou no ano passado. Scarlett quer voar pelo mundo, passar a noite no escritório e modelar seus designs... e ela não pode fazer nada disso grávida. Já tem sido uma luta equilibrar nossas agendas com uma filha. *Dois* crianças com menos de dois anos? — Ele passa a mão pelo cabelo e exala profundamente.

Eu fico em silêncio. Também não tenho nenhum conselho para oferecer a ele sobre esse assunto. Filhos não são nada com que eu tenha experiência ou realmente considerado, além do conhecimento abstrato de que, como filho mais velho, provavelmente precisaria tê-los para que pudessem herdar a enorme fortuna de minha família.

Crew cuidou disso para mim. Elizabeth Kensington - Lili, como ela é chamada agora - é atualmente a única herdeira de uma quantia insondável de dinheiro. Não apenas os bens de Kensington, mas também a herança de sua mãe, que era enorme para começar e está crescendo constantemente graças à ética de trabalho sobrecarregada de Scarlett. Além de possuir uma revista de sucesso, Scarlett começou sua própria linha de moda logo depois que ela e Crew se casaram.

Além do fato de ter colocado meu irmão no meu sofá, estou feliz em saber que Scarlett e Crew estão tendo outro filho. Tira um pouco

mais da pressão para eu me acalmar e fazer o mesmo. Principalmente se esse bebê for menino, já que vivemos em uma sociedade machista e o mundo dos negócios não é exceção.

— Tenho certeza de que tudo vai dar certo, — digo, enfatizando como sou péssimo em dar conselhos úteis.

Não posso garantir nada à Crew. Sou seu irmão mais velho, mas em quase todos os aspectos da vida ele está muito à minha frente. Ele é marido e pai, sobrecarregado por responsabilidades das quais seu eu mais jovem ria. E são responsabilidades que ele *quer*, não obrigações.

Crew está preocupado em como esse bebê afetará Scarlett. Mas ele está fazendo malabarismos com tanto trabalho na Kensington Consolidated quanto eu – e muito. Nenhum de nós é bom em delegar tarefas importantes, em parte para deixar claro que o nepotismo não é a única razão pela qual ocupamos cargos de destaque na empresa. Principalmente porque, apesar de todos os seus defeitos, Arthur Kensington fez um trabalho notável ao incutir uma sólida ética de trabalho em nós dois, apesar do imenso privilégio e riqueza que herdamos. Dado o tamanho de nossos fundos fiduciários, nem Crew nem eu *precisávamos* trabalhar um dia de nossas vidas.

— Sim. — Ele ergue o copo vazio. — Se importa se eu me servir?

Uma resposta sarcástica se forma na ponta da minha língua, sobre como ele já se serviu de muita coisa que deveria ser minha. Mas engulo da mesma forma que compartimentalizo todo o resto. Acho que Crew não tem ideia do quanto o título de CEO é importante para mim, e não quero que ele saiba. Quem o receberia nunca dependeu dele - ou de mim. — Vá em frente, — é tudo o que digo.

Crew enche o copo e depois se joga no sofá. Sua postura é derrotada e exausta. Ele alterna entre olhar para o telefone, que colocou sobre a mesa de centro de vidro, e para fora da janela, para as luzes brilhantes da cidade.

Eu bocejo. Acordei às cinco da manhã para malhar antes de ir para o escritório, e esta é a primeira vez que fico sentado sem nada para fazer o dia todo. A exaustão está se espalhando pelo meu corpo, tornando-o lento e não cooperativo.

Se Crew estivesse aqui pensando sobre opções de ações ou querendo discutir relatórios de despesas, eu saberia exatamente como responder. Mas uma discussão sobre seu casamento e um novo bebê me deixa perplexo.

Ele se preocupa com sua família de uma forma que nunca vi de perto. Minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. Muito antes disso, vi as rachaduras no casamento de meus pais. Crew cresceu nas

mesmas circunstâncias frias que eu, e agora ele faz parte de uma família que ri, abraça, ama e luta abertamente. Isso não tem a pretensão ser perfeito e está infinitamente mais próximo desse padrão por causa disso.

— O segundo filho não deveria ser mais fácil do que o primeiro? — Eu pergunto, tentando outra vez tranquilizá-lo. — Quero dizer, você já fez isso uma vez antes.

Crew ri, mas não há humor no som. — Sim. Já fiz tudo uma vez antes. Fui ao supermercado às duas da manhã porque Scarlett queria sorvete de morango e tínhamos todos os sabores de sorvete, *exceto* morango. Dormia sobre uma pilha de vestidos porque tirava tudo do armário assim que as roupas paravam de servir. Uma vez coloquei o papel higiênico no suporte do lado errado e ela chorou por vinte minutos. Ela nunca me deixará esquecer como cheguei tarde ao hospital quando ela entrou em trabalho de parto. E depois há fraldas e choro e não dormir e ter que cuidar de Lili em cima de tudo isso. Isso parece *mais fácil*?

— Não. — Parece terrível, honestamente.

A última vez que vi Lili foi no Natal, organizado por Scarlett e Crew deram. Fui à festa na cobertura deles, junto com cerca de quarenta outras pessoas. O destaque foi que Lili tinha acabado de começar a andar, cambaleando em um par de sapatilhas Mary Jane¹ e um vestido de veludo personalizado que Scarlett desenhou. Avançado para sua idade, de acordo com a conversa sussurrada que ouvi na torre de champanhe, mas nada surpreendente, considerando quem são seus pais. Nada do caos que Crew acabou de descrever era visível.

A campanha toca antes que eu possa pensar em mais alguma coisa para dizer.

Crew não reage ao som. Eu me levanto, colocando meu copo vazio na mesa de café antes de seguir pelo corredor até a porta da frente.

Fico surpreso — e aliviado — ao ver minha cunhada parada no corredor quando abro a porta.

Minha cobertura ocupa os dois últimos andares do prédio, então é a única opção de porta neste corredor. Mas embora as visitas de Crew tenham sido raras, esta é a primeira vez que Scarlett vem *aqui*. Eu nem tinha certeza se ela sabia onde eu morava.

— Você me incluiu na lista de permitidos, — afirma ela, enfiando as duas mãos nos bolsos de sua jaqueta. Scarlett está vestida de forma mais casual do que estou acostumado a vê-la, com leggings pretas e botas de neve. — Eu pensei que teria que subornar alguém para

chegar até aqui.

— Vou pegar algumas roupas da *Rouge*.

Uma sobrancelha escura arqueia. — Para...

— O que você acha? — A demanda pelos designs de Scarlett agora é infame; com o que sua marca está mais associada. Quando uma mulher descobre meu sobrenome, me acostumei com a primeira pergunta que me fazem: se posso tirá-la da lista de espera do *Rouge*.

— Estamos esgotados. Você vai ter que conseguir transar de outra maneira. — Scarlett sorri, mas desaparece rapidamente. — Crew está aqui?

Dou um passo para o lado e inclino o queixo para a esquerda. — Sala de estar.

— Obrigada. — Em vez de entrar como eu esperava, Scarlett estende a mão para a esquerda. A próxima coisa que sei é que um carrinho de bebê e um golden retriever estão preenchendo o que antes era um espaço limpo e vazio.

O rabo de Teddy começa a abanar assim que me vê, reconhecendo-me do meu segundo trabalho ocasional como babá de animais de estimação. Sempre que os dois estão fora da cidade, Scarlett e Crew me pedem para cuidar do cachorro deles. Eu gosto de animais, mas considerando que basicamente só volto para casa para dormir, não me parece justo ter um.

Scarlett tira Lili do carrinho enquanto Teddy se enrola em minhas pernas, cobrindo meu terno antes imaculado com pelos dourados.

— Ela acordou no elevador, — diz Scarlett, estendendo a filha para mim. Os olhos azuis de Lili, idênticos aos de Crew, piscam para mim.

— Scarlett... — Eu aceitaria que Crew aparecesse, sozinho, cem vezes por causa disso. Teddy é uma coisa. Mas nunca fui babá. Estou chocado que Scarlett esteja disposta a me confiar Lili.

— Cinco minutos.

Relutantemente, eu pego a criança. Lili se contorce em meus braços, então agarra minha gravata e puxa. Para uma criança de um ano, ela é muito forte.

— Se ela começar a chorar, alimente-a com uma banana, — Scarlett me diz, depois vai para a sala de estar.

— Inacreditável, — murmuro, olhando para minha sobrinha.

Ela puxa minha gravata novamente.

Eu carrego Lili para a cozinha, Teddy vem atrás de nós. Ele caminha até o canto onde coloquei sua tigela de comida, farejando antes de se enrolar no chão. Deslocando Lili para um lado do quadril e esperando que ela não consiga alcançar minha gravata por este ângulo, eu vou para a despensa, vasculhando caixas de macarrão e cereais para os petiscos que comprei da última vez que Teddy esteve aqui. Finalmente encontrando-os, pego as guloseimas antes de voltar para a cozinha.

O primeiro andar da cobertura tem um layout aberto. Posso ver Scarlett sentada no sofá ao lado de Crew. Observo enquanto ela pega a mão dele e diz algo para ele. Crew se vira para Scarlett e responde com algo que a faz se inclinar para ele. Ele a puxa para perto, beija sua testa, e eu me sinto como um voyeur em meu próprio espaço, testemunhando um momento que não era para ninguém, exceto para os dois.

Teddy mastiga alegremente a guloseima que jogo para ele. Lili não para de se contorcer, então pego uma banana da tigela e me sento em um dos banquinhos. Estou com medo de colocá-la no chão.

— Bnana. — Olho para baixo enquanto Lili acena com a mãozinha, tentando agarrar a fruta amarela.

— Uau, você pode falar agora, hein?

Sua resposta é um absurdo distorcido antes que ela enfie a primeira mordida de banana na boca. Em um minuto, ela comeu tudo.

Salvando-me do dilema de descobrir o que fazer a seguir, Crew aparece. Ele ainda parece cansado, mas menos estressado.

— Papa! — Lili fala assim que o vê.

— Oi, querida. — Crew tira Lili de mim, estremecendo enquanto ela agarra seu cabelo. Acho que devo agradecer por tudo o que ela conseguiu foi minha gravata. — Você convenceu o tio Oliver a te dar uma banana depois da hora de dormir?

— Eu não sabia que ela *podia* falar, — eu digo, me levantando e enfiando minhas mãos pegajosas nos bolsos.

— Ela tem algumas palavras em seu vocabulário agora, — diz Crew, sorrindo com orgulho para sua filha. — Ela ainda não disse mamãe, então Scarlett finge que tudo ainda é bobagem.

— Eu ouvi isso. — Scarlett entra na cozinha segurando uma guia vermelha. Teddy se levanta e se arrasta até ela, esperando pacientemente que ela a prenda em sua coleira. — Obrigada por vigiá-la, Oliver.

— Sim, obrigado por... obrigado, — acrescenta Crew. Nossa

incerteza sobre o que dizer um ao outro é normalmente mútua.

Eu limpo minha garganta e aceno com a cabeça, sem saber o que mais dizer. A porta da frente se fecha alguns segundos depois, deixando o silêncio para trás. Irritante, não estou mais ansioso para a solidão e calças de moletom do jeito que estava antes de Crew aparecer inesperadamente.

Olho para a casca de banana que está escurecendo no balcão, depois para os tufo de pelos dourados no chão da cozinha. Em vez de pacífica, a cobertura parece vazia.

É mais fácil ficar sozinho quando parece uma escolha, em vez de uma inevitabilidade.

CAPÍTULO DOIS

Hannah

Os ringues de hóquei têm um cheiro distinto. Diferente do ar fresco e do cheiro da terra dos campos de futebol ou dos campos de beisebol.

Meus olhos se fecham por um minuto enquanto inspiro profundamente. A mordida gelada do ar queima meus pulmões, acompanhada pelos odores persistentes de suor resfriado, limpador químico, borracha e pipoca com manteiga. Com minha visão restrita, todos os cheiros parecem se intensificar. Algo sobre a mistura deles girando no ar gelado é mais relaxante do que assustador. Por alguns segundos, posso fingir que estou em outro lugar.

— Senhorita Garner.

Abro os olhos, afastando-me da visão aérea da arena para observar a aproximação de Robert Damon. Careca, corpulento e beirando os sessenta anos, o gerente geral do Las Vegas Coyotes faz a escolha previsível de verificar meu decote antes de seus olhos migrarem para o meu rosto. Eu resisto à vontade de checar se não perdi nenhum botão. Eu só tinha dez minutos para me trocar entre o check-in no hotel e vir para cá, então é uma possibilidade definitiva.

— Senhor Damon. — Estendo a mão para cumprimentá-lo e coloco um sorriso educado no rosto.

Ele ri quando nossas palmas se conectam, sua mão quente e levemente úmida. Eu reprimo uma careta quando o aperto de mão dura alguns segundos a mais do que o necessário, seu olhar redondo fazendo outra viagem para o meu seio no longo período de tempo.

— Me chame de Robert, por favor. — Sua voz é tão repulsiva quanto o resto dele, alta e esganiçada.

Robert espera, presumivelmente que eu retribua a oferta e diga a ele para me chamar de Hannah. Eu não vou. Estou feliz por manter relações profissionais com ele.

— As instalações são impressionantes, — eu digo, puxando minha palma da mão e gesticulando em direção ao gelo impecável que eu estava apenas admirando. Eu me concentro em apreciar a vista impressionante pela segunda vez, em vez de limpar a palma da mão na calça do jeito que eu quero. — Esta é apenas a segunda temporada

do time, correto?

Na verdade, não estou perguntando; eu *sei* que é.

Mas permitir que Robert pense que sabe mais sobre sua equipe do que eu, serve a um propósito, assim como não comentar sobre seu olhar errante. Irritá-lo não tornará esta visita mais agradável. Estou aqui para desempenhar um papel, e farei um ótimo trabalho.

— Está correto. — Roberto sorri. — Eu aprecio quando uma mulher faz sua lição de casa.

Meu sorriso permanece fixo. Ele aperta, congelando como concreto derramado enquanto ele cimenta minha suposição inicial de que ele é um idiota misógino. Idiota ou não, ele é uma ponte que não posso queimar.

Robert suspira, olhando feliz para a pista de gelo. A água congelada reflete as luzes brilhantes da arena, brilhando na superfície lisa.

É uma visão impressionante, como estar no centro de uma catedral vazia. Enorme e majestosa, a ponto de encolher todo o resto em perspectiva. Faz você se sentir minúsculo, inconsequente e impressionado.

— Este foi um projeto e tanto para levar adiante, — Robert me diz, um aborrecimento residual persistente nas palavras enquanto ele estuda o produto acabado. — Mas vale a pena, no final.

Concordo com a cabeça, mordendo o interior da minha bochecha para que nada de sarcástico sobre o gênio questionável de construir um enorme estádio de hóquei no meio do deserto possa escapar. Embora duvidoso do ponto de vista ambiental e lógico, é uma maravilha arquitetônica. Mantendo a reputação chamativa da cidade, o teto abobadado foi projetado para se parecer com uma bola de espelhos com milhares de facetas reflexivas exibindo uma imagem distorcida da arena vazia.

— Você gostaria de um tour pelos bastidores?

— Isso parece ótimo.

Robert concorda com a cabeça, antecipando minha resposta da mesma forma que eu esperava a oferta. Quando ele desvia o olhar, aproveito a oportunidade para verificar minha camisa, aliviada ao ver que todos os botões estão abotoados.

A visita de hoje às instalações dos Coyotes faz parte de uma rotina previsível e cansativa.

Bem, *estou* cansada disso. Já Robert parece que este é o ponto alto

de sua semana enquanto chama uma pequena ruiva do canto da suíte. Ela está vestida profissionalmente, assim como eu, com um blazer, saia e salto alto. Um cordão estampado com o logotipo dos Coyotes está pendurado em seu pescoço.

— Lauren pode mostrar a você, — Robert me diz. — Ela cuida das relações públicas da equipe. Lauren, esta é Hannah Garner. Da *Garner Sports Agency*.

Não perco o olhar impressionado que aparece no rosto de Lauren quando Robert enfatiza meu sobrenome, imediatamente seguido de compreensão. A conclusão *é por isso que ela está aqui. O olhar de nepotismo.*

Eu não odeio isso porque trabalhei pra caramba para chegar aqui e estou desejando o reconhecimento desse fato. Eu odeio isso porque *não* conquistei meu lugar no negócio ganhando algumas centenas de milhões em comissões anualmente.

Meu pai é grande no mundo dos esportes. Desde a infância - dele, não minha - ele esteve envolvido nisso de alguma forma. Jogador, treinador, proprietário, gerente, agente. Quando me formei na faculdade e não tinha certeza do que fazer da minha vida, ele sugeriu que eu experimentasse o “negócio da família”.

Então eu experimentei.

E agora, cinco anos depois, ainda estou presa no mesmo lugar, sem realmente me mover para lugar nenhum. Eu tenho um escritório de canto e um salário generoso, e uma placa de *vice-presidente executiva* na minha porta.

Mas parece que não consegui quase nada. Como se eu estivesse nadando, não apenas flutuando, mas ainda indo a lugar nenhum. Sempre há mais água pela frente e nenhum destino esperado à vista. Eu apenas continuo me movendo.

Eu aperto a mão bem cuidada de Lauren quando ela a estende para mim. — Prazer em conhecê-la, Lauren.

— Prazer em conhecê-la, senhorita Garner.

Abro a boca para dizer a ela para me chamar de Hannah, mas a fecho. Insultar Robert Damon seria uma decisão estúpida. E é exatamente assim que ele vai me aceitar convidando uma funcionária que ele sem dúvida considera inferior a me chamar pelo primeiro nome quando eu não lhe fiz a mesma cortesia.

Um sorriso falso permanece estampado em meu rosto enquanto conto mentalmente os minutos até que eu possa deixar as instalações dos Coyotes e voltar para o meu quarto de hotel.

Esta visita a Las Vegas foi uma parada que meu pai me impôs. Ele ligou esta manhã, quando eu já estava indo do apartamento de minha melhor amiga Rosie em Hyde Park para o aeroporto, para perguntar se eu estaria disposta a me encontrar com Robert esta tarde.

Ele disse que fazia sentido porque eu já estava viajando, mas sei o verdadeiro motivo. Trabalho para uma agência esportiva, mas não sou agente esportiva, o que torna esse tipo de interação mais casual. Meu pai me chama de sua arma secreta, e isso torna infinitamente mais complicado me livrar de uma carreira que nunca quis.

— Podemos começar olhando a assessoria de imprensa? — Lauren sugere.

— Parece ótimo, — respondo, seguindo-a para fora da suíte executiva com vista para o ringue.

Robert segue atrás de nós, infelizmente. Eu esperava que ele tivesse algo mais importante para fazer e não acompanhasse a turnê.

Toda esta reunião é um discurso de vendas. Vegas é uma equipe de expansão no meio de sua segunda temporada. Eles estão lutando por relevância entre franquias que existem há quase um século. Essas equipes têm *história*. Fãs dedicados e detentores de ingressos para a temporada. Suas camisas são as que os jogadores do PeeWee sonham em vestir, que carregam um prestígio conquistado com sangue, suor e vários campeonatos.

A Garner Sports Agency negocia contratos para veteranos experientes e estrelas em ascensão. O dinheiro de cada equipe vale a mesma quantia, mas isso não os torna iguais em outros aspectos.

Vegas quer jogadores mais estabelecidos que tragam relevância com eles. Os torcedores vão ligar as televisões e comprar ingressos para ver o jogo por causa do nome nas costas da camisa, independentemente do logotipo na frente.

Impressionar-me, por extensão, meu pai, que representa e aconselha muitas estrelas do hóquei atuais e futuras, é o que Robert Damon e o restante da administração do Coyotes esperam realizar esta tarde.

O resto do edifício não é tão impressionante quanto o teto. Tudo parece novo porque é. Mas os vestiários e as salas de equipamentos parecem os mesmos dos dez outros estádios pelos quais fiz passeios semelhantes nos últimos anos.

Continuo balançando a cabeça e sorrindo enquanto caminhamos por um corredor repleto de fotos coloridas de jogadores no gelo, ouvindo Robert tagarelar sobre as placas de vídeo de alta definição de

última geração.

Finalmente, acabamos de volta à suíte executiva de onde começamos. Robert me fez prometer voltar a Las Vegas para um jogo em casa logo antes de eu sair do estádio e entrar no carro que me esperava aqui algumas horas atrás.

Assim que a porta do carro se fecha, tiro os saltos e me recosto no banco de couro, desejando poder pegar um voo de volta para Los Angeles agora mesmo, em vez de esperar até de manhã. Quando comecei a trabalhar na Garner Sports Agency, as viagens frequentes pareciam empolgantes. Uma chance de ver mais do país depois de viver toda a minha vida na Califórnia. Já não o vejo com a mesma emoção.

Minha irmã mais nova, Rachel, me manda uma mensagem quando o carro entra na famosa Strip. Luzes de neon piscam em ambos os lados da avenida, o sol poente permitindo que o brilho artificial que cobre cada edifício comece a brilhar.

Rachel: *Você está em Las Vegas???*

Nem Rachel e nem meu irmão mais velho, Edward, escolheram se envolver na indústria do esporte. Suas carreiras atléticas terminaram na escola primária. Fui eu que continuei com o futebol durante o ensino médio, sabendo que meu pai adorava ser treinador. O que agora é um campo de croquet no quintal dos meus pais costumava ser um campo de futebol, completo com um gol de tamanho regulamentar.

Rachel é uma professora de inglês do ensino médio. Ela é uma leitora ávida que adora crianças, então o trabalho combina perfeitamente com ela.

Edward - Eddie - é um anestesilogista casado com sua namorada do colégio, April. Cinco meses atrás, eles anunciaram que estão esperando um bebê. Minha primeira sobrinha ou sobrinho chegará em cerca de um mês.

E depois há eu. A filha do meio exteriormente bem-sucedida e interiormente insegura.

Eu mando uma mensagem de volta para Rachel, sabendo que ela vai explodir meu telefone se eu não responder rapidamente.

Hannah: *Sim.*

Previsivelmente, Rachel responde imediatamente.

Rachel: *Sim????*

Rachel: *Você está em VEGAS e sua única resposta é SIM?*

Hannah: *Acho que você quis dizer *sua*

A gramática ruim é uma das maiores irritações de Rachel. Se você perguntar a ela, ela está infelizmente solteira porque o mundo do namoro online está repleto de mal alfabetizados. Suas palavras, não minhas. Embora eu tenha visto algumas das capturas de tela que ela me enviou e ela tem razão.

O nome de Rachel pisca na tela com uma chamada recebida alguns segundos depois. Atendo com um suspiro, já sabendo o que ela vai dizer.

— *Em primeiro lugar, foi a correção automática, não eu. Em segundo lugar, quando você vai dizer ao papai que você é uma mulher adulta, não uma garota de recados?*

— Ele é meu chefe, Rachel. É o meu trabalho.

— *Você tirou o dia de folga. Papai vai amar você da mesma forma, Hannah, se você estabelecer alguns limites.*

— Uau. Eu não posso acreditar que você teve tempo para obter um diploma de psicologia entre ensinar e ler aqueles livros de romance que você ama.

Peguei Rachel lendo um livro com um homem sem camisa na capa no Dia de Ação de Graças e fiz questão de provocá-la várias vezes desde então.

— *Em primeiro lugar, sou uma Garner. Obviamente, posso realizar várias tarefas ao mesmo tempo. E segundo, você deve ler um. Sua vida poderia usar um pouco de romance.*

Rachel não está errada, mas não vou admitir. Desde que terminei com Declan, tive muitos encontros. Em parte, para provar à minha família que estou bem. Mas as palavras de despedida de Declan ecoam na minha cabeça e me fazem pensar se há algum sentido. *Ninguém quer um desafio que nunca acaba*, ele me disse. Já ouvi alguma versão do mesmo sentimento antes. Nunca foi fácil com ninguém, então sempre se transformou em um relacionamento difícil até terminar.

— Vou manter isso em mente, obrigada.

— *Quando você estará em casa? Eu ia ver se você queria ir para aquele novo restaurante de sushi hoje à noite, e então mamãe mencionou que papai a mandou para o seminário de libertinagem.*

— Meu voo sai amanhã às onze da manhã. Estarei de volta a LA₂ no início da tarde. E não é tão emocionante aqui. Dificilmente um seminário de libertinagem.

Eu me acostumei com as palavras de Rachel quando ela ganhou o

concurso de ortografia da quinta série. Nem merece um comentário sarcástico sobre memorizar o dicionário neste momento.

— *Então você obviamente está fazendo errado.*

Eu não discuto com isso porque ela provavelmente está certa.

Para alguém que passa tanto tempo em mundos fictícios, Rachel tem um gosto pela vida que me falta. Ela está sempre tentando novos hobbies. Ela passa os verões viajando pelo mundo. Quando não estou trabalhando, apenas redecoro minha casa porque não consigo escolher um tema consistente.

— Estou aqui a trabalho.

— *Você não vai trabalhar hoje à noite,* — Rachel canta. — *Coloque um vestido justo e vá a um daqueles shows de strippers masculinos.*

Reviro os olhos quando o carro para em frente ao hotel chique em que estou hospedada. — Eu tenho que ir. Falo com você quando voltar a LA e podemos ir ao restaurante de sushi em breve.

— *Certo. Te amo irmã.*

— Também te amo.

Me despeço do motorista e saio do carro em direção às portas automáticas do hotel.

CAPÍTULO TRÊS

Oliver

Asher Cotes e Isabel Sterling se separam assim que entro na sala de descanso do andar executivo para pegar uma água com gás na geladeira. Desde que eles estavam cerca de trinta centímetros de distância, para começar, eu entendo que seu nervosismo mútuo significa que eles passaram um tempo juntos ainda mais próximos.

Eu não poderia me importar menos se eles estão dormindo juntos. Meu pai - e *Crew* - seria outra história. A Kensington Consolidated provavelmente tem uma política de não confraternização, mas como namorar um funcionário nunca foi um pensamento passageiro em minha mente, na verdade não sei se temos ou não. Se não está explícito, certamente está implícito.

— Bom dia, Oliver, — diz Asher facilmente, enfiando a mão no bolso e encostando-se na parede. Sua expressão se iguala quando ele recupera a compostura relaxada de sempre.

— Bom dia, — eu respondo, caminhando até a geladeira com frente de vidro para pegar a água gelada que vim buscar aqui.

— Sexta-feira boa até agora? — Asher pergunta, o sorriso casual que normalmente é um elemento permanente em seu rosto aparecendo.

O ar frio bate em meu rosto enquanto pego uma garrafa de vidro da fila de garrafas antes de fechar a porta da geladeira. — Sem grandes queixas.

— Estou ouvindo coisas boas sobre a Thompson & Thompson.

Concordo com a cabeça antes de torcer a tampa da minha água e tomar um longo gole. Bolhas queimam minha garganta enquanto Asher tenta mais conversas mais um pouco. Acho que ele está tentando me distrair de Isabel.

— Pronto para o discurso de Henderson esta tarde? — Ele me pergunta.

— Eu não estarei lá. Estou indo para Las Vegas em algumas horas.

As sobrancelhas de Asher sobem pela testa até quase chegarem à linha do cabelo. — *Você vai para Las Vegas?*

A irritação surge em resposta ao seu tom incrédulo, então me dirijo a Isabel em resposta. — Isso é o que eu *acabei* de dizer, não?

Ela balança a cabeça e pigarreja, alisando o tecido sem rugas do vestido. Optando sabiamente por não dizer nada.

Se ela e Asher estão realmente envolvidos, estou surpreso. Asher é competente em sua função, mas todos sabem que ele trabalha aqui por causa de Crew. Em contraste, Isabel é implacável e motivada. Em todos os projetos em que trabalhamos juntos, ela me impressionou. Eu não teria imaginado que ela estaria disposta a possivelmente sacrificar sua reputação profissional por um caso com um colega. E eu não teria imaginado que Asher estava disposto a ignorar a paixão óbvia que ela tinha por Crew quando começou a trabalhar aqui. Sempre achei que ele evitava mulheres interessadas em Crew, da mesma forma que eu.

— Aproveite sua... pausa. — Eu tampo minha água e vou para a porta.

Funcionários saem do meu caminho enquanto eu ando de volta pelo corredor acarpetado em direção ao meu escritório. Tenho uma dúzia de tarefas para cumprir antes de deixar uma longa lista que tenho certeza que cresceu nos últimos minutos.

Meus passos apressados vacilam quando uma voz familiar chama meu nome.

Eu olho para Scarlett, assim como todos os outros nas imediações. Minha cunhada caminha em minha direção com determinação, ignorando os muitos olhares que está atraindo.

Não há vestígios do traje casual que ela usava ontem à noite. Scarlett parece cada centímetro da bilionária de sucesso que ela é, vestida com um casaco de lã feito sob medida. Seu cabelo escuro está preso em um rabo de cavalo alto que balança a cada passo confiante, os saltos vermelhos que ela está usando não a atrasam.

Paro no lugar, apertando a garrafa de vidro com força enquanto sinto um lampejo de incerteza.

Nunca tenho certeza de como agir perto de Scarlett. Ela tem uma presença intimidadora, mas é mais do que isso. Passei anos pensando que me casaria com ela. Ela representa parte do futuro que eu esperava estar vivendo agora.

— Bom dia, Scarlett. — Eu me inclino para a frente e beijo sua bochecha, hiper consciente de como este corredor é cercado por escritórios de vidro.

— Bom dia, Oliver.

Em público, Scarlett e eu somos infalivelmente educados um com

o outro. Em particular, não temos muito relacionamento. A maioria de nossas interações são performativas.

— O escritório de Crew fica do outro lado.

Sua expressão sem humor muda, revelando um vislumbre de diversão. — Eu sei. Eu estava indo em direção ao seu.

— Oh? — Eu inclino minha cabeça, mascarando minha inquietação. Isso é outra coisa sobre Scarlett. Sua expressão impassível é tão boa quanto, melhor que, a minha. Raramente faço ideia do que ela está pensando, e agora não é exceção.

— Eu queria agradecer a você, — diz Scarlett. — Por ontem à noite.

— Oh. — Quebro o contato visual e puxo minha gravata. O nó de repente parece muito apertado e restritivo. A inquietação tornou-se desconfortável à medida que nos movemos para um território totalmente estranho. Venho de uma família *de faz de conta que nunca aconteceu*, e meu palpite é que os Ellsworths também eram assim. — Tudo o que fiz foi deixá-lo mais bêbado.

Os lábios vermelhos característicos de Scarlett se curvam para cima. — Você fez mais do que isso. Você estava lá para o Crew. Isso significa muito para ele. E... para mim.

As duas últimas palavras são acrescentadas após uma pausa.

Outra as segue.

Eu tenho que limpar minha garganta duas vezes antes de falar, e minha resposta ainda sai áspera. — A disposição.

— Você não tem um império da moda para administrar, Sra. Kensington? — A voz provocante de Asher interrompe.

Eu me assusto, tendo esquecido completamente que estamos parados no meio do corredor.

Scarlett aperta o cinto do casaco antes de olhar para Asher se aproximando de nós. Isso chama minha atenção para sua barriga lisa. Eu me pergunto se ela sabe que Crew mencionou a gravidez para mim.

Ele é o comboio para a maior parte das informações entre nós, a fonte do que ouço sobre Scarlett e o que ela sabe sobre mim, e me ocorreu tardiamente que nosso relacionamento poderia ser mais dimensional.

— Estou surpresa ao ouvir você mencionar trabalho duro. Achei que era um conceito estranho para você. — Scarlett envia a Asher um sorriso doce.

Ele ri em resposta. — Apenas aqui para fazer companhia a Crew enquanto ele domina o mundo. Ele está em uma reunião com Arthur, no momento.

Algo feio e desagradável coalha em meu estômago. Eu deveria estar acostumado a ser cortado agora, mas dói toda vez.

— Eu sei, — responde Scarlett. Mas ela não está olhando para Asher. Ela está focada em mim com uma intensidade que me faz pensar que ela percebeu minha reação.

Crew sempre andou na ponta dos pés, tornando-se inequivocamente o favorito de nosso pai. Eu sei que é porque ele sabe que Candace é um assunto delicado. O olhar penetrante de Scarlett parece ir além disso, até as outras razões pelas quais isso me incomoda tanto.

— Você ouviu que Oliver está indo para *Las Vegas*? — Asher ri, ainda achando a viagem engraçada.

Scarlett acena com a cabeça, então olha para mim. — Despedida de solteiro de Garrett Anderson, certo?

— Certo. — Crew é um mensageiro mais detalhado do que eu pensava. Eu não esperava que ela soubesse disso.

— Você é amigo de Garrett Anderson? — Asher pergunta. Ele parece surpreso e um pouco impressionado.

— Fomos para a faculdade juntos, — eu digo.

Amigos é um termo usado livremente entre a elite. Uma maneira de significar alianças ou sugerir conhecimento interno. Verdadeiramente a personificação de *manter seus amigos próximos e seus inimigos mais próximos ainda*.

Garrett Anderson é alguém que realmente considero um amigo. Além de Crew, ele é a única pessoa para quem eu iria a uma despedida de solteiro em Las Vegas. Asher estava encarregado de planejar a despedida de solteiro de Crew, e acabamos em um local de escalada. Foi tão terrível quanto parece. Strippers e jogos de azar também não são minha praia. Mas Garrett ligou para me convidar pessoalmente, então concordei em ir.

— Vocês devem estar bem próximos, se estiverem voando para Las Vegas.

— Chase planejou isso.

— Espere. Chase... como *Chase Anderson*? O jogador de hóquei? — Asher pergunta. — Você está festejando em Las Vegas com Chase Anderson?

— Sim, — eu confirmo. — Sugeri que fôssemos para uma academia de escalada, mas ele achou que isso soava ridículo.

— Hilário pra caralho, Oliver.

Os lábios vermelhos de Scarlett se contorcem. Esqueci que ela estava no início da despedida de solteiro do Crew. Depois que ela saiu furiosa logo que chegamos, Crew ficou de mau humor pelo resto da noite. Dizer que a “festa” foi um desastre é um eufemismo.

As portas do elevador ao lado do qual estamos apitam e se abrem. Meu pai sai, com Crew logo atrás dele.

Eles são um par intimidante. Um rei e seu herdeiro escolhido. Um imperador e seu sucessor.

A única diferença entre eles é que a máscara estoica de Crew cai quando ele vê nosso pequeno grupo, e *Scarlett*, especificamente.

O estoicismo de meu pai nunca vacila. Ele nunca aprendeu a valorizar alguém mais do que como eles o beneficia. Nem mesmo um aceno de reconhecimento é apontado em nossa direção. Provavelmente porque faço parte do grupo.

— Me mande as atualizações sobre esses projetos até o meio-dia, Crew. — Isso é tudo que meu pai diz antes de continuar pelo corredor em direção ao maior escritório do andar.

— Ok, — é a resposta de Crew para suas costas recuando.

Ele está totalmente focado em Scarlett, que está murmurando algo para ele que faz Crew sorrir e balançar a cabeça.

Crew olha para mim em seguida. Minha expressão permanece em branco. Eu sei exatamente para o que ele está me testando, e não tenho interesse em reagir.

— Ei.

— Oi, — eu respondo.

Crew parece não saber o que dizer a seguir.

— Eu tenho uma reunião. Vejo você na hora do almoço — diz Asher. Ele olha para mim. — Divirta-se em Las Vegas, cara.

— Obrigado.

Crew está sussurrando algo para Scarlett que a faz sorrir e balançar a cabeça.

Eles parecem um casal feliz e normal, sem nenhum traço do estresse que estava em exibição na noite passada.

Crew e eu compartilhamos os mesmos pais e a mesma criação.

Ainda assim, Crew conseguiu de alguma forma fazer o que sempre pareceu impossível para mim.

Ele deixou alguém entrar.

Eu sempre espero o pior das pessoas. Muitas vezes, eles cumprem. Eles tentam me usar pelo meu dinheiro ou pelo meu nome. Minhas conexões ou meu favor. Quando você está sempre procurando por duplicidade, é fácil identificá-la.

Mas acho que não há nada que Scarlett possa fazer que Crew não perdoe. Ele lutou por ela mesmo quando as evidências eram condenatórias. Eu nunca fui capaz de descobrir de onde veio essa confiança. Nunca experimentei essa certeza.

— Tenho que ir a uma reunião. — Scarlett sorri, dá um tapinha no peito de Crew e olha para mim. — Tenha uma boa viagem, Oliver.

Eu concordo. — Obrigado.

Estou esperando que Crew siga Scarlett até os elevadores, mas ele permanece ao meu lado depois de lhe dar um rápido beijo de despedida.

— Ele quer uma atualização da Thompson & Thompson.

Quando olho, Crew está olhando para frente. Tudo em sua linguagem corporal agora é desconfortável - seus ombros tensos, mandíbula tensa e braços rígidos. Nós dois sabemos onde discutir com Arthur Kensington leva - a lugar nenhum.

— Vai passar.

— Eu disse a ele para perguntar a você pessoalmente.

— E aqui está você, perguntando. — Suspiro quando Crew consegue parecer ainda mais rígido. Eu gostaria que ele parasse de tentar diminuir a distância entre mim e nosso pai. O resultado nunca muda. — É a minha merda, Crew. Eu cuido disso. E farei com que alguém da equipe entre em contato com você se for finalizado enquanto eu estiver fora da cidade, para que você possa contar a ele.

Eu vejo o aceno de Crew antes de continuar pelo corredor em direção ao meu escritório. Minha secretária, Alicia, não está em sua mesa, então faço uma anotação mental para dizer a ela para enviar para Crew todos os e-mails da Thompson & Thompson daqui para frente. Ele pode dar a boa notícia ao querido papai assim que o negócio for fechado.

Previsivelmente, os e-mails se acumularam durante o que planejei ser uma breve pausa para beber água. Examino tudo o que não foi lido. Aprovo três propostas e redijo um memorando. Atendo dois

telefonemas e então percebo que tenho que sair se quiser pegar meu voo.

Minha bagagem está no canto do meu escritório, empilhada cuidadosamente ao lado do sofá de couro. Estou em um voo comercial para Las Vegas desde que meu pai reservou o jato da empresa. Não tenho ideia de para onde ele está voando ou por quê. Ele pode ter colocado uma retenção permanente apenas para me impedir de usá-lo.

Estou guardando na maleta alguns pacotes de papéis que pretendo examinar no avião quando ouço uma batida firme na porta.

— Entre, — eu falo.

Eu olho para cima, esperando Alicia, mas Crew é quem entra. Duas vezes em um dia sem reuniões juntos é praticamente um recorde. Ele fecha a porta atrás de si e caminha em direção à minha mesa, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Você não deveria estar a caminho da cidade do pecado agora? — Ele pergunta, parando para girar o gigantesco globo de metal que fica ao lado da estante antes de continuar em direção à minha mesa.

— Estou prestes a sair.

Ele olha para os papéis que estou segurando. — Não se esqueça de levar algumas semanas de trabalho para o seu fim de semana em Las Vegas.

— Não estou arrumando muita coisa, — minto, fechando rapidamente a maleta.

O sorriso de Crew é conhecedor. — Uh-huh. Celeste passou a manhã toda acampada na sala de cópias com Alicia, certificando-se de que você tenha o último relatório das Indústrias Isaac junto com tudo o que solicitou.

— Eu não pedi a sua secretária para ajudar a minha.

Crew dá de ombros, olhando pelas janelas atrás da minha mesa, que oferecem uma vista impressionante do horizonte da cidade. — Eu estive distraído esta manhã. Não há muito mais para Celeste fazer.

— Eu não tinha certeza do que precisava priorizar, então decidi trazer tudo, — admito.

— Conhecendo você, você terminará tudo.

É para ser um elogio, mas também incomoda. Apesar de saber do meu maior erro, Crew tem total confiança na minha capacidade de realizar tudo. Ele sabe que a Kensington Consolidated é toda a minha vida. Eu tenho poucos amigos. Sem namorada. Nenhum animal de estimação. Sem hobbies. Nem mesmo uma planta para cuidar.

Não tenho ideia de como tirar uma folga do trabalho. Não estar pensando nas milhões e uma tarefas que se acumulam sempre que estou fazendo qualquer outra coisa. Eu durmo, malho e trabalho. Todo o resto é tratado por mim. Os mantimentos são entregues. Uma equipe de limpeza vem à minha cobertura uma vez por semana. Alicia gerencia todas as minhas viagens e compromissos.

Minha vida é privilegiada e patética.

— Alguém precisa revisar isso.

— Alguém *vai* revisar isso. Não precisa ser você. — Crew balança a cabeça, sorrindo um pouco. — Você está fazendo o trabalho de três pessoas agora, Oliver.

Eu cutuquei o interior da minha bochecha enquanto desligo meu computador e pego minha maleta da mesa. — Você está trabalhando o mesmo número de horas.

Crew balança a cabeça. — Nem mesmo perto. — Sua voz suaviza. — Olha, eu sei que você quer provar que é...

Eu interrompo. — Eu realmente preciso ir.

— Sim, claro. Eu só queria dizer obrigado. Por ontem à noite. Desculpe, eu estava meio bagunçado.

Não digo a ele que foi meio... legal. Que se ele tivesse ficado mais tempo, eu não teria odiado.

— As coisas estão bem com Scarlett?

Um breve lampejo de surpresa cruza o rosto de Crew em resposta à pergunta. Isso me faz sentir uma merda total. Porque, sim, eu não costumo perguntar. Eu ouço o que ele me conta sobre sua família, mas não costumo participar nem fazer perguntas.

— Sim. Estão boas. Nós dois só precisávamos surtar um pouco.

— Bom.

O sorriso de Crew se torna infantil. Ele se balança sobre os calcanhares, com as mãos nos bolsos. — Espero que seja um menino, — confessa. — Não tenho certeza se vou sobreviver à adolescência de Lili como ela é. Ela é uma mini-Scarlett.

Eu sorrio. — Só não o chame de Arthur Jr. — Nosso pai não merece a mesma honra que nossa mãe merecia.

As sobrancelhas de Crew se erguem em surpresa. — Eu não faria isso, Oliver.

Estou surpreso com o aço em seu tom.

Eu sei que ele odeia como a deterioração do meu relacionamento

com nosso pai trouxe benefícios para ele. Nosso pai costumava vacilar entre os favoritos, constantemente nos fazendo lutar por seu favor, mas agora Crew está firmemente plantado na primeira posição.

Mas a culpa é minha. Por causa de um momento em que eu disse *sim*, simplesmente porque eu sabia que qualquer pessoa que eu já conheci teria apostado que eu diria *não*. A simpatia de Crew - sua solidariedade - não parece merecida.

Ando em direção à minha bagagem. Estou saindo ainda mais perto da decolagem. — Eu preciso ir.

— Sim, claro. Voe com segurança.

— Obrigado.

— E tente se divertir um *pouco*.

Forço um sorriso em resposta. Além de ver Garrett, já estou temendo tudo sobre esta viagem. — Vou tentar.

Alicia está sentada em sua mesa quando saio do meu escritório. Seu cabelo grisalho está preso em um coque elegante, mas ela alisa as mechas quando me aproximo de qualquer maneira. — Faça uma boa viagem, Sr. Kensington, — ela me diz. — Já fiz o check-in do seu voo e a passagem está no seu e-mail. Patrick está esperando lá embaixo e há um carro reservado para você no aeroporto de Las Vegas também. Ele o levará direto para o seu hotel.

— Obrigado, Alícia. Saia cedo, certo?

— Claro.

Trocamos um olhar divertido. É tão provável que ela saia do escritório a esta hora quanto eu em circunstâncias normais.

— Eu falo sério, — eu digo, batendo meus dedos na borda de madeira de sua mesa. — Ou você está demitida.

— Sim, Sr. Kensington.

Sigo pelo corredor, puxando minha bagagem atrás de mim. Eu deveria tê-la deixado no carro esta manhã, como Patrick sugeriu, mas imaginei que precisaria colocar os papéis de trabalho na mala depois de encher minha maleta. E eu estava certo.

Por falta de sorte, meu pai está saindo de seu escritório no momento em que passo por ele. — Oliver.

O reconhecimento é para mostrar, então sou forçado a responder. — Pai.

— Você está indo? — Ele olha para o relógio, como se para enfatizar a hora.

Meus molares rangem. Meu escritório é o último ocupado na maioria das noites. Depois que ele se vai, saindo com mulheres com metade de sua idade.

Ele não amava Candace. A tinta dos papéis do divórcio ainda não havia secado quando ele começou a trazer um encontro diferente para cada evento. Em vez de me congelar, ele deveria estar me *agradecendo* por explodir seu casamento infeliz.

— Sim. — Minha resposta é curta. Se ele quiser saber para onde estou indo e por quê, pode perguntar.

Ele não pergunta, é claro. Tudo o que ele faz é continuar andando. Minha expressão permanece em branco durante tudo isso, antes de continuar pelo corredor em direção ao elevador. Aperto o botão da garagem.

Quando as portas se abrem, meu motorista Patrick já está esperando. Ele coloca a mala no porta-malas para mim enquanto eu me acomodo no banco de trás, pegando meu telefone e suspirando com o número de e-mails que já se acumularam.

Em vez de ler qualquer um deles, jogo meu telefone no assento de couro, optando por olhar pela janela enquanto Patrick dirige pela cidade em direção ao aeroporto.

É um dia cinzento e sombrio. Faixas de chuva escorrem do lado de fora do vidro fumê, borrando a vista e os prédios pelos quais passamos.

Assim que Patrick me deixa no terminal, dirijo-me à segurança. Alicia cuidou de toda a logística de check-in. Ela também configurou a liberação pré-checagem³. Levo dez minutos para passar pelo detector de metais antes de ir para o portão. Há comoção em todos os lugares. Crianças gritando, comissários de bordo apressados, passageiros confusos andando de um lado para o outro.

Eu chego ao meu portão assim que a primeira zona é de embarque. Como estou na primeira classe, entro na fila e estou no avião alguns minutos depois. Enfio minha mala no compartimento superior e me acomodo na terceira fileira, resignando-me a uma longa espera enquanto os outros passageiros entram no avião um a um.

Eu me ocupo puxando o e-mail que Chase enviou algumas semanas atrás detalhando o itinerário para o fim de semana. Contanto que meu voo não saia atrasado - o que não tenho certeza *de que* acontecerá, com base no ritmo de embarque dos passageiros - chegarei ao hotel por volta das seis. De acordo com o e-mail, o jantar é às seis e meia em um restaurante na mesma rua do hotel. Devo ter bastante tempo para fazer o check-in e depois jantar.

— Bem, *olá*.

Eu olho para cima do meu telefone para ver uma mulher com uma variedade selvagem de cachos castanhos se sentar ao meu lado. Ela está vestindo um casaco cor de camelo e uma faixa rosa brilhante onde se lê *Dama de honra*.

— Olá, — eu respondo, educado, mas não excessivamente amigável.

— Sou Marie.

— Prazer em conhecê-la, Marie.

— E você é?

— Oliver.

— É *um* prazer conhecê-lo, Oliver. — Marie sorri para mim, sem se preocupar em ser nem um pouco sutil sobre sua avaliação enquanto seus olhos deslizam para cima e para baixo no terno que estou vestindo.

Olho para a frente do avião. Ainda está quase vazio, sem mais passageiros embarcando. Do outro lado do corredor, mais duas mulheres com faixas cor-de-rosa estão sentadas.

— Você está visitando Vegas a negócios ou lazer? — Maria me pergunta.

Começo a ter a sensação de que não importa quão curtas sejam minhas respostas, haverá uma conversa acontecendo entre nós. A menos que eu queira ser um idiota total, estou preso falando com ela.

— Uh, prazer, eu acho.

Sua expressão radiante sugere que essa é a resposta que ela esperava. — Oh meu Deus! Eu também! Minha melhor amiga vai se casar no mês que vem. Vamos dar a despedida de solteira dela neste fim de semana.

— Isso explica a faixa.

Marie olha para baixo. — Oh! Esqueci totalmente que estava usando isso.

Não tenho certeza de como. É *neon*. Mais fácil de identificar do que os coletes refletivos que os trabalhadores na pista estão usando.

Ela se inclina para mais perto de mim, e eu percebi exatamente por que ela esqueceu a faixa. Marie cheira a vinho. O aroma doce e frutado me envolve, enjoando o ar estagnado. Ela está bêbada e eu estou sentado ao lado dela pelas próximas cinco horas e meia.

— Que *prazer* você está planejando em Las Vegas? — Seu

cotovelo pousa no apoio de braço enquanto ela olha descaradamente para minha virilha.

— Eu estou indo para uma despedida de solteiro, — eu admito, certo de que é um petisco que Marie vai agarrar.

Ela não decepçiona. — Oh meu Deus! Sério? Que perfeito. O resto dos padrinhos estão neste avião? — Seu olhar se desvia de mim, obviamente esperando vê-los.

— Não. Estou viajando sozinho.

A atenção total de Marie volta para mim. — Os outros padrinhos se parecem com você?

Estou tentado a rir. Ela está bêbada e fala demais, mas seu interesse direto é divertido.

— Eu nunca conheci a maioria deles. O noivo é um velho amigo da faculdade.

— Isso parece tão divertido!

Eu administro um sorriso educado em resposta. *Tão divertido* não é como eu o teria caracterizado.

— Você já esteve em Las Vegas antes? — Marie pergunta.

— Não. Você?

— Sim. Muitas vezes. É uma cidade muito divertida.

— Isso é o que as pessoas dizem.

Meu telefone vibra com uma chamada recebida de Alicia.

— Com licença. Eu preciso atender isso.

Marie acena com a cabeça, inclinando-se sobre o corredor para sussurrar algo para suas amigas.

— Olá? — Eu respondo.

A expiração de Alicia é alta. — Senhor Kensington, estou tão feliz por ter pego você. Acabei de perceber que o relatório da Isaac Industries que foi impresso não é a versão mais atualizada. Eles enviaram novos números ontem à noite, e eu não percebi...

— Está tudo bem, Alícia. Obrigado por me avisar.

— Eu verifiquei, e seu hotel tem um centro de negócios. Posso ligar para eles e coordenar uma maneira de imprimi-lo. Ou uma cópia durante a noite...

— Alicia, sério, está tudo bem. Está bem. Tenho outro trabalho que posso fazer.

— Ok. — Sua expiração é hesitante.

Alicia é uma perfeccionista. Ela é minha assistente desde que terminei a faculdade de administração e comecei a trabalhar na Kensington Consolidated em período integral. Nesse tempo, pude contar nos dedos de uma mão o número de erros que ela cometeu.

— Eu disse para você sair do escritório.

— Ainda há...

— *Vá embora*, Alícia. Sêrio.

— Vou embora às quatro e meia, — ela me diz.

Eu sorrio. — Ok. Tenha um bom fim de semana.

— Você também, Sr. Kensington. — Não importa quantas vezes eu diga a Alicia para despachar com as formalidades, ela ainda insiste em me chamar de Sr. Kensington.

Os passageiros finais estão finalmente embarcando no avião. O alto-falante no teto ganha vida, iniciando os anúncios pré-voo. Marie se mexe de volta em seu assento, me dando um sorriso brilhante.

Começo a me perguntar o quanto vou me arrepender de ter feito esta viagem.

CAPÍTULO QUATRO

Hannah

Fecho meu laptop e me inclino para trás. Rosie providenciou para que fizéssemos manicure enquanto eu a visitava em Chicago. Meus dedos de ponta rosa correm pela superfície lisa do laptop, o prateado brilhante contrastando fortemente com a madeira escura da mesa do hotel e o esmalte rosa.

Uma expiração me deixa em um acesso de descrença.

Honestamente, eu nunca pensei que faria isso.

Por meses, anos, tenho dito a mim mesma que sim.

Mas não é até este exato segundo, quando o *fiz*, que percebo que realmente acreditava que não o faria.

Essa percepção diminui parte da empolgação e da ansiedade. Sinto-me vazia, sabendo que enviei este sonho ao mundo e provavelmente será rejeitado.

Eu tive a possibilidade; o que eu *poderia* fazer isso.

Agora, será que eu *posso* fazer isso. Ou, mais provavelmente, *não* posso fazer isso.

Eu culpo Vegas por esta decisão impulsiva. Depois de voltar de meu encontro com Robert Damon, senti-me inquieta. Eu estava mais otimista com Rachel ao telefone do que meu verdadeiro humor.

Estar à disposição do meu pai não me incomodaria tanto, se esse fosse o trabalho que eu realmente queria. Mas não há nada pior do que trabalhar em direção a algo ao qual você é indiferente. E talvez eu me sinta diferente, depois de saber se esse caminho alternativo é ou não uma possibilidade. Pelo menos terei tentado, e isso é mais do que fui capaz de dizer antes.

Meu plano para a noite era descansar em meu quarto de hotel, pedir serviço de quarto e, possivelmente, invadir o frigobar superfaturado. Mas há uma nova emoção zumbindo sob minha pele. A energia de novas possibilidades, que ultimamente tem faltado em minha vida.

A escola de arquitetura tem sido um sonho abstrato meu desde a graduação. Por meses, tive os formulários preenchidos e prontos, mas

nunca cliquei em *Enviar*. Até esta noite. E a mulher que finalmente deu esse passo não passaria uma noite em Las Vegas descansando em seu quarto de hotel.

Me levanto e me estico, olhando para o meu telefone ao lado do meu laptop. Eu tenho esse desejo vertiginoso de contar a alguém o que acabei de fazer.

Mas não há ninguém para quem ligar, não realmente. Rachel apoiaria, mas ficaria chocada. Ela, como todo mundo na minha vida, acha que a arquitetura foi uma fase passageira na faculdade. Que eu estudei porque sempre soube que teria um lugar esperando por mim na Garner Sports Agency, independente da minha graduação. Eu sei que Rosie vai a uma peça com seu namorado Jude esta noite. Não quero colocar minha mãe na posição de esconder isso do meu pai e não quero que ele saiba ainda. Talvez nunca.

Além dessas três pessoas, fico em branco.

Tenho muitos amigos.

Eles simplesmente não são aqueles para quem você liga com notícias que mudam sua vida.

Eu abandono meu telefone e remexo o conteúdo da minha mala, decidindo que vou pelo menos descer ao bar do hotel para tomar uma bebida. Comemorar a mim mesma. Se essa possibilidade chegar até aqui, saberei que fiz alguma coisa.

Nada do que eu embalei é o que eu teria escolhido para trazer para Las Vegas, porque não sabia que *viria* para Vegas.

Rosie me avisou que Chicago seria fria e ela estava minimizando isso, honestamente. Um suéter volumoso e jeans eram ótimos para passear pelo Millennium Park. Não é tão bom para um hotel chique.

Acabo vestindo o único vestido que trouxe - um azul marinho, estilo justo que se prende às minhas curvas, mas não é impossível de respirar. Depois de complementar a roupa com saltos e um toque de batom, pego meu telefone e a chave do quarto, então pego um elevador até embaixo.

Meus saltos batem no chão de mármore do saguão enquanto caminho em direção ao bar. Ele está localizado na frente do hotel, com vista para as fontes que se espalham pela calçada.

Eu deslizo para um dos muitos bancos vazios, colocando minha bolsa no balcão de mármore. Uma cachoeira é impressada entre dois painéis de vidro atrás do álcool que está alinhado em fileiras organizadas, o fluxo constante projetando sombras inconstantes nas garrafas.

Peço um gin martini a bartender. Ela é morena e bonita, provavelmente da minha idade. Talvez alguns anos mais jovem. Seu delineador sobe nos cantos de um jeito que nunca consegui fazer, e fico tentada a pedir dicas de maquiagem quando ela entrega minha bebida.

Meu telefone começa a tocar antes que eu possa dizer qualquer coisa, exceto — Obrigada.

Atendo ao chamado, mexendo minha bebida com a azeitona.

— Olá, pai.

— Oi, querida. Só estou verificando. Tudo correu bem com Robert Damon?

Eu esmago o suspiro que quer escapar. — Foi bem. Ele foi muito receptivo.

Meu pai ri. — Eu imaginei que ele seria. Obrigado novamente por mudar seus planos, querida.

Eu expiro, meu aborrecimento diminuindo. — Claro.

É por isso que ainda estou trabalhando na Garner Sports Agency, apesar de minha ambivalência em relação ao trabalho.

Gosto de ouvir orgulho na voz do meu pai. Sua aprovação é o motivo pelo qual pratiquei pênaltis depois do jantar todas as noites no gol que ele mesmo montou. Eu tenho vinte e sete. Não tenho dezessete anos e perseguindo um campeonato estadual. Mas o mesmo princípio de orgulho permanece. A pior parte é que sei que meu pai me diria para seguir uma carreira diferente se tivesse alguma ideia de que eu queria. Assim como ele me disse para parar de jogar futebol sempre que eu parasse de gostar.

— Eu parei em sua casa no meu caminho para casa do escritório hoje. O jardim da frente parece bom.

— Sim, contratei uma nova empresa. Eles cobriram todos os canteiros de flores na terça-feira.

— Devemos ter muita chuva esta semana. Certifique-se de que eles planejam cortar a grama em breve.

Passo o dedo pela borda do vidro canelado. — Ok, vou mencionar isso.

— Você tinha um pacote lá fora. Coloquei na cozinha.

— Obrigada, pai. — Eu tomo um gole de martini, fazendo uma careta quando o álcool bruto queima minha garganta.

— Você estará aqui amanhã, certo? Para o chá de bebê de April?

Sua mãe lhe contou?

Eu engulo os restos da minha bebida e gesticulo para pedir outra a bartender. — Ela não só me disse, como me lembrou umas vinte vezes. Meu voo sai amanhã de manhã. Eu estarei lá.

Ele ri. — Ok, bom. Nos vemos então. Eu te amo, Hannah.

Uma bebida fresca é colocada na minha frente. Eu murmuro um *agradecimento* a bartender. — Também te amo, pai. Boa noite.

Eu desligo, deixando cair meu telefone no topo da barra e massageando minha têmpora esquerda. Rolo a haste do copo entre os dedos e olho para o líquido claro misturado com a turvação do suco de azeitona, a voz alegre do meu pai ecoando na minha cabeça.

Mesmo que eu *entre* no programa para o qual me inscrevi, não tenho ideia de como contaria a ele.

Meu pai continua me entregando clientes mais importantes e mais responsabilidades - como esta viagem - e sei que é apenas uma questão de tempo até que ele admita abertamente que quer que eu assuma o controle quando minha mãe finalmente o convencer a se aposentar.

O segundo martini desliza para baixo tão facilmente quanto o primeiro. Deixa um rastro agradável de calor que se instala em meu estômago e se espalha por minhas veias.

— Uísque. Puro.

Vozes profundas e dominantes são comuns na indústria esportiva. Atletas arrogantes. Treinadores confiantes. Certos locutores.

Na minha experiência, elas estão sempre ligadas a homens que acham que têm algo especialmente significativo a dizer. Que infundem em sua voz uma importância inflada que nunca é merecida.

Mas nenhuma dessas vozes jamais me contagiou com qualquer interesse. Elas nunca me fizeram acreditar que realmente têm algo notável a dizer.

Até esta.

Tudo o que ele fez foi pedir uma bebida, e todos os meus sentidos estão em alerta máximo, esperando para ouvir o que mais ele poderia dizer.

Quando não há nada além de silêncio, eu olho para longe do meu copo vazio para a minha esquerda, curiosa para saber se o sedutor barítono pertence a uma visão igualmente atraente.

Eu não estou desapontada.

O banco anteriormente vazio, um abaixo do meu, agora é ocupado por um homem observando enquanto a barman corre para servir sua bebida. Seu cabelo castanho claro está bagunçado, como se ele tivesse passado a mão por ele recentemente. Mesmo sentado, posso dizer que ele é alto e musculoso, vestindo um terno que lhe cai perfeitamente demais para não ser feito sob medida.

Ele puxa um telefone do bolso e olha para a tela.

Todo o seu perfil fica tenso quando ele franze a testa, então ele guarda o telefone enquanto a bartender coloca um copo de líquido marrom claro na frente dele segundos depois.

Ele agradece a ela.

É um pequeno detalhe. Uma cortesia comum que é realmente rara.

É quando você aprende mais sobre alguém - nas frações de segundo que eles não esperam revelar nada.

A bartender paira por alguns segundos, como se esperasse que ele dissesse mais alguma coisa. Tudo o que ele faz é bebericar e olhar para a cachoeira. Eventualmente, ela vai ajudar outro cliente.

— É um pouco cedo para beber pelos padrões de Las Vegas, você não acha? — Estou suficiente bêbada para que a pergunta pareça uma ideia inteligente.

Sóbria, não sou tímida. Mas eu sou calculista. Eu tenho uma boa noção de alguém imediatamente. Eu decido abordá-los sabendo como eles vão reagir. Com esse estranho, estou *esperando* para ver como ele vai reagir.

Quando eu olho para cima, ele ainda está olhando para frente. Me ignorando.

Estudo seu perfil perfeito. Cada parte dele é proporcional, todos os ângulos e arestas são perfeitos. A barba por fazer em sua mandíbula é apenas uma poeira, a linha inflexível totalmente visível. Combina com seu nariz reto e ombros quadrados. Tudo sobre sua aparência e postura parece intencional, como se ele estivesse projetando uma certa imagem que o mundo não tem escolha a não ser aceitar.

Desisti de uma resposta no momento em que sua cabeça se vira em minha direção.

O movimento é deliberadamente lento, como se ele tivesse um suprimento infinito de tempo para olhar. Olhos verdes encontram os meus um segundo antes de ele passar o polegar pelo lábio inferior, limpando uma gota de uísque.

O fogo ferve no fundo do meu estômago. Todo seu rosto é atraente, não apenas seu perfil. E toda a força de sua atenção me atinge como uma onda quebrando, avassaladora, emocionante e um pouco assustadora.

— É um pouco hipócrita julgar, você não acha?

Deliberadamente, ele olha para o copo de martíni vazio. E então ele desvia o olhar.

Nenhum comentário de flerte. Sem olhar para o meu decote. Nada do comportamento que eu esperaria de um cara sozinho em um bar, e meu interesse por ele aumenta.

— Já fui chamada de coisa pior.

Seus olhos estão de volta em mim, tão devastadores quanto o primeiro olhar. Um canto de sua boca se curva um centímetro, um sorriso pisca-e-vai-perder. — Eu também.

— Patético? — Eu sugiro. — Você está sentado sozinho em um bar de hotel enquanto o sol ainda está alto. Um bar de hotel em *Las Vegas*.

Ele faz questão de olhar para o assento vazio entre nós. — Com quem você está aqui?

Reviro os olhos, mas não consigo evitar o pequeno sorriso que aparece. O flerte de um desconhecido costuma ser estranho. Prefiro experimentar isso - alguém que nunca conheci antes de igualar com meu atrevimento. Evitando a polidez e mergulhando direto na honestidade.

— Você está aqui em uma viagem de negócios ou algo assim? Com uma esposa em casa que não gosta de sair depois das dez, então você esqueceu como?

Sua risada é baixa e sombria, e tudo o que está a sul do meu umbigo. — Estou aqui para uma despedida de solteiro, — ele responde.

— Sua?

— Foda-se, não.

Já ouvi muitas versões diluídas de não estou procurando um relacionamento. Normalmente, estou esperando a mulher certa ou ainda não estou pronto para me estabelecer.

Nenhuma dessas respostas preparadas abrangeu a mesma corrente de certeza que essas duas palavras.

— Despedida de solteiro, hein? Você desistiu?

— Recebi uma ligação de trabalho. Precisava de um minuto - e uma bebida - depois disso.

— Seu chefe é difícil? — Fazer suposições parece extrair mais dele.

— Eufemismo, — ele murmura em seu copo de uísque.

Eu giro meu banquinho, atraída por sua melancolia por algum motivo inexplicável. Estou acostumada com caras cobiçando minha atenção, por mais presunçoso que pareça. Oferecendo-me bebidas e elogios e interesse. Essa indiferença genuína é revigorante. Intrigante.

— Vou fazer um melhor para você, — eu digo. — Meu chefe é exigente, autoritário e *também* é meu pai. Portanto, não posso recusar um desvio de última hora para Las Vegas, por exemplo, no caminho de volta para Los Angeles depois de visitar minha melhor amiga.

Ele olha para mim, então, e um vislumbre de interesse interrompe a expressão séria.

O desapego se transforma em outra coisa. Eu sinto seus olhos traçarem minhas feições antes de seguirem para o decote que meu vestido provoca.

Um canto de sua boca sobe. Um centímetro desta vez. Mais perto da diversão real. A melhora parece uma vitória, e não sei por quê. Talvez porque pareça alguém desacostumado a sorrir para se exibir. Como um homem que não ri apenas para deixar os outros à vontade.

— Você trabalha para o seu pai? — Ele pergunta.

— Sim. — Pretendo acrescentar mais à minha resposta, mas seus olhos caem para as minhas pernas e é difícil lembrar o que eu ia dizer.

A atração crepita entre nós, como um raio em uma tempestade de verão. As faíscas parecem cruas e tangíveis. Ele não é tímido ou envergonhado em relação à aparência, como alguns caras são. Sua avaliação é proposital e metódica enquanto seus olhos traçam minhas pernas nuas, não se demorando em um único ponto, mas sem perder nada.

Minhas coxas se apertam quando nossos olhares se encontram novamente. Ele tem olhos penetrantes e astutos. Emparelhado com cabelo castanho bagunçado, uma pitada de barba por fazer e uma mandíbula esculpida, sua aparência é tão marcante quanto sua presença.

— Decisão estúpida, — diz ele.

Levo alguns segundos para me lembrar do que estamos discutindo. — Sim.

A barman serve um martini fresco.

Agradeço a ela e agarro a haste de vidro fina, inclinando o copo em direção a ele até que o líquido *quase* transborde a borda. — Saúde.

Quando eu olho para cima, ele ainda está olhando para mim. Não consigo ler o que ele está pensando. Não há arrogância ou irritação. Nenhum interesse ou desdém. Apenas um escrutínio silencioso.

Eventualmente, ele estende a mão. Seu terno chique sugere que ele tem um importante trabalho de escritório, mas sua mão é calejada e bronzeada, como se ele fizesse mais do que ficar sentado em uma mesa o dia todo. — Eu sou Oliver.

Eu pressiono minha palma contra a dele, suprimindo um arrepio quando seu aperto se fecha em torno da minha mão. Estou imaginando aqueles dedos longos e seguros roçando minha pele em outros lugares. — Hannah.

Como ele não compartilhava um sobrenome, eu também não.

É por isso que as pessoas vêm para Las Vegas, certo? Para se livrar de suas inibições e ser uma versão diferente e mais selvagem de si mesmos.

Eu agarro de volta quando seu aperto aumenta. Isso parece mais uma tática de intimidação do que um flerte, mas meu coração acelerado está reagindo de qualquer maneira. Minhas entranhas estão em desordem simplesmente porque esse homem lindo e misterioso está me tocando.

Oliver continua me estudando.

Eu encaro de volta, sentindo como se estivesse sentada sob um holofote.

Resisto ao impulso de me mexer ou piscar. Para dizer algo e quebrar esse momento que parece importante por algum motivo.

Ele solta minha mão, então volta para sua bebida como se nossa conversa nunca tivesse acontecido. As palavras são um borrão na minha cabeça. Eu estava mais focada nele do que no que ele estava dizendo. Eu expiro e volto para o meu banquinho, tentando recuperar minha compostura.

— O que você faz?

— Huh? — Eu olho para cima, assustada por ele estar falando comigo.

Há um breve lampejo de entretenimento em seu rosto, tão rápido que mal o percebo entre as piscadas. A boca de Oliver mal se contrai antes de retornar a uma linha reta. — Para trabalho. O que você faz?

— Oh. — Tanto para ser composta. — Eu, uh, eu trabalho para uma agência de esportes. Negociamos contratos, fazemos networking com equipes, recrutamos novos talentos, lidamos com marketing, acordos de marca. Coisas assim.

— Então você é uma agente esportiva?

— Não exatamente. Eu faço o que precisa ser feito. — Eu já disse a ele que trabalho para meu pai, mas admitir que estou em uma posição que foi criada exclusivamente para mim soa lamentável.

— E você odeia isso, — ele supõe.

— Eu não *odeio* isso. Eu só... não é o que eu pensei que estaria fazendo aos vinte e sete anos.

— Fica pior, não melhor.

Eu faço uma careta, então tomo um gole de martini. Sua voz diz que ele quer dizer isso.

Quando eu olho, Oliver está olhando para mim. Ainda. De novo. É como se eu estivesse sendo testada, mas não tenho certeza de como, por que ou em quê.

— Você odeia o seu trabalho? — Eu pergunto.

— Não. Eu amo ele, na verdade. — Ele exala, parecendo irritado com o sentimento por algum motivo, então pega o copo que agora está quase vazio.

Eu gostaria que a bartender estivesse enchendo sua bebida tão rapidamente quanto ela está fornecendo meus martinis. Estou estranhamente preocupada que ele vá embora assim que o líquido âmbar acabar.

A manga do paletó puxa para trás quando ele levanta o copo para beber, expondo o relógio brilhante em seu pulso. O relógio *muito* caro.

Eu já imaginei que ele era rico. Os quartos aqui começam em quatro dígitos e chegam aos cinco altos. Mas este hotel poderia ter sido a escolha do noivo. Um relógio com esse preço sugere uma quantidade totalmente diferente de riqueza pessoal.

— Mesmo considerando seu chefe?

— Mesmo assim.

O telefone dele toca. Oliver pega e suspira antes de responder. — Ei.

Eu o encaro enquanto ele ouve o que está sendo dito do outro lado da linha. Ele esfrega um longo dedo ao longo da borda do copo, acenando com a cabeça.

— Sim, ok. Encontro você lá.

Uma pausa.

— Não, estou perto. Uh-huh. Tchau.

Oliver desliga o telefone e esvazia o resto do copo.

Ele está indo embora, e estou embaraçosamente desapontada com isso. Eu o conheço há vinte minutos.

Observo enquanto ele puxa a carteira e joga notas de duzentos dólares sobre o tampo do bar.

A bartender aparece, levando o copo vazio. — Posso pegar mais alguma coisa, senhor?

Oliver balança a cabeça e empurra o dinheiro para ela. Seu olhar não se demora na bela morena; ele apenas lhe dá um sorriso educado antes de colocar a carteira de volta no bolso do terno. Considerando que provavelmente nunca mais o verei, a falta de flerte me agrada absurdamente.

— Para a minha bebida. — Ele olha para mim. — E a dela. Fique com o troco.

— Obrigada, senhor.

Uma vez que a bartender se foi, Oliver se vira para mim. — Eu tenho que ir.

Concordo com a cabeça, como se não fizesse diferença para mim. — Não fique muito selvagem esta noite. O que acontece em Vegas nem sempre fica aqui.

Há um lampejo de *algo* em seus olhos enquanto ele descansa um braço no balcão. Algo que me faz pensar que Oliver não é tão certinho e sério quanto parece.

A maioria das pessoas projeta o oposto - elas agem de forma mais interessante e importante do que realmente são. Talvez seja por isso que me sinto tão atraída por suas profundezas ocultas.

— Você planeja ficar aqui a noite toda? — Ele pergunta.

Eu levanto um ombro, então o solto. — Veremos.

Isso soa melhor do que dizer que não tenho planos para a noite depois de parar aqui. Eu deveria comer algo além de azeitonas. Então ir para a cama, provavelmente.

O resto da noite se estende como a parte plana depois de uma colina. Eu sei que este será o ponto alto da minha noite, não importa o que eu faça a seguir. Onde vou ou com quem falo.

Oliver se aproxima. Minha inspiração é rápida e surpresa com a proximidade repentina.

Com base em quanto seu relógio deve ter custado, ele provavelmente usa uma colônia escandalosamente cara. Onde estou sentada, saboreando o cheiro, vale cada centavo. Excitante e viciante e um pouco picante.

— Isso não parece muito divertido.

— Isso, vindo do cara vestido como se tivesse acabado de sair de uma teleconferência que está se escondendo na despedida de solteiro de seu amigo? Não estou aceitando nenhum conselho de você para me divertir.

— Você nem se preocupou em não ofender?

— Você não parece ofendido.

Ele dá de ombros. — Eu não estou.

Um sorriso involuntário curva meus lábios. Eu gosto de conversar com Oliver. Parece que nos conhecemos há mais tempo do que realmente.

— Eu não deveria parar aqui, — eu digo. — Eu tinha um voo direto de volta para LA. Não há tempo para planejar um itinerário para Las Vegas. Provavelmente vou pegar um pouco de comida e depois ir para a cama.

Ele olha para longe, para as cachoeiras.

O ar entre nós parece estar ganhando substância. Engrossando e preenchendo com mais do que apenas uma despedida. Mas a expressão de Oliver é uma lousa em branco quando ele encontra meu olhar, não me dando nenhuma indicação do que ele está pensando ou contemplando.

— De acordo com o itinerário que o padrinho enviou, vamos ao Champagne Cabaret às onze.

— Tudo bem... Divirta-se. — Acho que é um clube de strip.

Oliver sorri, e é incapacitante. A visão é tão repentina, tão inesperada, tão *intensa* que preciso me lembrar de respirar.

É completamente diferente dele olhando para a frente, oferecendo apenas um vislumbre de seu perfil. Oliver com olhos dançantes e uma covinha em uma bochecha, a centímetros de distância, parece um segredo. Uma visão que não quero compartilhar. Uma vista que não vou esquecer.

— Você vai me encontrar lá? Vou abandonar o grupo. Podemos ir aonde você quiser.

Nada do que eu esperava que ele dissesse.

— Eles não vão se importar? — Eu pergunto.

— Que os estou abandonando enquanto estão cercados de bebida e mulheres seminuas? — Ele levanta uma sobrancelha. — Duvido.

O telefone de Oliver começa a tocar novamente. Ele olha para a tela, mas não responde.

Seu olhar verde está de volta em mim imediatamente, esperando por uma resposta. Ele está olhando para mim como se soubesse exatamente o que está olhando, e ninguém jamais me avaliou com tanta confiança antes.

— Fazer uma lap dance em um clube de strip não faz parte da experiência de despedida de solteiro em Las Vegas?

Sou presenteada com um segundo vislumbre de seu sorriso, e o efeito não é menos potente desta vez. — Você está oferecendo?

Meu batimento cardíaco falha quando ele dá mais um passo mais perto, o material rígido de suas calças roçando minhas pernas nuas.

Calor rasteja em minhas bochechas enquanto minha temperatura corporal aumenta. Estou imaginando. Estou imaginando o tecido grosso de sua calça roçando a parte interna das minhas coxas. Suas mãos segurando meus quadris. Sua ereção crescendo embaixo de mim. Os olhos de Oliver queimam, e acho que ele está me imaginando em seu colo também.

— Você não pode me pagar. — Tomo um gole fortificante de gim, tentando ignorar sua proximidade e tentando recuperar um pouco do controle da conversa. Estou em uma cidade desconhecida, conversando com um homem estranho. Posso estar me sentindo um pouco imprudente e muito embriagada, mas não esperava que isso fosse a lugar nenhum.

Eu não recebo um sorriso completo. É meio, talvez até um quarto.

— Nunca me disseram isso antes. — Suas palavras são secas, quase sombrias. Dificilmente uma ostentação.

— Você faz muito isso?

Ele balança a cabeça. — Não.

— Sério?

— Sério. Eu trabalho muito. E... geralmente sou péssimo em ir atrás do que quero.

Eu também. Até eu apertar aquele botão verde mais cedo.

— Você está dizendo que me quer?

— Isso é exatamente o que estou dizendo, Hannah. — Sua voz é toda rouca, ainda mais baixa do que antes, e eu a sinto diretamente entre minhas pernas. Meu nome soa como um palavrão, falado naquele estrondo indecente. — Você vai me encontrar?

— Sim, — eu sussurro, sem saber com o que estou concordando.

Isso parece mais do que sexo. Mais do que continuar uma conversa. Eu estava me afastando da costa e agora, de repente, estou percebendo o quão profunda a água ao meu redor ficou.

Seus lábios se curvam e acho que ele vai me beijar.

Estou esperando. Antecipando isso. Eu até passo minha língua em meu lábio inferior.

Oliver capta o movimento e seus olhos escurecem. Mas ele não me beija. Ele estende a mão, novamente, como se tivéssemos acabado de fechar um negócio.

Eu pego com uma risada divertida que desaparece quando seu polegar roça nos nós dos dedos. Um simples toque, e contagia todo o meu corpo.

Ele solta minha mão e se afasta.

Eu olho por cima do ombro para vê-lo sair.

Oliver não me parece o tipo de homem que olha para trás, no entanto.

E eu estou certa.

Ele não olha.

CAPÍTULO CINCO

Oliver

Garrett se levanta e acena assim que entro na churrascaria. Contorno a recepcionista com um aceno educado, contornando as mesas e passando pelas vitrines até chegar ao canto mais distante do restaurante. A iluminação aqui é fraca, um alívio para meus olhos depois dos poucos quarteirões do hotel, passando pelas cores vivas e brilhantes da Strip.

Eu desabotoo meu paletó e me sento na cadeira disponível. — Desculpe, fui pego...

Garrett balança a cabeça. — Não se preocupe com isso, cara. Todos nós entendemos como é.

— Não, *nós* não. Não me juntem a vocês, homens de negócios chatos, — Chase comenta, estendendo a mão para pegar a garrafa de uísque no centro da mesa e servindo-se de outra bebida.

— Como qualquer um de nós poderia esquecer que você patina atrás de um círculo de borracha para ganhar a vida? — Garrett responde, sorrindo para seu irmão mais novo.

Chase o ignora.

Eu olho entre eles. Os Andersons são ricos. Mas Garrett é um multimilionário que se fez sozinho, graças à empresa de tecnologia que fundou após a faculdade. E Chase joga hóquei profissionalmente.

Talvez seja por isso que eles têm uma dinâmica de irmãos tão diferente de Crew e eu. Nós dois entramos no negócio da família, trabalhando para um pai que vive da manipulação. Temos muito terreno comum em alguns aspectos e absolutamente nenhum em outros.

Enquanto Chase e Garrett continuam a brincar um com o outro, isso é perceptível para mim de uma forma que nunca foi antes. Estou comparando com minha conversa com Crew ontem à noite, incomodado com as muitas diferenças.

— Seu velho não acredita em folga na sexta à noite? — Edmund Lee pergunta à minha esquerda.

Quando eu olho para cima, ele está sorrindo. É o cauteloso e hesitante que estou acostumado a ver apontado para mim.

A maioria das pessoas fica intimidada ou intrigada com o nome Kensington, e a expressão de Edmund diz que ele é o primeiro. Ele trabalha na empresa de tecnologia de Garrett como um executivo de alto nível, o que significa que ele seria a pessoa mais rica e bem-sucedida em todas as mesas aqui... exceto na nossa.

— Negócios não dormem, — eu respondo, abrindo meu cardápio e examinando os cortes de carne listados.

Atendi a chamada de trabalho por alguns motivos. Um, eu era o único que poderia responder à pergunta desde que cuidei desse contrato pessoalmente. Dois, foi um alívio da devassidão caótica que começou assim que me encontrei com o resto dos participantes da despedida de solteiro. Além de Garrett, ninguém tinha muita confiança de que eu estaria aqui, com base na surpresa que saldou minha chegada.

— Isso é verdade. — Edmundo ri. — Estão circulando rumores de que você está negociando com a Thompson & Thompson.

Fecho o cardápio, tendo decidido pelo New York Strip com pimenta em grão. Essa empresa farmacêutica era em parte o motivo da ligação, então minha expressão está cuidadosamente vazia quando olho para Edmund. — A Kensington Consolidated negocia com muitas empresas.

Edmund me estuda, claramente procurando algum sinal. Minha expressão permanece cuidadosamente em branco. Se Edmund for esperto, ele deveria comprar algumas ações.

— Seu pai ainda está deliberando sobre o próximo CEO?

— Sim.

Se Edmund está tentando me irritar, ele está fazendo um ótimo trabalho.

Mas sua voz é toda curiosidade, não malícia. A passagem do poder em empresas como a Kensington Consolidated costuma ser predeterminada, como uma linha de sucessão nas famílias reais. Desde que entendi o conceito de liderança, deveria estar trabalhando para assumir o papel de CEO. Mas mesmo quando eu era o filho primogênito noivo da noiva bilionária, muito antes de Candace, ele nunca o entregou. Esse título sempre foi pendurado fora de alcance. Ele queria que eu continuasse trabalhando para isso. Ele queria Crew preparado para o cargo também.

Estendo a mão e pego meu copo de água, esperando que seja o fim da conversa com Edmund. E que não precisarei responder à mesma pergunta mais cinco vezes esta noite.

Embora meu pai possa se divertir provocando colegas de trabalho sobre como ele tem muitas opções boas para sucedê-lo e como ele espera que a aposentadoria esteja muito longe, tudo foi decidido em sua mente assim que o acordo entre ele e Hanson Ellsworth mudou de mim e Scarlett para Crew e Scarlett.

Ter nascido dois anos antes não era nada comparado a ser metade do *casal* poderoso. Se a América tivesse realeza, eles seriam coroados rei e rainha. Esse tipo de interesse e carisma vale ouro quando você pede às pessoas que façam negócios com você.

E se alguma vez tive alguma chance de convencer meu pai de que Crew ainda poderia ser o rosto da empresa enquanto eu reivindicava o controle, ela desapareceu no momento em que ele descobriu sobre mim e Candace. Ele pode não tê-la amado, mas meu pai é o homem mais orgulhoso do mundo. A confiança é fundamental e a traição é imperdoável.

Mas anunciar oficialmente Crew como CEO não é tão divertido para ele quanto comentários vagos, então os rumores sobre quem assumirá o comando da Kensington Consolidated em seguida continuam girando. E há outro motivo para meu pai não anunciar oficialmente seu sucessor, ele adora me ver estremecer quando as pessoas perguntam sobre isso.

— Gosto do Crew. Mas deveria ser você. Pelo que ouvi, você merece cinco vezes mais.

O raciocínio de Edmund é inesperado. Eu sei que era *esperado* que eu fosse CEO. Mas ninguém nunca me disse que foi *merecido*. E há uma grande diferença entre os dois caminhos para o sucesso.

— Obrigado. — Eu forço um sorriso e tomo um gole de água, tentando esconder o quão desconfortável seu comentário inesperado me deixou.

A garçonete chega então, encerrando todas as conversas paralelas enquanto fazemos nossos pedidos. Assim que ela sai, Chase se lança em outra revisão dos planos do fim de semana. É óbvio que ele passou muito tempo planejando esta viagem. Chase conhece a programação sem sequer olhar para o telefone, repassando detalhadamente tudo o que planejou para o fim de semana.

Garrett ri e balança a cabeça durante a maior parte.

O serviço é rápido. Chase chega ao fim de sua lista assim que nossa comida chega. Meu estômago ronca quando um prato de carne dourada é colocado na minha frente, o vapor subindo em tiras onduladas. Eu pulei o almoço para fazer o máximo possível no escritório antes de sair para o aeroporto, então estou morrendo de

fome.

Edmund inicia uma conversa com Levi Gamble enquanto eu mergulho no meu jantar. O bisavô de Levi abriu uma rede de lojas de departamentos que existe até hoje. Mas Levi não está envolvido nos negócios da família. Ele trabalha para um conglomerado de mídia, pelo que sei.

Mas Levi e Edmund não estão discutindo negócios. Eles estão falando sobre a modelo que Levi está namorando.

Continuo cortando o bife tenro e ouvindo o murmúrio de várias conversas à mesa.

Eu socializo e converso quando preciso. Quando há alguém para impressionar ou um negócio para fechar. Por mais patético que pareça, eu não socializo apenas para ser social. Fico mais confortável sentado e observando, deixando os outros serem o centro das atenções.

— E você, Oliver? — Levi pergunta, logo depois que eu dei uma mordida no bife.

Eu mastigo e engulo. Beba um pouco de água. — O quê?

— Você está namorando alguém? Eu nunca vejo você fora. Ou Crew.

Cortei outro pedaço de carne, focado no prato. Estou surpreso com a forma como penso imediatamente em cabelos loiros e olhos azuis. Depois desta noite, supondo que ela apareça, nunca mais verei Hannah. Eu definitivamente não estou namorando com ela. Mas já faz um tempo - uma eternidade, talvez - desde que uma mulher capturou minha atenção tão fácil e completamente quanto ela.

— Crew é casado, — eu respondo, evitando a pergunta.

Edmund ri antes de virar um pouco de uísque. — Nós dois sabemos que isso não significa nada. Os casais têm acordos.

— Eles não têm um acordo, — eu digo, cortando minha carne de forma mais agressiva.

— Claro que não. Ele se casou com *Scarlett Ellsworth*. Você pode culpá-lo? — A admiração preenche a voz de Mason Jenkins antes que ele derrube seu copo de água. Ele apenas ri, jogando o guardanapo de pano sobre a mesa em uma tentativa tímida de limpar a bagunça. — Ela é uma porra de...

— Lembre-se de que ela é a porra da minha *irmã*, antes de terminar essa frase.

Todas as outras conversas na mesa morrem quando Mason se

recosta na cadeira, levantando as duas mãos em uma demonstração exagerada de passividade. Eu nunca chamei Scarlett de minha irmã antes. Nunca me referi a ela como minha cunhada para ninguém. Minha família é confusa e carece de uma matriarca. Mas considero Scarlett uma parte disso.

— Ela não era sua noiva primeiro? Manter tudo em família, Kensington?

Eu estremeço. As negociações entre meu pai e Hanson Ellsworth nunca foram divulgadas, mas muita gente presumiu que Scarlett seria minha noiva, até o anúncio de seu noivado com Crew.

E a pergunta de Mason atinge o alvo de uma maneira diferente do que ele pretendia. Meu pai enterrou o caso com Candace tão profundamente que nunca poderá ser desenterrado. Qualquer outra mulher casada teria passado por cima da minha cabeça em uma vida de chantagem. Mas isso o envergonha também, ainda mais do que a mim. Um abalo em seu orgulho, sabendo que sua esposa muito mais jovem procurava em outro lugar.

— Cala a boca, Mason. Você não foi convidado para ser um idiota, — diz Chase.

Alguns dos caras riem em resposta, e isso quebra a tensão repentina ao redor da mesa. As conversas sobre carros e esportes recomeçam.

Depois do jantar, mergulhamos em um show de mágica que acontece do outro lado da rua. São principalmente truques de cartas, e eu me concentro em cada movimento das mãos do mágico, observando cada lançamento e embaralhamento para pegar as pistas.

Todos nós recebemos cartas de baralho quando saímos.

Um lado tem as informações de contato do mágico, para fins de marketing. Eu sorrio para mim mesmo, imaginando como meu pai e Crew reagiriam se eu contratasse Blaine Burke Magic para entreter em nosso próximo evento da empresa.

O outro lado parece uma carta de baralho normal. Termina com um seis de espadas.

Enfio o cartão no bolso, brincando com a ponta fina enquanto caminhamos pela calçada. Nosso destino aparece à frente, uma garrafa de champanhe verde gigante com *Cabaret* escrito dentro dela acima da entrada. Luzes amarelas emolduram as janelas, portas e revestimento de estuque bege.

Champagne Cabaret tem um exterior modesto em comparação com seus vizinhos imediatos. À esquerda, há uma barra com painéis

rosa presos ao revestimento, criando um efeito cascata ondulante. À direita está uma capela para casamentos, branca com uma imitação em miniatura da icônica placa de boas-vindas de Las Vegas na frente.

Uma fila já se formou para entrar no clube, mas passamos por ela depois que Chase disse algo ao segurança.

— A lei da cidade diz que os clubes podem ter nudez total ou servir bebidas alcoólicas, — ele nos diz, sorrindo como uma criança na manhã de Natal. — Este é o único lugar que tem os dois.

— Qual é o objetivo da lei, então? — Garrett sussurra para mim.

Balanço a cabeça e sorrio, olhando ao redor do interior do clube enquanto caminhamos mais para dentro. Está ainda mais escuro aqui do que na churrascaria, todos os móveis em vários tons de preto que criam uma atmosfera misteriosa e abafada. Parece que você poderia fazer qualquer coisa aqui e permaneceria um segredo nas sombras, que é o ponto exato.

— Uau, — respira Mason, olhando para cima.

Ainda estou irritado com ele, mas sigo seu olhar.

O teto é alto, o interior não tem dois andares como sugere o exterior. Os balanços estão suspensos a seis metros de altura, o metal brilhante piscando nas luzes e depois girando lentamente. Há mulheres em lingerie empoleiradas em cada balanço, as luzes errantes iluminando um vislumbre de pele aqui e uma espiada de renda ali. Elas se movem em perfeita sincronia com a batida lenta e sensual que sai dos alto-falantes, uma pulsação rítmica que soa como sexo.

— Isso deveria ser ilegal, — diz Garrett. Mas há uma nota de admiração em sua voz enquanto ele observa a visão hipnótica, que se reflete no rosto de todos os caras aqui. — E se uma delas cair?

— Elas usam arneses, — diz Chase. — Don, o gerente, me contou tudo sobre as medidas de segurança quando liguei para reservar tudo. Não estou prestes a ser suspenso logo antes dos playoffs, só porque estava em um clube onde uma stripper morreu.

Manson dá uma gargalhada. Garrett revira os olhos. — Que bom que você definiu suas prioridades, irmãozinho.

— Ei, eu ainda perguntei. Vamos, este canto somos nós.

Todos nós seguimos Chase mais profundamente no clube. Longas cabines de couro separam grandes áreas do clube, as cordas pretas brilhantes penduradas acima delas quase translúcidas, mas não totalmente.

Chase nos leva a uma das áreas privadas. Há um palco com um

poste no centro da sala e um bar montado no canto com um barman pronto para preparar as bebidas.

Eu afundo na cabine de couro que circunda o palco. É surpreendentemente confortável, muito mais luxuoso do que os móveis de couro da minha sala de estar. Eu me inclino para trás, tentando não pensar na quantidade de fluidos corporais com os quais a superfície provavelmente está revestida.

Garrett se senta ao meu lado alguns minutos depois, enquanto a maioria dos outros caras permanece no bar esperando para serem servidos. Ele bebeu primeiro como noivo, ao que parece.

— Se divertindo?

— Sim, na verdade, — ele responde. — Bom para estar longe. Estou feliz que você veio.

— Eu também.

— Apenas espere, — diz Garrett. — De acordo com Chase, há... e sim.

Eu sigo seu olhar. Cinco mulheres estão se pavoneando em direção ao centro do palco. Cinco mulheres *nuas*. Tudo o que elas estão usando são stilettos⁴.

Chase grita, de seu lugar no bar. A batida acelera e muda conforme as mulheres entram em uma rotina coreografada, cada movimento proposital e erótico.

— Porra. Eu pensei que Chase estava brincando sobre metade disso, — Garrett me diz, tomando um gole do que cheira a vodca pura. Seu olhar está fixo na morena girando em torno do poste. — Qual devo levar para o hotel?

Eu olho para ele, assustado.

A cabeça de Garrett rola para a esquerda para olhar para mim, um sorriso preguiçoso aparecendo. Tenho certeza de que sou o único semi-sóbrio do grupo. Além do uísque que tomei no bar do hotel, não bebi uma gota. Mas eu não percebi o quão bêbado Garrett está, até agora.

— Esse é o seu plano? — Apago todo o julgamento da minha voz, mas estou surpreso. Garrett conheceu sua noiva depois que nos formamos. Eu só encontrei Sienna algumas vezes, e uma delas foi no casamento de Scarlett e Crew. Ela era a organizadora do casamento.

Em nenhuma dessas vezes tive a impressão de que eles têm um relacionamento aberto.

— Se ela está dormindo com outras pessoas, por que eu não

deveria?

Pisco para ele, ainda mais chocado. — Sienna traiu você?

— Sim.

— Tem certeza? — Não é a resposta mais simpática, mas é a primeira pergunta que me vem à cabeça.

Ele ri, sombriamente. — Sim. Tenho certeza. Difícil de confundir vendo outro homem enfiado até as bolas em sua noiva na sua cama.

Estou começando a desejar *estar* bêbado. — Sinto muito, cara.

Garrett acena com a cabeça. — Sim. — Ele faz uma pausa. — Você não perguntou por que ainda estou me casando com ela.

— Eu... realmente não é da minha conta.

Ele se abaixa mais, os olhos voltados para as mulheres dançando. Sua expressão também decai, carregada de álcool e tristeza. — Você é a única pessoa que eu contei. Achei que essa seria a primeira pergunta que alguém faria.

— Você a ama, certo?

Garrett toma um longo gole. — Eu não sei mais. Ela diz que me ama. Que estou sempre trabalhando, e foi um erro. Mas você pode trair alguém que você ama?

— Não sei. Nunca me apaixonei.

Mas *dormi* com uma mulher que estava comprometida com outro homem. Tenho mais em comum com o amante de Sienna do que com Garrett nesta situação, e é uma percepção amarga de se ter.

— Você sempre foi mais esperto do que eu, Oliver. — Garrett drena o resto de sua bebida. — Vamos subir no palco.

Eu olho para o meu relógio. — Você me odiaria se eu fugisse?

Garrett ri. Cordialmente. Incontrolavelmente. — Você está brincando comigo, Kensington? Esta é a vista... — Ele acena um braço em direção ao palco. — E você está pronto para ir?

Eu encaro as mulheres. Objetivamente, elas são todas lindas. Mas aprecio a beleza delas como se estivesse assistindo a cena na tela da televisão. Bonita de se olhar, mas não evoca nenhuma emoção mais profunda. Unidimensional.

Eu deveria contar a ele sobre Hannah, para que minha partida faça mais sentido. Mas quero mantê-la para mim, para evitar ter que responder a qualquer pergunta amanhã. E honestamente, não tenho certeza se ela estará esperando lá fora. Nunca convidei uma mulher para me encontrar em um clube de strip antes, e nunca pensei que o

faria.

— Tem sido um longo dia. Há toda essa merda com meu pai...

Minha voz falha, sabendo que Garrett preencherá os espaços em branco. Seu relacionamento com o pai é mais distante do que contencioso, mas ele entende a dinâmica. Além de Crew, ele tem a noção mais próxima de como são minhas interações com meu pai.

— Vejo você de manhã, sim?

Eu concordo. — Sim.

Garrett bate no meu ombro e se levanta, indo direto para o palco. A morena que ele estava olhando antes se afasta; seus passos são tão suaves que parece que ela está deslizando. Ela se inclina e sussurra algo para Garrett que o faz assentir ansiosamente, os seios dela bem no rosto dele. Ele a ajuda a sair do palco e a segue até um canto escuro, onde ela sobe em seu colo. Não tenho ideia se eles vão fazer sexo aqui, e não fico por aqui para descobrir. Passo por Edmund, que está se aproximando do palco agora que Garrett demonstrou que você pode olhar e tocar, saio de nossa seção privada e depois sigo em direção à placa vermelha de *Saída*.

Fumaça fria sopra ao meu redor enquanto passo por outros grupos semelhantes ao nosso. Há um excesso de tudo aqui; álcool, luxúria e sedução enjoando o ar com o cheiro do pecado.

Eu respiro fundo o ar fresco do deserto uma vez que estou fora do clube, limpando meus pulmões de tudo dentro. A fila para entrar no Champagne Cabaret cresceu, serpenteando pela calçada e virando a esquina para o beco.

A cidade é tão brilhante que parece a luz do dia, uma rede de luzes serpenteando para cima e para baixo no quarteirão em um arranjo deslumbrante. A cacofonia de cores é um contraste com o horizonte monocromático de Nova York. Parece que o sol nasce ao contrário. Como se a cidade estivesse ganhando vida aos poucos, enquanto o resto do país vai dormir. Cada flash de azul, vermelho ou rosa é uma tentação, uma chamada para longe do céu escuro que sugere sono.

Enfio as mãos nos bolsos enquanto começo a descer a rua, quase cortando o dedo na carta de baralho que ainda está no meu bolso. Eu olho ao redor, procurando uma loira entre as pessoas que passam por mim na calçada.

Um grande grupo de mulheres sorridentes passa e então eu a vejo.

Hannah está encostada em uma das palmeiras plantadas ao longo da calçada, estudando a placa piscante em frente à capela nupcial. O

vermelho e o azul piscam em seu rosto como as sirenes de um carro de polícia.

De alguma forma, esqueci como ela é linda, nas poucas horas desde a última vez que a vi. O vestido que ela está usando se apegando a cada curva, o corte modesto de alguma forma sexy. O vento brinca com as mechas soltas de seu cabelo loiro enquanto ela olha para a placa.

Eu diminuo meus passos enquanto me aproximo, já que ela ainda não me viu. A estranha sensação de nervosismo se instala em meu estômago.

Eu estava nervoso por ela não aparecer, e o alívio que ela apareceu é uma sensação inebriante e confusa.

Mas também estou nervoso que ela *tenha* vindo. Faz muito tempo que não me interesso por uma mulher que não faz ideia de quem eu sou. Mais do que interessado, estou intrigado com ela. É por isso que fiz o pedido arriscado de que ela me encontrasse aqui, em vez de dar a ela o número do meu quarto.

Eu quero falar com ela, não apenas transar com ela.

Embora a atração esteja definitivamente em conflito com o fascínio, enquanto meus olhos percorrem seu corpo pela segunda vez.

Um choque elétrico corre pelo meu corpo, quando a cabeça dela vira de repente, olhos azuis encontrando os meus. A temperatura do meu corpo esquenta conforme seu olhar se move para baixo, avaliando-me da mesma forma que acabei de olhar para ela.

Quase não sinto mais o frio no ar da noite. Quando fazemos contato visual novamente, vejo tudo o que estou vivenciando refletido nela.

— Você está atrasado. Ficou um pouco distraído? — Ela diz, uma vez que estou a apenas alguns metros de distância. Hannah não se endireita, deixando a palmeira continuar a segurá-la de pé.

— Sim, mas não da maneira que você pensa. — Eu expiro, chutando a ponta de uma das lajes de concreto que compõem a calçada. A confissão de Garrett permanece na minha cabeça, junto com a imagem da stripper em seu colo. Parecia errado vê-lo tomar essa decisão. Mas isso é exatamente o que era - sua decisão. Não é da minha conta. E não estou exatamente em posição de olhar para baixo do alto nível moral. — O noivo me disse que encontrou a noiva com outro cara.

As sobrancelhas de Hannah se erguem. — E ele ainda está se casando com ela?

— Ele a ama. Ele acha que ela ainda o ama, apesar de cometer um erro.

— Grande erro.

— Sim.

O que ela pensaria de mim, se soubesse os erros que *cometi*?

Nunca contei a ninguém o que aconteceu entre mim e Candace. Ela disse ao meu pai. Crew adivinhou; eu essencialmente confirmei. Presumo que Crew tenha contado a Scarlett, já que eles não parecem guardar segredos um do outro. Mas eu nunca ofereci voluntariamente a informação a ninguém antes.

— Você está bem?

Eu pisco, voltando a me concentrar em Hannah em vez do passado e sacudindo a estranha preocupação de que ela não gostaria tanto de mim, se ela realmente me conhecesse. Afastando a percepção de que quero que ela *goste* de mim, não apenas se sinta atraída por mim.

— Eu não tinha certeza se você estaria esperando aqui fora.

A pequena admissão é grande, para mim. A dúvida é uma fraqueza e todos preferem um líder forte. A certeza foi incutida em mim desde a idade em que aprendi a andar. *Você só erra quando admite*, meu pai gosta de dizer. Talvez fosse isso que eu deveria ter dito sobre Candace, em vez de me desculpar. Ele ainda me odiaria, mas provavelmente me respeitaria mais.

— Recebi algumas ofertas melhores, mas você pediu primeiro, — diz ela.

Eu não posso dizer se ela está brincando ou não. Hanna é deslumbrante. Beleza impossível de perder ou ignorar.

Eu dou um passo mais perto, descansando a mão na casca acima de sua cabeça. Ela está perto o suficiente para tocar. Perto o suficiente para beijar. Perto suficiente, ouço o pequeno engate em sua respiração quando nossa proximidade é registrada.

Ela morde o lábio inferior, e estamos perto o suficiente para que eu possa ver as pequenas reentrâncias deixadas para trás na pele carnuda. O sangue corre para o sul quando ela acalma o local com um golpe de sua língua, a visão me afetando mais do que qualquer coisa que vi lá dentro.

— Posso beijar você? — Não percebo que disse as palavras em voz alta até que elas saiam, pairando entre nós.

— Eu pensei que você estava indo atrás do que queria esta noite?

— ela pergunta.

— Estou me certificando de que você também queira.

— Eu não estaria aqui se não quisesse.

Antes que eu possa responder, antes que eu possa beijá-la, *ela* está *me* beijando.

Hannah tem gosto de gim e menta.

Sua língua desliza em minha boca, esfregando a minha em um ritmo erótico. Casca áspera arranha minha palma enquanto eu pressiono contra ela, minha mão livre caindo em sua cintura e desejando que não houvesse uma camada de tecido separando nossa pele.

Ela geme em minha boca quando sente minha ereção, balançando seus quadris contra os meus e tornando impossível pensar direito. Seus dedos agarram meu cabelo, a centelha de dor quando ela puxa apenas aumenta o prazer.

Faz muito tempo que eu não era tão afetado por uma mulher. Talvez nunca. E eu definitivamente nunca fiquei com uma mulher em uma rua movimentada, à vista de qualquer um que olhasse para cá.

Nós dois respiramos pesadamente quando nos separamos. Respiro profundamente o ar frio, tentando acalmar meu coração acelerado. Tentando racionalizar por que beijar Hannah parece como saltar de paraquedas em vez de um deslizamento fácil e esperado.

— Você pode me beijar quando quiser, — ela sussurra.

Eu sorrio, e é inesperado. Meus sorrisos geralmente são planejados. Parte de uma despedida ou em resposta a outra pessoa. Perto de Hannah, eles são naturais. Assim como não penso antes de pegar a mão dela e puxá-la em direção à calçada. — Fechado.

CAPÍTULO SEIS

Oliver

Acordar de ressaca é o pior. E assim que a consciência se infiltra, sei que bebi demais ontem à noite.

Minha cabeça está latejando. Minha língua está seca. Meu estômago está revirando.

Não estou apenas de ressaca. Isso parece estar a um passo da morte.

Quando eu rolo, estou esperando lençóis brancos.

Em vez disso, tudo que vejo são cabelos loiros.

Esta não é a primeira vez que acordo na cama com uma mulher, mas é uma das poucas vezes. Meus relacionamentos românticos podem ser resumidos em uma palavra: curtos.

E ultimamente, todos os meus encontros sexuais têm sido desapegados e descomplicados. Onde os números não são trocados e, de preferência, os nomes também não. Quando não acordo na mesma cama que uma estranha. Nenhuma manhã estranha de pegar roupas amassadas do chão e trocar conversa fiada forçada.

Com base em como estou de ressaca, não estou surpreso por estar bêbado o suficiente para não pedir a ela para sair. Se eu perguntei o nome dela, não consigo me lembrar. Eu esfrego minha têmpora direita em uma tentativa frustrada de aliviar a dor de cabeça latejante. Não quero me mover, mas estou muito desconfortável para voltar a dormir.

Enquanto estou deliberando sobre esse dilema, a loira ao meu lado se mexeu. Ela rola de lado, de frente para mim. Seu rosto ainda está parcialmente obscurecido por seu cabelo, mas vejo seus olhos se fecharem como se ela estivesse tentando dormir.

Nossas pernas se roçam sob as cobertas, o toque de sua pele nua e macia me afeta instantaneamente. Independentemente de quanto eu bebi ontem à noite – e quanto ainda está no meu sistema – eu sou completamente capaz de ficar duro.

Eu me viro de costas, olhando para o teto de gesso. Meu cérebro parece lama, encharcado e pouco cooperativo. Este é o meu quarto de hotel. Não tenho ideia de quem é a mulher ao meu lado ou o que

aconteceu entre nós ontem à noite.

Eu tento me lembrar de ontem. Lembro-me de sair do escritório e dirigir até o aeroporto para vir a Las Vegas. Depois disso, são flashes desorganizados. Conversando com Garrett. Comendo bife. Mulheres em balanços. Flashes que escapam como água nas mãos em concha sempre que tento expandir minha memória.

Que porra você fez?

Sou distraído por um puxão. O lençol escorrega do meu peito, enquanto a mulher ao meu lado se senta. Ela boceja, esfregando os olhos e depois colocando o cabelo atrás da orelha. O lençol branco envolve sua cintura, oferecendo uma vista espetacular que não consigo resistir. Literalmente. Olhando por cima, deitado enquanto ela está sentada, tudo o que posso ver são seios redondos e empinados.

Meu pau reage, endurecendo ainda mais. Por mais chateado que esteja comigo mesmo por ter ficado tão bêbado, não me lembro como vim parar aqui, também o aplaudo. Porque eu nunca tive um tipo específico quando se trata de mulheres, mas ela é exatamente o que eu procuraria.

Ela olha para mim e congela, parecendo tão chocada por estar na cama comigo quanto eu por olhar e vê-la. Não tenho certeza se isso é bom ou ruim.

A mulher loira pigarreia, jogando o cabelo loiro sobre o ombro.
— Meus olhos estão aqui em cima.

Concentro-me em suas íris azuis e digo a primeira coisa que me vem à cabeça. — Seus seios estão mais próximos.

Ela me surpreende rindo. Como ela ainda não levantou o lençol, observo seus seios saltarem com o movimento. Há algo estranhamente hipnotizante nisso. Eu ainda estou bêbado, obviamente. Ela está linda, mesmo com manchas de rímel abaixo dos olhos e cabelos loiros em um emaranhado selvagem.

Então, de repente, ela é um redemoinho de movimento, tropeçando na batinha do edredom que está pendurado ao acaso em seu lado da cama. — Merda!

— O que está errado? — Sento-me, estremecendo quando o movimento aumenta o latejar na minha cabeça para um nível totalmente novo.

— Eu deveria estar no aeroporto dez minutos atrás, — ela responde, vestindo um vestido azul-marinho amassado que parece vagamente familiar. Ela pega o telefone e franze a testa para ele. — Droga. Sem bateria.

Observo enquanto ela corre em direção ao sofá, agarrando-se às costas para se equilibrar enquanto calça os saltos.

— Aeroporto? — Eu pergunto, minha voz rouca e sonolenta.

Ela olha de relance. — Vou voltar para Los Angeles esta manhã.

— Oh. — Estou estranhamente... desapontado com essa revelação.

— Você ainda está bêbado?

— Provavelmente. Eu me sinto como se tivesse sido atropelado. Quanto eu bebi ontem à noite?

— Não sei. Bastante?

Eu gemo, deixando cair minha cabeça em minhas palmas e massageando minha testa. Alguns segundos depois, ouço o barulho de saltos contra a madeira.

— Aqui. — Algo úmido e frio roça meu braço direito.

Eu levanto minha cabeça para encontrá-la segurando uma água gelada do frigobar para mim. — Obrigado.

Ela dá de ombros. — Você é quem está pagando por isso.

Um sorriso inclina seus lábios para cima. Eu traço a curva com meus olhos, então me concentro no resto de suas feições.

Hannah, de repente me lembro. O nome dela é Hanna.

— Eu tenho que ir...

Ela para de falar abruptamente, pegando um pedaço de papel da mesa de cabeceira e olhando para ele.

— O quê?

Nenhuma resposta.

— Hannah? O que é?

Ela tropeça alguns passos para trás, até que suas costas colidem com a parede.

Eu saio da cama, a urgência acelerando meus movimentos. Nu sem nenhum sinal de minhas roupas, eu arranco o lençol branco da cama e o enrolo em volta da minha cintura.

— Seu sobrenome é *Kensington*?

Eu congelo, registrando o tom da pergunta.

Surpresa com meu sobrenome não é novidade para uma mulher. Mas o desprezo — o horror — na voz de Hannah é novo. Estou de costas para ela, então não consigo ver a expressão de Hannah para

saber se estou lendo certo ou se minha dor de cabeça está distorcendo-a.

— Sim.

— Porra. Porra. Porra. *Porra*. — Hannah não está mais de pé. Ela está deslizando pela parede e sentando no chão, suas longas pernas esticadas e expostas enquanto seu vestido sobe por suas coxas. — Isso não pode estar acontecendo.

— Sabe, a maioria das mulheres fica *animada* quando descobre que minha família vale bilhões, — eu digo, dando alguns passos hesitantes para frente.

E nunca é uma reação que eu gostei. Isso sempre me faz sentir barato. Mas eu preferia que Hannah estivesse olhando para mim com cífrões nos olhos do que com medo.

— Ou elas me perguntam se eu posso conseguir roupas da *Rouge* para elas.

Hannah fecha os olhos, inclinando a cabeça para trás contra a parede. — Scarlett Kensington prefere colocar fogo em um de seus designs do que me ver usá-lo.

— Eu...

Resposta estranha, mas explica parte de sua reação. Ela e Scarlett têm um passado? Talvez elas tenham ido para a escola juntas?

— Você conhece Scarlett?

A cabeça de Hannah balança, seus olhos ainda fechados. — Crew.

Seu nome cai entre nós como um peso de chumbo.

— Oh.

Eu deveria estar menos chocada do que estou.

Hannah é deslumbrante e Crew passou muitas noites festejando antes de se casar. Eu conheci muitas das mulheres com quem ele passou o tempo, seja quando elas escapavam de seu quarto na mansão Kensington quando nós dois morávamos lá, ou em eventos da sociedade. Algumas delas flertavam comigo, especialmente quando se supunha que eu seria o próximo CEO.

Nenhuma delas despertou o menor interesse, a maioria parecendo mansa ou manipuladora.

Nunca esperei me *interessar* por uma mulher com quem Crew tem uma história. E me incomoda, honestamente, saber que ela esteve com ele. Parece outra coisa que Crew tirou de mim. O que é ridículo; eu mal conheço Hannah.

Eu limpo minha garganta em uma tentativa de quebrar o longo silêncio. — Como você o conheceu?

Hannah brinca com a ponta do papel que ainda está segurando. Eu não posso dizer o que está escrito nele deste ângulo. Talvez seja um recibo? Ou uma conta do hotel? Algo com meu nome completo.

— Em um bar, em Nova York. A agência esportiva tem um escritório lá, e eu estava na cidade por um tempo a trabalho. Uma garota derramou a bebida em mim, ele me trouxe guardanapos. — Ela se mexe, desconfortável de uma forma que duvido que tenha algo a ver com o piso de madeira. — Durou alguns meses. Noites aleatórias, aqui e ali. E então, eu ouvi que ele se casou. Ele mencionou Scarlett, mas fez soar como um acordo.

— Eu acho que é tudo o que ele pensou que seria, a princípio.

Hannah assente. — Eu estava em um lugar ruim. Principalmente sobre coisas que não tinham nada a ver com Crew, mas era um alvo fácil. Eu disse alguma merda para ele, e para Scarlett.

Eu me sento ao lado dela no chão. — Você estava apaixonada por ele? — Uma pergunta que não tenho o direito de fazer, mas que está na minha cabeça desde que ela disse o nome dele.

Ela balança a cabeça, e o alívio é intenso. Imediato. Inexplicável. — Não. Eu me senti presa. No meu trabalho. Em outros relacionamentos. Crew foi uma fuga de tudo isso. Algo diferente e emocionante. Odiei perder aquela distração, muito mais do que odiei perdê-lo.

— Ele nunca saberá sobre isso, se é com isso que você está preocupada. Crew e eu não temos esse tipo de relacionamento.

Os lábios de Hannah franzem, nenhuma ansiedade deixando sua expressão. Isso aumenta a minha. — Você tem algum arrependimento, Oliver?

Minha garganta está grossa. — Sim. Muitos deles, na verdade.

— Você pode adicionar isso à lista. — Sua mão levanta, segurando o pedaço de papel para mim.

Eu pego, olhando para ela interrogativamente. Seus olhos se fecham novamente. Não consigo entender o comportamento dela. Ela não me parece alguém que tende a ser excessivamente dramática.

Mas não sei quase nada sobre ela. Talvez ela seja, e não era óbvio ontem à noite.

Eu olho para baixo.

Meu estômago cai nos cinquenta ou mais andares que estamos

suspensos no ar.

Quase não sei nada sobre Hannah, exceto que ela costumava fazer sexo com meu irmão e que, de acordo com o estado de Nevada, ela é minha *esposa*.

Por alguns segundos, parece que tudo ao meu redor está congelado. Há uma parte do meu cérebro que está cantando *porra, porra, porra* repetidamente. Outra seção que está folheando desesperadamente uma lista de todos que conheço que poderiam ajudar a acabar com isso. E o resto de mim está muito atordoado com a percepção de que *me casei em Las Vegas* para sequer estremecer.

Eu largo o papel e pisco para ele. Meus olhos parecem arenosos devido à privação de sono e ao excesso de álcool. — Como diabos, isso é *real*?

Hannah suspira. — Eu nunca vi uma certidão de casamento antes. Mas parece legítimo para mim.

Eu expiro, trêmulo. — Eu...

Honestamente, estou completamente sem saber o que dizer. O casamento nunca me pareceu uma perspectiva atraente. Sempre foi uma possível inevitabilidade, fora do meu controle.

Mesmo bêbado, não acredito que o pensamento passou pela minha cabeça. Mais do que passado, obviamente, de acordo com o papel que estou segurando. Apenas uma folha simples e despretensiosa que me tornou um *marido*.

Putá.

Que.

Pariu.

— Nós nos casamos.

— Aparentemente. Achei que... *Foda-se, não* resumisse seus pensamentos sobre casamento.

— Sim. Você deve ser muito convincente.

Não acredito que estou *brincando* sobre isso. Eu raramente brinco sobre qualquer coisa.

— Além de uma breve fase na quarta série, quando contei a completos estranhos que teria meu casamento na mesma igreja que meus pais, nunca quis me casar, — Hannah me informa. — Portanto, duvido que tenha sido muito convincente.

— Nunca tive uma breve fase.

— Você não ia se casar com Scarlett?

Quando eu não respondo, ela olha para mim.

— Nova-iorquinos bêbados são tagarelas. Especialmente sobre os Kensingtons.

— Meu pai decide muito mais do que minha agenda de viagens, — respondo.

Ela acena com a cabeça.

— Quanto da noite passada você se lembra?

— Depois do High Roller, não muito.

— Fomos no High Roller?

Hannah me estuda. — Quanto *você se lembra*?

— Não muito. — Eu limpo minha garganta, olhando para as roupas espalhadas no chão e depois de volta para ela. — Fizemos sexo?

— Eu acho que não.

Eu levanto uma sobrancelha. — Com base no que?

— Com base no tamanho do seu pau. Haveria... efeitos colaterais. Não estou dolorida.

Eu sorrio assim que ela diz *efeitos colaterais*. — Você olhou.

— Você olhou para os meus seios por vários minutos, então acho que estamos quites.

— Eles são ótimos seios.

— Obrigada. Eu mesmo os cultivei.

Se alguém tivesse me dito que eu estaria no chão rindo depois de descobrir que me casei com uma estranha que esteve com meu irmão, minha resposta teria sido: *você é louco*. Mas aqui estou eu, fazendo exatamente isso.

Hannah se levanta. — Eu tenho que ir, ou vou perder meu voo.

Eu também me levanto, estremecendo quando minha cabeça protesta contra o movimento. — Você não pode ir *embora*. Temos que...

— Estou bem ciente de que estamos em uma confusão do caralho, Oliver, — diz ela, pegando o telefone. — Mas eu tenho que ir. Eu tenho que estar de volta em LA esta noite. Nós dois precisaremos contratar advogados e descobrir como nos divorciar ou anular ou apenas colocar fogo naquela coisa e fingir que isso nunca aconteceu.

— Certo. — Ela está certa. Não há nada que possamos fazer para corrigir isso em breve. — Me dê seu número.

Hannah esfrega a palma da mão no rosto. — Eu não sei.

— O quê? Como você não sabe o seu número de telefone?

— Acabei de comprar um telefone novo, e a empresa estragou tudo e me deu um novo número também e eu sou péssima em memorização... — Ela suspira. — Não importa. Apenas me dê seu número e eu ligo para você.

Estendo a mão para o telefone dela, e ela balança a tela preta na minha cara. — Meu telefone está *sem bateria*. Escreva seu número em alguma coisa. — Olho para o pedaço de papel que ainda estou segurando. — Você não pode escrever seu número nisso!

— Não tenho mais nada! — Há uma caneta com o logotipo do hotel na mesa ao lado do sofá, mas nenhum bloco de papel.

Encontro minhas calças no chão e tiro minha carteira, esperando encontrar um recibo.

Uma carta de baralho anunciando um mágico cai. Assim que a vejo cair no chão, lembro-me de ter assistido ao show ontem à noite. Espero que o resto das minhas memórias não estejam muito atrás. Odeio ser pego desprevenido, e foi basicamente isso que aconteceu esta manhã.

Pego a carta de baralho e rabisco meu número nela, depois a estendo para Hannah. — Sério? — Ela pergunta.

— É isso ou a certidão de casamento.

Ela revira os olhos e pega a carta. — Ligo para você na segunda-feira.

— Ok. — Eu me sinto estranho de repente. Acordar com uma mulher é uma experiência estranha em si. Descobrir que também estou legalmente ligado a ela não simplifica nada.

Vou enfiar as mãos nos bolsos e descubro que ainda estou usando um lençol. Tanto para uma pose casual.

Hannah morde o lábio inferior. De repente, lembro-me de beijá-la debaixo de uma palmeira. O desejo aquece meu corpo, e eu gostaria que ela não estivesse partindo por razões totalmente alheias ao nosso casamento surpresa.

— Voe com segurança.

— Sim, obrigada. — Ela acena o cartão para mim. — Eu vou te ligar.

Eu concordo.

Com um sorriso final e inseguro, Hannah sai.

Eu não me mexo, muito tempo depois que a porta se fechou. Ainda estou em estado de choque. Ainda de ressaca e cansado. Ainda casado.

Eventualmente, jogo o lençol branco de volta na cama e vou para o banheiro. Sob o jato de água quente, tento pensar racionalmente.

Mas minha mente está muito ocupada girando em círculos sem resposta. Agora que Hannah se foi e estou sozinho em meu quarto, quase posso me enganar pensando que tudo foi apenas um sonho. Parte fantasia, parte pesadelo.

Mas assim que volto para a sala me vestindo, o pedaço de papel está lá, me provocando.

Eu nem sei *como* você se casa em Las Vegas. Meu eu bêbado realmente descobriu isso? Se eu tivesse tempo, iria de capela em capela até descobrir onde isso aconteceu e poder exigir algumas respostas concretas.

Não há tempo, no entanto. Devo descer em dez minutos para o início do segundo dia da despedida de solteiro de Garrett.

A última coisa que quero é que alguém aqui descubra o que aconteceu ontem à noite. Com base apenas no patrimônio líquido de Kensington, sou considerado o solteiro mais cobiçado do país. Qualquer tabloide pularia na história, e Garrett é a única pessoa aqui em quem eu confiaria para não vendê-la.

Eu leio artigos sobre uso de álcool e memória no meu telefone enquanto me visto. De acordo com um estudo, beber muito pode afetar a transferência de memórias entre o armazenamento de curto e longo prazo no hipocampo. Ainda assim, não consigo entender como fui consciente o suficiente para me casar, *mas* bêbado o suficiente para esquecer toda a experiência.

Talvez meu cérebro esteja reprimindo na tentativa de fingir que não aconteceu.

Infelizmente, a vida não é tão fácil de editar.

Há uma razão pela qual as pessoas veem o casamento como um grande compromisso. Que eles pensem muito sobre se devem dar esse passo, quando e com quem.

E eu apenas... fui em frente.

Termino de me vestir e saio do quarto do hotel, decidindo afastar a avalanche de problemas até ter tempo e recursos para lidar com eles. Tomo um gole da água que Hannah me deu enquanto caminho pelo corredor acarpetado e, em seguida, pressiono a seta *para baixo* quando chego ao elevador.

As portas se abrem alguns segundos depois, revelando um rosto familiar. — Oliver!

Eu pisco algumas vezes, sua alegria mais irritante esta manhã do que no avião ontem. Qualquer coisa que me estressasse parecia leve em comparação com minha situação atual. — Bom dia, Marie.

Marie sorri quando entro no elevador com ela. — Você lembrou.

— Eu sou bom com nomes. — Eu me forço a retribuir o sorriso dela enquanto as portas se fecham.

— Você está ficando *aqui*?

— Sim. Você?

— Oh não. Só visitando.

Eu olho para cima, notando tardiamente seu vestido amassado e maquiagem borrada. — Você está bem?

— Eu estou bem. Eu não pareço ótima?

Não sei como responder a isso. — Você parece. Só um pouco... amarrotada.

Marie ri, depois se encosta na parede. — Tive uma *ótima* noite.

Eu concordo. — Bom.

O elevador soa, então as portas se abrem, revelando o saguão. Marie sai primeiro, olhando para trás e piscando para mim. — Aproveite o resto de sua viagem, Oliver.

— Você também, — eu respondo.

Eu continuo na área de jantar do hotel, localizando Garrett imediatamente. Ele está caído sobre uma caneca de café em uma mesa no centro da sala, se parecendo como eu me sinto.

Quando as pernas da cadeira raspam no chão e anunciam minha chegada, ele se inclina para trás, esfregando os dois olhos com a palma da mão. — E aí cara.

— Ei.

Garrett me olha de cima a baixo. — Como foi o resto da sua noite?

— Uh, tudo bem. Sua?

— Ainda processando, honestamente. — Eu aceno, porque *cara*, eu entendo isso. Garrett engole um pouco de café, então olha para mim. — Desculpe por descarregar em você ontem à noite.

— Não se desculpe. Fico sempre feliz em ouvir.

Ele bebe mais café. — Acho que este fim de semana era exatamente o que eu precisava. Equilibrou as coisas, por assim dizer.

— Você dormiu com ela?

— Sim. — Garrett exala. — Eu precisava provar que podia, eu acho. E parte de mim se sente culpado, mas pelo menos consegui um bom sexo com isso. Sienna e eu não fizemos desde... esqueci como era foder alguém novo. — Ele limpa a garganta. — De qualquer forma, me sinto melhor. Acho que ela roubou meu relógio, porque não consigo encontrá-lo. Pelo menos Sienna não está comigo pelo dinheiro. A família dela tem muito, e nós temos um acordo pré-nupcial rígido.

Minha mão congela a meio caminho da minha garrafa de água. O resto dos caras está começando a se juntar a nós, cadeiras raspando em ambos os lados, a maioria deles usando óculos escuros e expressões de dor.

Retribuo os cumprimentos direcionados para mim no piloto automático.

Durante toda a minha vida, desconfiei de alguém me querendo pelo meu dinheiro. Eu vi as rodadas de negociações entre meu pai e Hanson Ellsworth enquanto os detalhes do noivado de Crew e Scarlett eram acertados. As revistas de fofocas relataram extensivamente sobre o pouco que Candace recebeu depois que seu casamento com meu pai terminou e como, é claro, Arthur Kensington protegeu seus bens. Claro, *pouco* para um Kensington é muito para qualquer outra pessoa. A última vez que soube, Candace estava morando na França, feita para toda a vida.

No meu mundo, acordos pré-nupciais são mais importantes do que quantos quilates tem o anel. A realidade é que a maioria dos casamentos termina. É inteligente e responsável se preparar para esse resultado, não importa o que aconteça.

Inteligente e responsável são dois adjetivos que a maioria das pessoas usaria para me descrever. Também rico. Eu sou muito, muito rico.

E o que eu fiz?

Eu me casei sem acordo pré-nupcial.

CAPÍTULO SETE

Hannah

Um sexto macacão é desembalhado, provocando conversas animadas ao meu redor.

Tomo um gole da minha mimosa, que é basicamente suco de laranja. Meu corpo ainda está se recuperando da noite de sexta-feira. Pela quantidade de álcool que bebi e pela chocante revelação de que *me casei com Oliver Kensington*.

Em todos os relacionamentos românticos que já tive, sempre faltou alguma coisa. Algo me prendendo. Falta de confiança ou falta de paixão ou falta de interesse, quem sabe.

E então me casei em Las Vegas com um homem que conhecia há menos de doze horas. Seria engraçado... se não fosse um compromisso sério que poderia ter implicações desastrosas.

Sentar e assistir minha cunhada abrir diferentes versões do mesmo presente que dei para ela, porque sei que macacões são um presente popular para chá de bebê, mas não achei que seriam tão populares, parece muito longe *daquele* quarto de hotel em Las Vegas.

Mas à medida que a tarde de domingo se aproxima da noite, é impossível ignorar totalmente o que aconteceu. Prometi a Oliver que ligaria para ele amanhã e nunca tive tanto medo de nada.

Eu não entendo como isso aconteceu. Eu e ele... casados. Partes daquela noite são tão claras e outras são um borrão completo.

Lembro-me de ter falado com ele no bar do hotel. O momento em que pensei que ele ia me beijar. E o momento em que ele *me* beijou está permanentemente gravado em meu cérebro. Fizemos fotos em um bar. Rodei o High Roller e maravilhei-me com a vista da cidade. Depois disso, começa a ficar mais confusa. Mas em nenhum lugar em que me lembro há algo relacionado ao casamento. Nenhuma capela ou imitador de Elvis.

Tivemos que obter uma *licença*.

Trocar votos.

Não consigo entender como duas pessoas que se opõem ao casamento acabam casadas, muito menos uma com a outra. Eu não achava que havia álcool suficiente no mundo para me fazer dizer *sim*

para um cara que eu mal conhecia.

Mas por algum motivo, eu disse.

E ele é irmão de Crew, o que torna tudo ainda pior. Estou constrangida, e envergonhada, sobre como tudo terminou entre mim e Crew.

Crew nunca mencionou seu irmão mais velho para mim. Eu poderia ter adivinhado que eles não são próximos apenas com base nisso, mas Oliver confirmou ontem, com seu fato de que *não temos esse tipo de relacionamento*.

Eu me pergunto se essa separação é por escolha ou padrão. Nada do que sei sobre Crew oferece qualquer ideia de quem ele é como irmão. E não sei nada sobre Oliver, ponto final.

— Diga-me que você não comprou um *macacão* para eles, — diz Rachel, inclinando-se à minha esquerda.

Eu olho para April, que está desembulhando uma caixa coberta com um familiar papel rosa.

— A mulher da loja recomendou, — eu sussurro de volta. — É fofo! Tem patinhos nele!

Minha irmã ri e, em seguida, muda de volta para seu assento.

— Obrigada, Hanna! É adorável. — April entrega a roupinha amarela a um Eddie que a espera, que a dobra cuidadosamente e a coloca nas sacolas de presentes que já receberam. Minha mãe, sentada ao lado dele, obedientemente anota o presente para notas de agradecimento.

Eu me levanto e encontro minha cunhada no meio da sala para um abraço. — De nada. Mal posso esperar para conhecer ele ou ela.

— Não vejo a hora de não estar grávida, — comenta, esfregando a barriga inchada.

Eu sorrio, ignorando a estranha pontada no meu peito. De repente, parece que todo mundo que conheço está se acomodando. Ficar noivo ou anunciando uma gravidez. Toda vez que entro nas redes sociais, todas as outras postagens são um anúncio. Até Rosie, que passou anos namorando casualmente, está em um relacionamento sério agora.

April volta para a frente da sala, enquanto eu volto para o meu lugar ao lado de Rachel.

— É fofo, — ela sussurra para mim.

Reviro os olhos e bebo mais suco de laranja.

Abrir o resto dos presentes leva April e Eddie mais meia hora. Mais três macacões são adicionados à grande pilha quando o último papel de embrulho é rasgado. Vou ter que comprar um presente melhor para eles.

Quando os últimos convidados vão embora, estou bocejando. Entre o jet-lag, a mudança de horário e o estresse, estou exausta.

Minha mãe nos enxota para o quintal, recusando todas as ofertas para ajudar na limpeza. Ela sempre insiste que sua parte favorita da hospedagem é juntar tudo no final. Como raramente recebo alguém, nunca testei essa teoria.

O comportamento do meu pai é ainda mais previsível do que o da minha mãe. Ele vai direto para os tacos assim que saímos. Croquet poderia desafiar sua família ou empresa como seu primeiro amor.

Eddie, Rachel e eu compramos para ele um conjunto personalizado em seu aniversário de cinquenta anos, alguns anos atrás, e se tornou seu bem mais precioso. Ele o pole e tudo mais.

— Quem está jogando? — Ele chama por cima do ombro.

— Estou dentro. — Rachel caminha em direção ao martelo azul, sua escolha habitual.

— Eu só vou assistir, — diz April, afundando em uma das cadeiras do pátio.

Nos muitos anos que ela e Eddie estão juntos, ela só participou do croquet algumas vezes. Sua personalidade doce e misericordiosa não combina bem com nossa competitividade acirrada.

— Eddie? — Papai chama.

Depois de olhar para April, meu irmão concorda. — Sim. Eu vou de amarelo.

Reviro os olhos enquanto chuto minha Anabela e caminho pela grama podada. — Não peguem a mesma cor todas as malditas vezes. Ou não faz sentido.

Pego o martelo laranja e bato minha bola em direção à estaca inicial.

O quintal dos meus pais é a minha parte favorita desta propriedade. Sua metragem quadrada é rara em Los Angeles, especialmente considerando que eles compraram esta propriedade antes da carreira de meu pai realmente decolar.

A chegada da primavera deixa o ar perfumado com o perfume do eucalipto e do lilás. Peras espinhosas, papoulas, íris e suculentas brotam dos canteiros de flores, parando quando a cobertura morta se

transforma em grama exuberante.

Meu pai acerta primeiro, o que sempre influenciou sua escolha de cores. Ele passa pelas duas primeiras estacas, o que é um começo típico para ele.

Rachel afunda na grama com um suspiro exagerado.

As primeiras rodadas costumam demorar um pouco. Uma vez, ele fez todo o caminho para a estaca oposta antes que o resto de nós sequer tocassem nossas bolas.

Desta vez, ele só consegue passar por cinco estacas antes que seja a vez de Rachel rebater. Ela consegue três, então Eddie está de pé. Ele só consegue a bola amarela nas duas primeiras, quicando na borda do metal branco quando tenta a terceira.

— Que embaraçoso, Ed, — eu provoco, inclinando-me e usando meu martelo para medir a distância inicial.

Tenho certeza que Eddie responde com um gesto rude, porque ouço meu pai dizer “Edward” no tom severo que ele costumava nos castigar desde que éramos crianças. Rachel ri.

Eu silencio todos eles enquanto me concentro na minha primeira batida. A bola laranja passa pelas duas primeiras estacas, rolando até parar no ponto exato que eu estava mirando. Eddie geme quando rebato passando por sua bola amarela, liberando facilmente a terceira estaca também. Então passo a bola azul de Rachel, passando pela quarta. Eu ultrapasso meu pai no quinto arco, então erro o sexto.

— Graças a Deus, — diz Rachel, dramaticamente.

Meu pai me dá um sutil sinal de positivo.

Minha família toda é muito unida. Mas sou mais próxima dos meus pais do que dos meus irmãos, especialmente do meu pai.

Rachel é relaxada e independente. Durante suas viagens de verão, não teremos notícias dela por semanas. Eddie está ocupado com o trabalho e sua crescente família.

Fui eu que morei em casa depois da faculdade e que venho jantar uma vez por semana.

Esse tempo extra se traduziu em meu jogo de croquet. Registrei muito mais horas neste quintal do que Rachel ou Eddie.

Eddie e Rachel desistem de fazer o percurso sozinhos e se contentam em enviar golpes selvagens em direção às bolas laranja e pretas que se dirigem para o alvo. Felizmente para mim e meu pai, a mira deles é terrível. Eddie chega perto de me bater uma vez, mas não consegue.

Rebatidas são permitidas, mas antidesportivas, de acordo com meu pai. Desde o nosso primeiro jogo em família, ele manteve o lema de *vencer com sua própria habilidade, não derrubando os outros*.

Considerando o quão implacável ele pode ser no trabalho, acho que foi mais uma regra que ele fez quando éramos mais jovens e mais propensos a bater um no outro com martelos. E agora que somos adultos, ele ainda sente que precisa continuar.

Leva apenas mais duas voltas para eu completar o percurso e voltar para a primeira estaca. Assim que meu pai consegue acertar o martelo final também, ele caminha até mim, deixando Eddie e Rachel para terminar o jogo.

— Excelente jogo, Hannah.

Eu sorrio. — Obrigada, pai.

Sua expressão orgulhosa provoca uma pontada de culpa no meu peito. Nunca escondi nada importante do meu pai. E acho que meu casamento se qualifica.

Não sei nada sobre o processo de divórcio. Tenho certeza de que Oliver percebeu a mesma coisa que me ocorreu durante o voo para Los Angeles, não assinamos um acordo pré-nupcial. Ele, sem dúvida, contratará o melhor advogado de divórcio que o dinheiro pode comprar para se proteger. Eu deveria fazer o mesmo, e meu pai conhece muitas pessoas poderosas e importantes.

Mas não consigo forçar as palavras, não importa o quão assustador seja estar amarrada a um estranho. Não suporto ver o orgulho se transformar em decepção.

— Tenho uma reunião com Logan Cassidy e seu treinador marcada para amanhã à noite, — meu pai diz, alheio ao meu tumulto interior.

— Você finalmente físgou ele, hein?

— Ele é esperto para se fazer de difícil. O diferencia de Donovan.

— Já existem muitas diferenças aí.

Espera-se que Trey Donovan seja o primeiro no draft do ano que vem. Não sei nada sobre Logan Cassidy, exceto que meu pai tem um grande interesse por ele.

Mas isso é típico do meu pai. Ele não apenas já está olhando para o próximo ano, como também está olhando além do jogador que todas as agências desejam contratar. Ele sempre tem um plano mestre que significa jogar o jogo longo.

— Donovan acha que tem o direito de jogar, — diz meu pai,

esfregando um pouco de terra com seu taco. — Cassidy *quer* jogar.

— Todos os melhores jogadores são confiantes.

— Assim como todos os melhores agentes esportivos, — ele responde. — É por isso que eu gostaria que você viesse comigo amanhã à noite. E por que acho que você deveria obter a licença... e contratá-lo.

Meu aperto aumenta em torno do cabo de madeira do martelo.

Esse é um assunto que surge de vez em quando. Comecei na Garner Sports Agency como um assistente glorificada. Trabalhei meu caminho para tarefas mais substanciais do que arquivar e agendar viagens. Mas nunca fui licenciada como agente, o que significa que poderia representar atletas. É como se fosse um passo permanente aceitar um trabalho que não existia.

— Esse cara é sério, Hannah. Se você o contratar como seu primeiro cliente, estará se preparando para uma carreira infernal.

Rachel se aproxima, seu taco azul balançando no ombro como um jogador de polo. — Eu pensei que vocês estavam aqui *comemorando*. Vocês estão falando de *trabalho*?

— Não mais, — meu pai responde, me dando um tapinha nas costas e indo em direção ao pátio. — Vamos entrar e ver se sua mãe aceita alguma ajuda.

Rachel engancha o cotovelo no meu enquanto caminhamos pelo gramado. — Você está bem, Han?

— Acabei de chutar todos os seus traseiros no croquet. Eu estou *incrível*.

— Você só parece... eu não sei. Distraída, eu acho.

Eu forço um sorriso. Parte de mim quer deixar escapar que *me inscrevi na escola de arquitetura. E então me casei com um bilionário em Las Vegas!*

Só para tirar esse peso do peito. Essa incerteza esmagadora de lidar com problemas sozinha.

Eu aperto o antebraço de Rachel. — Estou bem. Obrigada por verificar. Só cansada. Não dormi bem ontem à noite. Tudo está bem.

Rachel acena com a cabeça, acreditando em mim.

E espero não ter mentido para minha irmã.

CAPÍTULO OITO

Oliver

Pierre, meu porteiro, acena com a cabeça quando passo por ele.
— Bom dia, Sr. Kensington. Tenha um dia maravilhoso.

— Obrigado, Pierre. — Injeto um pouco de calor em meu tom, sabendo que minha voz sairá monótona de outra forma. A fachada de vidro do saguão do meu prédio revela uma manhã cinzenta. O céu duro combina com meu humor.

Aterrissei em Nova York no final da tarde de ontem. O resto da minha viagem a Las Vegas foi muito menos agitada do que a primeira noite.

A maior parte das vezes, joguei, desejando poder atirar um casamento indesejado no pote. Irritantemente, ganhei quase todos os jogos, então nenhum dos caras entendeu por que eu estava carrancudo.

E passei a noite passada examinando sites de escritórios de advocacia e lendo blogs sobre como obter um divórcio rápido.

Conheço muitos advogados. A Kensington Consolidated tem um verdadeiro exército deles. Metade dos meus colegas de faculdade continuaram na faculdade de direito.

O problema é que não faço ideia em quem confiar. As pessoas vão se importar com o fato de eu ser casado, mesmo, principalmente, por ser um casamento de curta duração. E, realisticamente, não só preciso proceder com cuidado, mas também ir para a ofensiva.

Também procurei os Garner ontem à noite. A família de Hannah é rica. Seu pai representa alguns dos maiores nomes do esporte e chegou a ter participações em um time profissional. Ela provavelmente tem um fundo fiduciário e não está desesperada por dinheiro.

Mas sua riqueza pessoal não pode chegar perto de representar uma fração do meu patrimônio líquido. Além do meu fundo fiduciário e do meu salário considerável, as ações que possuo na Kensington Consolidated valem facilmente cem milhões.

Odeio negociar de uma posição inferior. E é exatamente onde estou com Hannah. Com base na minha pesquisa básica ontem à noite, ela tem direito legal a metade dos meus ativos financeiros. Além disso,

seu envolvimento com Crew obviamente não terminou bem. Acabei de dar a ela uma oportunidade de ouro para vingança.

Odeio pensar assim. Eu gosto de Hanna. Em circunstâncias muito diferentes, eu poderia me ver saindo com ela. Vi sua reação à certidão, e foi uma angústia legítima. Mas meu cinismo me levou tão longe no mundo dos negócios quanto meu sobrenome. Eu seria um tolo em apostar nela sem esperar nada quando ela tem a oportunidade de se tornar bilionária porque eu assinei acima de sua assinatura.

Essa é a principal razão pela qual estou saindo para o escritório ainda mais cedo do que o normal. Tenho dormido muito mal desde que acordei casado. Mexendo e rodando e pensando.

Sem surpresa, o tráfego é leve a esta hora. Meu trajeto de vinte minutos até o escritório leva apenas quinze.

Quando entro no saguão, o segurança está bocejando. Ainda é o atendente da noite, esperando ser substituído para o turno diurno. Ele me dá um aceno respeitoso que eu retribuo antes de escanear minha chave de acesso e entrar no elevador.

Não há recepção no andar executivo. Todas as mesas estão vazias e os escritórios escuros enquanto caminho pelo corredor acarpetado.

Paro na cozinha para preparar um segundo cappuccino, o primeiro fazendo pouco para combater minha exaustão. A máquina sofisticada ganha vida assim que aperto o botão, moendo, fervendo e espumando até que o copo esteja cheio.

Continuo pelo corredor, apreciando o silêncio no andar. Evito sair do meu escritório, a menos que seja necessário por esse motivo. As pessoas agem estranhamente quando eu faço. Elas reagem da mesma forma com meu pai e Crew, mas ambos lidam com isso melhor do que eu. Meu pai se deleita em como seus funcionários o consideram intimidador. Crew é excelente em fingir não perceber. Eu fico apenas desconfortável.

Entrar no meu escritório depois de dias fora é estranho. Normalmente, estou aqui no sábado ou no domingo. Às vezes, ambos.

Lembro-me do motivo quando desbloqueio meu computador e descubro que tenho mil e quinhentos e-mails não lidos.

A maioria deles são tópicos em que recebi cópia e que não requerem nenhuma atenção direta. Mas alguns deles sim. No momento em que o número de e-mails não lidos diminuiu para um número razoável, posso ouvir a atividade no corredor enquanto todos os outros chegam.

Às cinco para as dez me levanto, abotoo o paletó e abro a porta.

Alicia levanta os olhos do computador e sorri. — Bom dia, Sr. Kensington.

— Bom dia, Alícia.

— Você teve um bom final de semana?

É a mesma pergunta que ela me faz toda segunda-feira, mas sei que não estou imaginando o escrutínio extra da pergunta. Pela primeira vez, ela sabe que eu não estava aqui. Portanto, é um pouco mais difícil forçar um “Sim” do que normalmente é. “E você?”

— Foi bom. Obrigada por perguntar, senhor.

Concordo com a cabeça e continuo pelo corredor, mantendo meu olhar voltado para a frente. Eu temo essas reuniões por vários motivos, mas a pior parte é que todo mundo sabe sobre elas. Eles estão todos se perguntando o que Crew, meu pai e eu estamos discutindo. Quem estamos promovendo, demitindo ou contratando.

Não há sinal de Crew quando entro na sala de conferências principal. Mas meu pai já está sentado à mesa, batendo impacientemente com uma caneta na madeira escura.

Meu pavor cresce. Sem motivo, e ele está irritado porque o deixei esperando. Se eu tivesse chegado antes que ele aqui, ele teria comentado que devo estar tendo uma manhã lenta.

Com meu pai, não há vitória. Apenas vários graus de derrota.

— Pai.

— Oliver.

Sento-me em frente a ele, desejando ter trazido a caneca com um pouco de café restante. O mogno envernizado se estende entre nós, tão esparsa e deprimente quanto nosso relacionamento. Não há registro em papel dessas reuniões. Eles existem sem notas e nunca incluem ninguém além de nós três.

Há muito tempo, pensei que eles eram a maneira de meu pai conectar família e empresa de alguma forma. Ele guiou Crew e eu para trabalhar aqui com toda a sutileza de um empurrão, mas raramente reconhece que somos seus filhos dentro das paredes deste prédio.

Agora, vejo essas reuniões como tendo pouco a ver comigo ou com Crew.

Elas são um jogo de poder.

Meu pai é tudo sobre percepção. Ele quer que pareça que somos uma equipe unida, seja qual for a verdade. Quer que seus funcionários espalhem a notícia de que a liderança de Kensington é unida e

infalível.

Tap. Tap. Tap.

Eu me inclino para trás na cadeira e sustento o olhar de meu pai.

Estou esperando que ele desvie o olhar. Desde que descobriu o que aconteceu entre mim e Candace, ele alterna entre me ignorar em particular e adular Crew em público.

Há um toque mesquinho e depois há meu pai. Ele nunca encontrou um rancor que não guardou.

Mas ele mantém meu olhar agora, algo fervendo em olhos da mesma cor que os meus. Crew se parece mais com a nossa mãe. Eu me pareço com ele.

Surpreendendo-me ainda mais, ele fala primeiro. — Thompson & Thompson deve passar hoje.

— Eu sei. — É disso que tratam metade dos e-mails que acabei de ler.

— Esse negócio foi fechado mais rápido do que o esperado.

— Eu sei, — repito, sabendo que esse comentário é o mais próximo de *um bom trabalho* que conseguirei.

— Crew não está vindo.

Escondendo minha surpresa. Crew nunca perdeu uma reunião de segunda-feira.

— Eu disse a ele que queria falar com você a sós.

Automaticamente, fico tenso.

— Enquanto você estava de *férias*...

Eu cerro meus molares com a caracterização de um *fim de semana*, mas não reajo de outra forma.

— Eu me encontrei com Leonardo Branson.

Concordo com a cabeça uma vez, familiarizado com o nome. Leonardo Branson fundou um fundo de gestão de investimentos há algumas décadas que catapultou sua própria riqueza e lhe rendeu muitos amigos poderosos, inclusive meu pai.

— Sua filha Quinn acabou de voltar para Nova York. Ela estava morando em Londres, de onde sua mãe é. Ela trabalha com relações públicas. — Meu pai acena com a mão desdenhosa. — Mais um hobby do que uma carreira, pelo que diz Leonardo. Ela tem vinte e cinco anos. Pronta para se estabelecer e começar uma família.

Meus ombros enrijecem. O pavor se desenrola em minhas

entranhas.

Eu posso ver *exatamente* onde isso está indo.

Anos.

Passei *anos* esperando me casar com uma mulher escolhida por meu pai. Para ser usado como moeda de troca que garantiu algum negócio ou auxiliou uma fusão importante.

Então meu pai me disse que Crew se casaria com Scarlett Ellsworth, não comigo. Que eu deveria me concentrar na empresa, enquanto Crew seria o elo mais importante com o império Ellsworth.

Levei semanas para me ajustar à ideia. Não por causa de qualquer apego a Scarlett - eu mal a conhecia. Mas porque eu sabia que outras implicações isso teria.

— Ela aceita o casamento, — continua meu pai. Seu tom é relaxado. Podemos muito bem estar discutindo o tempo. — Lembrou-se de você como um perfeito cavalheiro. — Ele zomba. — Embora nós dois saibamos que dificilmente é o caso, essa é a impressão que a Srta. Branson manterá. Você vai se casar neste verão. Vou deixar o pedido para você. Certamente, você pode administrar isso.

É preciso esforço para conter o riso incrédulo que quer escapar.

Anos de espera e me perguntando como meu pai vai ditar meu futuro, e ele escolhe fazer isso logo depois que me casei bêbado com uma mulher que meu pai nunca aprovaria.

Não há hesitação em sua expressão. Ele acha que vou fazer isso. Ele está esperando que eu caia na linha, do jeito que eu fiz todas as vezes que ele me pediu para fazer alguma coisa.

Sempre carreguei essa mesma confiança. Eu sabia que *faria* exatamente o que ele pedisse.

Mas desta vez é diferente. Essa lealdade cega ao meu pai mudou junto com nosso relacionamento gelado.

Lamento o que aconteceu entre mim e Candace? Sim.

Eu me ressinto de meu pai pela forma como ele me tratou desde então? Também sim.

E desta vez é diferente por outro motivo.

Não posso fazer o que ele está pedindo.

Literalmente não posso. Estou legalmente casado com outra pessoa.

— Vou pensar sobre isso.

Não surpreende muito meu pai. Mas essa resposta aconteceu. Eu pego em suas piscadas afetadas. A flexão de sua mandíbula. Há uma pausa ponderada, enquanto ele ajusta o que quer que esteja planejando dizer a seguir.

— Os Bransons estão vindo para jantar amanhã à noite. Espero você às seis em ponto.

— Estou ocupado.

É imensamente gratificante ver meu pai lutar para não reagir a essa resposta. Para evitar que a emoção rompesse sua expressão estoica. Ele pensou que eu concordaria sem hesitar, e não consigo decidir se isso é mais triste ou irritante.

Evidentemente, eu não concordar nunca lhe ocorreu. E de repente me ressinto um pouco menos do meu casamento com Hannah, sabendo que é a fonte da minha teimosia repentina. É libertador. Tipo, eu dei um passo longe das expectativas e agora é mais fácil dar um segundo.

— Leonardo espera que você esteja lá. Quinn também.

— Eu não fiz nenhuma promessa a eles. Aproveite sua noite, pai.

Eu me levanto e viro as costas para meu pai.

— É o mínimo que você me deve, Oliver, — ele grita atrás de mim.

Minhas unhas cavam em minhas palmas. Eu mordo o interior da minha bochecha até sentir o sabor metálico do sangue. — Os Kensington cobram dívidas. Eles não as reconhecem. Não foi isso que você me ensinou? Você nunca vai me perdoar pelo que aconteceu.

— Se você se casar com Quinn Branson, eu vou.

Eu me viro para olhar para ele. — O quê?

— Se você se casar com Quinn Branson, Candace será completamente esquecida. Esquecida para sempre.

— Você acha que estou *tão* desesperado por sua aprovação? — Eu balanço minha cabeça. — Eu estraguei tudo, pai. Eu me desculpei. Não vou me casar com uma total estranha por alguma penitência distorcida.

— Eu não estou infligindo nenhuma dificuldade a você, Oliver. Quinn é brilhante, rica e bonita. Ela será uma Kensington perfeita.

— Então porque *você* não se casa com ela? — Eu estalo.

Um sorriso cruel se espalha no rosto de meu pai. Tenho uma boa ideia do que exatamente ele vai dizer antes que as palavras saiam de

seus lábios. — Você estaria interessado nela então?

Eu balanço minha cabeça. — Trinta segundos atrás, você disse que Candace seria esquecida.

— Concordo, e ela será.

— Não.

Eu continuo andando. Estou quase fora da porta quando ele fala novamente. — Vou nomeá-lo o próximo CEO da Kensington Consolidated. Efetivo em cinco anos.

Eu congelo, minha reação instantânea revelando muito. Eu deveria continuar andando, mas meus músculos não cooperam. Essas palavras correm em um loop implacável na minha cabeça.

Vou nomeá-lo o próximo CEO da Kensington Consolidated.

Vou nomeá-lo o próximo CEO da Kensington Consolidated.

Vou nomeá-lo o próximo CEO da Kensington Consolidated.

Uma frase que nunca, jamais pensei que ouviria meu pai me dizer. Minha meta. Meu direito de primogenitura. Meu sonho.

Eu me viro novamente, sem perder o sorriso triunfante no rosto do meu pai. Ele sabe o que isso significa para mim. Sabe o que ele está segurando. É o que me separou de Crew quando se trata desta empresa. Crew daria um excelente CEO. Ele assumiria o papel e prosperaria sob pressão. Mas ele nunca quis isso, do jeito que eu queria. Quero.

— E Crew?

— Ele vai entender. Você é o mais velho. Você deu muito mais a esta empresa do que ele. E ele tem outras responsabilidades.

— Você está me pedindo para assumir essas mesmas responsabilidades.

— Um homem de família é uma boa ótica, Oliver. Leonardo não oferece os mesmos ativos que Hanson oferecia. Mas Quinn também não compartilha das ambições de Scarlett. Você não terá que se preocupar com *ela* indo para Paris em vez de uma lua de mel.

Eu entendo exatamente o que ele está dizendo.

Quinn assumirá o papel tradicional de esposa que Scarlett evita, permitindo que eu me concentre nos negócios. Posso imaginar a imagem que ele está pintando perfeitamente. Uma vida separada da minha esposa. Fazendo o papel de casal feliz apenas quando estamos em público.

É como sempre esperei que meu casamento fosse e, por alguma

razão, só consigo pensar em sentar com Hannah no chão duro, vestindo um lençol, rindo. Minha vida já tem muitos relacionamentos frios e fingidos, e odeio a ideia de adicionar outro. Pela *ótica*.

— Por que você renunciaria em cinco anos?

— O conselho, e a empresa, merecem sangue fresco. Novas ideias. Sempre foi minha intenção entregar o CEO a você ou a Crew assim que vocês estivessem prontos para assumir. Eu ainda terei um papel no conselho, é claro. Mas também explorarei outras oportunidades que não posso como CEO. Iniciar uma fundação, talvez. Ou olhar para a política.

Não acredito em uma palavra do que ele está dizendo. Ele está conduzindo da mesma forma que me ensinou a fazer, concentrando-se exatamente no que será necessário para fechar o negócio. E ele tem a vantagem de me conhecer melhor do que um parceiro de negócios. CEO da Kensington Consolidated em cinco anos é uma oferta incrível.

Ele está acenando com a única coisa que eu quero, a única coisa que eu sempre quis, bem na minha frente.

E ele está combinando isso com o fascínio indescritível do perdão. Algo que não tenho certeza se ele é capaz. Mas pelo menos terei isso para jogar na cara dele sempre que ele mencionar Candace.

E apesar de todos os seus muitos defeitos, meu pai é um homem de palavra. Ele nunca descumpriu um acordo. Nosso relacionamento nunca mais será o mesmo, e é um arrependimento com o qual terei que conviver. Mas poderia ser *melhor*, e isso desperta uma esperança da qual pensei ter desistido.

Mas não posso dizer que sim. Não só porque de jeito nenhum vou me comprometer a me casar com uma mulher que nunca conheci, mas porque também nunca recusei um acordo. Atualmente sou casado e tenho que resolver essa bagunça primeiro.

Eu expiro. — Não estou concordando com nada. Mas estarei no jantar.

Meu pai assente. — Certo. — Em seguida, ele sai da sala de conferências sem dizer uma palavra, deixando-me cambaleando.

Em vez de voltar para o meu próprio escritório, vou para o de Asher.

— Entre, — ele chama, depois que eu bato.

Seu sorriso habitual é substituído por confusão quando entro em seu escritório. Já estive aqui uma vez, e foi quando não consegui encontrar Crew e estava tentando caçar uma assinatura.

— Você tem um minuto? — Eu pergunto.

— Eu... sim, claro. — Asher pigarreia e fecha a pasta aberta em sua mesa.

Fecho a porta atrás de mim e entro em seu escritório, olhando para a poltrona com estampa de oncinha e o vaso de plantas no canto do escritório antes de me sentar em uma das cadeiras de couro padrão em frente à mesa.

— Piada?

— Huh?

— A cadeira com estampa de leopardo. Isso é uma piada?

Asher sorri. — Não. Eu simplesmente gosto disso.

— Oh.

Ele se recosta na cadeira da escrivaninha, cruzando as mãos atrás da cabeça. — Como foi Vegas? — Ele pergunta.

Em vez de responder, pergunto, — A Kensington Consolidated tem uma política de não confraternização entre funcionários?

Confusão, então excitação cruzam seu rosto. O primeiro estou esperando. O segunda, nem tanto.

— Droga, Oliver. Você está saindo com uma funcionária?

— Eu não. Você está.

A expressão de Asher congela. — Não sei do que você está falando.

— Não vou contar a ninguém sobre Isabel.

Recosto-me na cadeira e olho pela janela. O céu ainda é um tom sinistro de cinza, escuro e ameaçador contra o contorno dos arranha-céus que compõem o distinto horizonte de Nova York. Asher está em silêncio, mas posso sentir seus olhos em mim.

— O que você sabe sobre Hannah Garner? — Eu pergunto.

Silêncio.

Quando olho para ele, as sobrancelhas de Asher estão franzidas. — Hannah Garner? A ex-companheira de foda de Crew?

Se Hannah não tivesse dito nada sobre Crew, esta seria uma ótima maneira de descobrir. — Sim.

Asher está obviamente esperando por mais uma resposta minha. Quando não vem, ele encolhe os ombros. — Não muito. Ela é gostosa. Loira. Seu pai é dono da Garner Sports Agency. Eles são grandes. Ela trabalhou lá por um tempo, fazendo o que eu não tenho certeza...

— Tudo o que você sabe sobre ela é que ela trabalha para o pai?

Asher dá de ombros enquanto pega uma caneta e a gira no dedo.
— Basicamente. Eu só a encontrei algumas vezes e as duas vezes foram em um bar. Não estávamos exatamente discutindo suas posições políticas e score de crédito.

Eu expiro e me levanto. Me fale sobre uma perda de tempo.

— Espere. — Asher se levanta e se apressa em torno de sua mesa.
— Por que você está perguntando sobre ela?

Eu aliso a frente do meu paletó. — Porque eu me casei com ela.
— É a primeira vez que digo as palavras em voz alta. Elas permanecem no ar com uma presença desconfortável.

— Você... casou... o quê? — Asher balança a cabeça para frente e para trás descontroladamente.

— Contratei um investigador particular que está investigando os antecedentes dela. — Foi a única ação que fiz em Las Vegas, mesmo que fazer a ligação me fizesse sentir como meu pai. — Eu pensei que você poderia ser útil nesse ínterim, mas obviamente, eu estava errado.

— Você se *casou* com Hannah Garner? — Asher ainda parece comicamente atordoado.

— Isso é o que eu acabei de dizer, sim.

— Eu... você... como... Crew sabe?

— Não.

— Cristo, Oliver. — Asher passa a mão pelo cabelo, o movimento espasmódico e desigual. — Quando você vai contar a ele? Eu gostaria de estar fora da cidade.

— Espero que nunca.

— Nunca?

— Mais uma vez, foi o que acabei de dizer.

— Você não pode esperar que eu mantenha isso em *segredo*!

— Por que não?

— Porque você está me pedindo para mentir para ele!

— Se você tem problemas para mentir para Crew, você deve ter contado a ele que está dormindo com Isabel?

A cor restante desaparece do rosto de Asher.

— Olha, eu não me importo com o que você faz com seu pau, Asher. Mas nós dois sabemos que Crew vai. Você o está colocando em uma posição infernal.

Asher geme. — Eu sei. Era para ser apenas uma vez. E então...

— Não quero detalhes. Apenas mantenha sua boca fechada e eu também.

Asher acena com a cabeça uma vez.

Eu aceno de volta, então me viro para sair.

— Ei, Oliver. Estou assumindo que isso foi uma coisa bêbada em Las Vegas?

— Sim.

— Então, nada de acordo pré-nupcial.

Eu não respondo, o que é uma.

Asher assobia, longo e baixo. — As coisas não terminaram bem entre ela e Crew.

— Eu sei.

— Consiga um bom advogado.

Concordo com a cabeça novamente, em seguida, saio de seu escritório.

CAPÍTULO NOVE

Hannah

Eu percorro as notificações na tela, colocando meu telefone no bolso novamente quando vejo que não há nada de Oliver. Liguei para ele mais cedo, como prometido, e caiu na caixa postal. E o pavor que carreguei durante todo o fim de semana só aumentou a cada minuto que passa sem uma resposta, enquanto me pergunto por que ele não atendeu e me preocupo com o que dirá quando conversarmos.

Meu nome é chamado, então vou até o balcão para pegar meu sanduíche. Pego o saco de papel, me viro para a porta e congelo.

Não vejo Crew Kensington há quase dois anos. E agora ele está no meu local favorito para almoçar três dias depois que eu acidentalmente me casei com o irmão dele. Considerando que nos separamos em termos incrivelmente ruins, estranho nem começa a cobri-lo.

Antes que eu possa decidir como reagir, Crew olha para mim e me vê. Nós olhamos um para o outro por alguns segundos atordoados, antes de Crew dizer algo para o homem com quem ele está e vir em minha direção.

Minhas palmas começam a suar quando ele se aproxima. Ele parece o mesmo, tão seguro e atraente como da primeira vez que o vi. Mas é diferente. Não tem atração, não tem emoção. Apenas pavor.

— Oi, Hannah.

— Oi, Crew. — Estou grata por minha voz soar normal, pelo menos.

Ele está me estudando com cautela. Provavelmente estou olhando para ele da mesma maneira. Duvido que Oliver tenha contado a ele o que aconteceu entre nós em Las Vegas, mas não tenho certeza.

— Não esperava ver você aqui. — Crew ri desconfortavelmente, mas ainda há uma facilidade no som. Ele tem uma confiança inata nele, o que é parte do que me atraiu. É relaxante estar por perto, como passear. E não posso deixar de compará-lo com as pontas afiadas de Oliver. Tudo o que ele disse no bar parece diferente agora, no contexto de saber seu sobrenome.

— Eu moro aqui.

— Sim, eu sei. — Ele limpa a garganta. — Como você esteve?

— Be...ótima, — eu respondo. — Estou ótima.

— Isso é bom.

— Você?

Ele sorri. — Eu estou bem também. Privado de sono, mas bem.

Estou começando a perder a circulação na mão, com a força com que aperto a alça da bolsa. — Eu, uh, parabéns pelo bebê.

Crew acena com a cabeça. — Obrigado.

Eu inalo. — Sinto muito, Crew. Pelo que eu disse a você... e pelo que eu disse a Scarlett. Foi muito, muito além dos limites.

Ele acena com a cabeça novamente, desta vez mais devagar. — Não vou mentir; isso me irritou na época. Mas, sinto muito também. Eu sei que disse que minha vida não mudaria depois que me casasse. Se faz alguma diferença, pensei que eu e Scarlett estaríamos apenas no papel. As coisas mudaram.

— Você não tem que explicar nada para mim. Você nunca me deveu nenhuma explicação.

Crew me estuda, mas não há nada sexual em sua avaliação. Parece mais que ele está me checando, certificando-se de que estou bem. — Jeff e eu paramos aqui porque estava no caminho. Fico feliz em saber que é endossado por uma local. — Ele aponta para a sacola que estou segurando.

— Sim, a comida aqui é ótima.

Não sei mais o que dizer a Crew agora que me desculpei. Nunca houve muita substância entre nós. Eu nem sei que tipo de sanduíche ele pediria em um lugar como este.

— Você está aqui para trabalhar?

A questão não tem nada a ver com Crew. Estou procurando informações sobre a Kensington Consolidated por causa de Oliver, curiosa sobre a empresa à qual ele é tão dedicado.

— Uh, sim. — De repente, ele parece um pouco desconfortável. — Falando nisso, é melhor eu voltar para Jeff. Estamos com um cronograma apertado. — Crew faz uma pausa. — Se cuide, Hannah.

— Você também.

Nós compartilhamos um sorriso, e então Crew caminha de volta para o homem com quem ele entrou.

Eu saio pela porta, revirando a interação em minha mente

enquanto caminho pela calçada em direção à loja de bebês na rua. Foi onde comprei o macacão de patinho para o bebê de Eddie e April, e onde espero encontrar um presente mais original para eles.

Ver Crew foi estranho, e não apenas por causa de Oliver. Foi um alívio me desculpar, embora Scarlett seja realmente a quem devo uma. Eu mudei desde a última vez que o vi, e ele também. Qualquer familiaridade que existisse entre nós foi apagada há muito tempo.

É um alívio perceber isso plenamente, mas impossível esquecer tudo o que aconteceu. Sou casada com o irmão dele, o que confunde o passado com o presente.

Eu verifico meu telefone novamente. Ainda nada de Oliver.

As duas vendedoras da loja de bebês estão ocupadas ajudando outros clientes quando entro, então começo a dar uma olhada na frente. Há uma grande variedade de carrinhos de bebê. Não foi um presente de chá de bebe, e percebo o porquê quando verifico a etiqueta de preço de um.

Eu passo para a seção de brinquedos. Tem um patinho de pelúcia que combinaria com a roupinha que já dei para eles. E então praticamente todos os outros animais também estão empilhados nas prateleiras. É uma seleção esmagadora.

Estou acariciando um porco de pelúcia quando meu telefone toca. Eu me inclino contra a exibição de chupetas e tiro do meu bolso.

Meu estômago dá um nó quando *Oliver Kensington* aparece na tela.

— Oi, — eu respondo. — Posso te ligar de volta em uns quinze minutos? Estou comprando coisas de bebê.

— Coisas de bebê?

Meu corpo reage ao som de sua voz profunda de uma forma que me ressenete. Eu sei que estou atraída por Oliver. Mas não era para ser esse interesse duradouro e avassalador que enche meu estômago de frio na barriga.

— Sim. Minha cunhada está grávida e meu presente de chá de bebê não foi bom. Estou tentando encontrar algo melhor para quando o bebê realmente nascer.

Há uma longa pausa. Então, — Eles têm alguma cadeirinha de descanso?

— O quê?

— Um elefante ou uma girafa. Talvez um hipopótamo?

Eu giro em um círculo, examinando a loja. — Hum, eles têm um cordeiro? Ou um unicórnio.

— Eles sabem o que estão tendo?

Demoro muito para responder, totalmente abalada pelo rumo da nossa conversa. — Não.

— Eu pegaria o cordeiro, então. Nem todos os meninos adoram unicórnios.

— Mas todos os bebês gostam de cadeirinhas de descanso?

Outra pausa. — Lili gosta. Ela ainda tenta sentar nela, mesmo que esteja ficando muito grande.

— Oh. — Essa é minha resposta brilhante ao saber que Oliver comprou uma cadeira de descanso para sua sobrinha. Com base em tudo o que foi dito e eu presumi, pensei que ele não tinha nenhum relacionamento com a filha de Scarlett e Crew.

— Ligue quando puder, — diz ele, e desliga.

Eu fico parada e escuto o silêncio até que a vendedora se aproxima de mim. — Posso ajudá-la com alguma coisa, senhorita?

— Sim. Vou levar a cadeirinha de descanso de cordeiro.

Ela pisca para mim, parecendo surpresa com a minha certeza. — Tudo bem. Vou embalar para você.

— Ótimo. Obrigada.

Eu pago pela cadeirinha, carrego a caixa enorme na parte de trás do meu SUV e ligo de volta para Oliver.

Ele atende no segundo toque desta vez. — Oi, Hannah.

— Oi.

Ouvi-lo dizer meu nome me dá um nó no estômago. É tão inesperado. Desconhecido. Sabemos muito um sobre o outro... e nada.

Oliver pigarreja. — Como você tem estado?

Eu sorrio. — Podemos pular a conversa fiada, você sabe. Liguei para você porque disse que faria isso. Não tive tempo de procurar um advogado.

— Só para ir comprar presentes para o bebê?

Fico em silêncio, sem saber se ele está julgando ou brincando.

— Também não consegui um advogado ainda, — diz ele, depois de um silêncio tenso.

— Sério? — Estou surpresa, e isso enche minha voz. Eu tinha certeza de que ele falaria ao telefone com um advogado importante antes de meu avião deixar Las Vegas.

— Sério, — ele confirma, mas há uma nota de hesitação em sua voz. Como se ele não tivesse certeza se isso é uma admissão que ele deveria ter feito.

— Estou planejando fazer algumas ligações esta tarde.

— Boa sorte. Ouvi dizer que advogados de divórcio são difíceis de encontrar em Los Angeles.

Uma piada, eu percebo. Ele só fez uma piada.

Tarde demais, eu rio.

— Uhm, sim. Enviarei o nome do meu advogado nos próximos dias, — eu digo. — Depois de decidir quem está representando você, provavelmente será melhor deixá-los lidar com toda a comunicação daqui para frente.

Oliver não responde de imediato. Não sei como, mas posso *sentir* a surpresa em seu silêncio. Ele pensou que eu pediria dinheiro? Esperar chamadas diárias?

— Você está certa, — ele finalmente responde. — Isso provavelmente será melhor.

— Ótimo. Adeus, Oliver.

— Adeus, Hannah.

Há outro momento estranho quando nenhum de nós desliga imediatamente. Mas não há mais nada a dizer, então eu desligo, deixando meu telefone cair no porta-copos.

Eu sei que provavelmente terei que falar com Oliver novamente. Mas as chances de ser cara a cara são baixas. Você pode assinar e enviar qualquer coisa hoje em dia.

Vou me divorciar antes dos trinta anos, e isso parece anticlimático. Não me lembro do meu casamento e vou me divorciar o mais rápido possível, provavelmente sem nunca mais ver o homem com quem me casei.

Tudo isso é apenas... estranho.

Eu mudo para a direção e saio do estacionamento. Além de um dia normal de trabalho, eu tenho o jantar com meu pai e Logan Cassidy esta noite.

E agora, também tenho que encontrar um advogado nos próximos dias.



— Sinto muito, senhora. A mesa ainda não está pronta. Se você quiser sentar no bar, um dos garçons avisará quando estiver pronta.

A maître me olha com cautela, como uma bomba-relógio. A última vez que estive aqui, vi um homem fazer uma cena com o tamanho de seus cubos de gelo, então entendo a apreensão dela. Perch não seria minha primeira escolha de restaurante, mas não me surpreende que seja o escolhido por meu pai. Tem uma atmosfera formal e elegante que funciona bem para uma reunião de negócios à noite.

— Tudo bem, — eu digo. Os ombros da maître relaxam visivelmente antes de eu ir em direção ao bar.

Vários bancos estão vazios. Não só é cedo para jantar, mas muitas pessoas não vêm aqui para comer no bar.

Eu deslizo para um dos bancos, o metal frio desconfortável contra minhas pernas nuas. Eu as cruzo, suprimindo um arrepio, enquanto coloco minha bolsa no balcão de quartzo. Um dedo traça uma veia mais escura na rocha, maravilhando-se com o acabamento elegante. Talvez eu devesse renovar minha cozinha novamente.

— Posso pegar alguma coisa para você, senhorita?

Eu olho para o barman. Ele está sorrindo, e é um sorriso interessado que deve provocar alguma reação em mim. Mas me sinto vazia em vez de interessada.

— Apenas uma água com gás, por favor. Com limão.

Ele acena com a cabeça, seu sorriso amigável tornando-se forçado. Observo enquanto ele enche um copo com gelo e depois abre uma garrafa verde. O conteúdo sibila quando ele derrama o líquido borbulhante sobre o gelo, depois abre um recipiente e adiciona uma rodela de limão. É servido com um guardanapo estampado com o logotipo do restaurante.

— Obrigada.

— De nada. — Depois ele se foi, descendo a fila de poucos clientes.

Olho para as bolhas subindo para a superfície da minha água. A última vez que estive em um bar foi na noite em que conheci Oliver, e é uma memória desconfortável de revisitar.

Não me senti vazia quando ele olhou para mim. Eu me senti como minha bebida, efervescente, espumante e borbulhante.

Com uma zombaria, balanço a cabeça e tomo um gole. Puxo meu telefone da minha bolsa e olho para a tela. Chego cedo, mas meu pai geralmente também. Ele deve ter pegado algum tráfico infame de L.A. Nunca se curva à agenda de ninguém.

Não tenho novas mensagens de texto ou chamadas perdidas. Apenas cinco e-mails, todos acompanhamentos de advogados que contatei anteriormente.

— Você sabe, eu jurei não dar em cima das loiras, mas para você eu abriria uma exceção.

O homem de cabelos escuros sorri quando olho para ele, deslizando um passo mais perto. Ele é atraente – alto, forte e musculoso. Obviamente tem prática em pegar mulheres. Mas estou mais fascinada pela energia agitada que emana dele. Seus dedos batem na superfície da pedra inquietos, mesmo quando seus olhos se concentram no meu rosto.

— Que romântico, — eu digo, pegando minha água e tomando outro gole. — Infelizmente, gosto que meus homens tenham princípios. Se você jurar algo, você deve cumprir.

— Tenho *muitos* princípios, — ele responde, depois sorri.

Dou um meio sorriso em resposta ao seu sorriso de menino. Ele é encantador, admito isso. E não é facilmente dissuadido, ao contrário do barman. Imediatamente interessado, ao contrário de Oliver.

Mas comparar outros caras com Oliver não é algo que eu deveria fazer. E nem flertar. Estou aqui para trabalhar. Como um possível passo importante em uma carreira que ainda não decidi totalmente o que quero.

Meu telefone vibra com uma mensagem recebida. Eu o pego imediatamente, esperando que seja meu pai.

Não é.

Oliver Kensington: *Envie-me uma mensagem de texto com o nome do seu advogado depois de escolher um.*

Eu faço uma careta, amargura girando em meu estômago. Eu já disse a ele que o avisaria assim que decidisse. Ele não precisa me lembrar como se eu fosse uma criança. Não vou *esquecer* que preciso do divórcio.

E o que me incomoda ainda mais é o tom desapegado. Ele nem se incomodou com um *Oi*. Eu encaro a mensagem, debatendo como

responder.

— Tudo certo?

Desliguei meu telefone. — Ótimo.

— Ex?

— Marido, — murmuro, olhando para o copo de água.

— Você é casada?

Eu olho para cima, quase querendo sorrir para a expressão desanimada do cara. É lisonjeiro. E também a saída perfeita.

— Sim.

— Droga.

Eu sorrio desta vez. — Pelo lado bom, você não quebrou sua regra.

— Senhorita? Sua mesa está pronta.

Olho para a garçonete uniformizada e aceno com a cabeça, pegando minha clutch e água. — Tenha uma boa noite, — digo a ele antes de seguir a garçonete em direção ao fundo do restaurante.

A mesa está vazia e sinto uma pontada de preocupação. Meu pai não costuma se atrasar. Ele mora em LA há quatro décadas; ele sabe o que é um tempo de condução realista. E para esta reunião em particular, eu esperava que ele planejasse com antecedência.

Passo manteiga em um pedaço de pão enquanto examino o cardápio, esperando que isso acalme meu estômago roncando. Só belisquei meu sanduíche na hora do almoço, ainda processando minhas conversas com os dois homens Kensington.

Cinco minutos depois, ainda estou sentada sozinha. Alguns dos outros clientes estão me lançando olhares de pena. Pelo menos esta não é uma mesa para dois. Parece que levei um bolo de um grupo, não de um encontro. O que é um pouco melhor. Eu acho.

Finalmente, vejo meu pai. Apressadamente, engulo a última mordida do pão. Tomo um gole de água e enxugo minha boca, com cuidado para não borrar o batom.

— Desculpe, Hannah, — diz ele, ajeitando a gravata. — Houve um acidente na 405. E eu estava ao telefone com Tracy, falando sobre uma questão contratual, então não pude ligar.

— Está tudo bem, pai.

— David, esta é minha filha, Hannah. Hannah, este é David McKenna, que treina os Bobcats.

Aperto a mão que David oferece. Ele é cerca de uma década mais novo que meu pai, o cabelo grisalho aparecendo em suas têmporas e rugas em seus olhos, provavelmente por apertar os olhos em um campo. — Prazer em conhecê-lo, David.

— Digo o mesmo. — Ele é sério e respeitoso. Eu gosto dele imediatamente.

— E este é Logan Cassidy.

Eu me viro para o outro homem com meu pai, surpresa e medo lutando por espaço.

Logan parece igualmente chocado. Ele não sabia quem eu era no bar. Ele provavelmente está preocupado que dar em cima de mim possa afetar suas chances de representação.

E eu... contei a exatamente uma pessoa sobre meu casamento desde que acordei em Las Vegas. Um comentário estúpido e improvisado para um homem que pensei que nunca mais veria.

Logan olha para longe de mim, para meu pai. — Eu só quero esclarecer as coisas, senhor.

Meu estômago afunda enquanto o sangue jorra em meus ouvidos. Parece que tudo está acelerado e desacelerando ao mesmo tempo. Como se estivesse vendo um vaso cair do outro lado da sala, sabendo que nunca conseguirei alcançá-lo a tempo e que ele vai quebrar.

Eu sei exatamente o que está prestes a acontecer e não tenho ideia de como impedir.

— Eu não tinha ideia de quem era Hannah quando a abordei no bar e só quero deixar claro que nunca flertaria com uma mulher casada. Eu sei que sua empresa é conhecida por valorizar o caráter, e eu apenas...

— Acho que houve um mal-entendido, filho, — diz meu pai. Ele ri, e meus olhos se fecham lentamente, desejando poder fechar o resto do mundo para sempre. — Hannah não é casada.

Quando pisco, a expressão confusa de Logan entra em foco. Ele está olhando para mim com expectativa, esperando que eu corrija meu pai. Então meu pai está olhando para mim também, esperando que eu corrija Logan. A única pessoa tranquila em nosso grupo é David McKenna.

— Posso falar com você lá fora por um momento, pai? — Eu pergunto, me levantando e caminhando em direção à porta antes que ele tenha a chance de responder.

Quer ele me siga ou não, preciso desesperadamente de um pouco

de ar fresco.

Ele *me* segue, aparecendo na calçada apenas alguns segundos depois de eu ter inalado minha primeira tragada de oxigênio limpo. Assim que consigo ver sua expressão, começo a desejar que ele tenha ficado lá dentro.

— O que está acontecendo, Hannah? Cassidy disse ou fez algo inapropriado? Eu me certificarei...

— Não. Isso não tem nada a ver com Logan. — Eu cruzo meus braços, esfregando minha pele nua. O sol está se pondo, levando consigo o calor. — Eu, hum...

É difícil forçar as palavras. Já fiz muitas coisas estúpidas, mas nunca admiti a maioria delas para meus pais. E casar com Oliver é *a* coisa mais estúpida que já fiz.

Preocupação marca a testa de meu pai. — Hannah...

— Eu *sou* casada. Eu me casei. Em Las Vegas, no fim de semana passado.

A expressão do meu pai literalmente congela, nada além de choque visível. — Eu... eu nem sabia que você estava namorando alguém.

— Eu não estava namorando com ele.

Seu rosto consegue parecer mais atordoado. E pior, há um flash de decepção.

— Por muito tempo, — acrescento apressadamente. — Eu não estava namorando com ele por muito tempo. Ele estava lá para uma despedida de solteiro. Bebemos demais e foi um erro estúpido. Estamos nos divorciando. Eu não queria que você e mamãe soubessem.

Meu pai exala, longa e agitada. — Eu... uau. Não sei bem o que dizer, Hannah.

— Logan estava flertando comigo, e foi por isso que contei a ele sobre o casamento. Mas ele foi completamente respeitoso. Devemos voltar para dentro.

Meu pai está piscando rapidamente, ainda parecendo chocado. Eddie namorou April por oito anos antes de pedi-la em casamento. Eles ficaram noivos por dois anos antes de se casarem.

Em contraste, meu casamento e divórcio são um turbilhão.

Eu só posso imaginar o quão rápido ele estaria piscando se soubesse que eu só conheci Oliver por algumas horas antes de me casar com ele. Um vago *não namorávamos há muito tempo* não é uma

grande melhoria, mas é alguma coisa.

— Você precisa de um advogado?

— Entrei em contato com alguns hoje. Tenho ligações marcadas para amanhã de manhã.

Ele concorda. — Mande-me os nomes. Talvez eu tenha alguma ajuda.

— Ok.

Por mais que eu odeie que meu pai saiba - especialmente *como* ele descobriu - é um alívio que ele saiba. Pela primeira vez desde que vi aquele pedaço de papel ao lado da cama, parece que posso ver além desse erro. Como se fosse administrável.

— Você está bem, Hannah?

— Sim. — Eu aceno, duas vezes. — Estou bem.

— Eu posso lidar com a reunião, se você quiser.

— Eu quero ficar.

Um sorriso orgulhoso se espalha pelo rosto de meu pai, e a onda de alívio é forte. Eu estava preocupada que ele quisesse que eu fosse embora depois de fazer uma bagunça com Logan. E eu estava com medo de que ele pensasse menos de mim por usar um argumento tão horrível.

— Então vamos, — diz ele.

E voltamos para dentro.

CAPÍTULO DEZ

Oliver

Eu odeio esta casa.

Se eu tinha alguma lembrança positiva da mansão onde cresci, ela já se foi.

Um dedo bate na lateral do vidro ao meu lado. Não tomei um gole do conhaque que me deram quando cheguei. O sabor de noz e frutado nunca foi meu favorito. E também quero manter a cabeça fria.

Não sei quanto tempo vai demorar até que eu seja declarado legalmente solteiro. Tenho sido propositalmente vago com todos os advogados com quem conversei, não querendo fornecer nenhum detalhe específico ou contundente até que eu tenha decidido sobre um. Hannah não me enviou o nome de quem a representa. Ela também não respondeu a minha mensagem.

Aquela a qual escrevi e excluí dezenas de outras seguintes. O que é estúpido por si só. Eu nunca me questioneei tanto. Mas acho que o silêncio completo significa que a ofendi, o que não era o que eu pretendia fazer.

Estou tateando no escuro sobre como navegar nesta situação. E a única pessoa que sabe dessa bagunça é Asher, e não tenho certeza se ele vai ajudar a escrever mensagens.

— Nossa, que festa.

Eu olho para cima ao som da voz de Scarlett, surpresa ao vê-la e Crew entrando na sala de estar onde estou sentado, sozinho.

Os Branson ainda não chegaram. O mordomo me fez entrar quando cheguei, entregou-me um copo de conhaque e informou que meu pai estava ao telefone.

Eles formam um par impressionante, Crew em um smoking e Scarlett em um vestido preto até o chão que tem fios prateados em dobras ocultas, brilhando a cada passo que ela dá. Tenho certeza de que ela mesma desenhou.

Eu me levanto, oferecendo a mão para Crew e então beijando a bochecha de Scarlett. Ela sorri para mim. É assim que normalmente nos cumprimentamos em público, não em particular. Eu não tinha certeza se seria bem-vindo, e a resposta de Scarlett é reconfortante.

Crew está olhando ao redor da sala de estar. Uma enorme lareira de pedra ocupa a maior parte de uma parede, um retrato de nosso bisavô, Charles Kensington, que fundou a Kensington Consolidated, está pendurado acima da lareira. Embora seja quase primavera, um tronco aceso crepita na lareira. Todos os móveis aqui estão inalterados desde quando éramos jovens. O sofá de braço enrolado de veludo em que eu estava sentado é o mesmo que as babás me repreenderam por pular quando criança.

— Eu não sabia que vocês viriam esta noite, — eu afirmo, sentando-me novamente.

Uma decisão intencional da parte do meu pai. Ele poderia ter me dito que tinha ou planejava convidar Crew e Scarlett para jantar esta noite.

E um lembrete. Crew e eu não nos falamos. Não regularmente. Não o vi nem falei com ele desde que voltei de Las Vegas.

— Papai disse que era uma noite importante, — diz Crew, sentando-se no sofá combinando à minha frente. Scarlett afunda ao lado dele.

Sei exatamente por que meu pai os convidou. Ele quer se exibir para Leonardo Branson. Deixar claro com o que ele está se casando e por que ele seria um tolo se não encorajasse esse arranjo.

— Posso pegar um copo de conhaque para você, Sr. Kensington?
— O mesmo mordomo que me serviu reaparece.

— Claro, — responde Crew.

— Posso pegar alguma coisa para você beber, Sra. Kensington?

Scarlett balança a cabeça. — Estou bem. Obrigada.

Vozes chegam do corredor, baixas e educadas.

Meu pai aparece na porta primeiro, acenando com aprovação quando vê Scarlett e Crew sentados. Nenhum olhar em minha direção.

O Sr. e a Sra. Branson o seguem. Nada sobre nenhum deles é especialmente notável, mas devo ter conhecido os dois antes. De salto alto, a Sra. Branson é alguns centímetros mais alta que o marido. É um homem simpático e sério, vestido com um terno azul-marinho que combina com o tom azul do vestido da esposa. Surpreendentemente, a segunda esposa de Leonardo parece ter a idade dele. É muito mais comum os homens se casarem novamente com versões mais jovens, como meu pai fez com Candace.

Quinn entra atrás deles. Mesmo antes de ela falar, comentando sobre o tamanho da casa com um forte sotaque britânico, lembro-me

que essa foi de sua criação. Sua postura é reta e adequada, sua expressão educada e alerta. O vestido rosa pálido que ela está usando se destaca contra as cores mais escuras da sala.

Quando ela se vira para mim, há uma centelha de calor, de interesse, em seu rosto. — Olá, Oliver.

— Olá, Quinn. — Eu pego sua mão estendida, dedos longos e delicados.

Seu pequeno sorriso cresce quando nossos olhos se conectam. Os dela são de um tom mais escuro de castanho do que o cabelo, que é quase cobre.

Gosto que ela tenha me cumprimentado primeiro, sem esperar que nossos pais fizessem as apresentações. Sugere uma confiança que eu não teria imaginado, com base em sua roupa pastel e comportamento recatado.

Não sei se consigo imaginar uma vida com essa mulher. Não consigo imaginá-la andando pelo corredor em minha direção ou crianças com o mesmo tom incomum de cabelo.

Mas estou intrigado com ela, e isso é honestamente esperado. Posso querer o que meu pai está oferecendo, mas não quero me casar, de novo, com uma estranha. Achei que esse desgosto afetaria o encontro com Quinn. Tornar impossível gostar dela. Mas não há ressentimento quando nossas mãos se apertam.

— Oliver, você se lembra do Leonardo? E a esposa dele, Zara?

Solto a mão de Quinn e pego a de seu pai, balançando a cabeça respeitosamente. — Claro. Que bom vê-lo, Leonardo.

— Você também, Oliver.

— Fiquei desapontado por você não ter podido se juntar a nós no jantar no sábado. Estou feliz por termos conseguido arranjar esse.

Eu concordo. — Eu também.

— Você se divertiu em Las Vegas?

Meu sorriso não vacila. — Me diverti.

Não me surpreende que meu pai tenha mencionado onde estive no fim de semana passado. Ele gostaria de se gabar da minha amizade com Garrett.

— Deve ter sido uma viagem e tanto.

Eu continuo sorrindo e aceno com a cabeça antes de apertar a mão de Zara. Um mordomo entra na sala para servir as bebidas a todos, seguido por uma dupla de criadas com bandejas de aperitivos,

queijo fino servido com pão torrado, ostras frescas descascadas e caviar com biscoitos.

Leonardo se senta ao meu lado, iniciando imediatamente uma conversa sobre negócios. O acordo Thompson & Thompson foi anunciado hoje, então eu respondo principalmente perguntas sobre isso, me esforçando para ouvir o que Quinn está dizendo a Crew durante as pausas.

Parece que ela está contando a Crew sobre um time de futebol inglês para o qual sua empresa trabalhava.

Crew sempre se interessou mais por esportes do que eu. Ele até é dono de um time italiano, sobre o qual eu o ouvi contar a Quinn.

Eu me pergunto se ele e Hannah conversavam sobre esportes.

O pensamento é repentino e indesejável. O telefone no meu bolso parece mais pesado, como se a mensagem sem resposta aumentasse seu peso.

Eu me desculpo cerca de vinte minutos depois para usar o banheiro, mas acabo no pátio dos fundos. O frio no ar parece inverno, o piscar das luzes do lado de fora quase fantasmagórico na grama e nas calçadas de pedra. A piscina é coberta, mas também não é muito usada nos meses de verão. Além da equipe, meu pai mora aqui sozinho.

Sento-me no banco de metal que dá para uma fileira de arbustos que florescerão em hortênsias azuis, inclinando a cabeça para trás e olhando para o céu escuro. Finalmente tomo um gole do meu conhaque, o álcool quente um pouco mais saboroso no ar da noite.

— Passei parte da minha festa de noivado me escondendo também.

Scarlett levanta a bainha do vestido enquanto caminha pelas pedras em minha direção, sua abordagem quase silenciosa, mesmo de salto alto.

Ela se senta no banco ao meu lado, tirando os sapatos.

Meu olhar volta para os arbustos. — Esta não é minha festa de noivado.

Eu me perguntei o quanto sobre esta noite meu pai compartilhou com Crew. Parece que ele não escondeu detalhes, o que me surpreende. Ele odeia avisar cedo. Fazer um movimento antes que todas as peças estejam no lugar. Eu sou do mesmo jeito.

Scarlett cantarola. — Achei que você faria qualquer coisa para ter o cargo de CEO. Quinn é bonita, e ela parece legal. Você poderia fazer

pior. Você já fez pior, na verdade.

Eu olho para ela, ignorando a piada sobre Candace. — Não me importo em ser CEO, — minto.

Scarlett sorri. — Eu disse ao meu pai que não me casaria com você, sabe.

Balanço minha cabeça. Eu não sabia disso. Meu pai foi quem me contou; presumi que foi ele quem tomou a decisão de trocar os noivos.

— Eu o fiz alterar o acordo com Arthur, então era entre mim e Crew. Teríamos sido infelizes juntos. Somos muito parecidos, Oliver. CEO é seu direito de primogenitura, como o mais velho. *Claro* que você quer. Você nasceu, cresceu e foi treinado para querer isso.

— Não cabe a mim ou à Crew quem se torna CEO. A decisão é do meu pai.

— Eu sei. E Arthur está dando a você a chance de tê-lo. Talvez seja a maneira dele admitir que cometeu um erro, tirando isso de você em primeiro lugar. Se ele pedir algo em troca, pode preservar seu orgulho.

— Não deveria ser uma troca.

Scarlett ri. — Claro que sim. É assim que o mundo, nosso mundo, funciona. Você ia se casar comigo para ser CEO, certo? Como isso é diferente? É tudo sobre como você olha para isso.

— É mais complicado do que isso.

— Não precisa ser. Eu fui a pessoa convencida de que um casamento arranjado seria apenas uma relação comercial. Eu gostaria de ter me aberto para Crew mais cedo. Fui menos cínica desde o início. Se ele não fosse tão... teimoso... — Ela sorri. — minha vida seria muito diferente. Seria pior. Você não precisa forçar nada. Apenas esteja aberto a isso e comece esta noite. Se você ficar pensando aqui a noite toda, Quinn vai sentir que tem que ignorá-lo na próxima vez que se encontrarem. A próxima coisa que você sabe é que estarão inventando casos e espionando um ao outro por meio de imagens de segurança.

Eu franzo a testa para os exemplos aleatórios, então expiro. — Não posso me casar com ela, Scarlett.

Ela acena com a cabeça e se inclina para calçar os calcanhares. — Ok. Eu tentei.

Eu engulo o resto do meu conhaque em um grande gole. — Você não entende. Eu literalmente *não posso*.

Scarlett franze a testa enquanto olha para mim. — O quê? Por

quê?

— Fui a Las Vegas no fim de semana passado para a despedida de solteiro de Garrett Anderson.

Ela acena com a cabeça. — Sim, eu sei.

— Bem, enquanto eu estava lá, eu me casei.

A expressão de Scarlett nem se contrai. De repente, estou imensamente grato por ela ser a pessoa com quem Crew se casou. Ela é a pessoa que você deseja quando há uma crise. Eu nunca vi sua compostura abalada.

Ela se inclina para trás e tira os saltos. — Deus, eu gostaria de poder beber.

Uma risada surpresa me deixa.

— Crew sabe?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Mas ele conhece *ela*. Minha, hum, esposa.

A cabeça de Scarlett se inclina, as sobrancelhas se erguendo. — A conhece como?

— O nome dela é Hannah Garner.

Seus lábios se apertam em uma linha fina e reta. — *Droga*, Oliver.

— Ela mencionou que vocês duas eram... conhecidas.

— Nós a encontramos algumas vezes, logo depois que nos casamos. Eles eram... desagradáveis. Não sei exatamente o que aconteceu entre eles e nunca perguntei a Crew. Na festa da empresa naquele ano, Hannah me disse que Crew estava traindo. Descreveu seus encontros bastante graficamente.

Estou surpreso que Hannah estava em uma festa da Kensington Consolidated, que ela compareceu a eventos sociais em suas viagens para cá. Centenas de pessoas são convidadas, mas ainda é uma lista exclusiva.

— Ela estava mentindo, — digo a ela. — Ele nunca te traiu.

Scarlett dá um meio sorriso. — Eu sei.

— Eu acredito que ela se arrepende, se isso faz alguma diferença. Mas se eu soubesse que ela disse isso para você, eu nunca teria tocado nela. Muito menos me casado com ela.

Os lábios de Scarlett torcem ironicamente. — Você não é o primeiro cara a se distrair com um rostinho bonito, Oliver.

Eu zombo, olhando para o meu copo vazio. — Eu não me casei

com ela só porque ela deixou meu pau duro, Scarlett. Eu estava bêbado e não me lembro de quase nada. Mas havia algo... não sei. Ela era diferente de qualquer outra mulher que eu conheci.

— Por *diferente*, você quer dizer mais vadia?

Eu olho para ela.

Scarlett revira os olhos. — Desculpe. Eu sou uma guardiã de rancor. E eu estou hormonal. — Ela toca sua barriga lisa.

— Parabéns, a propósito. Crew mencionou isso quando ele...

— Apareceu bêbado no seu apartamento?

Eu rio. — Sim. Estou feliz por vocês.

— Obrigada. O melhor presente de bebê que você poderia me dar é levar o cargo CEO. Estou farta de Crew chegar em casa um minuto antes das oito só para se enfiar em seu escritório a noite toda.

Eu suspiro. — Olha, além do fato de irritar meu pai por não concordar com isso ter sido divertido, eu consideraria me casar com Quinn. O problema é...

— Hannah.

— Sim.

— Quais são suas opções?

— O que você quer dizer?

— Do ponto de vista jurídico. Você não estudou direito?

Eu ri. — O quê? Não.

— Oh. — Nós dois ficamos em silêncio, percebendo o quão pouco nos conhecemos. Minha culpa. Dela. De Crew. Deste mundo. — Então, você tem um advogado de divórcio?

— Ainda não. E... não temos acordo pré-nupcial.

Scarlett balança a cabeça. — *Jesus*, Oliver. Quando você decide foder com as coisas, você não brinca.

— Ela não vai brigar comigo sobre isso. Ela quer acabar com isso tanto quanto eu.

— Você tem certeza sobre isso? Hannah poderia ter planejado tudo isso.

— Como?

— Muitas pessoas sabiam que você estaria em Las Vegas para a despedida de solteiro de Garrett. Ela poderia ter aparecido e seduzido você.

Eu balanço minha cabeça. — Não. Ela não planejou isso.

— Como você sabe?

— Eu estava... depois que nos conhecemos em um bar, fui eu quem pediu a ela para me encontrar mais tarde.

Scarlett revira os olhos. — Se ela despertasse seu interesse, é claro que você tentaria se encontrar com ela mais tarde. Isso não significa nada, Oliver.

Logicamente, sei que o que Scarlett está dizendo faz sentido. Mas tenho certeza de que ela está errada, que se casar comigo não foi nada planejado por Hannah. Não posso explicar além disso - tenho certeza.

Scarlett suspira quando não me mexo. — Quem sabe?

— Só você. E... Asher.

— Você contou a *Asher*?

Eu dou de ombros. — Eu estava tentando conhecer mais sobre Hannah. Achei que ele poderia saber de alguma coisa.

— Ele sabia?

— Não.

Scarlett se levanta. Observo enquanto ela segura a lateral do banco, pisando nos saltos. — Devemos voltar.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, ela se foi em um farfalhar de saias. Fico de pé com relutância e a sigo para dentro.

CAPÍTULO ONZE

Hannah

Meu telefone toca exatamente às três e quinze. Eu mordo meu lábio inferior, sabendo quem está ligando sem sequer olhar para a tela. Westbrook High, onde Rachel trabalha, sai às três e quinze.

Envio o e-mail que acabei de revisar e atendo.

— Oi, Raquel.

— *Você se casou?* — A pergunta sai como um guincho, percorrendo algumas oitavas. — *Você realmente se casou* – em *Las Vegas*, com um cara que eu nunca ouvi você *mencionar*, muito menos conhecer – e eu descobri porque você contou para o papai e o papai contou para a mamãe e a mamãe me contou?

Eu paro. — Sim.

— Hannah! Que *porra* é essa?

— Eu não sabia como te contar. — Isso é verdade, pelo menos. Eu nunca menti para minha irmã, não sobre algo assim.

— Como você conheceu esse cara?

— Em um bar, em Nova York. — Eu me recosto na cadeira, olhando para as gravuras em preto e branco que emoldurei na parede. Palmeiras, a silhueta de um surfista, o Píer de Santa Mônica. — Ele veio até mim e disse todas as coisas perfeitas. Nós dois viajamos muito a trabalho, então nos encontramos em lugares diferentes nos últimos meses.

Não é uma mentira total.

Mas não foi assim que conheci o cara com quem sou casada. E parece errado trocar um Kensington pelo outro. Posso ter conhecido os dois em bares, mas é aí que as semelhanças nas histórias terminam.

Crew me perseguiu. Eu dei o primeiro passo com Oliver.

— Ele estava em Las Vegas para a despedida de solteiro de um amigo. Papai me mandou lá sobre os Coyotes, você sabe. Nos encontramos para beber, uma coisa levou a outra e...

— E você se *casou* com ele. Você, que disse que o casamento era para tolos com expectativas irrealistas depois que Declan a pediu em casamento.

— Estamos nos divorciando, Rachel. Provando meu ponto.

— Sim, foi o que papai disse. Ele está desapontado, Han. Ele pensou que *finalmente* teria outro filho.

Descanso minha bochecha na palma da mão para poder massagear minha têmpora. — Não me culpe. Eu cometi um erro bêbada. Se eu tivesse feito uma tatuagem, você não me apoiaria em removê-la?

— Dependia do que era a tatuagem.

Eu suspiro. — Olha, eu realmente sinto muito por não ter te contado. Mas é porque eu esperava que não houvesse nada para contar. Só quero fingir que nunca aconteceu.

— Sim... boa sorte com isso.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, mamãe está decidida a conhecer o cara que levou você até o altar.

— O que você quer dizer com ela está decidida a conhecê-lo?

— Exatamente isso. Você se *casou com ele*, irmã. Bêbada ou não, isso significa alguma coisa.

— Realmente não.

— Mais do que Declan conseguiu.

— Se Declan tivesse me pedido enquanto eu estava bêbada, provavelmente teria me casado com ele também.

Rachel ri. — Ok, certo.

— Ok, bem, isso foi divertido. Mas, na verdade, tenho uma reunião para ir...

Outra mentira. De repente, elas estão realmente se acumulando.

— Tááááá. Tchau.

— Tchau.

Eu jogo o telefone na minha mesa, esfregando minha têmpora mais rápido.

Tenho evitado meu pai desde que despejei sobre ele a notícia do meu casamento. Terminamos a reunião com Logan Cassidy e, felizmente, a maior parte do constrangimento desapareceu quando pedimos nossas refeições.

Claro que meu pai contou para minha mãe. Eles sempre tiveram aquele tipo de relacionamento de conto de fadas que eu secretamente tenho admiração. O tipo que suporta adversidades e baixas com a

estabilidade de um navio a vapor no mar.

E considerando que minha família tende a compartilhar demais, não deveria me surpreender que Rachel descobrisse. Se ela sabe, Eddie e April também devem saber.

A única vantagem de minha visão historicamente dura sobre o casamento é que meu pai e Rachel ficaram chocados demais com a revelação de que sou casada para fazer qualquer pergunta sobre com quem sou casada. Nenhum dos membros da minha família sabe sobre minha história com Crew, e acho que ninguém além de meu pai reconhecerá o nome Kensington. Mas ainda assim, é mais do que eu jamais quis que eles soubessem.

Eu corro pelo resto do meu trabalho e vou para casa às cinco. O trânsito está pior do que o normal, mas pelo menos significa que termino o último episódio do meu podcast favorito antes de chegar à minha rua. Sempre me incomoda, parar com apenas alguns minutos restantes.

Estaciono na garagem, pego minha bolsa no banco do passageiro e caminho em direção à minha casa. Os imóveis da Califórnia são insanos, especialmente na parte sul do estado.

Tive a sorte de encontrar um rancho⁷ que precisava de grandes reformas e tive ainda mais sorte de poder morar com meus pais enquanto elas aconteciam.

Sempre adorei design de interiores e decoração. É parte do que me atraiu para a arquitetura. É como um quebra-cabeça complicado, onde você escolhe todas as peças e também decide como encaixá-las.

Meus passos pela calçada da frente ficam lentos quando vejo a figura sentada no balanço ao lado da porta.

— Oi, mãe. — Meu aperto nas chaves aumenta enquanto eu forço um tom casual, subindo os dois degraus que levam à varanda e fingindo folhear as duas revistas que foram entregues na minha caixa de correio.

Ela se levanta. — Você se *casou* e não me contou?

É a mesma viagem de culpa de Rachel novamente. Exceto que pior, porque é pessoalmente. E porque ela é minha mãe, não minha irmã.

— Sinto muito se você está chateada...

— Chateada? Querida, estou tão feliz por você!

Não é a resposta que eu estava presumindo. Ou esperando. Nunca me ocorreu que meu casamento em Vegas fosse algo que minha

família pudesse se *entusiasmar*. — Mãe...

— Quando posso conhecê-lo? — Ela pergunta.

Droga. Rachel não estava exagerando. — Mãe... o papai não disse que eu não vou *continuar* casada?

Ela acena com a mão no ar com desdém. — Sim, seu pai me contou tudo. E ainda não consigo acreditar *que* não, Hannah! Como você acha que me sinto ao saber que você disse a um cliente em potencial de seu pai que você era casada antes de informar sua própria mãe?!

Estou começando a reconsiderar se contar ao meu pai foi a decisão certa. Se Logan Cassidy não estivesse envolvido, eu nunca teria.

Eu estava preocupada que minha mentira iria explodir de volta para ele de alguma forma. Que ele também não gostaria de trabalhar com a Garner Sports Agency, pensando que eu era desequilibrada ou excessivamente dramática, dizendo aos homens que sou casada quando não sou. Ou que meu pai faria muitas suposições sobre por que eu senti a necessidade de mentir em primeiro lugar.

Dizer a verdade parecia a única opção naquele momento. Olhando para a expressão confusa e magoada da minha mãe, estou duvidando.

Eu olho para minhas chaves, passando a ponta do dedo ao longo da borda do metal áspero. — Eu não estava planejando contar a *ninguém*.

— Você realmente pensou que iríamos julgá-la, querida? Todo mundo toma decisões impulsivas às vezes. Isso não as torna erros.

Eu solto uma risada. — Bem, minha decisão impulsiva foi definitivamente um erro.

— Eu não teria tanta certeza.

— *Eu tenho* certeza, mãe.

— Hannah, você nunca pulou impulsivamente em nada na sua vida. O que você fez significa alguma coisa.

— Acho que você está subestimando seriamente o efeito de alguns martinis.

Ela balança a cabeça. — Seu pai e eu sempre apoiaremos você, querida. Se acabar com este casamento é o que você realmente quer, então é isso que você deve fazer. Mas pelo menos vamos *conhecer* ele! Ele é seu marido!

— Mãe, ele mora em Nova York. Ele está ocupado. Não posso

simplesmente pedir a ele que largue tudo e voe para cá em alguns dias.

— Nem para conhecer os *sogros*?

— Eu não... não é... nós não temos esse tipo de relacionamento. Estamos nos divorciando!

— Seu pai disse que você está namorando esse homem há alguns meses. Ele nunca pediu para conhecer sua família?

A penetração do metal em minha pele é dolorosa neste momento. Forço meus dedos a abrir os dedos antes de tirar sangue.

É por isso que você não mente. Porque a reviravolta da verdade a complica. Quando vi a expressão preocupada e atordoada de meu pai, tudo em que consegui pensar foi me livrar dela o mais rápido possível. Casar com um cara com quem eu estava saindo parecia um pouco melhor do que casar com um cara que eu conhecia há algumas horas. Mas agora, posso ver onde isso foi um grande erro.

— Estávamos namorando casualmente.

Ela enfia uma mecha de cabelo de volta em seu cabelo loiro. — Você sempre foi uma excelente julgadora de caráter. Acredito que qualquer pessoa com quem você escolheu se envolver é alguém especial.

Talvez tenha sido um erro não permitir que meus pais vissem a confusão em minha vida até agora.

Eu protegi meus pais de minha vida amorosa desastrosa, em particular porque o casamento deles é tão ambicioso. Como a maioria dos pais de meus amigos se divorciou, ouvi várias vezes como tive sorte por meus pais serem firmes e sólidos.

— Rachel, April e Eddie estão todos vindo para jantar no sábado à noite. Espero que você também possa se juntar a nós. Com um convidado especial.

Não preciso perguntar quem devo levar. — Vou perguntar a ele, mãe. Sem promessas.

A última vez que vi minha mãe tão emocionada foi quando ela descobriu que seu primeiro neto estava a caminho. — Maravilhoso. — Ela sorri. — O clima neste fim de semana deve ser lindo. Com sorte, poderemos fazer churrasco.

— Ele tem um trabalho importante, e é de última hora e um longo caminho a percorrer para apenas um fim de semana.

Invoco todas as desculpas que consigo pensar depois que minha mãe está se retirando. O carro dela está estacionado no meio-fio,

quase na cerca viva do meu vizinho.

Sua única resposta é um aceno. — Até sábado, querida!

Xingo baixinho antes de entrar em casa.

Ela tem certeza de que Oliver vai aparecer, e eu não compartilho dessa confiança.

Eu não posso nem imaginar perguntar a ele. Entrei no divórcio com a intenção de não pedir *nada* a ele. Para torná-lo rápido, indolor e cordial, como cortar uma corda.

Isso é tudo o que me une a Oliver, um pedaço de papel que ambos assinamos durante um ataque de insanidade induzido pelo álcool.

Já é ruim o suficiente que ele tenha me enviado uma mensagem lembrando-me de procurar um advogado, ao qual ainda não respondi. Agora vou ter que renegar minha sugestão *de deixar os advogados se falarem*, ligar para ele, e pedir um favor.

Uma vez lá dentro, troco minhas roupas de trabalho por um par de leggings e uma camiseta. Com o cabelo preso em um rabo de cavalo bagunçado, entro na cozinha para examinar o conteúdo da minha geladeira. Sou uma cozinheira experimental, do tipo que compra ingredientes aleatórios na loja com base no que parece bom no momento e depois os junta em algo parecido com uma refeição.

Esta noite, restos de frango e uma variedade de vegetais sobre alface. Eu rego a criação com molho e pulo a garrafa de vinho branco que está gelando em favor da vodca com toranja no freezer.

Eu nem me incomodo com um copo. Apenas levo o prato e a garrafa para o sofá e me jogo para ligar para Rosie.

Ela atende no quarto toque com um tom alegre que indica que seu dia está indo muito melhor do que o meu. — Ei! Como foi Vegas? Como foi o chá de bebê? Fez...

— Eu estraguei tudo, Rosie.

Há uma pausa. Eu me preparo, tomando um gole da garrafa congelada e resistindo ao forte desejo de cuspir. É como beber fogo congelado. — Pior do que quando você...

— Estou bebendo vodca saborizada direto da garrafa enquanto conversamos.

— Ok, então você não está grávida. Não pode ser *tão* ruim.

— Eu me casei com Oliver Kensington.

Silêncio. Um silêncio longo e incrédulo.

— Sinto muito, deve haver fios caídos entre Chicago e LA. Porque

você não poderia ter dito que se *casou com Oliver Kensington*.

Eu gemo e tomo outro gole. Seu horror chocado não está ajudando. Eu meio que esperava que ela fosse blasé sobre a coisa toda e me dissesse que estou exagerando. Mas minha melhor amiga não apenas tende a ser dramática, ela é a única pessoa que sabe sobre meu caso com Crew Kensington.

— Como, Hanna? Por quê? Eu juro, se isso é uma piada e você está brincando comigo...

— Não é uma piada. Eu o conheci em um bar...

— O que há com você e bilionários em bares?

Eu ignoro o comentário dela. — Eu não sabia quem ele era. Ele era apenas um cara gostoso, e ficamos bêbados e de alguma forma nos casamos. Não me lembro muito disso.

— Nem mesmo se ele for o irmão *maior*? — Ela provoca.

— Não fizemos sexo.

— Eu pensei que você não se lembrasse de nada.

— Eu não. Mas dei uma olhada no pau dele na manhã seguinte. Eu teria ficado dolorida.

— Excelente trabalho, detetive.

Eu zombo e tomo outro gole da garrafa, contorcendo meu rosto quando o gosto artificial de toranja queima minha garganta. — Estou menos preocupada com o tamanho do pau dele e mais com como estou *casada com ele*, Rosie.

— Crew sabe?

— Eu acho que não. Na verdade, eu o encontrei alguns dias atrás, na lanchonete em Melbourne.

— Você *encontrou*?

— Sim. Foi... não sei. Normal. Esquisito. Limpamos um pouco o ar. Ele não disse nada sobre Oliver. Eles não são tão próximos.

— Puta merda. Acabei de perceber... você se casou com um Kensington. Você é uma *multibilionária*, Han.

Rosie cresceu com dinheiro, assim como eu. Mas há os ricos e há as gerações de riqueza que os Kensingtons acumularam.

— Não por muito tempo. Estou me divorciando dele o mais rápido possível.

— Depois de pegar a metade, certo? — Ela provoca. — Você pode me comprar um iate.

— Eu só quero que isso acabe o mais rápido possível.

Ela fica sóbria, sua voz ficando séria novamente. — Eu não posso acreditar que você se casou antes de mim. Nunca teria esperado isso.

Tomo outro gole de vodca e me deito, olhando para o teto de gesso branco. — Nem eu. Minha família sabe.

— Uau. Você não contou a eles sobre você e Declan por um mês.

— Foi um acidente. Eu disse algo a um cliente do meu pai. Ou eu contava a verdade ou possivelmente arruinava a carreira desse cara.

— Tem certeza que escolheu certo?

— Haha, — eu entoo. — E agora, eles querem conhecê-lo.

— Claro que sim. A única desvantagem de fazer parte de uma família saudável e solidária.

— Não quero pedir a ele para vir. Mas eu tenho, eu acho? E não acho que ele vá concordar...

— Puta *merda*. — Rosie exclama, de repente.

— O quê?

Seu tom urgente provavelmente me faria sentar, em outras circunstâncias. Mas a vodca está começando a passar por mim em um calor preguiçoso, tornando o som do movimento realmente desagradável.

— Acabei de procurar uma foto do seu *marido*. Na verdade, nunca vi como Oliver é. Crew é sempre aquele que estava sendo fotografado.

Rosie cresceu na cidade de Nova York. Ela até foi para a escola com Scarlett Ellsworth por alguns anos antes que a futura esposa de Crew partisse para algum internato chique. As histórias que ela me contou são parte do que gerou minha antipatia instantânea pela morena deslumbrante.

Teclas batem. — Uau, ele *nunca* sorri? Quero dizer, a coisa alta, morena e taciturna funciona para ele, mas realmente, do que ele tem que reclamar? Ele é gostoso, rico e casado com minha linda melhor amiga.

— Acho que essa última parte é provavelmente o *motivo* de ele estar carrancudo, — respondo.

Rosie ri. — Oh, Jude está aqui.

— Ok. Falo com você mais tarde.

— Eu só preciso deixar ele entrar. Não precisamos desligar. Se eu o estacionar na frente da televisão com uma cerveja e algo esportivo,

ele provavelmente vai agradecer por me manter ocupada.

Eu sorrio, então olho para minha triste salada. Eu deveria ter parado para comprar comida no caminho para casa. — Não, está bem. Eu preciso ir fazer o jantar de qualquer maneira.

As mentiras continuam se acumulando.

— Ok. Nos falamos em breve. — Há uma pausa. — *Parabéns* é o sentimento errado para terminarmos aqui?

Eu solto uma risada. — Provavelmente. Mas obrigada.

Rosie ri também. — Tchau, Han.

— Tchau.

Eu ligo meu telefone no sofá, em seguida, pego o controle remoto para ligar a televisão. A hora seguinte é gasta comendo minha salada enquanto assisto pela metade a uma comédia que já vi uma dúzia de vezes antes. Ocasionalmente, bebo mais vodca.

Quando pego meu telefone novamente, já passa das dez. Há uma chance de ele ainda estar no trabalho, mas parece improvável. E a versão menos séria de Oliver é com quem eu quero falar.

Oliver atende a ligação com um grogue, — Hannah?

Tardiamente, percebo que ele está no horário da costa leste. Já passa da uma da manhã em Nova York.

— Merda. Eu sinto muito. Esqueci-me da diferença de fuso horário.

Há um suspiro. Os lençóis farfalham. *Ele está na cama*, eu percebo. — Eu pensei que você estava se desculpando por não ter me respondido. É bom saber que seu telefone funciona.

— Desculpe, esqueci de responder a mensagem.

Sua expiração soa quase como uma risada, mas não tenho certeza.

Há uma pausa em que nós dois ficamos em silêncio. Olho para o teto, imaginando-o fazendo o mesmo. Ele deve morar em algum prédio grande e chique.

Deveria parecer estranho, deitada aqui ouvindo-o respirar, mas não é. É surpreendentemente... legal.

— Você me ligou, — Oliver diz finalmente. Ele não parece bravo com isso, mais curioso.

— Minha família sabe que somos casados.

Outra longa pausa, esta nem pacífica nem confortável.

— Você disse a eles?

— Não exatamente. Meu pai acidentalmente descobriu. Ele disse a minha mãe; minha mãe contou aos meus irmãos.

— Você tem irmãos?

— Uh, sim. — Eu limpo minha garganta. — Dois. Um irmão e uma irmã.

— Huh. Imaginei que você fosse filha única.

— Isso é um insulto?

— Não. Só uma observação. — Ele faz uma pausa. — Eu tenho um irmão.

Eu rio, pega de surpresa por seu comentário seco. O senso de humor de Oliver é... inesperado, eu acho.

— Desculpe por te acordar. Eu vou, uh, boa noite.

Eu sou uma covarde. Eu deveria apenas perguntar a ele sobre este fim de semana e ouvir seu *Não*, como se estivesse arrancando um Band-Aid.

Mas isso vai arruinar essa conversa, esse momento tranquilo em que parece que sou uma garota conversando com um cara que me dá frio na barriga. Posso senti-los vibrando em meu estômago, provavelmente encharcados de vodka.

— Está tudo bem, Hanna? — Sua voz mudou. Ela abaixa, então é um pouco mais suave. Quase carinhosa.

— Está tudo bem. Tchau.

Eu desligo antes que ele possa dizer qualquer outra coisa, rolando e enterrando meu rosto nas almofadas do sofá.

CAPÍTULO DOZE

Oliver

Espero que meu escritório esteja vazio quando entro, como acontece todas as manhãs. Não havia luzes acesas em um único escritório pelo qual acabei de passar.

Mas meu escritório *não está* vazio.

— *Finalmente.* — Scarlett revira os olhos, cruzando as pernas. Ela inclinou uma das cadeiras que normalmente fica de frente para a minha mesa, então ela está apontada para a janela, voltada para o nascer do sol.

Eu pisco para ela, me perguntando se entrei no escritório errado de alguma forma. A noite passada foi o pior sono que tive em algum tempo, então é possível que eu tenha virado para a direita em vez de para a esquerda. Mas uma rápida olhada em minha mesa confirma que estou no lugar certo.

Vou até minha cadeira e coloco minha pasta na mesa.

— O que você está fazendo aqui?

Ela ignora minha pergunta, levantando-se e caminhando até minha estante. Suas unhas são pintadas com o mesmo tom carmesim de seus lábios, contrastando com as lombadas de couro preto enquanto ela as roça. — Não consegui encontrar nenhum bloco de notas. Você tem um estoque secreto de material de escritório em algum lugar?

— Eu...

Há uma batida na porta. Scarlett se afasta dos livros e vai até ela como se estivesse esperando alguém. — Bom dia, Jeremy.

— Bom dia, Scarlett. — Jeremy Brennan entra no escritório e Scarlett fecha a porta atrás dele. — Oi, Oliver.

Eu aceno para Jeremy. — O que está acontecendo, Scarlett?

— Você precisa de um advogado. — Ela aponta para Jeremy. — Advogado.

— Advogado *da Kensington Consolidated*. Sem ofensa a Jeremy, mas isso não tem nada a ver com a empresa.

— Ele é o único advogado em quem devemos confiar para manter

isso em segredo.

— Existe algo chamado prerrogativa advogado-cliente, Scarlett.

Ela balança a cabeça. — Bastaria uma secretária jurídica sussurrar para um amigo sobre um novo cliente, e todos os jornalistas desta cidade vasculhariam as certidões de casamento de Nevada, Oliver.

Outra batida na porta. Desta vez, Asher entra, segurando duas xícaras de café. — Bom dia, turma. — Ele entrega uma xícara para Scarlett. — Chefe.

Jeremy ri enquanto eu me afundo na cadeira da escrivaninha.

— Scarlett não mencionou que vocês estariam aqui, ou eu teria pagado café para todos vocês, — diz Asher.

— Scarlett não mencionou que *nenhum* de vocês estaria aqui. Cheguei cedo para trabalhar no relatório Cushings.

Asher se senta no sofá e estica um braço nas costas das almofadas. — Tenho que dizer, eu não vi você contando a Scarlett sobre isso.

— Alguém gostaria de me dar uma pista sobre o que é *isso*? — Jeremy pergunta.

Scarlett dá um gole no café. — Oliver é um recém-casado. Ele se casou com uma mulher em Las Vegas na semana passada. Nada de acordo pré-nupcial.

Algo na maneira prática como ela resume a situação faz com que pareça muito pior. Eu me ajustei a como as coisas são na minha cabeça, eu acho. Falado em voz alta soa terrível.

A expressão de Asher não muda, já que não é novidade para ele. Mas um flash de choque cruza o rosto de Jeremy antes que ele desfaça e olhe para mim. — Você está querendo terminar o casamento, eu presumo?

Eu concordo. — Sim.

— E ela se sente da mesma maneira?

— *Ela é Hannah Garner*, — Asher diz a Jeremy, enfatizando o nome de uma forma que torna óbvio que deveria significar algo para ele.

Crew e Jeremy são bons amigos, então provavelmente não deveria me surpreender. Mas eu estou. Eu não tinha ideia de quem ela era, e isso enfatiza o tamanho do abismo entre mim e meu irmão.

Também é estranho perceber que todos nesta sala conheceram Hannah. Desde que voltei de Las Vegas, parece que o pouco tempo que passei com ela foi quase uma miragem. Estar aqui, em meu

escritório familiar, discutindo sobre ela, uma esposa que mal conheço, é uma inesperada colisão de mundos.

— Eu não preciso perguntar se ela está ciente de seu patrimônio líquido, então, — afirma Jeremy.

Asher bufa. Começo a questionar por que Scarlett o convidou.

— Quanto tempo vai demorar um divórcio? — Eu pergunto a Jeremy.

— Não posso lhe dar uma resposta exata. Além de um seminário quando eu estava no segundo ano e estudava para a BARs, não sei muito sobre direito de família. Mas o casamento é um compromisso legal, não apenas uma noção romântica. Até que um juiz assine a sentença de divórcio, você é casado aos olhos da lei. E cada estado é diferente. Alguns têm períodos de espera de separação. Idealmente, a petição será para um divórcio sem brigas com base em diferenças irreconciliáveis. Uma vez arquivado, seu cônjuge recebe os papéis. Ela terá um tempo definido para responder. Se ela não fizer objeções, resta apenas o acordo de divórcio. Idealmente, você apresentaria um ao tribunal para assinar.

— Existe uma maneira de manter isso em segredo? Fora da imprensa?

Para meu alívio, Jeremy assente. — Se o divórcio for incontestável e você chegar a um acordo sem ir a julgamento, ninguém além de você, Hannah, e quaisquer advogados envolvidos terão quaisquer detalhes. Se você não chegar a um acordo sobre os termos do divórcio, ele irá a julgamento. Os julgamentos do tribunal de família são públicos, portanto, os repórteres do tribunal são permitidos no processo. Isso pode ficar muito bagunçado, muito rápido. Você também pode adicionar uma cláusula de confidencialidade, que impediria Hannah de discutir o divórcio com qualquer pessoa - até mesmo com a família. Se ela o violasse, ela lhe deveria uma indenização punitiva. Nessa circunstância, ela poderia ganhar milhões falando, então poderíamos definir esse número alto como um impedimento.

Eu concordo. — Que tal uma anulação? Isso significa que o casamento nunca aconteceu, certo?

— Tecnicamente, sim. Mas eu não recomendaria uma anulação. Os fundamentos de anulação são muito específicos e você tem que provar que eles se aplicam.

— Quais são os motivos? — Scarlett pergunta.

— Fraude ou deturpação, coerção, menor de idade, incesto,

bigamia ou poligamia, força ou ameaça de força, incapacidade mental...

— Ele estava tão bêbado que não se lembra de ter casado com ela, — diz Scarlett. — Isso não conta como incapacidade mental?

— É melhor para Oliver se for ele quem está fazendo a petição. Se for, isso significa pedir a anulação com base na incapacidade mental por causa do álcool, ele terá que provar que *ela* entende a definição de incapacidade mental estabelecida pela lei estadual na jurisdição onde ele entrou com o pedido.

Asher solta um ronco longo e exagerado.

Jeremy revira os olhos. — Isso provavelmente exigirá uma audiência. E, francamente, é difícil provar. O divórcio será mais rápido e fácil, na minha opinião. — Ele olha para mim. — Se você quer que eu represente você, ficarei feliz em fazê-lo. E você tem minha palavra de que permanecerá privado do nosso lado. Nem preciso envolver um ajudante legal. Mas você pode ter o advogado que quiser. Existem muitos tubarões por aí que têm décadas de experiência com divórcios de alto nível. Você pode estar melhor com um deles. Especialmente se Hannah decidir dificultar as coisas.

— O que ela provavelmente fará, — comenta Asher.

Eu não percebo que estou encarando até que ele encolhe os ombros e pega sua xícara de café da mesa ao lado do sofá. Claro, ele não está usando um dos porta-copos.

— Certo. — Asher suspira. — Serei otimista. Ela provavelmente não tentará ganhar algumas centenas de milhões com isso, sabendo que você vale dez vezes isso, e ela tem uma boa chance de conseguir metade se se esforçar nisso.

Não estou aborrecido com o pessimismo de Asher. Estou irritado por ele estar insultando Hannah. Se ela tem um lado desonesto e dissimulado, eu nunca vi.

E parece errado ouvir alguém menosprezar a mulher com quem sou casado. Não parece que estamos em lados adversos. Parece que estamos descobrindo isso juntos.

— O casamento nunca foi... consumado, — digo a Jeremy. — Isso faz alguma diferença?

— Legalmente, não. Não, a menos que entremos em certos fundamentos ou leis canônicas, e será muito mais limpo apenas pedir o divórcio. Você tem a certidão de casamento?

Eu concordo. — Não agora, — eu minto.

Está na minha carteira, mas revelar que o carregamento comigo parece pessoal, de alguma forma.

— Você realmente não se lembra do casamento? — Jeremy pergunta.

— A noite inteira é nebulosa.

— Provavelmente drogas, — diz Asher. — Vegas é selvagem. As pessoas colocam todo tipo de merda nas bebidas.

Não tenho certeza se a possibilidade deveria me fazer sentir melhor ou pior. Não é uma explicação reconfortante, mas pelo menos é uma.

O telefone de Asher vibra. — É Crew, — diz ele, olhando de soslaio para a tela. Então ele ri. — Ele quer saber se vou pegar café para ele no caminho para o trabalho. A geladeira dele está cheia de líquido vegetal.

Scarlett dá de ombros. — Se ele esqueceu de colocar leite de vaca na lista de compras, a culpa é dele.

— Onde ele pensa que você está? — Asher pergunta, digitando uma resposta para Crew.

— Um encontro sobre tecidos no SoHo. É a manhã dele com Lili.

Jeremy se levanta. — Tenho que terminar de redigir um contrato. — Ele olha para mim. — Pense bem e me diga como posso ajudar, Oliver.

— Eu digo. — Eu também me levanto, caminhando e apertando sua mão. — Obrigado, Jeremy. Eu realmente agradeço.

Jeremy acena com a cabeça e sai. Asher sai logo atrás dele, ainda em seu telefone, jogando um “Boa sorte” por cima do ombro. Scarlett pega sua bolsa e se prepara para sair também.

— Você falou com Hannah desde que saiu de Vegas?

— Só uma vez, sobre nossos advogados.

Minto de novo, e não tenho certeza do porquê.

Talvez porque eu sei que Scarlett não iria acenar aprovando se eu tivesse contado a ela que conversamos na noite passada, e continuei deitado na cama por horas depois que ela desligou, repetindo nossa curta conversa várias vezes.

Isso é mais interesse do que Scarlett já demonstrou em minha vida. Achei que ela gostaria que Crew se tornasse CEO. Em vez disso, ela está me encorajando, ajudando, a possivelmente assumir o cargo.

Ou talvez isso não tenha nada a ver comigo e tudo a ver com

Hannah. Se eu tivesse casado com alguém que não tem história com Crew, ela provavelmente não se importaria tanto.

— Depois de decidir quem está representando você, você deve cortar todo contato. Mande tudo para os advogados.

Concordo com a cabeça enquanto Scarlett caminha em direção à porta, sem se preocupar em mencionar que Hannah já sugeriu isso. Porque, embora tenhamos concordado com isso, ela não me deu o nome de um advogado. Não lhe dei o nome de um advogado.

E agora a família dela sabe, o que não deveria importar. A menos que eles planejem entrar em contato com o *Jornal de Los Angeles* e oferecer exclusividade, isso não terá impacto em nosso divórcio. Mas parece... estranho saber que eles sabem. Querendo saber o que eles pensam disso. De mim.

— Ah, e não conte a ela sobre a oferta de Arthur. Se ela souber que você tem um motivo para apressar o divórcio, pode tentar enrolar.

Eu aceno novamente.

Ela acena de volta, agarrando a maçaneta da porta.

— Obrigado, Scarlett.

Quaisquer que sejam suas motivações, isso é mais do que eu esperava. E mesmo que ela esteja focada em ajudar porque está preocupada com a fortuna de Kensington ou odeia Hannah, isso merece reconhecimento.

Scarlett acena com a cabeça. — A família deve apoiá-lo, não importa o que aconteça, certo?

Eu levanto uma sobrancelha. — Não a minha.

Ela ri. — É. minha também não.

— Mudar é bom.

— É sim. Tchau, Oliver.

— Tchau, Scarlett.

Eu encaro a porta fechada por um minuto depois que ela sai, então balanço minha cabeça e sento na minha mesa. Leio o relatório Cushings que vim terminar, envio e começo a vasculhar os e-mails não lidos.

Depois de colocar tudo em dia, decido que preciso de outra xícara de café.

Quando abro a porta do meu escritório, meu pai está parado ao lado da mesa de Alicia. Ela olha para mim nervosamente enquanto estou na porta, estudando meu pai.

Eu poderia contar em uma mão quantas vezes ele veio ao meu escritório. Ele sempre me chama ao dele, o maior do andar, com sua própria sala de conferências e copa. Tem até banheiro privativo. Eu acho que costumava ser uma aspiração, um *olhe o que poderia ser se você trabalhar duro o suficiente* para seduzi-lo. Agora, eu vejo isso como uma provocação. *Olhe o que nunca será seu, não importa o quanto você trabalhe.*

Mas nunca não é mais tão sólido quanto eu pensava. Tenho certeza que ele está aqui para uma atualização sobre Quinn, e não tenho uma resposta para ele.

Meu pai segue o olhar de Alicia para mim.

— Pai, — eu cumprimento.

— Oliver. — Ele espelha meu tom vazio. — Você tem um minuto?

Concordo com a cabeça e dou um passo para o lado, deixando-o entrar primeiro e depois fechando a porta atrás dele.

— Você chegou cedo.

Concordo com a cabeça novamente, sem mencionar que estou aqui há horas, como na maioria das manhãs.

— Não tivemos chance de nos falar desde o jantar. Leonardo está ansioso para saber...

— Nós dois sabemos que você é o único impaciente por uma resposta, pai. E eu não tenho uma para você. Ainda não.

— Você achou Quinn questionável?

Ele sabe tão bem quanto eu que Quinn é uma candidata perfeita para se tornar uma Kensington. Rica, educada, bonita. Bem-educada, mas não chata. Nós não passamos nenhum tempo sozinhos juntos a noite toda. Mas, a menos que seja uma atuação impecável, ela é exatamente o que se espera de uma esposa de CEO.

Se essa conversa estivesse acontecendo antes de eu partir para Las Vegas, provavelmente já teria concordado em a pedir em casamento.

— Quinn parece maravilhosa. Mas é uma grande decisão a tomar e não estou pronto para tomá-la.

Uma veia lateja na testa de meu pai. Ele quer que eu aceite seu acordo; isso é óbvio.

Mas não sei por quê. Porque ele está questionando o compromisso de Crew? Porque ele se arrepende de não ter deixado comigo o tempo todo, como Scarlett sugeriu?

— Tudo bem, — diz ele, em um tom que sugere o contrário.

Porque meu pai odeia nada mais do que estar em uma situação em que não está tomando as decisões. — Mas vou precisar de uma resposta em breve, Oliver.

Não perco o prazo vago. Ele quer que eu esteja constantemente no limite, esperando que logo se torne agora. Sabendo que a oferta pode expirar a qualquer momento, e eu ficarei sem chance.

— Entendido.

Ele me estuda por um minuto antes de finalmente acenar com a cabeça. — Eu estava esperando por uma atualização sobre os Cushings...

— Já está na sua caixa de entrada.

Algo que *quase* parece orgulho aparece em seu rosto. Mas ele não diz mais nada antes de sair do meu escritório.

Expiro quando a porta se fecha atrás dele, sento-me na minha mesa e olho pela janela.

Alguns minutos depois, há uma batida na porta.

— Entre, — eu chamo.

Alicia enfia a cabeça para dentro, com uma caneca de café fumegante em uma das mãos. — Achei que você estava indo para a cozinha mais cedo.

— Obrigado, — eu digo a ela, enquanto ela coloca o café na mesa e então volta para a porta.

— Olá, Sr. Kensington.

Eu olho para cima quando Crew retorna a saudação. Normalmente recebo um visitante em meu escritório por dia. Às vezes dois. Hoje, parece que estou trabalhando no meio da Grand Central.

Alicia fecha a porta atrás de si, deixando nós dois sozinhos.

Começo a me levantar, mas Crew acena para que eu me abaixe enquanto se senta à minha frente. Ironicamente, é o mesmo local em que Scarlett estava sentada antes. Ainda está inclinado para as janelas. — Passei pelo papai no caminho para cá.

— Sim. Ele queria um relatório sobre o jantar.

— E uma resposta?

— Sim. — Eu já sabia que Crew estava ciente do possível negócio, graças a Scarlett. Mas discutir isso diretamente com o Crew é diferente. Mais estranho.

— Foi essa que você deu a ele?

Eu balanço minha cabeça. — Ainda não decidi.

— Por que não? — Não há julgamento na voz de Crew, apenas curiosidade.

— Não sei o que fazer.

— Você aceita o maldito negócio, Oliver, e se torna o próximo CEO da Kensington Consolidated.

Eu olho pelas janelas. — Estou farto de papai puxando os cordas. Ele te disse que o casamento viria com o cargo de CEO e veja como isso acabou.

— Eu teria me casado com Scarlett mesmo que isso significasse que *nunca* me tornaria CEO, — Crew me diz. — E é por isso que acho que você deveria dar uma chance a Quinn. Permita-se ter mais do que trabalho. Eu prometo a você que Candace não está sentada se punindo.

— Você não pode simplesmente juntar duas pessoas e esperar que elas se apaixonem, Crew.

Ele dá de ombros. Sorrisos. — Funcionou para mim.

Reviro os olhos. — E estou feliz por você e Scarlett. Simplesmente não é a realidade para a maioria das pessoas.

— Você vai convidar Quinn para sair?

Eu expiro. — Sim. Seria bom ter uma conversa sem nossas famílias ao alcance da voz.

Crew sorri. — Então... você tem o número dela?

— Não, — eu admito. Passei a maior parte do jantar me preocupando se Scarlett iria contar a Crew sobre Hannah e qual seria a resposta dele se ela contasse. Além de algumas perguntas básicas, mal falei com Quinn.

Crew enfia a mão no bolso e tira um pedaço de papel. Quando ele o abre, percebo que é um guardanapo de coquetel. Ele faz uma bola e joga para mim. — Ai está.

— Você pediu o número dela?

Ele concorda. — Foi ideia da Scarlett. Eu disse a Quinn que você me pediu para pegá-lo discretamente, para que vocês pudessem marcar uma reunião sem a pressão de seus pais. Quinn chamou de “ideia brilhante”, então me deu isso. — Crew sorri, e é infantil. Ele se parece menos com um colega de trabalho e muito mais com meu *irmãozinho*, pela primeira vez em muito tempo.

Eu estico o guardanapo, olhando para os dígitos perfeitos. —

Obrigado.

Estou surpreso — emocionado — por ele ter feito esse esforço. E me sinto extremamente culpado por manter Hannah longe dele, especialmente porque a lista de pessoas que sabem sobre nosso casamento cresce.

— Bem, eu vou sair daqui. A menos que você precise de ajuda para convidá-la para sair?

Provavelmente sim, mas de jeito nenhum vou pedir dicas de namoro ao meu irmão mais novo. — Estou bem, obrigado.

Ele sorri e se levanta. — Supondo que você chegou cedo e já terminou o relatório Cushings?

— Sim. Eu mandei para o papai. Você estava no e-mail também.

— Esta empresa estaria bem sem mim, Oliver. Sem você? Não muito.

Antes que eu possa formular uma resposta, ou realmente registrar suas palavras, meu telefone toca.

— Vejo você mais tarde, — Crew diz, então sai.

— Tchau, — eu digo para ele, então atendo a ligação. — Olá?

— Ei, Oliver! Como vai você? — O barítono de Garrett ressoa na linha. Não falo com ele desde que nos separamos no aeroporto de Nova York, depois de voltar de Las Vegas.

— Estou bem, obrigado. — Não totalmente preciso, mas a resposta esperada. — Como vai você?

Ele suspira, um pouco da alegria deixando sua voz. — O casamento ainda está de pé, se é isso que você está perguntando. Conteí a Sienna sobre Vegas. Ela jogou meu telefone na parede, e é por isso que estou ligando para você no trabalho. Alguns dos meus contatos foram apagados quando transferiram os dados para o meu novo telefone.

— Oh. — Não tenho certeza de como responder a isso.

Garrett ri. — Desculpe. Muita informação. De qualquer forma, queria ver se você gostaria de tomar uma bebida neste fim de semana. Ou jantar. Toda a loucura em Las Vegas, mal conseguimos botar a conversa em dia.

Eu olho para o guardanapo deixado na minha mesa. — Você quer fazer um encontro duplo?

Já faz um tempo desde que eu fui a um encontro de verdade. Estou apreensivo com a perspectiva por uma série de razões. Sair com

outro casal soa como apostas mais baixas. E se Quinn e eu entrarmos em um acordo, será uma ocorrência comum.

— Encontro duplo? Você está saindo com alguém?

— Tipo isso. É novo.

— Sim, isso parece divertido. Eu gostaria que você conhecesse Sienna melhor. Deixando de lado... tudo.

— Não é da minha conta, Garrett.

— Eu agradeço. Ei, me dê seu número e eu vou fazer uma reserva, então mande uma mensagem com os detalhes. Parece bom?

Depois de recitar o número do meu celular, nos despedimos e desligamos.

Quando revi tudo o que é urgente na minha caixa de entrada, é quase uma hora. O almoço é sempre servido na área de alimentação do andar executivo. Essa é a pior parte de trabalhar nos fins de semana, honestamente. É difícil superar a conveniência de pegar rapidamente uma refeição quente no final do corredor, em vez de ter que embalar algo ou pedir no saguão.

Em vez de me sentar em uma das mesas, levo um prato de frango assado com legumes para o meu escritório. Apesar de chegar cedo, as distrações desta manhã significam que estou atrasado no que planejei realizar hoje.

Assim que me sento à minha mesa para almoçar, meu telefone toca. Meu celular pessoal, não minha linha de trabalho.

Eu olho para a tela, uma sacudida inesperada de excitação imediatamente me afetando. Não há medo ou aborrecimento quando vejo o nome dela.

Esfrego as palmas das mãos e limpo a garganta duas vezes antes de atender a ligação de Hannah.

— Boa tarde, — ela cumprimenta.

Eu sorrio, então olho para o relógio. — Bom dia.

— Pensei que você poderia estar no almoço.

— É um dia de trabalho hoje, — eu respondo. — Você estava esperando pelo meu correio de voz?

— Honestamente... sim.

Eu faço um som de bipe e instantaneamente me sinto como um idiota.

A risada de Hannah me pega de surpresa. É brilhante e quente e

acaba cedo demais. — Eu liguei para te perguntar isso ontem à noite, então me acovardei, — ela admite.

Minha mente começa a correr com diferentes possibilidades. O que ela poderia estar nervosa em me perguntar? Asher e Scarlett estavam certos? Isso vai se tornar sobre dinheiro?

— Meus pais estão organizando um jantar em família no sábado à noite. E eles queriam que eu convidasse você. Eles... querem conhecer você.

— Por quê?

Ela murmura algo ininteligível. Então exala. — Eles conheceram outros caras com quem namorei e não me casei com nenhum deles. Eles estão curiosos. Superprotetores. Não sei. Tentei convencer minha mãe a desistir, mas ela insistiu que eu perguntasse a você. Então, só estou... perguntando.

Meu telefone do trabalho começa a tocar. É uma linha que poucas pessoas têm, então provavelmente é importante.

Eu ignoro. — Eles sabem que vamos nos divorciar, certo?

— Sim. Mas eles também acham que nosso casamento significa que você é importante para mim, então você é importante para eles.

— Não posso neste fim de semana, Hannah. — Eu belisco a ponta do meu nariz. Surpreendentemente, não estou tendo que fingir o tom de arrependimento em minha voz. Estou curioso sobre a família dela. E parte de mim quer vê-la novamente, longe das luzes neon de Las Vegas. — Acabamos de fechar um acordo com uma empresa farmacêutica e eu...

— Sim eu vi. Thompson & Thompson. Parabéns.

— Certo. — Estou surpreso que ela conheça os detalhes, e isso ressoa na minha resposta. Foi um bom negócio, mas não exatamente uma notícia de primeira página. As únicas pessoas que eu espero que saibam são aquelas instaladas no mundo dos negócios.

Há uma batida na porta.

— Agora não! — Eu falo, assim que o telefone na minha mesa começa a tocar novamente. — Sinto muito, Hannah. — Eu nem tenho certeza do que estou me desculpando. Eu odeio pedir desculpas. Geralmente evito a todo custo.

— Está tudo bem, Oliver. — Não há nem mesmo o menor indício de raiva ou desapontamento em sua voz.

Não é a resposta que ela esperava, percebo. Ela estava relutante em perguntar e esperava que eu não aceitasse. Nenhum desses desse

bem comigo.

— Eu decidi uma advogada esta manhã, — Hannah diz. — Vou te enviar as informações dela.

— Ok.

— Ok. Tenha um bom dia, Oliver.

Ela não continua com nosso jogo de fuso horário e me deseja boa tarde.

Isso me incomoda tanto quanto a maneira como ela imediatamente me envia o nome e o número da sua advogada assim que desligamos. Ela escolheu sua representação, e eu ainda não. De nós dois, sou eu quem atrasa o divórcio.

Eu não sei o que fazer com isso. Com nada disso.

CAPÍTULO TREZE

Hannah

Eu não deveria estar aqui.

Eu deveria estar lendo o último contrato que o Los Angeles Titans enviou. Como meu pai já estava envolvido com a organização, ele repassa tudo relacionado a essa equipe para outros funcionários. E se eu não estivesse revisando aquele contrato antes que a equipe jurídica desse uma olhada, há dezenas de outras coisas que eu deveria fazer, em vez de ficar sentada do lado de fora das portas automáticas do aeroporto internacional de Los Angeles.

Esperando meu *marido*.

Não tenho ilusões sobre por que Oliver mudou de ideia sobre vir para cá. Ele tem muito mais a perder em nosso divórcio. Já que não assinamos um acordo pré-nupcial, eu poderia brigar com ele por uma quantia enorme de dinheiro. E provavelmente ganhar.

Talvez ele tenha me levado a escolher uma advogada como um aviso.

Talvez ele pense que este favor me manterá receptiva.

Ele está vindo para se proteger.

Mas ainda assim, ele está vindo. Então, senti uma obrigação equivocada de tirar a tarde de folga e buscá-lo no aeroporto.

Uma nova onda de chegadas sai da esteira de bagagens. Examino os rostos rapidamente, uma mistura de desapontamento e alívio me enchendo quando percebo que Oliver não está entre eles.

— Senhorita, você não pode estacionar aqui.

Eu paro de mastigar o interior da minha bochecha e olho para o agente de segurança do aeroporto do meu lugar encostado no capô do carro. — Eu não estou estacionada. Acabei de chegar e saí do carro para cumprimentar meu marido. Ele estará aqui a qualquer segundo.

O agente mais velho coça o queixo grisalho. Tenho certeza que ele ouviu tudo. — Se ele não estiver aqui em cinco minutos, você precisará mover o veículo, senhora.

Eu concordo. — Claro.

O agente continua se movendo para o próximo veículo

estacionado ilegalmente. Meu olhar volta para a saída, meu coração dispara assim que vejo a figura alta caminhando em minha direção. Parte de mim não tinha certeza se ele realmente viria.

Oliver não diminui o passo assim que passa pelas portas automáticas e pela parte mais densa da multidão.

Sua expressão está cuidadosamente em branco, não dando nenhuma indicação do que ele está pensando ou sentindo. Ele está vestido com um terno azul-marinho, parecendo ter acabado de sair de uma sala de reuniões em vez de desembarcar em um voo de cinco horas.

A única semelhança que consigo encontrar entre esse homem polido e o cara que deixei em um quarto de hotel em Las Vegas com dor de cabeça e um lençol enrolado na cintura é que Oliver usa os dois looks bem.

Muito bem. A reação do meu corpo não é apenas ansiedade.

— Olá, Hanna.

Algo na maneira como ele diz meu nome torna difícil formar palavras em resposta.

— Eu disse que pediria um carro.

Ele disse. Isso foi *tudo* o que ele me disse, além de que horas seu voo estava pousando. Nenhuma explicação para o que transformou seu firme *Não* em um *Sim*, embora eu pudesse fazer um bom palpite. Sem perguntas sobre o que um fim de semana com minha família implicaria. Ele está *aqui*, toda confiança legal e características inescrutáveis.

Eu levanto um ombro, então o deixo cair. — Você voou até aqui.

O movimento chama a atenção de Oliver para minhas roupas. Trabalhei em casa até sair para dirigir até aqui, então não me preocupei em vestir nada profissional. Estou com jeans rasgados e uma camiseta de algodão. Sem maquiagem e cabelos bagunçados e desgrehados. É um visual mais casual do que eu normalmente usaria perto de qualquer pessoa, exceto minha família.

Eu não queria que Oliver pensasse que eu me vesti para ele ou me importasse com o que ele pensa de mim. Agora, estou percebendo que posso ter ido longe demais para um extremo.

— Obrigado por ter vindo.

Quatro palavras simples e *inesperadas*. Não teria me chocado se Oliver me dissesse que a limusine estacionada próximo ao meio-fio a dois carros está aqui para ele e ele está indo para um hotel cinco

estrelas.

— Hum, de nada. — Eu me mexo desajeitadamente, sem saber o que dizer ou fazer a seguir.

Avistar o mesmo guarda de segurança me estimula a entrar em movimento. Eu me endireito e tiro as chaves do bolso. Ele passa por nós, olhando entre mim e Oliver.

Inesperadamente, ele sorri para Oliver. — Que bom que você chegou em segurança, senhor. Sua esposa estava muito animada em vê-lo.

Minhas bochechas queimam enquanto ele continua descendo a calçada.

Oliver olha para mim, uma sobrancelha levantada.

— Eu estava preocupada que ele fosse me dar uma multa por estacionar aqui, — eu digo a ele, contornando apressadamente a frente do meu carro e sentando no banco do motorista.

Oliver guarda sua mala no banco de trás e senta no banco do passageiro.

— Os controles estão à direita, — murmuro enquanto ligo o carro. Suas pernas estão encostadas no porta-luvas, longas demais para as configurações atuais.

Oliver os ajusta e então se inclina para trás. — Belo carro, — ele comenta, colocando o cinto de segurança no lugar.

Eu me afasto do meio-fio, indecisa se ele está brincando comigo. Comprei este SUV novo quando me formei na faculdade e foi um desperdício que levou anos para pagar. Meus pais pagaram a faculdade, e foi isso. Nenhum deles veio do dinheiro e eles tiveram o cuidado de nunca nos “estragar”. Após a formatura, eu estava por conta própria financeiramente.

— Que tipo de carro você dirige?

O carro de Crew valia mais do que a minha casa.

— Não tenho carro.

Eu olho para ele. Oliver está olhando pela janela, para a linha de palmeiras que margeiam a saída do aeroporto. — O quê?

— Tenho um motorista que me leva entre o escritório e meu apartamento. Aquele carro pertence à empresa.

— E quando você precisa ir a algum lugar além do trabalho?

— Não acontece com muita frequência. Se for um evento de trabalho, usarei o carro da empresa. Caso contrário, vou pegar o

transporte público.

— Você anda de *metrô*?

— Ando, sim. Como eu disse, isso não acontece com muita frequência. — Ele meio que sorri para a minha expressão chocada. — É mais rápido. Melhor para o meio ambiente.

— Que ecológico da sua parte.

— Não. Já andei em muitos jatos particulares. Precisa equilibrar isso de alguma forma.

— Você deveria falar sobre o quanto ama o metrô, no jantar. LA não tem um bom transporte público. Além disso, mencione que você tem medo de terremotos. Certifique-se de falar sobre quanto tempo seu trabalho leva. Se você receber uma ligação de trabalho, atenda. O meu pai...

— Estou aqui para fazer sua família me odiar?

— Não odiar. Apenas reconhecer que o divórcio é a melhor coisa para nós dois.

Oliver faz um zumbido irritante que não me dá ideia do que ele está pensando.

Eu respiro fundo, decidindo que agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para esclarecer por que meus pais estão apegados à ideia de nós dois juntos.

— Então eu, hum, quando acidentalmente contei ao meu pai que me casei...

— Você ainda não me contou como isso aconteceu.

— O que você quer dizer?

— Como você *acidentalmente* contou ao seu pai?

— Oh. — Entro na 405, feliz por ter a distração de dirigir para justificar minha longa pausa. Uma vez que estamos presos no trânsito, parados, é mais difícil evitar. — Eu estava encontrando meu pai e um cliente em potencial para jantar. Eu estava adiantada, então esperei no bar. Um cara veio até mim e nós estávamos, ele estava, flertando comigo. Então mencionei que era casada e pensei que era isso. Mas então descobri que ele *era* o cliente em potencial. Ele se desculpou com meu pai, pensando que tinha dado em cima da filha casada. Era abrir o jogo para o meu pai ou arriscar a carreira desse cara com toda a estranheza subsequente.

— O que ele disse?

— Bem, ele ficou chocado, obviamente. Eu não...

— Não seu pai. O cara do bar. O que *ele* disse quando você contou que era casada?

Arrisco um olhar para ele, já que estamos em um caminho previsível ao longo da rodovia. Oliver está olhando para frente, sem dar nenhuma indicação do que está pensando.

— Ele estava... desapontado, eu acho? — Nunca conversei sobre outro homem com o cara com quem sou casada, mas nunca namorei, e é uma dinâmica estranha de navegar.

Nenhuma resposta. Mas parece que um músculo na mandíbula de Oliver salta enquanto ele olha para a linha imóvel de carros.

Ainda preciso dar uma pista sobre a mentira que contei à minha família, para que ele saiba que devemos ser mais amigáveis do que estranhos. Mas este não parece ser o momento certo, então não digo nada.

Levamos mais vinte minutos rastejando pelo trânsito até sairmos da rodovia.

— É sempre tão ruim assim? — Oliver pergunta.

— Praticamente, — eu respondo, enquanto nossos arredores se tornam residenciais. Tem chovido mais ultimamente do que o normal, então a grama exuberante é visível em ambos os lados da rua.

— Você gosta de morar aqui?

Eu olho de soslaio para ele. Mesmo assim, tudo o que consigo ver é o perfil dele, exatamente como na noite em que nos conhecemos. — Nova York não tem ruas abertas.

— Eu não estava falando sobre o trânsito. Eu só quis dizer em geral.

— Minha família mora aqui, — eu respondo, enquanto estaciono na entrada da minha garagem.

Esfrego minhas mãos suadas na minha calça jeans assim que saímos do carro, observando Oliver com o canto do olho enquanto ele pega sua mala e caminha em direção à casa. Eu poderia adivinhar como é a casa dele em Nova York. Nada como o bangalô de um andar em que moro.

Oliver não diz nada enquanto sobe as escadas, olhando para o balanço da varanda e a fileira de arbustos que plantei na primavera passada antes de olhar por cima do revestimento branco. As flores nas jardineiras dançam na leve brisa.

Consciência rasteja sobre minha pele quando passo por Oliver para destrancar a porta da frente. Ele balança a cabeça quando faço

um gesto para ele entrar primeiro, então entro antes dele.

Ao contrário da minha aparência pessoal, certifiquei-me de que a casa estava impecável. Aspirada e espanada. Até limpei a cozinha. Um vaso de peônias rosa está no balcão da cozinha ao lado de uma tigela de limão.

Oliver coloca sua mala no chão e olha em volta. Há interesse e curiosidade em seu rosto enquanto ele caminha em direção à cozinha.

É muito íntimo tê-lo em minha casa. No meu espaço. Presumi que ele ficaria em um hotel, mas ele pediu meu endereço quando estava encomendando um carro. Já que ele veio até aqui, hospedá-lo é o mínimo que posso fazer. Mas também parece ultrapassar um limite que costumava ser estabelecido com firmeza.

— Você pegou o cordeiro.

Oliver está olhando para o canto da sala de estar, onde a cadeira de balanço que comprei para o bebê de Eddie e April está parada, esperando para ser entregue assim que minha sobrinha ou sobrinho chegar.

— Sim. — Eu o observo olhar em volta por mais um minuto antes de dar um passo à frente. — O quarto de hóspedes é aqui embaixo.

Sem esperar para ver se ele está me seguindo, sigo pelo corredor, passando pela sala de estar e meu quarto.

Passos seguem atrás de mim, no segundo quarto. Este quarto tem a melhor vista do quintal, que é um quadrado de grama e um pátio de pedra, mas meu quarto é um pouco maior.

— Eu uso esse como escritório, às vezes. Então não fazia sentido colocar uma cama aqui... — Eu limpo minha garganta e olho para o sofá-cama que desdobrei e arrumei com lençóis limpos esta manhã. É um queen, mas parece menor na presença de Oliver. Esta sala inteira parece, na verdade. — Não ficarei ofendida se você quiser ficar em um hotel.

— Isso está ótimo, Hannah. Obrigado.

Eu gostaria que ele parasse de usar meu nome. Algo sobre a maneira como Oliver diz isso me perturba. Faz meu coração disparar e meu estômago revirar.

Dou um passo em direção à porta, esforçando-me para parecer indiferente enquanto passo por ele. — Ok. Estarei na cozinha. O banheiro fica no final do corredor, se você precisar.

E foi meticulosamente esfregado e esvaziado. Vou ter que carregar os artigos de toalete que normalmente cobrem o balcão pelo

corredor em um carrinho, como fazia na faculdade.

Assim que estou na cozinha, sozinha, dou um suspiro de alívio. Devemos aparecer na casa dos meus pais em uma hora e meia. Se eu orçar quarenta e cinco minutos para o que geralmente é uma viagem de meia hora, ainda sobrarão quarenta e cinco minutos.

Menos de uma hora de repente soa como uma extensão interminável de tempo.

Encho a chaleira e coloco no fogão, só para fazer alguma coisa. Eu já lavei todos os pratos e limpei os balcões, então eu reorganizo os limões e então me inclino contra o balcão e olho para o nada.

— Há quanto tempo você mora aqui?

Eu pulo antes de olhar por cima do ombro para Oliver, que está parado na porta.

Seu sorriso é breve, mas aparece. — Esqueceu que eu estava aqui?

Eu esfrego meu peito, tentando acalmar meu coração acelerado. — Não.

Mas eu esperava que ele permanecesse em seu quarto. Para trabalhar ou fingir estar ocupado ou algo que não envolvesse ficar na minha cozinha a alguns metros de distância.

— Então? — Ele se aproxima e eu resisto à vontade de dar um passo para trás.

— Três anos.

Oliver acena com a cabeça, olhando ao redor da sala novamente. Mesmo que eu não seja um grande chef, eu amo minha cozinha. O papel de parede é um padrão alegre de limões e abelhas, e passei uma tarde agonizando sobre diferentes placas de mármore para as bancadas.

A chaleira começa a apitar no fogão. Desligo o fogão e pego uma caneca. — Quer chá?

Em vez de recusar, ele acena com a cabeça. — Claro. — Então ele dá a volta na ilha e se senta em um dos banquinhos, obviamente planejando ficar.

Talvez eu devesse parar de fazer suposições sobre o que Oliver vai fazer ou dizer. Posso me sentir menos desequilibrada quando ele escolhe o oposto.

Eu sirvo duas canecas de chá de menta, sem me preocupar em perguntar que tipo ele quer, já que é tudo o que tenho.

Eu coloquei a xícara fumegante na frente dele. — Minha família

acha que namoramos por meses antes de nos casarmos.

— Como eles tiveram essa ideia? — Em vez de bravo, ele parece divertido. Outra surpresa.

Eu reformulo. — Eu *disse* à minha família que namoramos por meses antes de nos casarmos.

Ele acena com a cabeça, e é isso. Toda a sua reação. — Me fale sobre sua família.

Sopro meu chá. — Meu irmão mais velho é Eddie. Ele é um anestesilogista. Sua esposa, April, está esperando seu primeiro bebê em um mês.

— Como eles se conheceram?

— Uh, eles eram namorados no ensino médio. Se conheceram na escola primária, começaram a namorar no primeiro ano e foi isso.

— Mas você é uma clínica?

— Você não é?

— Sim. — Ele concorda. — Eu sou. Não tanto quanto costumava ser, no entanto.

— Agora que você é um homem casado? — Eu provoco.

Oliver sorri. Não um sorriso completo, mas quase. — Meu pai seguiu Scarlett, depois que ela e Crew se casaram. Ele alegou que era por causa de um negócio. Mas foi porque Scarlett era muito ousada. Ela tinha muito poder sobre Crew. Meu pai mostrou à Crew fotos dela em um hotel com outro homem. Eles não estavam se beijando ou se tocando, mas parecia ruim. Ele, eu, esperava que Crew virasse as costas para ela. Mas Crew fez o contrário, e eu percebi... que ele a amava. Realmente a amava. Essa foi a primeira vez que eu vi um relacionamento assim. Então agora, eu sei que existe. Só não para todos.

Hesito antes de fazer minha próxima pergunta. Tanto porque não quero que Oliver pense que estou procurando informações, quanto porque percebo que estou perguntando porque quero saber mais sobre Oliver. Para entendê-lo. — Você e Crew já foram próximos?

— Na verdade. Meu pai adorava, *adora*, colocar-nos um contra o outro. Crew se esforçou mais depois de se casar. Principalmente depois que Lili nasceu. Eu realmente nunca fiz, estou percebendo.

— E você e seu pai?

— Tivemos altos e baixos. As coisas eram melhores entre nós quando eu era mais jovem. Eu fui bem na escola, exatamente o que ele esperava. Quando eu tinha dezenove anos, descobri que o acordo

entre meu pai e Hanson Ellsworth havia mudado. Não me casar com Scarlett estava bom para mim. Mas eu sabia o que isso significaria para o CEO e isso me incomodava. Era para ser meu. Eu tinha o resto da faculdade e depois a escola de negócios para decidir como iria lidar com isso. Meu pai ficou emocionado quando comecei a trabalhar na empresa. Crew ainda estava na escola, então éramos só nós dois. Então... as coisas pioraram.

— Porque Crew voltou?

— Não. Porque ele descobriu que fiz sexo com a esposa dele.

A princípio, acho que é uma de suas piadas impassíveis. Quando percebo que ele está falando sério, começo a tossir. — Sua *madrasta*?

Oliver acena com a cabeça, olhando para a caneca. — Ela era mais nova que eu. Não foi tão estranho quanto parece. Mas ainda fodido, eu sei. — Ele olha para mim, e há algo em sua expressão que me diz que esta é uma encruzilhada. Que como eu reajo vai impactar muito. Vamos acabar no mesmo lugar - divorciados -, mas a maneira como chegaremos lá está sendo decidida agora. Ele está confiando em mim, e eu quero ser digna disso.

Então engulo o milhão de perguntas que tenho e digo: — Todos nós nos arrependemos, certo?

Porque eu não preciso perguntar se ele se arrepende. É óbvio na mudança sutil em sua expressão, no escurecimento de seus olhos e nas sombras que contornam seu rosto.

— Certo.

Há uma batida estranha em que mantemos contato visual por muito tempo.

Oliver quebra o silêncio me fazendo outra pergunta sobre minha família. Depois de cobrirmos Rachel e meus pais, peço licença para me preparar para o jantar.

Ficar de pé na minha cozinha por mais tempo começou a parecer perigoso. Oliver está aqui para provar o quão incompatível ele é com a minha vida. Não para eu imaginá-lo se encaixando.

CAPÍTULO CATORZE

Oliver

Hannah aparece na sala de estar enquanto estou examinando sua estante. Se tudo isso é dela, ela tem um gosto eclético. Combina com o resto da casa dela, de uma forma estranha. Eu esperava que seu espaço fosse elegante e polido. Em vez disso, parece que cada quarto é decorado em um estilo ligeiramente diferente.

Ela não se trocou, como eu pensei que ela tinha saído para fazer. Ainda está em jeans surrados que mostram algumas manchas de pele bronzeada e uma camiseta de algodão. Ela trançou o cabelo, então parte dele foi puxado para longe do rosto, mas essa é a única mudança em sua aparência. Eu nem tinha percebido que tinha memorizado cada detalhe do que ela estava vestindo até agora.

Suas sobrancelhas se erguem quando ela olha para minhas roupas. — Você está trocando de roupa, certo?

Olho para o terno azul-marinho que estou usando. Não está tão enrugado, o que impressiona depois de um voo de cinco horas e muito tempo parado no trânsito. — Uhn, não.

— Você está usando um terno para jantar? — Hannah levanta as sobrancelhas para mim, e eu levanto as minhas de volta.

Uso terno todos os dias. Em todos os lugares, a menos que eu esteja em casa. E às vezes até então.

Não fui ao escritório esta manhã. Eu coloquei este terno para voar para cá, esperando que eu o usasse para jantar.

— Nós nos casamos em Las Vegas, Hannah. Estou tentando causar uma boa impressão.

Sua boca se contrai. Quase um sorriso. — É um churrasco no quintal. A única impressão que você está dando é de se vestir demais.

— Bem, ternos são tudo o que tenho.

Ela olha para a minha mala, que ainda está na porta da frente. — Posso? — Ela acena em direção à minha bagagem.

— Claro.

Observo-a examinar o conteúdo da minha mala. Dois ternos, um cinza, outro azul-marinho, meias, cuecas boxer, camisetas e um

pijama de flanela que foi tudo que consegui encontrar em roupas de dormir. Hannah se concentra no último item.

— O que são esses?

— Pijamas.

— Você dorme com isso? — Ela parece divertida.

— Eu nunca os usei, — eu admito.

— O quê você veste normalmente?

Não tenho certeza se a verdade é uma resposta apropriada para dar a uma mulher que mal conheço, mas basicamente deixei a cautela em Nova York. Desde que cheguei a Los Angeles, abandonei minhas inclinações cuidadosas e contidas.

— Nada. Eu durmo nu.

Pelo menos a verdade tem o resultado satisfatório de perceber que posso afetar Hannah. Ela não olhou para mim com nada perto de desejo desde que encontrou aquele pedaço de papel no quarto do hotel. E como estou extremamente atraído por *ela*, é bom ver um rubor se espalhando pela pequena parte de sua bochecha que posso ver.

Ela pigarreia, duas vezes, o que notei é uma fala nervosa dela. Depois de fechar minha mala, ela se levanta, olhando para mim com sua antiga máscara de volta no lugar. — Você deveria tirar a gravata e o paletó, pelo menos.

Eu afrouxo minha gravata e tiro meu paletó, mantendo contato visual com Hannah o tempo todo. Desta vez, posso ver as mudanças em todo o rosto dela. A maneira como ela morde o lábio inferior e como seus olhos parecem ainda mais azuis quando estão totalmente focados em mim.

Depois de jogar o paletó e a gravata no braço do sofá, tiro as abotoaduras e arregaço as mangas da camisa branca. Sua garganta balança com um gole antes de desviar o olhar, caminhando em direção ao prato perto da porta onde ela deixou as chaves sem dizer mais nada. Entendo que isso significa que ela aprova.

Parece doméstico, deixando sua casa juntos. Meu histórico de namoro nunca incluiu nada assim. Todas as mulheres com quem namorei faziam parte de famílias que eu já conhecia. Uma grande apresentação oficial como essa nunca aconteceu. E isso é especialmente estranho, já que estou entrando nisso esperando nunca mais ver essas pessoas. Esforçando-me intencionalmente para uma impressão imperfeita.

— Mais alguma coisa que eu deva saber? — Pergunto a Hannah enquanto dirigimos.

— Não, acho que cobrimos tudo.

— E quanto ao seu trabalho?

Ela está focada na estrada, mas suas mãos apertam o volante, os nós dos dedos empalidecem em contraste com sua pele. — *O que sobre o meu trabalho?*

— Bem, isso é basicamente a única coisa que discutimos *antes* de nos casarmos.

— Eles não sabem como me sinto.

Há uma nota de advertência em sua voz, então não insisto. Nós andamos em silêncio, até que ela entra em uma entrada circular e estaciona.

A casa em que paramos meia hora depois não é tão grande quanto eu esperava. É uma bela casa, acolhedora e bem cuidada. Mas depois de ler o relatório que recebi do investigador particular que contratei - que incluía uma estimativa aproximada da riqueza do pai de Hannah -, sei que eles podem estar morando em um lugar cinco vezes maior.

— Foi aqui que você cresceu? — Eu pergunto, já sabendo a resposta.

Já sei as respostas para a maioria das perguntas que fiz a ela hoje, e provavelmente foi por isso que contei a ela sobre Candace. Parecia justo revelar algo de mim mesmo depois de invadir secretamente a privacidade dela dessa maneira.

Os dedos de Hannah batem no volante.

— Sim. — Isso é tudo o que ela diz antes de sair do carro.

Silenciosamente, subimos o caminho de pedras cinzentas que conduz a um alpendre coberto por uma treliça pingando verde.

A porta da frente se abre antes mesmo de chegarmos, revelando uma loira sorridente.

Hannah balança a cabeça. — Você estava realmente olhando pela janela, mãe?

— Rachel estava, — a mãe de Hannah responde.

Há um “Ei!” que ecoa de algum lugar dentro da casa. Eu não escondo meu sorriso, relaxando um pouco apesar da minha apreensão sobre este jantar.

A semelhança entre mãe e filha é óbvia. Ambas as mulheres são loiras e esbeltas. Mas o cabelo da Sra. Garner está cortado em um

corte curto e seus olhos são de um castanho quente, não azul. Ela está usando um vestido de verão com estampas brilhantes, o que me ajuda a me sentir um pouco menos exagerado.

Hannah olha para mim. — Mãe, este é Oliver. Oliver, esta é minha mãe.

— É um prazer conhecê-la, Sra. Garner. — Minhas maneiras entram em ação automaticamente, anos de socialização em eventos importantes enraizados em mim. *Nenhuma impressão é irrelevante*, meu pai sempre dizia. Meu avô disse a mesma coisa, então eu sei de onde ele tirou isso.

— Cynthia, por favor. — A mãe de Hannah aperta minha mão estendida. Seu sorriso é amigável e aberto, mas seus olhos são curiosos, me examinando com uma intensidade inesperada.

Não tenho ideia do que Hannah disse a sua família sobre mim, e a expressão de sua mãe não revela nada. Há apenas curiosidade em seu rosto, sem aprovação ou animosidade.

— Entre.

Eu sigo Hannah para dentro, olhando ao redor da entrada. Uma escada curva à frente, levando ao andar de cima. Há uma abertura à esquerda que revela a sala de estar. Os assentos da janela percorrem os dois lados da sala, as vidraças acima das almofadas mostrando toda a vegetação ao redor da casa. Há uma lareira que parece nunca ter sido usada, os tijolos sob a grelha impecáveis. As paredes são de gesso, pintadas em tons neutros e suaves.

Passamos pela sala e entramos na cozinha. É longa e retangular, centralizada em torno das portas francesas na parede oposta. Todo o resto é construído de telha ou madeira. Isso me lembra uma vinícola.

Cynthia continua andando pelas portas abertas e do lado de fora. Pisos de madeira mudam para ladrilhos de terracota. A área exterior é enorme, o quintal depois dela muito maior do que a frente da casa sugere.

Estou distraído com a visão do amplo quintal pela mulher que salta e se aproxima de nós. Seu cabelo é da cor de mel escuro, alguns tons mais escuros que o de Hannah. E o sorriso largo e desprotegido que ela aponta para mim também não é nada que eu tenha visto em Hannah. Mas tenho certeza de que esta é a irmã dela, Rachel.

— Você veio!

— Fui convidado, — respondo, sorrindo com sua exuberância. É revigorante, já que geralmente estou cercado por pessoas que escondem suas emoções. Incluindo Hannah, que é uma estátua rígida

perto de mim. — Prazer em conhecê-la, Raquel.

— Não sei o que é mais surpreendente, que Hannah tenha me mencionado para o cara que ela dizia mal conhecer ou que você se lembrasse do meu nome.

Os olhos de Rachel saltam entre nós. Eu olho para Hannah a tempo de pegar os olhos arregalados voltados para sua irmã mais nova. O olhar universal *para parar de falar*.

— Eu sou bom com nomes, — eu digo. — Vem a calhar no trabalho.

— O que você faz? Hannah também não mencionou isso.

— Você não perguntou! — Hannah diz. Há uma nota de exasperação em sua voz. E também talvez uma pitada de constrangimento.

— Trabalho na empresa da minha família.

— *Com* sua família?

Eu concordo. — Não somos os únicos funcionários, mas meu irmão e meu pai também trabalham lá.

— Você e Hannah entraram no negócio da família, então, — comenta Rachel.

— Nós entramos.

— Oi, Mana.

Hannah se vira para o homem de cabelos escuros vindo em nossa direção, claramente aceitando a distração. — Ei, Eddie.

O irmão de Hannah tem cabelo castanho e bronzeado profundo. Rugas de riso enrugam os cantos de seus olhos enquanto ele abraça sua irmãzinha. Presumi que Hannah era mais próxima da irmã, mas ela sorri para o irmão com uma adoração de herói da qual tenho um pouco de inveja.

Ele se vira para mim em seguida e estende a mão. — Ei, eu sou Eddie. Prazer em conhecê-lo.

— Você também. Oliver. — Assim que nossas mãos caem, eu digo, — Você está muito bronzeado para um médico. Achei que as salas de cirurgia não recebiam muita luz do sol.

Eddie ri, completamente à vontade. — Elas não recebem. Eu saio para surfar quase todas as manhãs. Não me canso disso. Você surfa?

Eu balanço minha cabeça. — Nunca surfei.

— Bem, você deveria... — Eddie interrompe abruptamente,

correndo até uma pequena ruiva que está grávida e saindo carregando uma travessa de queijo, tomate e alface. — O que você está fazendo? Você não deveria estar carregando isso!

— Eu não posso ver o chão de qualquer maneira. Posso muito bem me tornar útil.

Eddie pega a travessa de sua esposa e o coloca na mesa antes de guiá-la até mim. Sua expressão é uma mistura de apreensão e admiração enquanto ela se aproxima, olhando entre mim e Hannah da mesma forma que Rachel fazia.

Eu sorrio para ela. — Prazer em conhecê-la, April.

Ela sorri de volta. — Você fez sua lição de casa, hein?

— Oliver é bom com nomes, — comenta Rachel, abrindo uma lata de refrigerante e sentando-se à mesa.

— Bem, é um prazer conhecê-lo também, Oliver.

— Aí está você! — Cynthia chama. — Onde você esteve, Dean?

— Eu tive que pegar mais carvão na garagem, — é a resposta áspera.

Viro-me para cumprimentar o único membro da família que ainda não conheci.

Dean Garner está abraçando Hannah com um braço, enquanto equilibra um prato cheio de hambúrgueres recém-assados no outro.

Para um homem que deve estar na casa dos cinquenta, ele está em excelente forma. Ele poderia facilmente passar por uma década mais jovem. Eddie é uma versão mais jovem dele, da mesma forma que Hannah favorece sua mãe. Rachel tem mais uma mistura das características de seus pais.

Não sou pai, então não sei se você tem favoritos. Meu pai vacilou entre mim e Crew muitas vezes para eu saber se ele genuinamente prefere um de nós ao outro. Mas é óbvio que Hannah e seu pai têm uma ligação especialmente estreita. Está claro na forma como ele a aperta, então vira um olhar severo para mim.

Eu faço o primeiro movimento, estendendo a mão para o pai de Hannah.

Seu aperto é firme, sua expressão de aço.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Garner.

Ao contrário de sua esposa, ele não oferece um apelido menos formal.

— Pai, este é Oliver, — Hannah diz, enquanto o silêncio de nós

olhando um para o outro se estende cada vez mais.

Eu seguro o olhar de Dean o tempo todo. Não sou estranho a táticas de intimidação. Eu mesmo já usei muitas delas. E apesar de como esta reunião não vai significar nada no grande esquema da minha vida - para não mencionar, a intenção de Hannah que vá mal - eu quero que Dean Garner goste de mim. Respeite-me, no mínimo.

Ele finalmente fala. — Oliver...

— Kensington.

Hannah não mencionou meu sobrenome. É óbvio no movimento de suas sobrelanceiras, uma reação que ele não consegue controlar totalmente. Vindo de um homem que fez carreira sendo bem-sucedido em blefar e negociar, o pequeno movimento diz muito.

Dean olha para Hannah, que evita o olhar de seu pai, olhando para Rachel. Ela está comendo um pedaço de queijo e nos observando, assim como todo mundo.

Estou percebendo que li essa situação de forma errada.

Achei que Hannah estava me convidando para salvar a face de sua família, para mostrar a eles que sou a razão de nosso relacionamento de mentira e casamento de verdade nunca darem certo, não ela. Agora estou percebendo que ela preferia que eu nunca os conhecesse. O conceito de pais tendo um interesse genuíno na vida de seus filhos é estranho para mim. Meu pai só se preocupa com o que serve aos seus interesses. O que o beneficia. O que ele pode controlar.

— Bem, — o Sr. Garner finalmente diz, depois de outra *longa* pausa. — Você está com fome?

— Sim, senhor.

Ele acena com a cabeça e continua em direção à mesa com os hambúrgueres.

Todos os outros o seguem em direção à mesa, pegando os pratos e sentando-se.

— *Senhor?* — Hannah murmura para mim.

Eu dou de ombros antes de caminhar em direção à mesa.

— Posso pegar alguma coisa para você beber, Oliver? — Cynthia pergunta.

— Seria bom água, Cynthia. Obrigado.

Todos os copos da mesa já foram enchidos. Tomo um gole assim que me sento em uma das cadeiras de madeira.

— Você mora em Nova York? — A mãe de Hannah pergunta,

antes que eu tenha a chance de pousar meu copo.

— Isso mesmo. Eu cresci lá e voltei depois da faculdade. É uma grande cidade. Lugar maravilhoso para se viver. — Eu olho para Hannah, esperando ter transmitido com precisão o meu amor pela costa leste. Ela revira os olhos e dá uma mordida em seu hambúrguer. Eu escondo um sorriso antes de voltar a focar em Cynthia.

— Em que lugar da cidade você mora? Faz anos que não vou a Nova York.

— Eu moro no Upper East Side. Carnegie Hill.

— Oh, essa é uma área adorável. Perto do Central Park, certo?

— Sim.

— Você tem colegas de quarto? Animais de estimação?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu vivo sozinho. Eu viajo muito a trabalho, então seria difícil deixar um animal de estimação. Meu irmão tem um cachorro, então às vezes eu fico de olho nele.

— Que tipo de cachorro? — Cynthia pergunta ansiosamente.

— Ele parece um golden, eu acho. Eles não têm certeza. Ele foi um resgate.

— Seu irmão é casado?

Eu concordo. — Sim. Ele se casou há alguns anos.

— E ele é seu único irmão?

— Mãe! — Hannah interrompe. — Sério, com as vinte perguntas?

— Estou simplesmente tentando conhecer seu marido, Hannah.

Há uma sinceridade e uma mágoa na voz de Cynthia que me lembra, novamente, como a família de Hannah é diferente da minha. Nas duas últimas vezes que estive sozinho com meu pai, ele me disse para casar com uma estranha. Antes disso, ele me deu um soco na cara. Nem me lembro da última vez que meu pai, Crew, e eu comemos juntos, só nós três. Nossa versão do jantar em família são nossas reuniões semanais totalmente focadas no trabalho e na agenda de meu pai.

— Eu não me importo com as perguntas, — eu digo, quebrando o silêncio constrangedor que caiu.

É a primeira vez que alguém reconhece o verdadeiro motivo de eu estar aqui. Que legalmente falando, faço parte dessa família que nunca conheci até agora.

— Você trabalha na Kensington Consolidated? —

Surpreendentemente, o Sr. Garner é quem fala primeiro.

— Sim.

— Isso parece chique, — diz Rachel. — O que a empresa da sua família faz?

Eu me mexo no meu assento. Eu esperava que isso acontecesse, mas não estou feliz agora que aconteceu. Muitas vezes, parece que isso é tudo o que me reduz, a empresa da minha família. Meu último nome.

— É uma holding de um conglomerado multinacional. Temos um amplo portfólio de subsidiárias em vários setores diferentes.

— Eles acabaram de comprar parte da Thompson & Thompson, — contribui Hannah, mergulhando seu hambúrguer em uma pilha de ketchup sem levantar os olhos.

— Você cuidou desse negócio? — Sr. Garner pergunta.

— Eu tinha uma equipe trabalhando comigo, — respondo.

— Você tem trinta por cento?

— Vinte e seis vírgula cinco.

— Isso deve ter lhe custado um bom dinheiro.

Concordo com a cabeça, mas não divulgo a figura. Tenho certeza de que todos aqui descobriram que minha família é rica, mas detalhes específicos parecem desnecessários.

Talvez Dean sinta isso. Ou talvez ele esteja me testando, tentando descobrir se sou apenas uma figura de proa que não faz nada, mas espera tudo.

— Você arrecadou duzentos bilhões em receita no ano passado, certo?

Na minha frente, os olhos de Rachel ficam enormes.

— Acabamos com pouco mais de duzentos e cinquenta, — respondo, sem olhar para Hannah. Graças a Crew, tenho certeza de que ela tem uma ideia de quanto vale minha família. Mas os números concretos são diferentes.

— Puta merda, — Rachel comenta. — Então você é *muito* rico.

— Trabalho para um negócio lucrativo, — respondo, depois dou uma mordida no meu hambúrguer.

— Você acompanha o beisebol, Oliver? — Sr. Garner pergunta.

Depois de engolir apressadamente, balanço a cabeça. — Na verdade não, senhor.

— Tenho um camarote disponível para o jogo da tarde dos Condors amanhã, se você estiver interessado.

— Claro, isso parece ótimo. — Não hesito em minha resposta, mesmo percebendo que isso exigirá mudar meu voo de volta para Nova York. Eu deveria sair às duas e meia, e uma coisa que sei sobre beisebol é que os jogos são longos.

O Sr. Garner assente. — Bom.

— Isso é coisa de homem ou... — Rachel diz.

O pai de Hannah sorri. — Você está sempre convidada. O camarote inteiro está disponível.

— Você odeia beisebol, — Eddie comenta.

— Ódio é uma palavra forte, — responde Rachel. — E papai *convidou* Oliver. De jeito nenhum vou perder isso.

Eddie balança a cabeça duas vezes, mas depois olha rapidamente para o pai. — Tudo bem se formos também?

O pai de Hannah parece divertido. — Sim.

Hannah é a única na mesa que parece menos entusiasmada com o jogo de beisebol. Seus olhos permanecem em seu prato enquanto a conversa muda para uma discussão sobre a gravidez de April e as histórias de Rachel sobre seus alunos do ensino médio.

Assim que todos terminam de comer, Hannah sugere croquet. Isso provoca uma reação mais forte que eu teria imaginado. Dean parece emocionado. Rachel resmunga alto. Eddie parece resignado. Cynthia e April carregam suas bebidas para as cadeiras de jardim logo após a borda do pátio com vista para o quintal.

— Eu vou jogar, — eu ofereço.

Hannah encontra meus olhos. Ela evitou olhar para mim durante a maior parte do jantar, e eu não percebi o quanto isso me incomodava até fazermos contato visual novamente. Parece a primeira respiração de oxigênio depois de nadar debaixo d'água.

Há um desafio nos olhos azuis. — Em seu *terno*?

— Você acha que jeans é uma vantagem? — Eu respondo.

Minha expressão continua séria, mas estou tentado a sorrir.

A última vez que joguei croquet foi há anos, nos Hamptons. Evitei a casa dos Kensington sempre que estava lá, já que ela contém as memórias mais fortes de minha mãe, que não estou disposto a arriscar que sejam substituídas. Mas sempre há certos eventos da sociedade que acontecem lá no verão que são impossíveis de evitar, como a festa

de 4 de julho dos Ellsworth. E embora já tenha passado algum tempo desde que joguei croquet, tenho praticado muito golfe.

Eu fico com a última escolha de cor, o que significa que eu vou por último na ordem.

Todos me observam enquanto alinho meu martelo com a estaca inicial. Há uma mudança no ar quando a bola verde voa pelos dois primeiros postigos¹⁰. Eu afundo em um terceiro, passando por Eddie. Um quarto, passando por Rachel. E então eu aponto direto para a bola de Hannah, olhando para ela com um toque satisfatório.

Todos os comentários em volta que preencheram outras jogadas desaparecem, enquanto eu ando e alinho minha bola ao lado da dela. Eu seguro a minha no meu sapato, então balanço.

Eu sorrio quando a bola de Hannah voa com um *baque* satisfatório.

Hannah fica boquiaberta para mim, sua boca literalmente aberta. Todos os outros parecem surpresos, mas a expressão de Hannah é a única congelada de horror. — Você *não* acabou de fazer isso.

Eu apenas continuo sorrindo para ela. — Melhor começar a andar.

— Trapaceiro, — ela sussurra, então se dirige para sua bola.

— Está nas regras, Hannah! — Eu falo para ela.

— Hannah é meio competitiva, — Rachel me diz de forma conspiratória, parando ao meu lado.

— Sério? Eu não tinha notado.

Rachel ri antes de caminhar para dar seu golpe.

Hannah consegue jogar a bola de volta ao jogo mais rápido do que eu esperava, e então fica decidida a se vingar. Felizmente para mim, seu aborrecimento afeta sua precisão, então sou poupado de sua ira por dois turnos antes que ela me toque. Com um sorriso triunfante, ela me manda voando para os arbustos.

— Oops. — Hannah finge uma expressão arrependida e eu quero beijá-la. Eu provavelmente *faria* se estivessemos sozinhos agora. Seus olhos azuis estão cheios de riso, brilhando maliciosamente.

Balanço a cabeça antes de caminhar até os canteiros para encontrar minha bola.

O Sr. Garner acaba ganhando o jogo. Hannah e eu votamos para continuar e ver quem fica em segundo e terceiro lugar, mas somos rejeitados por todos os outros. Eles provavelmente estão preocupados com o tempo que vai demorar, considerando que Hannah e eu temos

nos desviado do curso desde o primeiro golpe, e as bolas de Rachel e Eddie foram danos colaterais.

— Vamos para o Canyon! — Raquel sugere. Ela olha para Eddie e April. — Vocês estão dentro?

Eddie parece apreensivo. — Não sei se isso é...

— Absolutamente! — diz April.

Rachel olha para Hannah em seguida. — E vocês?

É estranho perceber que ela está agrupando eu e Hannah da mesma maneira. Ainda mais estranho compreender que somos *casados*, assim como Eddie e April, então faz sentido nos inirmos.

— Hum... — Hannah olha para mim.

Estou exausto. Acordei às cinco da manhã e agora são dez aqui, que é uma da manhã no meu fuso. Em algumas horas, estarei acordado por vinte e quatro direto. Mas eu aceno porque vou concordar com o que Hannah quiser fazer.

— Poderíamos tomar uma bebida, eu acho, — diz ela.

Rachel bate palmas. — Yay! Vamos!

Depois de nos despedirmos do Sr. e da Sra. Garner, entramos nos carros. Eddie e April também vieram de carro, mas Rachel pegou uma carona, então ela vem conosco. Subo no banco de trás, deixando as irmãs sentarem na frente. Rachel tagarela enquanto saímos da área residencial para um trecho mais comercial da rua.

Cerca de cinco minutos depois de dirigir, meu telefone toca.

Eu reconheço o número. É de uma linha de trabalho da Kensington Consolidated. Eu suspiro e respondo. — Oliver Kensington.

— Olá, Oliver. É Scott. Você tem um minuto?

— Que diabos você está fazendo no escritório tão tarde?

Ele ri. — Que diabos você está fazendo atendendo o telefone a esta hora?

— Estou na costa oeste. São apenas dez horas aqui.

— Isso não é muito melhor.

— Não estou no escritório. Você está.

— A Aquisições quer uma recomendação sobre a conta de Porter na segunda de manhã. Então, estou pesquisando as opções de ações e revisando a última proposta que recebemos deles.

— Você tem cópias de suas declarações trimestrais?

— Não as mais recentes. Nós as solicitamos, mas ainda não foram enviadas.

— Isso é inaceitável. Diga a eles para nos entregarem até amanhã, ou qualquer oferta está fora de questão.

— Não tenho autorização para emitir esse tipo de ultimato.

— Eu tenho. Rascunhe um e-mail, envie para mim e eu o enviarei ao presidente.

A expiração de Scott é alta e aliviada. — Obrigado, Oliver.

— E então *vá embora*, ok?

— Não precisa me dizer duas vezes. Obrigado novamente.

Scott desliga. Segundos depois, meu telefone toca novamente. Desta vez, é Garrett.

— Ei, cara, — eu respondo.

— Ei. Acabei de perceber que não mandei o nome do restaurante para amanhã à noite. Estou dirigindo, então pensei em apenas...

Porra. — Esqueci-me totalmente do jantar. Eu não vou conseguir ir.

— Sem problemas. Está tudo bem?

— Sim. Tudo certo. Eu só... algo aconteceu neste fim de semana. Me desculpe, eu esqueci de te dizer. O trabalho tem sido tão agitado, e...

— Está tudo bem, Oliver. Sem problemas. Vou mudar para o próximo fim de semana?

— Claro. Terei que verificar com... sim, deve estar tudo bem. Eu vou deixar você saber se não, ok?

— Parece bom. Tchau.

— Tchau.

Eu desligo meu telefone e inclino minha cabeça para trás, me repreendendo mentalmente. Não acredito que esqueci do jantar com Garrett. Se eu tivesse chegado a convidar Quinn, provavelmente teria esquecido de avisá-la que não poderia ir também, o que é uma péssima primeira impressão. Ou segunda, tecnicamente.

O trabalho é sempre agitado, e eu me mantive no topo do resto da minha vida muito bem.

É Hannah - nosso casamento, nosso divórcio, apenas nós - que está ocupando a maior parte do meu tempo. Passei o dia inteiro obcecado com uma mensagem de texto que enviei para ela.

Estou tão distraído que para minha surpresa de repente estacionamos e saímos do carro. Eu sigo atrás de Hannah e Rachel, exaustão e preocupação me cercando como uma névoa.

As paredes dentro do Canyon são decoradas por murais de barro. Feito para parecer com seu homônimo, eu acho. As cabines são de couro marrom, apenas alguns tons mais escuros que a pintura. Um longo tempo de bar corre ao longo de uma parede, com mesas espalhadas pelo chão.

April vai para o banheiro assim que entramos. Eddie e eu nos sentamos em uma mesa aberta, mas Hannah e Rachel ficam de pé.

— Nós vamos pegar bebidas, — diz Rachel. — O de sempre, Eddie?

— Sim, obrigado. E uma ginger ale para April.

Hannah olha para mim. — O que você quer?

— Uma cerveja?

Minha certeza usual sai como uma pergunta, confuso com a mudança de atitude dela. Quando saímos da casa dos pais dela, Hannah estava sorrindo e brincando. Desde que chegamos no Canyon, ela tem estado rígida e sem graça. Ela não queria vir? Ela é a única razão de estarmos aqui.

— Que tipo de cerveja?

— Uh... — Minha mente fica em branco, cada nome de marca escorrendo como água por uma peneira. Não peço nada além de uísque há anos. — Qualquer uma.

Hannah bufa, então gira e vai embora. Rachel a segue, depois de lançar um olhar confuso em minha direção. É bom saber que não sou o único surpreso com a mudança de atitude de Hannah.

Eddie também percebe. — Tudo bem aí?

Eu dou de ombros.

— Sim, isso parece certo. — Ele ri. — Eu não pude acreditar, quando minha mãe me disse que Hannah tinha se casado.

— Foi uma surpresa para mim também. É uma situação estranha.

— O que há de estranho nisso?

Eu olho para ele, e ele sorri.

— Brincadeira. Eu entendi o que você quis dizer. Mas duvido que vocês sejam o primeiro casamento de Las Vegas a não ir longe.

— Eu não quis dizer isso. Eu quis dizer esta parte. Honestamente,

pensei que todos vocês iam me odiar.

Eddie balança a cabeça, sorrindo. — Todos nós conhecemos Hannah. Ela nunca fez nada que não quisesse. Se ela se casou com você, ela teve algum motivo.

— Nenhum de nós estava pensando direito.

— Bem, você está indo bem, Oliver. Papai nunca convidou Declan para fazer nada.

— Quem é Declan?

Eddie bufa uma risada, coçando o lado de sua mandíbula. — Uh, o último ex de Hannah. Eles ficaram juntos por cerca de um ano.

— O que aconteceu?

— Ele propôs. E ela disse não.

— Oh. — Há uma torção desconfortável no meu estômago. Hannah sempre pareceu resoluto em suas opiniões anti-casamento, então não é uma surpresa total que ela rejeitou uma proposta. Estou mais chocado por ela estar em um relacionamento sério o suficiente para chegar a esse estágio - e o quanto isso me incomoda.

O sentimento estranho, ciúme, eu acho, é amplificado quando olho para o bar e vejo Hannah conversando com um cara qualquer.

Não consigo ver a expressão dela desse ângulo, e não há sinal de Rachel.

— Eu já volto, — digo a Eddie, mal percebendo seu aceno de cabeça antes de cortar a multidão em direção à cabeça loira de pé em uma extremidade do bar.

Está cheio aqui, mas não lotado. Levo alguns minutos manobrando entre mesas e clientes antes de entrar no espaço vazio atrás de Hannah. Minha mão desliza em torno de sua cintura automaticamente, como se fosse um movimento que já fiz mil vezes antes.

O corpo de Hannah fica tenso quando ela olha por cima do ombro. Seus olhos azuis estão confusos a princípio. Mas então seu corpo relaxa, inclinando-se para mim. Meu polegar esfrega para frente e para trás sobre seu estômago, saboreando a maneira como seus lábios se abrem e sua garganta balança com um gole. Meu sangue esquenta, reagindo à mudança repentina de energia entre nós. Em vez de aborrecimento, Hannah está olhando para mim com raiva.

— Bom falar com você. — O cara que estava conversando com Hannah pega seu copo e sai rapidamente.

Hannah se vira para ficar de frente para mim. Eu deveria abaixar

minha mão, que agora está descansando em suas costas, mas não o faço. Eu gosto da sensação, o tecido macio de sua camiseta e o calor escaldante de sua pele encharcando o algodão.

— Você precisava de algo?

Se ela fosse qualquer outra pessoa além de minha *esposa*, eu a beijaria. Estou tentado a beijá-la, apesar disso. Este é um local melhor do que o quintal de seus pais.

Mas eu não tenho a desculpa de beber demais ou me soltar em Las Vegas esta noite. Estou aqui para limpar essas consequências, não para complicar tudo.

E *vir aqui* complicou tudo, estou percebendo. Era para ser formal e desconfortável, dois estranhos educados e distantes. Não era para ser a melhor noite que tive em muito tempo. E este momento, o olhar em seus olhos e pensar em como ela parecia nua, nunca deveria acontecer.

Está aqui, porém, e eu tenho que decidir como reagir.

— Não. — Eu finalmente respondo a sua pergunta.

— Então... você só veio aqui para afugentá-lo?

Dois dedos deslizam sob a bainha de sua camiseta, roçando a parte inferior das costas. É o mais simples dos toques, mas Hannah estremece, arrepios subindo em sua pele.

Estou brincando com fogo, mas não quero parar.

— Você me deixou com seu irmão para poder flertar com um cara?

Ela inclina o queixo. Mesmo de sandália, ela é alta, facilmente encontrando meus olhos. — Se você tivesse demorado um pouco mais para vir aqui, provavelmente estaríamos fodendo no banheiro agora.

Minha inspiração é forte, como se ela tivesse acabado de acertar um golpe.

— Você pode assistir, se quiser.

Ela está me empurrando, e eu não consigo entender o porquê. Eu não deveria me importar. O objetivo dessa visita era mostrar nossa incompatibilidade para a família dela. E, em vez disso, estamos ignorando seus irmãos, abrigados no que parece muito com a tensão sexual.

Solto minha mão e me afasto, imediatamente sentindo falta do calor de sua pele. Enfio as mãos nos bolsos, para não ficar tentado a tocá-la novamente.

— O quê? A infidelidade incomoda você? — Há um tom exagerado de surpresa em sua voz, então sei exatamente a que ela está se referindo.

É como um balde de água gelada. Já ouvi o suficiente sobre meus pecados de meu pai, e compartilhar um deles com Hannah foi claramente um grande erro.

Eu engulo a mágoa, da mesma forma que guardo todo o resto. Balanço a cabeça, com firmeza, até que fique natural. — Não me incomoda em nada. Se você realmente se der bem com alguém, apenas me mande uma mensagem e eu irei para um hotel.

Forço um sorriso indiferente, então me viro e caminho de volta para a mesa.

CAPÍTULO QUINZE

Hannah

— Então, seis da manhã? — Eddie diz, enquanto caminhamos pelo estacionamento.

Oliver estremece, mas é ínfimo. Acho que ninguém mais percebe. Ou registrou que já é o meio da noite para ele. — Sim, — ele responde. — Vejo você lá.

— Incrível. Boa noite, cara. — Pensando bem, Eddie também se despede de mim. April e Rachel acenam antes de irem para o carro. Já que Rachel mora mais perto deles do que de mim, eles vão levá-la para casa.

Meu irmão tem muitos amigos. Um dos bônus de crescer no sul da Califórnia é que as pessoas tendem a ficar aqui. A maioria dos meus amigos do ensino fundamental, médio e faculdade ainda mora na região, e o mesmo vale para Eddie. Ele não está desesperado por companhia masculina. E ele nunca fez um esforço para sair com qualquer cara com quem eu namorei além de um bate-papo educado antes.

Presumi que minha mãe e Rachel seriam amigáveis com Oliver. April também. Mas pensei que meu pai e Eddie seriam reticentes. Em vez disso, meu irmão está fazendo planos particulares e meu pai convidou Oliver para um jogo de beisebol. No ano em que namorei Declan, ele não recebeu um único convite fora dos eventos que eu o levei.

— O que vai acontecer às seis? — Eu pergunto.

— Ele me convidou para surfar. — Oliver não olha para mim enquanto responde. Ele *não* olhou para mim desde que eu sugeri que ele me assistisse fazendo sexo com outra pessoa e então joguei um segredo que ele confiou em mim de volta em seu rosto.

— Você surfa?

— Não.

— Eddie é um bom professor. Ele me ensinou.

— Ótimo. — Seu tom é monótono quando ele sobe no banco do passageiro.

Eu coloco meu cinto de segurança no lugar, mordendo o interior da minha bochecha.

Antes, eu desejava que Oliver agisse exatamente como ele está agora - distante e frio.

Ele foi muito charmoso no jantar, respondendo pacientemente às perguntas de minha mãe. Muito ousado no croquet, fazendo-me gostar mais do que se tivesse vencido. E então seu telefone continuou tocando no caminho para Canyon, lembrando-me que ele é ocupado e importante e tinha planos para este fim de semana que não envolviam receber minha família.

Mas agora que ele está olhando pela janela como adoraria estar em qualquer outro lugar, sou atingida por uma dor persistente de arrependimento.

Eu limpo minha garganta. — Minha família gostou de você.

— Desculpe. — Sua voz é seca, sem nenhum sinal de desculpas.

Eu expiro. — Eu sinto muito, Oliver.

— Pelo quê?

— Mais cedo. Eu não deveria ter levantado... isso.

— Se exibicionismo é a sua praia...

Uma risada inesperada se espalha. — Não é.

— Se for, no entanto... — Há uma nota de provocação em seu tom, e a onda de alívio é vertiginosa. Eu não percebi o quão preocupada eu estava, o mal que eu fiz era irreparável até que houvesse um sinal de que não era.

Eu mordo meu lábio inferior para segurar outra risada. — Eu não vou contar a ninguém. Eu prometo. Você pode confiar em mim. E isso provavelmente não significa nada para você, depois do que eu disse antes. Mas você pode.

Quando eu olho, qualquer diversão na expressão de Oliver se foi. Ele voltou a parecer estoico.

Uma vez que ele percebe que meus olhos estão nele, ele acena. — Ok.

Engulo em seco, aceno de volta e então aperto minhas mãos ao redor do volante. Não é o friozinho do início da viagem, mas também não é o calor.

— Eu me inscrevi na faculdade de arquitetura na noite em que nos conhecemos.

Meus olhos estão de volta na estrada, mas eu pego o movimento

pelo canto deles enquanto ele olha na minha direção.

— Foi por isso que desci ao bar, em vez de pedir serviço de quarto. Uma mini comemoração, já que não contei a ninguém que estava me inscrevendo.

— Incluindo eu.

— Acabei de te falar.

— Quero dizer naquela noite, — ele responde.

— Eu não te conhecia. Você só queria que eu deixasse escapar isso, de primeira? Eu tive dificuldade o suficiente em chamar sua atenção.

Oliver não diz nada, por muito tempo eu acho que ele não vai. E quando ele fala, *me deixa* sem palavras. — Você sempre teve minha atenção, Hannah.

Eu pensaria que era uma linha, um doce sentimento que não significa nada. Exceto que há uma sinceridade nas palavras que é quase raivosa. Como se a admissão estivesse sendo arrancada dele. Ou que é algo que ele adoraria mudar, mas não pode. Em vez de serem românticas, as palavras soam dolorosamente honestas.

Como não tenho certeza do que dizer em resposta, não digo nada.

O silêncio é carregado. Não desconfortável, mas perceptível. Parece que essas seis palavras — *Você sempre teve minha atenção, Hannah* — estão se prolongando e crescendo entre nós a cada quilômetro que dirigimos.

A mesma consciência pulsante que continua resultando em decisões estúpidas, como casar ou insultá-lo, aparece, me deixando inquieta e desconfortável.

Demorei muito para responder ao seu último comentário e não o suficiente para abordar um tópico diferente.

Finalmente, eu estaciono na garagem.

Oliver não diz nada enquanto saímos do carro e subimos os degraus da varanda até a porta da frente. Eu destranco a porta e acendo as luzes do corredor antes de tirar meus sapatos e continuar para a cozinha.

Pego uma garrafa de água com gás na geladeira e abro a tampa, tomando um gole longo e fortificante.

Os passos que entram na cozinha são inesperados. Estou acostumada a viver sozinha com a trilha sonora de nada além dos meus próprios movimentos. E pensei que Oliver iria direto para a cama.

Eu me viro para encará-lo, recostando-me no balcão enquanto tomo outro longo gole de água com gás. As bolhas arranham minha garganta, me lembrando que este momento é real.

— Você se deu bem no bar, hein?

Eu levanto as duas sobranceiras. Eu estava de volta à mesa cerca de cinco minutos depois que Oliver foi embora. Além de um cara que se aproximou de mim no bar, não falei com ninguém além dele e da minha família a noite toda. O que ele já sabe.

— Você não pode *se dar bem* se não jogar.

Ele se aproxima, encostado na ilha e cruzando os braços. Passei muito tempo admirando seus antebraços esta noite. O mapa das veias e as linhas magras dos músculos. — Você se lembra de alguma coisa sobre aquela noite?

Sua voz é baixa. *Tão* baixa e tão profunda. Sexy.

Acho muita coisa sexy em Oliver, inclusive que ele ainda está vestindo um terno porque não trouxe nada mais casual. Que ele parece composto, mas passou a noite jogando croquet com meu pai e sentado em um bar com chão pegajoso ouvindo minha cunhada debater nomes de bebês.

Eu puxo meu cabelo sobre um ombro, observando-o acompanhar o movimento. Seus olhos em mim parecem a queda de seda sobre a pele. A menor e mais pura provocação que aperta meu peito e acelera cada batida do meu coração.

— Partes, — eu engasgo.

— Quais partes?

— O bar. Encontrar você no clube. Observar as fontes. Estar alto no céu. Beber. Depois disso... não muito.

— O... nosso... casamento?

Eu engulo. Balance minha cabeça. — Não.

— Depois?

— Desmaiar na cama? Não mesmo. — Há uma reação sutil. Não muito, mas sua bochecha muda. É ousado acrescentar, — Não é bem uma noite de núpcias.

— Era isso que você queria, Hannah? — Sua voz é toda cascalho. E há uma rouquidão adicionada ao meu nome, como se ele estivesse bem ciente de como dizer isso me afeta. — Uma verdadeira noite de núpcias?

Um latejar começa entre minhas pernas, acompanhando meus

pensamentos acelerados.

O que há em Oliver Kensington que me faz perder toda a lógica? *Ele* é lógico. Sólido, inteligente e sério. Mas, pela primeira vez, entendo como acabamos nos casando.

Estou completamente no controle da minha tomada de decisão e, portanto, muito tentada a tomar outra decisão estúpida no que diz respeito a ele.

Sexo é confuso. A luxúria é confusa. O desejo é perigoso.

Mas enquanto olhamos um para o outro, não consigo encontrar força de vontade para me importar.

Enterrei como era tocá-lo - beijá-lo - sob o estresse e a ansiedade de nosso casamento inesperado. Mas o conhecimento ainda está lá, passando o filme colorido em minha mente.

Eu concordo.

Há uma centelha de calor em seu olhar. — Posso foder você, Hannah?

A borda da bancada de quartzo cava na parte inferior das minhas costas. Ao longe, uma sirene soa. Mas mal estou ciente do que está ao meu redor. Estou focada nele, nadando naquele verde intenso.

Ele está realmente perguntando, assim como fez antes de me beijar.

Isso não é preliminares ou conversa suja. Parte dele provavelmente quer que eu diga não, para acabar com essa possibilidade entre nós que vai complicar ainda mais tudo entre nós.

Eu dou um passo à frente. A madeira é fria e lisa contra meus pés descalços enquanto me afasto do balcão e me aproximo dele.

Oliver não se mexe. Não alcança. Ele me observa andar, até que estou tão perto que posso ver a vibração de seu pulso sob o queixo. Mantendo meu olhar fixo nele o tempo todo, começo a desabotoar sua camisa. Um por um, eles se abrem, expondo o peito nu.

Trabalhar na Garner Sports Agency significa que passo muito tempo com atletas profissionais que ficam em forma por um contracheque. Oliver poderia escolher nunca trabalhar um dia de sua vida. Mas ele não só trabalha, ele *malha*.

Seu corpo é uma obra-prima. Pele firme e músculos esculpidos. Eu tomo meu tempo com cada botão, meus dedos roçando e demorando sobre cada novo centímetro.

Assim que chego ao botão final, corro minhas mãos até o topo, espalhando minha palma direita sobre seu peitoral esquerdo até

encontrar o baque constante de seu coração.

— Sim. — Sussurro minha resposta.

Sua mão se espalha no centro das minhas costas da mesma forma que fez no bar. Assim como antes, eu quero suspirar com o contato. Não é sexual, é apoio. Eu tropeço nele, e então ele está me beijando.

E *porra*, Oliver sabe beijar. Sou arrastada para ele, como uma onda saindo da costa.

Ele não se barbeou desde que chegou. Há uma ligeira ruído quando sua barba raspa minha pele, a aspereza de sua barba contrastando com o toque macio de seus lábios.

Me perco nisso, nele. Me pergunto por que não o beijei assim que ele saiu do aeroporto mais cedo, porque constrangimento e incerteza não parecem barreiras monumentais o suficiente para justificar resistir a essa sensação.

Eu choramingo quando seus lábios deixam os meus, e estou muito excitada para me importar com o quão patético isso soa.

— Sofá ou cama?

Eu delibero por meio segundo. O sofá está mais perto, a cama é maior. — Cama.

Em um movimento que eu não esperava, de repente estou no ar. A respiração deixa meus pulmões em um *assobio de surpresa* quando Oliver começa a andar, deixando-me com uma visão de cabeça para baixo da minha cozinha.

— Que diabos? — Eu gaguejo. Soa muito menos indignado do que eu esperava.

A mão de Oliver sobe pela minha panturrilha esquerda e pousa na minha coxa, segurando-me com mais segurança contra seu ombro. Mesmo através do jeans, posso sentir o calor queimando o tecido e marcando minha pele.

— É a minha vez.

— Sua vez de... o quê? — A última palavra sai ofegante, enquanto o mundo se reorienta novamente. Estou deitada de costas, espalhada no meio do meu colchão, com um sorridente Oliver pairando acima de mim.

— Tocar em *você*.

Sua cabeça mergulha, encontrando um ponto sensível logo acima da minha clavícula. Ele pressiona os lábios bem na curva onde meu pescoço encontra meu ombro. Eu nem *sabia* que era um ponto sensível. Não até agora, quando ele chupa suavemente antes de passar

a língua, e minhas terminações nervosas respondem como um raio encontrando metal.

A boca de Oliver sobe pelo meu pescoço.

Às vezes lambendo, às vezes chupando, às vezes mordiscando.

Sempre tocando.

No momento em que ele chega ao meu queixo, estou uma bagunça ofegante. Uma poça de necessidade. Tão molhada que posso *sentir* se juntando entre minhas coxas.

Achei que seria um encontro rápido. Sexy e satisfatório, mas não lento. Era para ser uma gratificação instantânea. Alívio mútuo.

Não essa sensação crescente e brilhante que me faz nunca querer me mover. Mergulhar na sensação de que ele está me adorando.

Quando ele me beija, parece que estou caindo.

Mas da melhor forma. Quando você sabe que vai pousar com segurança para poder aproveitar a adrenalina.

Não tenho certeza se deveria me sentir tão segura perto de Oliver. Ambos temos os meios para ferir o outro. Somos uma pilha precária; um troço longe da destruição.

Mas eu caio de qualquer maneira.

Sua língua desliza em minha boca, o deslizamento praticado e sensual. Meus quadris levantam, tentando desesperadamente aliviar a pressão crescente. O único som que posso ouvir é minha respiração pesada, o puxão desesperado de oxigênio alto e desesperado.

A mão de Oliver desliza pelo meu estômago, habilmente desabotoando e abrindo o zíper da minha calça jeans. Antecipação me percorre enquanto a pulsação entre minhas pernas se torna mais insistente.

Estou prestes a fazer sexo com meu marido, percebo.

Há muitas emoções associadas a essa afirmação que estou muito sobrecarregada para nomear, então apenas fecho meus olhos e *sinto*.

O jeans é puxado com eficiência, o ar frio acariciando minha pele nua enquanto meu jeans é jogado no chão. Sento-me e tiro minha camiseta, sentando-me na cama apenas de sutiã e calcinha.

Pelo menos eu escolhi um conjunto rendado combinando esta manhã. Não queria que Oliver pensasse que fiz um esforço, mas queria me sentir bem hoje. Quando me vesti esta manhã, não pensei que ele me veria assim.

A única luz aqui é a que vem do corredor. Eu só pego um rápido

vislumbre da expressão sombria de Oliver antes de sua cabeça abaixar, dentes roçando meu mamilo através da renda do meu sutiã.

Eu suspiro, minhas costas arqueando e meu peito levantando como uma oferenda enquanto o inferno dentro de mim acende.

— *Foda-se*, Hannah.

Ele parece torturado. Sobrecarregado. Selvagem.

— *Foda-me*, — eu digo a ele.

Oliver ri, o som sombrio e decadente. Desliza pela minha pele como uma pitada de fumaça ou uma gota de uísque.

Levanto minha pélvis, buscando mais contato. Implorando sem as palavras. Meus dedos cavam em seus ombros, sentindo os músculos se contraírem sob meu toque. Sua língua está traçando círculos no meu peito, e todo o meu corpo vibra com cada lambida.

— Por favor.

Sua mão desliza pela minha perna nua, deixando meus nervos em frenesi. A textura de sua pele correndo sobre a minha e a fricção contra seu traje é demais - e não o suficiente.

— *Por favor*, Oliver.

Ele rola para longe e, por um segundo horrível, acho que foi tudo uma provocação. Que ele estava se perguntando o quanto eu o queria e acabou de receber sua resposta. Mas então ouço o farfalhar de tecido e o amassar de uma embalagem, e percebo o que está acontecendo. Estendo a mão para trás e abro a faixa do meu sutiã, deixando o peso dos meus seios cair livre.

Então a mão de Oliver está lá, conseguindo fazer o desconforto melhorar e piorar enquanto ele esfrega meu mamilo em um ponto duro. Sua outra mão faz uma viagem lenta pelo meu peito e estômago até chegar entre as minhas pernas, puxando minha calcinha e me deixando totalmente nua.

Eu o sinto *lá*, faíscas de eletricidade correndo por mim enquanto a cabeça de seu pênis roça meu clitóris antes de empurrar para dentro de mim. É um alívio sentir o comprimento dele me preenchendo. E um alargamento para acomodar seu tamanho. Ele pressiona cada vez mais fundo, até que tenho certeza de que não aguento mais. Quando ele se retira, há uma dor imediata enquanto eu aperto o nada. E então ele está me alargando novamente, incitando uma dor deliciosa.

— Mais rápido. — Eu respiro a palavra, minhas mãos se movendo para baixo, as unhas arranhando suas costas. Eu preciso de *mais*.

Estou reduzida ao mais básico dos instintos. Nada além de

necessidade. Neste momento, nada do que nos trouxe aqui importa. Só importa que estamos aqui. Que o roçar do pau grosso de Oliver está me empurrando cada vez mais alto, uma pressão perfeita que vai acabar em euforia. Eu posso sentir isso crescendo em meu centro, o calor e o prazer tão perto que eu poderia chorar. Eu inclino meus quadris, tentando desesperadamente levá-lo mais fundo. Para escalar o pico mais rápido.

— Você é tão apertada. Tão molhada. — Ele murmura as palavras bem perto do meu ouvido, baixo e rouco, e minha respiração fica tão rápida que é embaraçoso. — Me sinto bem pra caralho.

Eu aperto meus músculos internos, sorrindo quando ele geme.

Uma onda inebriante de poder corre através de mim, misturando-se com a luxúria e o desespero.

Eu amo que estou afetando ele. Que ele está *admitindo* que eu o afeto.

— Você me aceita tão bem. Ainda melhor do que eu imaginava. — Seu tom é baixo e irregular, uma aspereza que aquece minha pele como o toque de uma chama e me lava em ondas de excitação.

Ele pensou sobre isso.

Parece que esse momento está se construindo desde que ouvi a voz dele naquele bar. Lembro-me de como me senti quando ele olhou para mim, a pressa que acompanhou sua atenção. Como se ampliou a uma intensidade quase insuportável, reverberando por todo o meu corpo.

Ele está me possuindo de uma forma que eu nunca experimentei. Eu costumo orientar os caras durante o sexo, dizendo a eles o que eu gosto e o que eu quero. Alguns se divertem com isso, alguns ficam ofendidos com isso, mas nenhum deles escapou.

Exceto Oliver. Desde que ele me beijou, mal consegui mais do que gemidos.

Não preciso tomar uma única decisão. Ele está controlando tudo, da mesma forma que parece administrar cada aspecto de sua vida.

Eu não quero que ele pare. Mas meu corpo também está desesperado por liberação, o prazer que estou perseguindo pairando fora de alcance.

Minhas mãos exploram suas costas para cima e para baixo, sentindo músculos e tendões se moverem sob meus dedos enquanto ele se move sobre mim. Sua boca cai na minha e estamos nos beijando novamente, sua língua tomando minha boca com o mesmo assalto habilidoso enquanto seu pau enche minha boceta.

Sua pélvis esfrega contra a minha, estimulando cada ponto sensível. Prazer bate através de mim, súbito e consumidor e incrível, enquanto eu tenho espasmos em torno dele.

Perco toda a noção de tempo, lugar ou eu, catapultado para um nirvana pessoal.

Eu ainda estou flutuando em nuvens de êxtase quando Oliver me vira, suas mãos levantando meus quadris para cima e para trás antes de eu ser aberta por seu pau duro novamente. Eu suspiro, me reajustando à nova posição e percebendo que ele não gozou durante meu orgasmo explosivo.

Tudo é ultrassensível, o prazer de ele me alongar novamente ainda mais nítido e intenso. O ângulo é diferente e mais profundo, e Oliver aproveita ao máximo. A cada golpe ele se retira quase totalmente, um arrastar lento que parece que posso sentir cada saliência e veia, mesmo através da barreira da camisinha. Então ele me enche de novo, me esticando até que eu tome cada centímetro.

Meu corpo está começando a crescer em direção a outro pico mais rápido do que eu teria pensado ser possível. Minha respiração é irregular, calor escorrendo por mim em fluxos intermináveis. O suor umedece minha pele.

— Você está perto de gozar de novo. — Oliver geme as palavras, a excitação aprofundando-as em um rosnado baixo. — Eu posso sentir.

Eu gemo, minhas mãos agarrando o tecido macio do meu edredom enquanto ele puxa para fora completamente, deslizando em torno da minha abertura e deslizando contra o meu clitóris. Provocando-me com a promessa de mais prazer.

Não sei como ele ainda não gozou. Seu pau está tão rígido que mal se move quando eu arqueio minhas costas e me esfrego contra ele, tentando forçar mais fricção. Tentando trazê-lo de volta para dentro de mim.

As mãos de Oliver deixam meus quadris e sobem pelas laterais do meu abdômen, deixando rastros de arrepios enquanto ele explora meu corpo. Uma mão roça a ponta dura do meu mamilo e eu estremeço com a nova onda de prazer.

Então suas mãos estão de volta em meus quadris, deslizando para baixo para espalhar minhas pernas mais abertas para ele. O ar fresco roça a umidade acumulada ali, alimentando a dor implacável. Um segundo orgasmo não parece mais impossível. Parece inevitável.

Ele entra em mim de novo, de repente e com força suficiente para que pareça como tomá-lo pela primeira vez novamente.

— A única maneira que eu vou ver você sendo fodida é se *eu* for o único fodendo você, Hannah.

Há uma possessividade sombria nas palavras, uma corrente de intensidade que eu não esperava. Eu imagino o que ele vê, eu espalhada e desesperada por ele. O completo oposto de provocá-lo sobre sexo no banheiro com outro homem.

Eu gemo e choramingo quando ele define um ritmo punitivo, batendo em mim uma e outra vez até que eu caia de um penhasco em um esquecimento feliz. Eu gozo de novo, apertando o comprimento duro de seu pênis enquanto ele continua a balançar dentro de mim.

Tremores percorrem através de mim enquanto um prazer irracional me inunda com a força de um tsunami, me puxando para baixo em ondas infinitas. Mal estou consciente o suficiente para sentir o puxão dentro dele enquanto ele ejacula, finalmente encontrando sua própria liberação.

Eu caio no algodão macio da minha colcha, me sentindo como uma toalha que acabou de ser espremida. Há um zumbido satisfeito correndo pelo meu corpo enquanto eu rolo de costas, deleitando-me em um estado completamente relaxado.

Passo a mão pelo cabelo, afastando as mechas loiras dos olhos e do rosto. Minha respiração começa a desacelerar, respirações desesperadas se tornando rítmicas e fáceis, enquanto observo Oliver se inclinar e pegar um lenço de papel na mesa de cabeceira.

Ele remove a camisinha, embrulha e joga no lixo. Mesmo flácido, seu pau impressiona. Minha boceta está inchada e satisfeita, mas há uma nova pulsação entre minhas pernas, lembrando como aquele comprimento longo e grosso parecia dentro de mim.

Eu posso dizer que ele não tem certeza do que dizer ou fazer. Que ele está se preparando para sair e caminhar pelo corredor até o quarto de hóspedes.

É o que ele deveria fazer. O que eu deveria *querer* que ele fizesse.

Mas antes que meus olhos se fechem, eu sussurro: — Você pode ficar.

Não é bem um convite. Porque os convites servem a um propósito, e não sei qual é o sentido dele ficar. Estou exausta, e não fui eu que voei cinco horas e estou três horas adiantada. Tudo o que faremos é dormir. E eu deveria querer a cama só para mim. Eu gosto do meu espaço; é por isso que eu moro sozinha.

Por isso, fico surpresa quando a inclinação do colchão provoca um pequeno arrepio em mim. Quando o som de sua respiração é

calmante em vez de irritante.

Mesmo com os olhos fechados, posso senti-lo se movendo. Alguns segundos depois, o cobertor de caxemira que guardo nos pés da cama está sobre meu corpo, as fibras macias roçando levemente minha pele nua.

Há uma cintilação delicada e frágil em meu peito. Acordar casada com um estranho é uma das coisas mais assustadoras que já me aconteceu. Mas agora, me sinto mais segura do que nunca.

E é tudo culpa de Oliver Kensington.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Oliver

O melhor sexo da minha vida não era para ser com minha *esposa*. E também não era puramente físico. Eu sempre me esforço para garantir que uma mulher se divirta, mas ontem à noite foi mais do que isso. Eu estava completamente focado em Hannah, preocupado em garantir que o prazer dela fosse a prioridade.

Eu racionalizei isso como o caso de uma noite que nunca tivemos, a noite em que acabamos nos *casando*. Mas parecia mais do que isso. Parecia significativo.

Assim como acordar ao lado dela novamente.

Eu não deveria ter ficado na cama dela. Fiquei surpreso que ela ofereceu, mas eu não deveria ter ficado. Bagunçou tudo ainda mais. E agora estou com medo de voltar para a casa dela.

— Você está pronto para entrar? — Eddie diz.

— Claro, — eu grito de volta, então me inclino para a frente na prancha para começar a remar. Minhas mãos cortam a água fria e salgada, uma onda ocasional ajudando a me impulsionar em direção à costa.

Este é praticamente o único movimento que Eddie me ensinou que eu sou bom. Tentei pegar algumas ondas quando chegamos aqui. Depois de três tentativas infrutíferas, optei apenas por balançar na minha prancha e olhar para o horizonte clareando.

O Oceano Pacífico está pacífico e calmo esta manhã, o que não é uma condição ideal para o surfe. Mas é bom para autorreflexão.

Sempre acordo cedo, mas nunca reflito. Eu tomo café e como aveia. Malho. Tomo um banho e coloco um terno. Então vou para o escritório.

Esta é a primeira manhã em algum tempo que me sinto sem pressa. Irônico, já que dormi cerca de três horas. Meus olhos mal deveriam estar abertos. Mas não me sinto lento.

Os raios de sol filtram-se do céu azul, brilhando na superfície texturizada do mar. A praia é uma faixa de areia à frente, pontilhada com as folhas verdes das palmeiras. E eu acordei ao lado de uma linda loira que me fez gozar mais forte do que nunca na minha vida.

E esse é o problema.

Eu não deveria *aproveitar* esta viagem.

— Pena que não tivemos ondas melhores esta manhã, — diz Eddie, remando ao meu lado.

— Eu não acho que eu teria ficado em pé, não importa como as ondas estivessem, — eu respondo.

Ele ri. — Não, você só precisa de um pouco mais de prática.

— Não sou muito atleta.

— Nem eu, — Eddie responde. — Um pouco decepcionante para o Dean Garner.

As palavras são leves, mas eu pego a corrente. Porque embora esta possa ser minha primeira vez surfando, tenho décadas de experiência quando se trata de pais decepcionantes. — Ele parecia feliz o suficiente por não ter nenhuma competição ontem à noite.

Um largo sorriso aparece no rosto de Eddie. — Hannah geralmente ganha. Papai ficou emocionado por tê-la fora do caminho. — Ele olha para mim. — Ela é a favorita dele. Merecidamente. Rachel e eu nunca nos interessamos muito por croquet ou pela agência de esportes. Isso foi tudo Hannah. Ela é sua protegida.

Não digo nada.

— Ele vai testar você, mas quer que ela seja feliz.

Não tenho certeza se estou entendendo direito. Porque quase parece que o irmão de Hannah está sugerindo que sou a pessoa que pode fazer isso acontecer. — Estamos nos *divorciando*, Eddie.

— Sim, foi o que Hannah disse.

Concordo com a cabeça, feliz por estarmos na mesma página.

— Só que eu a vi com outros caras, e ela nunca olhou para nenhum deles do jeito que olha para você. — Eddie deixa cair essa declaração sobre mim, então olha para a costa. — Corrida com você até a costa!

Ele ganha.

E principalmente porque é a primeira vez que tento surfar.

Mas também porque a bagunça na minha cabeça está ficando mais emaranhada, em vez de desembaraçada.



Quando entro na cozinha, Hannah está de pé diante do fogão com um vestido azul claro e cozinhando ovos. Seu cabelo está solto e bagunçado, e tudo que consigo pensar é em como ele parecia espalhado em seu edredom.

De repente, surpreendentemente, assustadoramente, eu posso *ver*. Eu posso imaginar entrar nesta cozinha todas as manhãs para esta visão.

Ela olha para cima quando me aproximo da ilha.

— Ei. — Seu sorriso é cauteloso, e o pavor em meu estômago se transforma em chumbo. — Dormiu bem?

— Algumas horas.

— Não ouvi nenhum alarme.

Acho que não estamos fingindo que não passamos a noite na mesma cama. — Eu estava tentando não te acordar.

Ela acena com a cabeça, sugando o lábio inferior enquanto continua empurrando os ovos pela frigideira. — Posso dizer ao meu pai que você precisava ir embora, se quiser. Você não precisa ir ao jogo.

— Eu quero ir, contanto que esteja tudo bem.

A expressão de Hannah mostra surpresa, mas ela não tenta me convencer a não ir. — Ok. Sim. Claro que está tudo bem.

Eu descanso um quadril contra a borda do balcão. — Eu nunca estive em um, — eu admito.

— Um jogo de beisebol?

Eu concordo.

— Você *nunca* foi a um jogo de beisebol?

Eu dou de ombros. — Meu pai gostava mais de golfe e polo. E minha mãe... — Minha voz falha, obviamente, já que não consigo pensar em nenhuma maneira de terminar essa frase.

Já que não falo da minha mãe.

— Tudo bem se eu tomar um banho?

Hannah acena com a cabeça rapidamente. — Sim, claro.

Continuo pela cozinha e pelo corredor, tentando colocar minha

cabeça no lugar. Preciso manter o foco no objetivo desta viagem: um passo mais perto de me divorciar. Assim que isso for resolvido, posso decidir o que fazer com Quinn. Como lidar com tudo com meu pai.

Hannah também tem planos. Ela pode não ter um segundo casamento respirando no pescoço, mas pretende começar a faculdade no outono. Toda a sua vida está na Califórnia: sua família e suas carreiras, tanto atuais como planejadas.

Depois de enxaguar toda a sujeira e vestir um terno limpo, volto para a cozinha.

Hannah está sentada na ilha, comendo ovos e lendo algo em seu computador.

Quando ela me vê, ela tosse.

Espero um comentário sobre o terno, mas ele não vem. Se eu tivesse algo mais casual para vestir, eu usaria. Mas não tenho. Tornou-se mais fácil torná-lo meu uniforme padrão, não importa o que mais eu esteja fazendo. Mesmo em casa, desde que tive que ficar de pé para pegar um papel durante uma vídeo chamada e revelei que estava de calça de moletom com camisa de botão.

— Se você está com fome... — Hannah aponta para a frigideira no fogão. — Os pratos estão no armário à esquerda da pia.

— Obrigado.

Pego um prato no armário e coloco ovos, que ainda estão fumegando.

Não me lembro da última vez que alguém me preparou o café da manhã. Com base no tamanho da pilha na panela, Hannah fez muito mais do que planejava comer.

— Você quer café? Eu posso fazer...

Eu balanço minha cabeça. — Eddie e eu paramos.

— Ele levou você para Pacific Beans?

— Sim.

— Uau. Eu tive que pegar duas ondas seguidas antes que ele me levasse lá. Levei cinco sessões.

— Bem, isso definitivamente não aconteceu.

— Você não conseguiu subir?

Eu olho para cima, e há uma pausa onde o rosa rasteja em suas bochechas.

— Na prancha, quero dizer. Você não conseguiu subir na

prancha?

Eu sorrio, meu olhar caindo para o prato enquanto termino de colocar os ovos nele. — Talvez se você estivesse lá. — Estou flertando, e é uma péssima ideia. Mas deixar a noite passada apodrecer entre nós também não parece inteligente.

A dinâmica entre nós mudou no segundo em que a beijei ontem à noite. Ações adultas devem vir com comportamento adulto. Lidamos com o casamento da forma mais madura possível. Agir como dois adolescentes hormonais que se divertiram pela primeira vez e depois se cruzaram no corredor, fingindo que não se conheciam, não parece ser a maneira certa de lidar com isso.

Hannah não diz nada enquanto eu me sento ao lado dela. Mas ela não se afasta quando meu joelho roça acidentalmente no dela.

Enfio um pedaço de ovo na boca, morrendo de fome de repente. Eles estão fritos perfeitamente, leves e fofos e não muito salgados.

— Em que você está trabalhando? — Eu pergunto, apontando para a tela.

— Apenas revisando um contrato.

— Quando você vai contar ao seu pai sobre a faculdade de arquitetura?

— Se eu não entrar, nunca.

— E quando você entrar?

Há muita coisa que eu não sei sobre Hannah.

Mas sei que ela é uma das pessoas mais inteligentes e dedicadas que já conheci. Isso foi levantado várias vezes durante o jogo de croquet na noite passada. Se eu fosse um jogador, colocaria todo o meu dinheiro nela. Se ela quer ser arquiteta, não consigo imaginar um mundo em que ela não se torne uma.

— Não sei. Não quero... decepcioná-lo.

— Ele ficará feliz por você, Hannah. Estou igualmente certo disso. Porque já vi um pai que só vê o filho pelo valor que ele traz para o negócio da família. E esse homem não é Dean Garner.

— E quanto a você? — Ela pergunta, virando-se em seu banquinho para ficar de frente para mim.

Eu engulo outra mordida de ovo. — E quanto a mim?

— Você quer trabalhar na Kensington Consolidated?

Curiosamente, é uma pergunta que nunca me fizeram antes. Sempre se esperou que sim, como se minha vida fosse uma rodovia

sem saídas terminando em um único destino. Eu acho que a lógica é, por que *não* eu? Minha família fundou uma das empresas mais poderosas e bem-sucedidas que já existiu. Novos funcionários entram no prédio com os olhos arregalados e expressões maravilhadas, sem acreditar que estarão trabalhando dentro das lendárias quatro paredes. Abandonar esse legado seria uma traição chocante.

— Eu sou bom nisso. Eu gosto disso.

— Não foi isso que eu perguntei.

Meu garfo atravessa a pilha amarela em meu prato. Dou outra mordida. Engulo. — Digamos que um cliente veio até você. Seu avô era o gerente geral desse time azarão. Construiu do nada, transformou em algo. Seu pai jogou por eles, estabelecendo todos os recordes. E eles lhe fazem uma oferta. Dê a ele uma chance de contribuir para o legado. Para adicionar seu nome aos livros de história. Se ele assinasse, você perguntaria por que ele queria jogar?

— Então é orgulho?

Eu expiro. — É complicado, é o que é.

A oferta do meu pai está na ponta da minha língua.

Hannah se juntou a uma pequena lista de pessoas cujas opiniões eu valorizo. Não tenho certeza de quando, por que ou *como* aconteceu, mas ela está lá. Eu mal a conheço. Mas parece que sei o *suficiente* e, por algum motivo que não consigo entender, o pouco tempo que passei com ela foi suficiente para me deixar certo disso.

E eu gostaria de ouvir a perspectiva dela, o que ela pensa sobre a proposta. Ela já sabe sobre Candace, inclusive. Ela tem alguma noção de por que meu relacionamento com meu pai é ainda mais confuso do que a maioria das pessoas pensa.

Mas ela também é minha esposa.

E ela também é a mulher com quem fiz sexo ontem à noite. Com quem acordei esta manhã.

Dizer a ela que parte da urgência por trás do nosso divórcio é que eu estou livre para potencialmente pedir outra pessoa em casamento parece uma péssima ideia por motivos diferentes dos anteriores.

Não estou preocupado que ela vá arrastar os procedimentos para me irritar, como Scarlett sugeriu. Estou preocupado com a reação dela, ponto final.

Se ela não se importar, vai doer.

Se ela se importar, vai doer.

Então eu mantenho minha boca fechada, além de terminar meu

café da manhã.

— Você acabou? — Pergunto a Hannah, uma vez que meu prato está limpo.

Ela desvia o olhar da tela do laptop, onde estive focada nos últimos minutos. Deve ser algo importante. Ou ela está evitando falar comigo, depois de como encerrei o último tópico.

— Sim.

Pego o prato dela e coloco em cima do meu, levando os dois para a pia e começo a lavá-los.

— Você não precisa fazer isso.

— Eu sei.

— Se você quiser, uh, fazer alguma coisa, podemos ir... fazer alguma coisa.

Eu levanto as duas sobancelhas. — Por mais sincero que tenha soado o convite, estou bem em ficar aqui até o jogo. Eu também tenho trabalho a fazer. — Não enviei o e-mail de Scott solicitando os extratos trimestrais atualizados e tenho certeza de que muitos outros pedidos já se acumularam em minha caixa de entrada.

Hannah escorrega do banquinho. — Isso não significa que você tenha que lavar a louça. Você é um convidado.

— Você cozinhou. E eu sou seu marido.

Nunca, jamais imaginei que diria essas palavras em um pequeno bangalô a poucos quarteirões da praia. A vida tem um jeito engraçado de girar a partir de uma pequena decisão.

— Isso não conta como um motivo. Não somos realmente casados.

— Não somos? — Eu esguicho um pouco de sabão na esponja e começo a esfregar os pratos. — Foi consumado e tudo.

— Então... estamos discutindo isso?

— Nada a discutir. Só não estou fingindo que não aconteceu.

— Foi um lapso de julgamento.

— Provavelmente, — eu concordo. Eu teria chamado isso de um erro, mas não digo isso. E de pé na cozinha com ela me observando lavar a louça, não tenho tanta certeza de que seja uma descrição precisa. Porque erros são escolhas que você voltaria e mudaria, e eu definitivamente não me sinto assim sobre a noite passada.

— Tem certeza de que não se importa se eu trabalhar?

— Tenho certeza. — Termino de lavar a louça e seco as mãos, Hannah me observando o tempo todo.

— O último cara que me viu trabalhar em um domingo disse que meu pai não me demitiria.

— A última mulher que cozinhou para mim foi minha mãe. Obrigado pelo café da manhã.

Deixo-a parada na cozinha e ando pelo corredor até o trabalho que sempre me espera.



A família de Hannah nos pega logo depois do meio-dia. *Toda a família* dela. Dean está dirigindo, com Cynthia no banco do passageiro. April, Eddie e Rachel estão ocupando a fileira do meio. Rachel sai para que Hannah e eu possamos rastejar para a terceira fila.

Cynthia oferece seu assento para mim, mas eu recuso educadamente.

É preciso algumas manobras para entrar no assento, muito menos para me sentir confortável. O tecido rígido do meu terno não foi feito para torcer e contorcer, e há pouco espaço para trabalhar.

Os lábios de Hannah se contorcem quando ela olha para mim, meus joelhos dobrados na minha frente tão alto que quase alcançam meu queixo.

É apertado e quente na parte traseira do carro. O sol está a todo vapor, elevando a temperatura até perto dos 21°C. É um choque para o meu sistema, já que Nova York não passa dos 15°C há meses.

Nunca andei na traseira de um carro antes. Assim como no café da manhã, é uma percepção que me ocorre aleatoriamente. Geralmente somos apenas eu e um motorista em um veículo, da mesma forma que as pessoas que cozinham para mim sempre são pagas para isso.

Assim que nos movemos, Hannah puxa os pés para fora da área dos pés e bate no meu joelho, puxando-o em sua direção. Aceito o convite silencioso, esticando as pernas para que cruzem o assento central e aproveitando toda a extensão do carro. Ainda está apertado, mas não tão apertado. Hannah é a única encolhida agora, suas longas pernas quase escondidas sob a saia de seu vestido.

Eu me inclino e agarro seu pé, puxando-o para mim até que sua perna esteja no meu colo. Depois de um segundo de hesitação, sua segunda perna também desliza.

Nenhum de nós diz nada.

A música está ligada e as janelas estão abaixadas. Rachel e Eddie estão discutindo sobre algo no meio, enquanto Cynthia está dizendo a Dean qual rota ele deve seguir para o estádio. Ele está insistindo que conhece uma maneira melhor.

Há muito barulho e atividade ao nosso redor e, de alguma forma, isso torna tudo mais íntimo. Meu cotovelo direito está apoiado no porta-copos embaixo da janela, mas coloco o esquerdo na panturrilha dela porque não tenho certeza de onde mais colocar a mão.

Isso certamente poderia ser definido como outro lapso de julgamento. Mas afasto esses pensamentos e me concentro na paisagem que passa voando. Eu só estive em Los Angeles algumas vezes antes, e a última vez foi anos atrás. Todas essas viagens giravam em torno do trabalho, assim como a maioria das minhas viagens.

Todas essas são partes novas da cidade para mim: as ruas residenciais, os vislumbres da praia e dos calçadões, o enorme estádio que estacionamos do lado de fora.

April é quem puxa uma cadeira para a frente desta vez. Ela sorri quando vê eu e Hannah entrelaçados, e nos separamos rapidamente. Saio primeiro, já que basicamente estou bloqueando a entrada de Hannah. E então me viro, oferecendo-lhe a mão. Ela cai para fora do carro, com o pé preso na bainha do vestido. Eu meio que a pego, tropeçando um passo para trás quando seu corpo colide com o meu.

— Desculpe. — Ela se afasta imediatamente, agarrando-se à lateral do carro para se apoiar.

— Tudo bem. Você está bem?

— Sim. Obrigada.

Seu tom é casual, mas suas bochechas estão vermelhas, obviamente conscientes de toda a sua família olhando para nós. Concordo com a cabeça e me afasto, colocando mais distância entre nós.

Nós nos juntamos ao fluxo de pessoas que atravessam o estacionamento em direção ao estádio. Então nos separamos para uma entrada privada que leva a um elevador, que nos leva ao topo do campo.

A vista dos camarotes é impressionante. As listras verdes contrastantes bem aparadas, a terra bronzeada imaculadamente

ajuntada e as quatro bases brancas ofuscantes à luz do sol. Uma variedade de comidas e bebidas está espalhada atrás dos assentos internos, e uma porta leva a uma seção descoberta de assentos mais próximos do campo. Um grupo muito maior que o nosso caberia confortavelmente aqui.

Todo mundo gravita em direção à comida primeiro. Há vários tipos de salada, pizza, frango, cachorro-quente grelhado e praticamente todo tipo de comida considerada essencialmente americana.

— Oliver.

Paro no meio do caminho assim que ouço o Sr. Garner dizer meu nome.

Rachel, que está bem à minha frente, faz uma pausa, olha para trás e continua andando.

— Sim?

A expressão do pai de Hannah é impassível enquanto ele me estuda, e eu resisto ao impulso de ficar inquieto. Ele pode não saber o que aconteceu entre mim e sua filha na noite passada, mas eu com certeza sei. E é tudo em que consigo pensar agora, infelizmente.

— Hannah mencionou que você nunca foi a um jogo antes?

Eu aceno, relaxando um pouco. Poderia muito bem colocar o nível do meu conhecimento de beisebol o mais baixo possível. — Isso mesmo.

— Posso assumir com segurança que você não é um fã de San Francisco, então? — Há um novo brilho em seus olhos, que parece um pouco divertido.

— Até agora, eu não fazia ideia de que San Francisco tinha um time de beisebol, senhor.

Surpreendentemente, ele abre um sorriso antes de enfiar a mão na sacola de lona que está carregando e me entregar uma luva de beisebol. — No caso de alguém aparecer aqui.

Pego a luva, passando um dedo sobre o couro liso e oleado. — Obrigado, senhor.

— Dean está bem, Oliver.

Então ele se afasta, deixando-me com a suspeita de que o pai de Hannah pode realmente me aprovar.



Depois do jogo, Hannah e eu somos deixados primeiro. Mudei meu voo depois do café da manhã, então estou saindo de LA às cinco e meia. Com a diferença de fuso horário, só estarei de volta a Nova York depois das duas da manhã. Mas decido que valeu a pena, enquanto me despeço da família de Hannah e o SUV preto se afasta do meio-fio.

Enquanto caminhamos em direção à varanda, Hannah esconde um bocejo. Meu conhecimento de beisebol não se expandiu muito em relação ao que eu sabia antes do jogo - o time com mais corridas vence e três rebatidas antes de você ser eliminado - mas Dean fez o possível para me explicar. No que diz respeito aos sogros, eu poderia ter feito muito pior. Conheci Dean ontem e tive mais conversas civilizadas e não relacionadas ao trabalho com ele nesses dois dias do que com meu pai em anos.

Mas de uma perspectiva ampla, acho justo dizer que este fim de semana foi um fracasso total. Não acho que sou desagradável, mas não esperava ser abraçado pela família de Hannah do jeito que fui. Com base no silêncio que ela está essa tarde, acho que ela também não esperava. Nosso casamento parece mais real do que nunca, em vez de uma decisão arbitrária influenciada pelo álcool.

Deixei minha mala na entrada antes de sairmos para o jogo, esperando que fosse uma volta apertada para chegar ao aeroporto após o jogo. Deixei meu telefone carregando em cima da minha mala, pois esqueci de ligá-lo durante a noite como faço normalmente. Não tê-lo comigo foi bom, na verdade. Eu não *podia* verificar e-mails ou atender chamadas.

— O carro deve estar aqui em alguns minutos, — eu digo, quebrando o silêncio que paira entre nós. Hannah assente. Eu já disse a ela que pedi um.

Eu me ajoelho e abro o zíper da minha mala para que eu possa adicionar a luva de beisebol que o pai dela insistiu que eu guardasse. Quando me endireito, Hannah está olhando para a bagagem.

Sua atenção se volta para mim com um movimento de sua cabeça, e então ela está andando em minha direção, cada vez mais perto até que eu percebo que ela está planejando me abraçar.

Eu envolvo meus braços em volta da cintura dela, puxando-a para mais perto. Ela cheira a toranja e sal, um perfume que reconheço do frasco de perfume em seu armário de remédios. Eu bisbilhotei

enquanto procurava mais sabonete no banheiro. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo com um lenço rosa estampado, e a seda macia roça meu pescoço enquanto ficamos assim.

Não há compulsão para se afastar, mesmo muito depois de ter passado o tempo apropriado para um abraço durar. Seu corpo é quente e flexível contra o meu, e tudo que consigo pensar é como seria fácil puxar seu vestido para cima.

Minha mão sobe cada vez mais alto, até alcançar a pele exposta da parte superior de suas costas. Estamos perto o suficiente para que eu possa ouvir a mudança em sua respiração, o jeito que é profunda e até mesmo acelerada.

Sua cabeça se vira para que seus lábios estejam contra o meu pescoço. E então, com um golpe deliberado e medido, sua língua traça um pequeno círculo bem próximo ao meu pomo de Adão.

Que se foda, eu decido. Já fizemos sexo uma vez.

Eu me afasto apenas o suficiente para beijá-la, gemendo quando ela responde imediatamente. Movendo-se para dentro de mim como se ela estivesse esperando por isso. *Torcendo* por isso.

Começo a juntar a saia de seu vestido em minhas mãos, puxando o tecido para cima, e ela se afasta, quebrando todo o contato.

Eu deixo cair minhas mãos imediatamente, engolindo minha decepção, mesmo sabendo que é o melhor. Não estou pensando racionalmente, então é bom saber que ela está.

Exceto que suas mãos estão de repente na fivela do meu cinto, seus dedos abrindo minha braguilha e traçando minha crescente ereção através do tecido. E percebo que ela *não* está agindo como a voz da razão.

Minha cueca boxer é puxada para baixo e então seus dedos se fecham em torno de mim. Hannah observa sua mão acariciar a ponta do meu pau, e eu a observo. Registro a forma como seus lábios se curvam e seus olhos azuis queimam de desejo enquanto meu pau incha sob seu toque.

Tenho lutado contra uma ereção perto dela o dia todo. É um doce alívio sucumbir à luxúria, deixá-la crescer na base da minha espinha.

Minha cabeça bate na parede com um *baque suave*, um gemido involuntário saindo quando sua mão se move para baixo, apertando suavemente minhas bolas antes de acariciar minha ereção. Meu pau salta, uma poderosa explosão de necessidade correndo por mim enquanto ela me agarra novamente, bombeando, agarrando e provocando.

Eu resmungo, empurrando em sua mão enquanto minha liberação aumenta. Meu olhar cai para a mão dela, a visão dela me masturbando tão excitante quanto a sensação.

Meu telefone toca, agudo e insistente, de seu lugar na minha mala. Sem olhar, sei que é o meu motorista.

Hannah para, seu aperto firme, mas imóvel. — Você tem que ir.

— Sim. — Mas eu não vou embora assim.

Seu aperto afrouxa até cair, a cor subindo em suas bochechas antes de ela olhar para o chão e eu perder de vista sua expressão. Ela está envergonhada, e eu estou mais divertido do que compreensivo. Eu gosto que ela tenha se envolvido nisso, assim como eu.

Eu coloco a mão em sua cintura e a giro, então ela fica contra a parede. Sua inspiração é surpreendente e rápida, tornando-se respirações difíceis enquanto deslizo a mão sob seu vestido e entre suas pernas. Ela está encharcada pra caralho.

— Tire sua calcinha, — eu digo a ela, puxando uma camisinha do meu bolso e colocando-a. Mais cedo, me senti estúpido por esconder uma lá. Neste momento, nunca estive tão grato por nada.

Hannah só hesita por um segundo antes de enfiar a mão sob o vestido e jogar fora o que parece ser um pedaço de renda. Estou muito feliz por não saber que era tudo o que ela estava vestindo enquanto estávamos no jogo de beisebol. Provavelmente teria reduzido meu autocontrole a nada.

— Você pode perder seu avião, — ela avisa.

— Vale a pena.

Hanna ri. Rapidamente se transforma em um gemido, quando levanto uma de suas pernas e a penetro em um impulso forte, gemendo ao sentir suas paredes internas se apertarem ao meu redor.

Eu a fodo com golpes frenéticos, e não tem nada a ver com o relógio para chegar ao aeroporto. É que eu não consigo ter o suficiente, que a fração de segundo em que não estou dentro dela parece muito longa. Estou viciado em senti-la, nas maneiras como ela suspira, geme e implora, meu nome se misturando entre *sim* e *porra* e *mais*.

Há um elemento primordial na aspereza também. Algo que não entendo e não consigo controlar. Eu *preciso* estar profundamente nela. Eu quero que ela me sinta por dias. Da próxima vez que um cara se aproximar dela em um bar, quero que Hannah duvide se ele conseguirá fazê-la se sentir tão bem.

Ela se contorce contra mim, e eu gostaria que estivéssemos nus. Queria que isso estivesse acontecendo em uma cama, para que eu pudesse explorar seu corpo com minhas mãos e minha língua, então transar com ela pela segunda vez.

Distantemente, percebo que meu telefone está começando a tocar novamente. Mas nós dois ignoramos.

Hannah está perto de gozar. Eu posso sentir o aperto de sua boceta vibrando ao meu redor. Assim que chego acima do ponto onde estou entrando nela e esfrego o nódulo de nervos ali, eles se transformam em espasmos poderosos.

Isso desencadeia minha própria liberação. Eu não posso me convencer a não gozar. Estive pairando no precipício por muito tempo, uma queima lenta que está fervendo desde que acordei ao lado dela e faiscou no segundo em que ela desafivelou meu cinto.

Pontos de calor correm pela minha espinha enquanto minhas bolas apertam e meu pau se contrai. Ela está apertada, quente e molhada, e eu gozo dentro dela até que mal consigo ver direito.

O prazer desaparece lentamente, a dura picada da realidade substituindo-o.

Relutantemente, saio dela e me afasto, enfiando-me de volta em minhas calças e, em seguida, vou até a cozinha para jogar fora a camisinha e lavar as mãos.

Hannah não se mexeu quando volto para a entrada. Ela está caída contra a parede, seu peito ainda arfando do prazer.

Meu telefone toca novamente, e desta vez eu atendo. — Oliver Kensington.

— Olá, Sr. Kensington, — diz uma voz masculina. — Estou no endereço para o qual você solicitou um carro para...

— Estarei fora logo, — eu digo ao motorista.

— Muito bem, senhor.

Eu desligo e coloco meu telefone no bolso. Todos os meus outros pertences estão cuidadosamente embalados na minha mala, prontos para ir.

Eu não estou, no entanto.

Olho para Hannah, que está endireitada. Tirando algumas rugas, seu vestido parece o mesmo. Ela morde o lábio inferior, brincando com a bainha.

— Bem, obrigada por vir.

Eu bufo uma risada, e um pequeno sorriso aparece em seu rosto.

— Isso não foi o que eu quis dizer.

— Eu sei.

Ainda assim, não me mexo. Eu nunca experimentei essa obsessão por alguém antes. Acabei de tê-la, e já estou desesperado para começar tudo de novo. É um vício, piorando a cada dose.

— Hum, me mande uma mensagem quando você pousar, ok? Para eu saber que você chegou.

Eu concordo.

É um sentimento doce, e também me assusta. Porque há mais do que obrigação na pergunta dela. Há uma sinceridade que é significativa e perceptível. Principalmente porque tem estado totalmente ausente da minha vida até agora.

Se eu morresse em um acidente de avião, a única preocupação do meu pai seria como isso afetaria a empresa. Crew veria isso como mais do que uma perda corporativa, mas sei que ele também seguiria em frente. Sua vida diária não seria tão diferente sem mim nela.

É um alívio saber que não sou o único envolvido nessa loucura entre nós.

Mas principalmente?

Estou preocupado. Eu não quero saber que isso é importante para ela. Que *eu* sou importante para ela.

Talvez eu não. Talvez eu esteja apenas projetando meus próprios sentimentos, me deixando levar pelo sexo quente e como a família dela me acolheu.

E como isso já se tornou bagunçado e confuso, não resisto à vontade de beijá-la uma última vez. É gentil e doce, totalmente o oposto de como eu a estava tocando.

— Tchau, Hannah.

— Tchau, Oliver.

Não olho para ela enquanto pego a alça da minha mala e saio pela porta, sabendo que esta provavelmente será a última vez que estaremos no mesmo ambiente.

A partir daqui até nos divorciarmos, toda a nossa comunicação deve passar por nossos advogados. Será o mais simples, rápido e *seguro*.

O motorista está esperando na calçada logo depois do jardim da frente de Hannah. Peço desculpas pela demora e subo no banco de

trás. O ar condicionado está ligado, contrariando os raios de sol quente que entram pelas janelas.

— Fez uma boa viagem, senhor? — O motorista pergunta, enquanto nos afastamos do meio-fio.

— Sim, obrigado, — respondo.

Mas boa não é o adjetivo certo.

Não sei como resumir minha viagem à Califórnia.

Para começar, não sei por que decidi vir, e agora estou ainda mais confuso com toda essa visita.

CAPÍTULO DEZESSETE

Hannah

A sala de conferências está cheia quando entro. A Garner Sports Agency emprega cerca de duas mil pessoas. Uma centena deles trabalha fora deste escritório e todos estão presentes em nossa reunião mensal de atualização.

Um lugar vago está esperando por mim na mesa central. Nas primeiras reuniões, ignorei, sabendo que a cadeira reservada era por causa do meu sobrenome, não do meu lugar na empresa. Mas nas vezes em que não ocupei o assento, ele ficou vazio. Então eu aceitei, assim como todas as outras partes do meu papel aqui.

Segundos depois de me sentar, a cadeira ao meu lado se move. Olho para o sorriso ofuscante de Tyler Sullivan. Ele é alguns anos mais velho que eu, um ex-atleta e sempre fã de esportes que considera ser um agente sua vocação. Ele também é excelente em seu trabalho, representando vários dos atletas mais conhecidos da agência. Incluindo Declan, que sempre contribuiu com um elemento estranho entre nós. Bem, isso e o fato de ele ter me convidado para sair algumas vezes. Todas as vezes, eu disse a ele que não saio com colegas de trabalho.

— Ei, Hanna.

— Oi, Tyler.

— Feliz sexta-feira.

— Sim, para você também.

Ele se recosta na cadeira, girando uma caneta no dedo. — Algum plano emocionante?

— Na verdade não. — Tenho uma reunião com meu advogado de divórcio para discutir o próximo processo. E Rachel tem me incomodado para participar de seu clube do livro, que se reúne hoje à noite, mas duvido que o faça. Estou em pânico desde que Oliver foi embora. Em cerca de trinta e seis horas, ele conseguiu deixar uma marca permanente em minha vida. Meu carro, minha casa, minha família, estão todos associados às memórias dele agora.

— Bem... — Tyler olha para a frente da sala, onde meu pai está conversando com Albert Langley, um dos agentes mais experientes

que está na Garner Sports Agency desde o início. Ninguém ousará interrompê-los com um lembrete de que a reunião deveria ter começado há dois minutos. — Também não tenho um fim de semana planejado. Mas estou indo para Nova York na segunda-feira para algumas reuniões e adoraria ter uma segunda opinião nas discussões.

Eu aceno, apenas meio ouvindo.

— Dean sugeriu que eu pedisse para você ir.

Isso chama minha atenção. — Pa-Dean disse para me convidar em ir com você... para *Nova York*?

Tyler acena com a cabeça. — Você não precisa, obviamente. É em cima da hora. Tenho certeza de que ele concorda que a decisão é sua. — Ele ri.

E... essa é a principal razão pela qual nunca sairei com ninguém com quem trabalho. Porque há sempre aquele tom de nepotismo, das piadas de que nunca vou ter que fazer isso ou vou conseguir um passe livre para isso.

Eu me pergunto como Oliver lida com isso na Kensington Consolidated.

Talvez ele não precise, já que ele é um homem.

— Eu irei.

Um largo sorriso divide o rosto de Tyler. — Incrível. Farei com que Marjorie lhe envie todos os detalhes do voo. Sei que ela já reservou o Carlyle.

— Ótimo.

Meu pai finalmente começa a reunião e eu abro meu caderno para fazer anotações. Mas não estou registrando uma palavra do que está sendo dito, mesmo enquanto minha mão se move pelo papel.

Quando Oliver partiu, eu tinha certeza de que nunca mais estaríamos na mesma cidade. E esta viagem pode ser a trabalho, mas a principal razão pela qual concordei em ir é... ele.



Estou quase saindo quando meu telefone vibra com um novo e-mail. É para minha conta pessoal, não minha conta de trabalho.

E... é da Faculdade de Arquitetura de Los Angeles.

Quase derrubo os restos aguados do meu café gelado enquanto pego meu telefone e abro o e-mail. Não preciso escanear além da primeira linha. O *Parabéns* é ousado e grande, a resposta à minha inscrição resumida em uma palavra.

Olho para o e-mail em estado de choque.

Eu entrei.

Estou atordoada, tanto com a notícia quanto com a minha reação. Quando me inscrevi, não tinha a quem contar. Ninguém que eu quisesse ou estivesse pronta para contar. Mas o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça agora é que eu quero ligar para Oliver.

A percepção acalma um pouco da felicidade que borbulha dentro de mim. Em vez de ganhar um sonho, parece que estou deixando algo escapar. E não tenho certeza do que fazer com isso. Como corrigi-lo. Especialmente porque estarei em Nova York a partir de segunda-feira e estou em dúvida se devo contar a Oliver.

Na prática, não há nenhuma razão para eu contatá-lo. Nossos advogados estão trabalhando no que o meu me garantiu que será o divórcio mais simples em que ela já trabalhou.

Não temos filhos ou propriedade conjunta. Não estamos dividindo bens ou decidindo pensão alimentícia. Não compartilhamos *nada*.

Nosso divórcio é um término limpo.

Mas parece um pouco irregular.

Desligo o telefone e volto a me concentrar na tela do computador, correndo pelo restante do trabalho que preciso terminar.

Marjorie, uma das assistentes, me encaminhou o itinerário de Nova York. Examino rapidamente — voo na segunda de manhã, retorno na quarta à tarde — e desligo o computador.

O tempo tem estado monótono e sombrio nos últimos dias, um forte contraste com o fim de semana passado, que parecia o início do verão. Talvez seja isso que eu deva culpar pelo meu humor melancólico. Pego meu guarda-chuva e saio para o corredor, quase colidindo com meu pai.

— Hannah! Bem na hora. Sua mãe acabou de ligar e queria que eu perguntasse se você está livre para jantar. Susan trouxe tomates e pepinos frescos de seu jardim, então ela está planejando fazer o seu favorito.

Não tenho certeza se estou com disposição para companhia, mas ir para casa de mau humor também não parece muito atraente. — Sim, claro.

— Maravilhoso. Diga a sua mãe que estarei em casa logo. Eu só preciso verificar com Albert uma coisa rápida.

— Ok, — eu concordo, sabendo que uma coisa rápida provavelmente se transformará em *meia hora*.

Rosie liga, bem quando estou saindo da garagem particular do prédio.

— Ei, — eu cumprimento, virando à esquerda em vez da minha direita normal enquanto sigo na direção da casa dos meus pais.

— *Ei?* A última vez que conversamos, você me disse que se casou com Oliver Kensington, e quando você finalmente responde, tudo o que consigo é *Ei?*

Eu rio. Nós jogamos esconde-esconde com o celular esta semana, e parte de mim estava aliviada, já que não estava com vontade de falar com ninguém. Mas a voz familiar de Rosie me tira um pouco da cabeça, o que é bem-vindo. — Desculpe. O trabalho tem sido uma loucura.

O trabalho *tem* estado agitado, mas não em comparação com a minha vida pessoal. Oliver vindo aqui e ficando comigo e garantindo que sempre que eu pense em sexo, ele é o único empurrando para dentro de mim. Nada disso é informação que quero compartilhar com minha melhor amiga, e isso é altamente preocupante.

Rosie conhece todos os detalhes de meus relacionamentos anteriores. Mas Oliver é diferente. Parece muito pessoal para compartilhar, o que nunca pensei antes. Especialmente os detalhes pelos quais estive obcecada: como ele puxou um cobertor sobre mim e sua promessa antes de gozar dentro de mim. — *A única maneira que eu vou ver você sendo fodida é se eu for o único fodendo você, Hannah.*

Eu realmente gostaria de poder esquecer essas palavras. Gostaria de nunca ter feito aquela piada estúpida sobre ele estar assistindo, para começar.

— Então você não conversou com seu *marido*?

Balanço minha cabeça, então lembro que ela não pode me ver. — Não. Nós dois temos advogados. Eles estão cuidando do divórcio.

— Você mudou de ideia sobre pedir dinheiro a ele?

Reviro os olhos enquanto dou uma volta. — Não.

— Não estou dizendo exigir *metade*. Você poderia apenas pedir... dez milhões?

— Sério, Rosie?

— O que? Ele pode pagar! E então você pode comprar uma

cobertura em Lakeview e me visitar o tempo todo. Sem mencionar, parar de trabalhar para o seu pai.

— Eu entrei na faculdade de arquitetura, — eu deixo escapar.

Rosie grita. — Cala a boca! Você está falando sério?

— Sim.

— Eu não posso acreditar que você se inscreveu. Você se convenceu a entrar e sair disso por semanas no último ano.

— Foi uma... decisão impulsiva. — Eu fiz alguns dessas naquela noite, como se vê.

— Onde você se inscreveu?

— Apenas a Escola de Design de Los Angeles.

— Nenhum lugar em Chicago?

— Você sempre pode voltar para cá, — eu sugiro.

Rosie faz um som de *pffft*. — Eu gosto de ter temporadas. E não estou surpresa que você não se inscreveu em nenhum lugar aqui, mas por que você não se inscreveu em nenhuma escola em Nova York? Você queria morar lá por um tempo.

Eu fiz. Eu vi Nova York como uma mudança necessária, uma forma de experimentar algo novo e diferente. E *era* novo e diferente. Mas também me deixei levar pelo status e pela toxicidade daquela cidade. Já se passaram quase dois anos desde que visitei. Eu me retirei para o conhecido, entre a família e a familiaridade.

— Não. Nova York não é para mim.

Estaciono na garagem dos meus pais pela primeira vez desde que cheguei aqui com Oliver. Estou preparada para a pontada de sentimentalismo que tem sido uma companhia constante na semana passada.

— Estou na casa dos meus pais para jantar. Eu ligo para você neste fim de semana para que possamos conversar mais, ok?

— Ok. Diga oi para Dean e Cynthia por mim.

— Eu digo. Tchau, Rosie.

— Tchau!

Desligamos e eu saio do carro. Apesar das temperaturas mais baixas, a vegetação ao redor da casa da minha infância está florescendo graças à chuva. O limoeiro à esquerda do caminho da frente está começando a florescer, os primeiros cítricos aparecendo nos galhos.

A porta da frente está destrancada, então entro direto, indo em direção à cozinha.

Minha mãe está parada no balcão, picando tomates. — Oi, querida.

— Ei, mãe. — Eu me aproximo e beijo sua bochecha, roubando uma fatia de fruta vermelha da tábua. — Papai disse que logo estará em casa.

— Tenho certeza que ele acreditou quando disse isso. Vinho?

— Claro, obrigada.

Minha mãe pega uma garrafa de vinho branco da geladeira e me serve uma taça.

— Eddie ou Rachel vem?

— Não, Eddie e April estão jantando na casa dos pais dela e Rachel tem seu clube do livro esta noite.

— Ah, é mesmo.

— Ela estava em uma sessão de planejamento para a viagem deste verão quando liguei para ela mais cedo.

— Ainda é entre a China ou a Argentina?

— Acho que a Grécia está na mistura agora.

— Uau. — Eu giro o vinho na minha taça, então tomo um gole. É seco, com sabor sutil de floral e cítrico. — O vinho é bom.

— Não é? Susan trouxe com os legumes. É de um vinhedo em Napa.

Concordo com a cabeça, em seguida, tomo outro gole. — Vou para Nova York na segunda-feira. Com um agente do escritório.

— Sério? Muito legal. — Minha mãe continua cortando, periodicamente jogando tomates em uma tigela. Eu espero. — Você acha que vai ver Oliver?

Eu roubo outra mordida da tigela. — Duvido. Ele está muito ocupado.

— Ele não estava muito ocupado para voar pelo país.

— Você me *fez* perguntar a ele, mãe. Ele se sentiu obrigado.

Ela balança a cabeça, um pequeno sorriso aparecendo. — Na minha experiência, os homens não fazem nada que não queiram fazer. Ele veio aqui por *você*, Hannah.

— Posso ajudar a cortar?

Ela avalia a mudança de assunto com outro aceno de cabeça, mas vai e pega uma segunda tábua de cortar e uma faca. Ela desliza os dois em minha direção, junto com dois pepinos.

Este prato é o meu favorito desde criança. É relativamente simples, apenas tomates, pepinos e frango assado temperados com azeite, tomilho, sal, pimenta e vinagre, depois cobertos com azeitonas e queijo feta. Mas por mais que eu tente fazer eu mesma, nunca fica com o mesmo sabor de quando como aqui embaixo da treliça.

Quando meu pai chega em casa, já cortamos tudo e o frango está no forno. Ele beija minha mãe e depois pega uma cerveja na geladeira, uma vitrine doméstica que sempre me fez estremecer.

Em parte porque eles são meus pais, mas também porque a plácida previsibilidade me pareceu chata. É o completo oposto da incerteza de um primeiro beijo. Aquele momento de expectativa em que você não tem certeza de como será. Anos beijando a mesma pessoa soavam monótonos e rotineiros. Mas há um conforto nisso também, estou percebendo, enquanto minha mãe bate com o quadril em meu pai para fora do caminho para que ela possa terminar de temperar os vegetais.

— A fim de um jogo? — Ele pergunta, virando-se para mim.

— Sempre, — eu respondo, seguindo-o para fora das portas francesas e para o quintal.

Croquet está configurado e pronto, como de costume.

— Tyler disse que você decidiu ir com ele, — meu pai diz enquanto alinha seu primeiro hit.

— Ele me pediu para ir, e não havia razão para que eu não pudesse, — respondo, observando sua bola passar pelos dois primeiros postigos. Surpreendentemente, ele perde o terceiro.

— Tyler tem uma linha completa de clientes em potencial. Deve ser uma boa experiência.

— Sim. Ele mencionou que você me recomendou.

Minha bola passa pelo primeiro postigo, mas depois quica em um lado do segundo, parando no lugar.

Meu pai não toma sua vez. Ele me estuda. — Esta viagem é opcional, Hannah. Se Tyler indicou o contrário...

— Ele não fez. Está bem. Eu irei.

Estou ansiosa para isso. E temendo isso. Apenas uma das muitas coisas pelas quais tenho sentimentos complicados no momento.

— Você falou com Oliver recentemente?

— Pai, — eu aviso.

— O quê, não posso perguntar sobre meu genro?

Meu aperto aumenta em torno do cabo do martelo. — *Ex-genro.*

— Já vi muitos casais se divorciarem para saber que isso não acontece tão rápido, querida.

— Só porque não é oficial, não significa que não esteja acontecendo.

— A resposta para uma decisão impulsiva não é outra, Hannah. Temos um escritório em Nova York.

Desvio o olhar do campo e olho para as plantações que preenchem os canteiros de flores. — Eu pensei que você iria odiá-lo. Mamãe insistiu que eu perguntasse a ele. Nunca pensei que ele viria e tinha certeza de que você concordaria que o divórcio era o melhor.

— A decisão de continuar casada é inteiramente sua, Hannah. Oliver não era quem eu esperava. E quando descobri que ele era um Kensington... bem, Arthur Kensington tem uma reputação no mundo dos negócios. Ele é implacável. Eu não tinha certeza de como isso seria transferido para o filho dele.

— Você gosta dele, — eu suponho. Sai soando como uma acusação.

Meu pai assente. — Sim. Eu gosto. Mas não importa o que eu sinto por ele, Hannah. Importa como *você* se sente.

E então ele volta para o jogo, deixando-me contemplando *isso*.

CAPÍTULO DEZOITO

Oliver

Há uma batida na minha porta, bem quando estou me preparando para sair. Suspiro e falo — Entre, — esperando ver Scott com uma atualização ou Alicia com uma pergunta.

Em vez disso, Scarlett entra.

Endireito-me automaticamente, esquecendo-me dos papéis que estava guardando na pasta para levar para casa no fim de semana. Meu objetivo é não vir ao escritório até segunda-feira, que serão três finais de semana seguidos. Um recorde para mim.

— Ei, — ela cumprimenta, entrando em meu escritório com toda a confiança do mundo.

— Oi. — Observo enquanto ela caminha até a estante, passando o dedo sobre os títulos da mesma forma que fez na última vez que a visitou.

— Você lê? — Eu pergunto.

— Eu costumava, — responde Scarlett, ainda acariciando as lombadas. — Ler à beira da piscina na casa dos meus pais nos Hamptons costumava ser minha maneira favorita de passar o verão. Agora, se eu tiver um minuto para mim, só quero tirar uma soneca. — Sua mão cai em seu estômago. Talvez seja porque eu sei da gravidez, mas de lado parece que uma leve curva está começando a aparecer.

— Paternidade parece incrível.

Scarlett sorri, virando-se para minha mesa. — Quinn *adora* crianças.

— Sutil, Scarlett.

— Eu também não sabia se queria filhos. Então Lili nasceu e eu não conseguia imaginar minha vida sem ela.

— Só porque você e Crew transformaram um acordo em um conto de fadas, não significa que Quinn e eu vamos acabar assim. Se nos transformarmos em algo. Ainda há muito que tenho que descobrir.

— Falando nisso... como vai o divórcio?

Eu fico tenso. Quase, mas os olhos aguçados de Scarlett não

perdem muito. — Bem.

Ou *estaria* indo bem se eu tivesse feito algo a respeito. Em vez disso, demorei para que Jeremy entrasse com a petição de divórcio.

Não quero estar casado com Hannah. Mas também não quero *não* estar casado com ela.

Eu me acostumei com a ideia, eu acho. Não o casamento em geral. Mas estar ligado a ela, especificamente? Eu não odeio isso.

Esta semana, de volta a Nova York, lutei contra a vontade de ligar para ela dezenas de vezes. Comecei a comer ovos mexidos pela manhã, em vez de aveia. Assim que chego em casa, tiro o terno. E todas as manhãs eu acordei com uma ereção dolorosa que exigia que eu usasse minha mão e minha imaginação.

— Ela não está causando problemas?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Ha... — O nome dela fica preso na minha garganta. — Hannah está cooperando.

Scarlett acena com a cabeça uma vez, rápida e direta. — Bom.

Há outra batida na minha porta. Em vez de mandá-los entrar, vou até lá e abro. As pessoas adoram fofocar. E embora muitos provavelmente tenham visto Scarlett andando aqui, não estou interessado em atizar as chamas.

— Ei. — A mão de Crew ainda está levantada quando abro a porta, sua expressão surpresa com minha aparição repentina.

Ele segura um pacote de papéis. — O contrato final da NetLife chegou. Foi enviado para mim... por acidente?

— Ou papai disse a eles para enviar para você.

A testa de Crew enrugou. — Você falou com ele esta semana?

— Não. Desde que ele voltou de Miami.

Nossa reunião habitual de segunda-feira foi cancelada, o que provavelmente foi o melhor. Eu estava exausto e confuso, confuso durante a viagem para Los Angeles.

Abro mais a porta. — Quer entrar?

— Sim. Claro.

Crew passa por mim e entra no meu escritório. — Scarlett?

Scarlett se vira da janela, onde ela estava parada olhando para o horizonte.

Ela sorri, e é um sorriso destinado apenas para Crew quando ele se aproxima e a beija profundamente na boca. Emoções tangíveis

fervilham no ar ao seu redor: amor, felicidade e uma leveza difícil de explicar. É nauseante estar por perto. E também meio legal.

— O que você está fazendo aqui? — Crew pergunta.

— Terminei cedo, então vim fazer uma surpresa. Parei para dizer oi para Oliver.

Crew olha entre mim e Scarlett. Ele parece surpreso - feliz - por encontrar eu e sua esposa juntos, e isso alimenta o sentimento de culpa em meu estômago. Não estou apenas mentindo para Crew sobre Hannah, mas também arrastei Scarlett, Asher e Jeremy para isso. Sem mencionar que estou chantageando Asher com um segredo que Crew deve saber. Irmão do Ano, não sou.

Seu olhar pousa na minha maleta pela metade. — Você estava *saindo*?

— Já passa das cinco. Tecnicamente, é quando o dia de trabalho termina.

— Eu sei disso. Só não pensei que *você* soubesse.

Reviro os olhos enquanto me aproximo da minha mesa, termino de enfiar os papéis na minha pasta e depois a fecho. — Eu tenho um encontro esta noite. Tentando chegar em casa cedo para ter tempo de tomar banho e me trocar.

— Com Quinn? — Scarlett pergunta. Sua voz é alta e animada. Achei que o interesse dela pelo meu casamento estava ligado à antipatia por Hannah, mas a reação dela sugere um interesse mais profundo pela minha vida amorosa.

Eu concordo. — Vamos sair com Garrett e Sienna.

— Você vai levá-la para o casamento deles no próximo fim de semana?

— Eu não tenho certeza. Veremos como será esta noite.

Sinceramente, eu não quero, não importa como esta noite vá. E não tem nada a ver com Quinn. Ela foi charmosa e doce quando eu finalmente liguei para ela sobre o jantar. Graciosa, quando mencionei que Garrett e Sienna se juntariam a nós.

Mas o casamento de Garrett e Sienna estará lotado com a elite de Nova York. Se eu aparecer com Quinn, haverá rumores de noivado por volta da meia-noite. Essa é uma pressão que eu não preciso ou quero.

Tenho que decidir o quanto eu quero isso. O que estou disposto a sacrificar. Não quero ser forçado a um casamento que não tenho certeza se quero, apenas para ganhar algo a que tenho direito. Nasci com a expectativa de ser o próximo CEO da Kensington Consolidated,

da mesma forma que as coroas passam pelas monarquias.

Uma coisa seria se eu não fosse capaz de lidar com a pressão. Se eu fosse preguiçoso ou incompetente. Em vez disso, fui derrubado na hierarquia pela preferência de Scarlett por meu irmão e pela infelicidade de Candace em seu casamento. E embora eu certamente tenha culpa em um caso, não deveria ter nada a ver com meu trabalho.

Pego a pasta da minha mesa e o guarda-chuva no canto do meu escritório. Chovia forte esta manhã, mas o céu já clareou.

— Não se esqueça do resto do dever de casa, — brinca Crew, estendendo-me os papéis da NetLife. — Se o seu encontro ficar chato.

Eu os peguei. — Meus encontros não ficam chatos.

Scarlett ri, então agarra a mão de Crew e o puxa em direção à porta. — Divirta-se esta noite, Oliver!

— Sim, obrigado, — eu respondo.

Certifico-me de que tenho tudo, desejo um feliz fim de semana a Alicia e depois sigo para os elevadores.

O trânsito está pior do que o normal, provavelmente porque estou saindo em um horário razoável. Demora mais de trinta minutos antes de eu voltar ao meu prédio.

Depois de tomar banho e fazer a barba, visto calças e um suéter verde-oliva em vez de um terno. Casual para mim.

Nunca dei muita atenção à moda, além de garantir que meus ternos estejam limpos e sob medida. Talvez seja a falta de uma mãe ou de uma namorada séria na minha vida.

Impulsivamente, tiro uma foto minha no espelho e mando para Scarlett. Ela não é apenas minha irmã, tecnicamente, mas também uma designer mundialmente famosa.

Quando ela curte a foto alguns minutos depois, me sinto um pouco melhor com a minha escolha.

Pierre está em sua posição habitual ao lado da porta quando saio do elevador. — Tenha uma boa noite, Sr. Kensington.

— Você também, — eu respondo, antes de me afastar.

A estação de metro mais próxima fica apenas a um quarteirão de distância. Ando pela calçada em um ritmo mais lento do que de costume, aproveitando o ar quente que sinaliza a chegada da primavera.

Na verdade, eu deveria estar sorrindo de orelha a orelha. Eu não

tive que lidar com meu pai esta semana. Quinn aceitou ansiosamente o convite para esta noite, sugerindo que ela está interessada na união que nossos pais já estão vendo como algo certo. Meu relacionamento com Crew está melhor do que nunca.

Mas ainda há uma inquietação e uma incerteza que não consigo me livrar.

Chego à estação e desço para o subsolo. Apesar das tentativas de limpeza, os odores desagradáveis de urina e lixo rodopiam no ar mais frio enquanto passo meu cartão e empurro a catraca.

Depois de apenas alguns minutos de espera na plataforma, um trem para o sul chega. Subo a bordo, optando por ficar de pé e agarrar um poste em vez de ocupar um dos assentos vagos. Outros passageiros entram e saem, todos correndo e a maioria em trajas de trabalho.

Eu sorrio, lembrando do choque de Hannah quando eu disse a ela que eu uso transporte público.

Estou tentado a tirar uma foto e enviar a ela como prova. Mas não sei, porque a última mensagem que enviei a ela foi quando aterrissei no JFK na manhã de segunda-feira. Meu voo atrasou, então só cheguei depois das três. Ela respondeu imediatamente, embora já passasse da meia-noite para ela também. Como se ela estivesse esperando pela mensagem.

Se ela estivesse, eu não quero saber disso. Quero fingir que o fim de semana passado não significou nada para ela, da mesma forma que passei a semana inteira tentando me convencer de que não significou nada para mim.

A caminhada da estação de Midtown até o restaurante é curta. Garrett reservou um dos restaurantes mais exclusivos da cidade, uma casa de frutos do mar que geralmente tem uma lista de espera de meses.

Quinn está esperando do lado de fora. Ela me vê e gira, seu vestido azul-marinho balançando com a brisa.

— Oliver! Oi! — Sua empolgação soa genuína, refletida em sua expressão animada enquanto ela sorri para mim.

E eu me forço a sentir algo. Sentir *qualquer coisa*, além de uma amizade desaparegada. Minha vida seria muito mais fácil se eu desenvolvesse sentimentos por Quinn.

Mas meus pensamentos estão teimosamente centrados em cabelos loiros e olhos azuis.

— Você está linda, — digo a Quinn. Honestamente, porque ela está. Mas minha apreciação é desaparegada, da mesma forma que você

olha para um artefato raro ou uma pintura famosa. Você sabe que há relevância ligada a isso, mas nada disso é seu. Já estava lá, apenas permanecendo como algo que você conhece, mas não descobriu.

— Obrigada. Você também está bonito. — O sorriso de resposta de Quinn é tímido e doce quando entramos no restaurante.

Murais de ondas cobrem as paredes, definindo o tema oceânico. Dou o nome de Garrett ao maître, e somos conduzidos a uma mesa no centro da sala onde Garrett e Sienna já estão sentados.

Garrett se levanta e sorri amplamente quando me vê, me dando um abraço e me dando um tapa nas costas. Abraço Sienna também, mas é muito mais breve. Depois que apresentei Quinn, todos nos sentamos à mesa. Um garçom aparece imediatamente, anotando os pedidos de bebida. Garrett pede uma garrafa de vinho para a mesa, junto com caviar, ostras e tártaro de atum. Meu estômago ronca, mas não porque isso pareça bom. Eu mataria por um hambúrguer e batatas fritas agora.

Sienna e Quinn conversam um pouco enquanto Garrett e eu discutimos principalmente negócios. Ele acabou de garantir um enorme contrato com o governo, pelo qual está compreensivelmente entusiasmado. Ele me parabeniza pela Thompson & Thompson, agora que se tornou pública.

E então, infelizmente, surge Vegas. Quinn é quem menciona isso, surpreendentemente. Um de seus ex-clientes em Londres teve uma noite louca lá recentemente, e vazou para a imprensa. E Sienna é quem a lembra que Garrett e eu estávamos lá apenas para sua despedida de solteiro.

— Vocês se divertiram muito, não é? — Ela pergunta. Ela está focada em mim, não em Garrett.

E sou empurrado para uma dinâmica que não quero navegar, sabendo muitos detalhes pessoais sobre o relacionamento deles.

— Com certeza. — Eu tenho que forçar o tom afável em minha voz.

Estou julgando Sienna, e talvez isso me torne um hipócrita. Mas meu pai e Candace eram um desastre disfarçado de casamento muito antes de qualquer coisa acontecer entre mim e ela. Eu sei que meu pai teve casos. Mas, pelo que sei, Garrett foi fiel a Sienna até que ela o traiu primeiro. Então, sim, eu me ressinto por ela não valorizar isso. E também não consigo entender a perspectiva de Garrett. Por que ele a perdoaria. Ficaria com ela.

Este jantar foi provavelmente um erro.

Fico aliviado quando meu telefone vibra no meu bolso. Eu me mexo no meu assento, para que eu possa puxá-lo para fora. Garrett entenderá a interrupção do trabalho. Quinn terá que entender se haverá algum futuro entre nós. E eu simplesmente não me importo com o que Sienna pensa.

Mas não é trabalho. *Hannah* está piscando na tela.

Levanto-me de repente, quase derrubando a mesa. Murmuro um apressado — Já volto, — antes de sair correndo do restaurante.

A preocupação me percorre em ondas debilitantes quando saio para a calçada. — Olá? — Eu respondo.

— Ei. — Surpreendentemente, não há nenhuma nota perturbada em sua voz. Eu estava esperando o pior sobre ela me ligar inesperadamente. — Eu não te acordei, não é? — Mais do que o normal, sua voz soa leve. Feliz. Provocando.

Viro-me e olho para a janela de vidro. Eu posso ver através de todo o restaurante, direto para a mesa onde Garrett, Quinn e Sienna estão sentados. Sienna está dizendo alguma coisa, gesticulando com os braços, e Quinn está concordando. Garrett está conversando com um garçom. — Você não me acordou.

Há uma pausa. — Bem... eu entrei.

— Entrou? — Eu ecoo, voltando-me para a rua.

— Para a faculdade de arquitetura. Eu *entrei*. Eles me aceitaram!

Eu tinha certeza de que a única razão pela qual Hannah estaria ligando era com más notícias. Nem me ocorreu que ela poderia estar entrando em contato comigo sobre *boas* notícias. Celebrar. Levo um segundo para recalibrar e responder. — Uau. Eu... uau. Isso é incrível, Hannah. — Eu injeto tanto entusiasmo em minha voz quanto posso reunir, mas ela vê através disso.

— O que está errado?

— Nada, Han. — Congelo assim que o carinho escapa, então me apresso para preencher o silêncio que se segue. — Desculpe. Eu só... um longo dia de trabalho.

Eu olho para dentro novamente.

Estou feliz por Hannah. Mas também me ressinto dela pela forma como invadiu meus pensamentos e me fez repensar meu futuro enquanto ela segue em frente com o dela como se nunca tivéssemos nos casado. O que não é justo.

— Sinto muito, — diz ela. — Eu não deveria ter incomodado você.

Porra. Agora me sinto ainda pior. Eu esfrego minha testa. — Não se desculpe. Estou feliz que você ligou. Eu...

— Oliver?

Eu me viro para ver Quinn parada na calçada, esfregando as mãos nos braços nus para afastar o frio da noite.

— Arlo Hathaway está em nossa mesa. Garrett pensou que você poderia querer falar com ele antes de partir?

Eu concordo. — Obrigado. Eu estarei lá.

— Ok, — diz Quinn, em seguida, volta para dentro.

Silêncio completo e total é tudo que posso ouvir.

Eu limpo minha garganta. — Hannah... — Não tenho certeza do que mais dizer.

Eu não esperava que ela ligasse. Achei que tudo daqui para frente passaria por nossos advogados, da maneira que ela sugeriu. E eu nunca teria imaginado que ela ligaria enquanto eu estava saindo com outra mulher, o que é uma ocorrência rara.

— Você não deveria ter atendido, Oliver.

Antes que eu tenha a chance de responder, ela desliga.

Eu fico lá, telefone contra minha orelha, olhando para as luzes do tráfego que passa.



Fico no piloto automático pelo resto da noite, testemunhando, mas não participando de verdade.

Não tenho certeza se alguém percebeu. Garrett fica mais sociável a cada taça de vinho que consome, e Sienna é sempre extrovertida. Eles conduzem a maior parte da conversa, apimentando Quinn com perguntas sobre sua vida em Londres e seus planos em Nova York, com vários olhares sugestivos voltados para mim.

Pego o linguado que foi servido com alho-poró refogado e escolho ruibarbo, lavando cada garfada com vinho.

Em vez de melhorar meu humor, o álcool o afunda ainda mais.

Penso em mil coisas que gostaria de ter dito quando Hannah ligou. Nem tenho certeza se a parabeneizei. Eu definitivamente não

perguntei se ela contou ao pai ou ao resto da família. Se ela não fez, ela está comemorando sozinha?

Uma onda fria de pavor aparece no meu estômago e se espalha, imaginando ela e algum outro cara. Não preciso nem imaginar - eu testemunhei. E eu vivi isso. Já fui o cara do bar, diante da loira misteriosa que é Hannah Garner. Ela é difícil de resistir e a maioria dos caras não se incomodaria em tentar.

Eu empurro meu prato com algumas mordidas de peixe sobrando, meu apetite totalmente perdido.

— Você sabe onde fica o banheiro? — Eu pergunto a Garrett.

— No porão, — ele me diz. — Vá para os fundos e desça as escadas.

— Obrigado. — Eu olho para Quinn. — Eu volto já.

Ela acena com a cabeça e sorri. Sua compostura não vacilou a noite toda, nem mesmo quando passei tanto tempo parado na calçada que perdi Arlo Hathaway em nossa mesa. Tivemos uma breve conversa quando ele estava saindo, mas não o networking principal que poderia ter resultado lá dentro. E eu nem me importo.

As instruções de Garrett são precisas. O banheiro masculino é a primeira porta depois das cozinhas.

Mas eu não entro. Eu me inclino contra a parede logo após a entrada e fecho os olhos, tentando acalmar meus pensamentos e recuperar algum equilíbrio. Esta noite deveria ser sobre Quinn. Sobre conhecê-la e determinar como poderíamos funcionar como casal.

Mas minha cabeça está cheia de Hannah. E eu gostaria de poder culpar a ligação dela por tudo, mas ela estava lá muito antes de meu telefone tocar. Achei que quanto mais tempo passasse desde que a visse, falasse com ela, *transasse* com ela, mais fácil seria. Em vez disso, é uma dor que cresceu em intensidade, como se ignorá-la só a tornasse pior.

Tiro meu telefone do bolso e digito o nome dela, olhando para as luzes fluorescentes enquanto o ouço tocar.

E toca.

E toca.

— *Oi, você ligou para Hannah Garner. Eu não estou disponível...*

Com uma maldição murmurada, termino a ligação. Quem diabos sabe o que eu deixaria em uma mensagem de voz. E não há ninguém a quem eu possa pedir conselhos sobre como lidar com essa situação. Garrett acha que estou namorando Quinn. Crew não faz ideia de que

já conheci Hannah. Scarlett está focada em me ajudar a conseguir o divórcio. Além disso, a lista de pessoas com quem me comunico regularmente é composta principalmente por parceiros de negócios. Eles não poderiam se importar menos com minha vida pessoal ou me venderiam para os tabloides.

Depois de algumas exalações frustradas, volto para o andar de cima. Felizmente, o jantar está terminando. Garrett insiste em dividir a conta, e então Sienna e Quinn pegam suas jaquetas no guarda-volumes.

Eu respiro profundamente quando estamos do lado de fora.

É um flash, a princípio. Então dois, quatro, dez.

Garrett dá um tapinha nas minhas costas e se aproxima. — Desculpe por isso, cara. Sienna quer despertar algum interesse antes do casamento. Vamos, vamos deixar vocês.

Eu entendo imediatamente, e isso derruba minha opinião já ruim sobre Sienna. Ela é filha de um apresentador de notícias e uma socialite, que trabalha como organizadora de casamentos desde que se formou na faculdade. Não é irrelevante, mas nada pelo qual os paparazzi apareceriam. Eu, por outro lado? Raramente saio e nunca anuncio quando saio.

Perguntas são lançadas em nosso caminho, perguntando o nome de Quinn. Querendo saber se estamos namorando. Gritando se estou solteiro.

Cerro os dentes e coloco a mão na parte inferior das costas de Quinn, guiando-a através do caos até o carro.

Estou esperando alguma descrença ou incerteza quando estivermos dentro do veículo, os vidros escuros bloqueando os flashes piscando. Quinn parece tão composta quanto durante toda a noite. E deve ser reconfortante. Um sinal de alguém adequado para enfrentar as pressões de ser um Kensington. Mas me incomoda não poder ver além da máscara dela. Que não sei dizer se algo é genuíno ou fingido. Se ela é uma excelente atriz ou apenas menos cínica do que eu.

Ainda há manchas piscando em meus olhos enquanto o carro se afasta do meio-fio.

— É assim que Nova York é? — Quinn pergunta, olhando entre nós três.

Sienna ri.

— Às vezes, — eu digo.

Mas tudo que consigo pensar é que espero que Hannah não veja isso.

E isso me assusta mais do que qualquer outra coisa que aconteceu esta noite. Isso não é nada com que eu deva me preocupar e tudo com o que pareço me importar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Hannah

— O que você acha, Hannah? — Tyler pergunta.

Desvio o olhar das linhas brancas e dos números pintados na grama. — Parece ótimo, — eu respondo, sem nenhuma ideia com o que estou concordando.

Fiz todo esse tour no piloto automático, deixando Tyler fazer perguntas e conduzir a conversa. Eu me arrependi de ter vindo, sabendo que era para agradar meu pai e alguma tentativa de provar que mudei desde a última vez que estive aqui. E principalmente, por causa de Oliver. Evitar uma conversa difícil com meu pai sobre a faculdade de arquitetura e estar perto do meu marido são motivos terríveis para estar aqui. Isso só vai surpreender ainda mais meu pai, e depois da minha ligação desastrosa com Oliver, eu não deveria nem me arriscar a esbarrar com ele na rua.

Tyler está todo profissional quando voltamos para a entrada lateral do estádio. — Obrigado por se encontrar conosco, David.

— Claro. Foi um prazer.

Tyler aperta a mão de David Prescott, gerente geral do New York Eagles. Eu também. David é mais profissional do que Robert Damon, oferecendo-me um aceno educado e nada mais.

Finalmente vamos embora. O sorriso falso que usei o dia todo desaparece assim que entramos no carro. Tiro os saltos e me abaixo para esfregar os pés enquanto o carro passa pelo enorme estacionamento vazio. O estádio foi construído para acomodar setenta mil pessoas e é cercado por asfalto. O motorista leva vinte minutos para pegar a rodovia e voltar para Manhattan.

— Quer jantar? — Tyler me pergunta, fechando seu laptop e guardando-o enquanto o horizonte de arranha-céus aparece.

Eu mastigo o interior da minha bochecha. Não sei dizer se é um pedido de um colega de trabalho ou se pode ser interpretado como um encontro. De qualquer forma, estou muito esgotada e distraída para que o jantar pareça atraente. Prefiro pedir comida para viagem e ficar de pijama. Mas também não quero ofender Tyler.

— Não estou me sentindo muito bem. Acho que vou me deitar

mais cedo.

Ele acena com a cabeça, felizmente não parecendo chateado. — Tem sido um longo dia. Você quer que eu pegue um pouco de comida para você?

— Não, obrigada. Vou pedir alguma coisa.

Tyler acena com a cabeça, então se concentra em seu telefone pelo resto da viagem. Eu olho para os pontos turísticos familiares da cidade de Nova York.

A paisagem é familiar, mas também parece diferente.

Não é apenas uma cidade. É a cidade *de Oliver*.

É aqui que ele trabalha. Vive. Namora. E embora isso não deva fazer nenhuma diferença para mim, é um pensamento do qual não consigo me livrar enquanto estamos parados no trânsito.

Não sei exatamente onde a Kensington Consolidated tem seus escritórios — sem dúvida alguma localização privilegiada no centro da cidade, — mas imagino Oliver fazendo um percurso semelhante a este quando vai e volta do trabalho todos os dias, passando por arranha-céus, food trucks e táxis amarelos.

Tyler e eu nos separamos assim que chegamos ao saguão do Carlyle. Ele vai até a recepção do hotel para pedir um carro para mais tarde. Sigo em direção aos elevadores, ansiosa para chegar ao meu quarto.

Embora já tenhamos nos despedido, Tyler acena antes que as portas se fechem. Ele parece genuinamente despreocupado por eu não querer passar mais tempo com ele, e é um alívio.

Vou passar pelos próximos dias de reuniões e depois estarei de volta a LA. Talvez eu receba meus pais para jantar neste fim de semana, e então posso contar a eles sobre a faculdade de arquitetura. Não é como se fosse uma grande surpresa - espero. Eles sabem que é um interesse meu, ou *era*.

E então me lembro de como meu pai estava em êxtase no meu primeiro dia como funcionária oficial, e meu estômago se contorce em um nó desconfortável.

Assim que estou dentro do meu quarto, tiro o vestido e o blazer que usei o dia todo. Só paramos aqui por alguns minutos entre o aeroporto e a saída para o primeiro encontro, e é um alívio finalmente me livrar das roupas apertadas. É ainda mais incrível pisar sob uma corrente de água morna. Nova York está pelo menos quinze graus mais fria do que LA esta manhã, o que eu esperava, mas realmente não me vesti para isso.

Meu telefone toca assim que saio do chuveiro. Provavelmente meu pai, ligando para verificar.

Corro para o quarto com o cabelo pingando e uma toalha embrulhada ao acaso, espalhando gotas de água por toda parte. Meu telefone está carregando na mesa de cabeceira. Eu bato meu dedo do pé enquanto derrapo até parar, xingando quando a pontada de dor faz meu joelho dobrar. Eu pulo com uma perna só, verificando se meu pé está danificado, enquanto atendo o telefone.

— Olá? — Eu respondo, sem fôlego.

— Hannah? — Um calor gelado desce pela minha espinha enquanto experimento uma onda de pavor e excitação. Meu dedo do pé não lateja mais. Não digo nada, me xingando por não ter verificado quem estava ligando antes de atender.

Achei que ele não fosse me ligar de novo. Não pensei que estaria nessa situação.

— Hannah? — Oliver repete.

Eu limpo minha garganta e aperto a toalha com mais força. — Oi, Oliver.

— Este é um bom momento? — Ele pergunta hesitante.

Estou ofegante como se tivesse corrido uma maratona. E da última vez que nos falamos, desliguei na cara dele. Então eu entendo sua apreensão. — Sim.

Uma oportunidade de terminar esta conversa antes de começar, e é tudo o que digo: *Sim*. A surpresa e o pânico estão desaparecendo, substituídos por sensações mais agradáveis. Tipo... felicidade. Alívio.

Ele ligou, e eu não achei que ele ligaria. Achei que ligar de volta depois que desliguei fosse o fim da nossa comunicação.

— A petição foi apresentada hoje.

— Eu sei.

O lembrete diminui um pouco meu humor, mas não muito. Porque isso não é algo que ele precisava me ligar.

Minha advogada me mandou uma mensagem esta manhã. A mensagem dela foi entregue assim que desembarquei em Nova York, o que não foi o melhor começo para esta viagem. Eu estava esperando por isso. Era um pouco misterioso por que ele ainda não havia entrado com o pedido.

Mesmo que ele esteja em silêncio, posso praticamente ouvir seus pensamentos girando, imaginando o que dizer a seguir.

— Você contou ao seu pai sobre a faculdade? — Ele pergunta.

Riachos de água continuam a escorrer pelos meus braços e pernas, deixando pequenas poças no chão. — Nós não precisamos fazer isso, — eu sussurro.

— Fazer o quê?

— Me desculpe por ter ligado para você na sexta-feira, ok? Eu não deveria. Foi... pouco profissional.

— Pouco profissional? Em que estamos *trabalhando* juntos, Hannah?

— Nosso divórcio.

Oliver bufa.

Olho para o relógio, o ponteiro mais longo marcando os minutos. — Eu não quero discutir. Tem sido um longo dia. Minha advogada está me mantendo informada, então você não precisa. Isso vai acabar... logo.

Essa última frase é mais difícil de dizer do que eu pensava. Não porque de repente me apaixonei pela instituição do casamento ou acho que casar com um estranho em Las Vegas é uma experiência recomendada. Mas eu associo os dois com Oliver agora, e ele é o componente com o qual desenvolvi algum apego. Nunca encenei com ele, como faço com a maioria das pessoas. Especialmente homens. Eu queria contar a ele sobre minha aceitação antes de Rosie, que conheço há mais de uma década.

É uma perda deixar isso passar. Mas eu tenho. Ele apresentou. Ele possivelmente estava em um encontro. Não há nada para segurar.

Oliver não diz nada. O silêncio é ameaçador e desconfortável, estendendo-se por uma distância menor do que ele imagina. Eu me pergunto se ele ainda está no trabalho ou se está em casa. Trabalho, eu estou supondo.

Aperto minha toalha como uma armadura. — Bem, eu deveria ir pedir o jantar, então...

— Jantar? São apenas três e meia aí.

Um telefone começa a tocar ao fundo.

Ele está no escritório. Mas ele não me pede para esperar. Nem reconhece o som, pois continua tocando mais quatro vezes antes de silenciar. Ele apenas espera que eu responda.

Portanto, descarto mentir, dizendo que pulei o almoço e estou comendo cedo. E não é só porque de alguma forma sinto que ele saberá que é uma mentira. É porque era uma esperança secreta desta

viagem, vê-lo. — Eu, uh, estou em Nova York, — admito.

— Você está em Nova York. — A voz de Oliver é monótona, e eu gostaria de poder ver seu rosto. Com base apenas em seu tom, não tenho ideia do que ele está pensando. Não é indiferença; é controlado. A maneira como o imagino dominando negócios no valor de centenas de milhões de dólares. Ele expõe o que quer que seja visto, nada mais, nada menos.

— É uma viagem de trabalho.

Silêncio.

— Um agente com quem trabalhei antes me pediu para vir com ele, então eu... vim. — Eu limpo minha garganta. — De qualquer forma, hum...

— Você ia me contar?

A honestidade entra em ação novamente. — Talvez. Quando liguei na sexta-feira, eu estava... Talvez.

Mais silêncio. O constrangimento se expande em meu peito, pesado e desconfortável, enquanto tento descobrir como sair dessa confusão.

— Eu não deveria ter saído com ela, — diz ele, calmamente.

Meu peito se contrai em resposta à confirmação, mas minha voz consegue permanecer casual. — Você não precisa explicar...

— Eu queria uma distração e não funcionou. — Oliver exala. — Não vai haver um segundo encontro. Eu não tinha... eu *não tenho* namorada.

Não tenho certeza de como responder. Ele não precisa da minha permissão e não me deve nenhuma explicação.

— Você está livre para jantar?

A oferta é inesperada. *Tão* inesperada que estou chocada demais para falar. Mal capaz de pensar. — Você não precisa...

— Eu sei que não preciso, Hannah. Era uma pergunta de sim ou não.

Quero dizer *sim*, o que provavelmente significa que devo dizer *não*.

— Estou livre.

Eu realmente gostaria de poder ver seu rosto agora. Não há resposta imediata. Então, — Eu vou buscá-la às sete?

Menos de meia hora para ficar pronta. Isso não deveria importar.

Eu não deveria me importar com minha aparência. Mas já estou tramando na minha cabeça. Correndo pelas roupas que eu trouxe.

— Claro. — Eu me esforço para um tom casual. — Estou no Carlyle. Encontro você no saguão.

— Ok. Vejo você em breve.

— Vejo você em breve, — repito.

Eu desligo, jogo meu telefone na cama e, em seguida, entro em uma enxurrada de atividades. Eu viro minha mala inteira no colchão, separando blusas, blazers e conjuntos de dormir. Trouxe *um par* de jeans e estou tentada a usá-los. Mas não tenho ideia do que Oliver tem em mente para o jantar. Com base no que ele vestiu para jantar com minha família, eu deveria me vestir. Visto o vestido azul-marinho que planejava usar amanhã e corro para o banheiro. Eu seco meu cabelo enquanto também tento aplicar rímel, olhando ansiosamente para o relógio o tempo todo.

Pelo menos o prazo apertado significa que tenho menos tempo para me preocupar com como será o jantar. Duvido muito que Oliver esteja me convidando para discutir o processo de divórcio.

Não há *o que* discutir. Tudo está sendo tratado pelo processo judicial e por nossos advogados.

Isso é... algo diferente. E isso é assustador. Porque eu sabia que havia atração entre nós, mas achava que era *só* isso, além dos nossos vínculos legais. Oliver não precisava me convidar para jantar. Ele é bilionário, atraente e pode ser charmoso quando quer. Ele é incrível na cama.

Ele tem opções. Eu não sou um último recurso.

E ele também não é meu. Eu poderia ter saído com Tyler. Ou com outros conhecidos de viagens anteriores à cidade.

Isso é intencional.

Real.

Entro no saguão faltando apenas um minuto, esperando que Oliver esteja atrasado. Mas ele está de frente para a parede à esquerda dos elevadores, estudando a obra de arte abstrata pendurada na parede.

Ele está em um terno que mal está amassado, embora eu esteja assumindo que é o que ele está usando o dia todo. Suas mãos estão enfiadas nos bolsos e seu cabelo está levemente bagunçado, como se ele tivesse passado a mão por ele recentemente.

Há uma reviravolta indesejável no meu estômago assim que o

vejo. Uma colisão de nervos e ansiedade, testemunhando Oliver esperando por mim. Todos - os funcionários do hotel e os outros hóspedes entrando e saindo do prédio - estão olhando para ele. Não sei se é porque o reconhecem ou porque tem aquela aura de poder e importância.

Meus saltos anunciam minha aproximação, batendo contra o mármore polido do piso do saguão.

Oliver olha na minha direção, ignorando a outra atenção voltada para ele. Ele sorri quando me vê, e a reação genuína causa estragos em meu coração.

Não há nada superficial ou forçado em sua expressão. Quase parece que ele relaxa quando me aproximo. Como se ele estivesse preocupado que eu não aparecesse ou não sorrisse de volta. E sinto uma pontada no peito ao perceber que ele nem estaria olhando para mim se meu pai não tivesse me mandado para Las Vegas. Se eu não tivesse ido naquele bar do hotel exatamente na hora. Isso me faz pensar se o destino ou sorte realmente existem e se eles podem substituir as consequências. Como acreditar em algo maior do que você pode fazer você se sentir maior, em vez de menor.

— Oi. — Seus olhos se movem para baixo, sobre o casaco que estou usando, minhas pernas nuas e saltos altos.

Vou sentir frio e as pontas dos pés já doem. Mas eu quero ficar bem para ele.

— Oi, — eu ecoo, sem saber como cumprimentá-lo. A maior parte da familiaridade de sua viagem para LA desapareceu, então abraçá-lo ou beijá-lo parece muito ousado.

Oliver estende a mão. E no mais simples dos gestos, eu pego. Nossos dedos se entrelaçam naturalmente, como uma tapeçaria que deveria ser.

— Pronta? — Ele pergunta.

Concordo com a cabeça, seguindo-o pelo saguão. Oliver solta minha mão quando chegamos à porta giratória, mas apenas para me guiar para dentro de uma das seções de vidro. Em vez de pegar a sua, ele se aglomera atrás de mim. Por alguns segundos, estamos presos em nosso próprio mundo minúsculo, seu cheiro e presença avassaladores. E então somos cuspidos na rua, a cidade ganhando vida apesar do sol poente sinalizando o fim do dia.

Ele pega minha mão novamente quando estamos na rua, e eu odeio o quanto esse pequeno ato importa para mim. Especialmente porque é um movimento lógico, considerando como as ruas estão

lotadas. Há uma energia em Nova York que simplesmente não existe em outras cidades. Uma pulsação constante que enche a cidade como uma presença viva.

Oliver não diz nada sobre eu não ter contado a ele que estava aqui. Sobre nossa última conversa, nosso casamento ou nosso divórcio.

Descemos a rua juntos, de mãos dadas, parecendo um casal normal e descomplicado para qualquer observador externo.

— Está a fim de pegar o metrô? — Ele me pergunta depois de andarmos um quarteirão.

Concordo com a cabeça, apesar do fato de nunca ter andado no sistema de metrô de Nova York antes e nunca ter tido nenhum interesse em fazê-lo.

Depois de mais um quarteirão, descemos as escadas até uma estação movimentada e bem iluminada. O ar fresco da noite torna-se estagnado e rançoso. Oliver compra um cartão em um dos quiosques, *ri* de mim quando tento pagar e depois demonstra como passar pela catraca para chegar aos trilhos.

Cada movimento é praticado e eficiente, exibindo a confiança calma que estou acostumada a testemunhar de Oliver. Ele não estava mentindo sobre pegar transporte público antes, obviamente. Oliver navega pelas multidões e tumulto com facilidade, esperando um trem passar e então me guiando para o próximo assim que as portas se abrem.

O trem em que entramos já está cheio de gente. Todos os assentos de plástico estão ocupados, o mais próximo por uma senhora idosa segurando uma sacola de papel cheia de mantimentos.

Eu me movo rapidamente pela massa de rostos entediados e ansiosos, agarrando o poste de metal mais próximo assim que o alcanço. Ainda assim, não estou preparada para a súbita guinada quando as portas se fecham. Eu tropeço para trás quando o metrô começa a se mover, colidindo com um corpo quente e musculoso. Colônia cara substitui o cheiro de mofo e suor.

O braço de Oliver serpenteia em volta da minha cintura para me firmar, absorvendo cada cambaleio e tropeço enquanto o trem corre ao longo dos trilhos subterrâneos. Eu vacilo quando os freios são acionados inesperadamente, inclinando-me mais solidamente contra Oliver enquanto as portas se abrem na próxima parada.

Sua risada é baixa e divertida enquanto os corpos se movem ao nosso redor, tão perto que envia um arrepio na espinha. — Você deveria ter usado seus chinelos.

Meu rosto está em chamas. Não gosto que ele me veja tão relaxada. Que ele me conhece bem o suficiente para dizer isso. É um lembrete de quanto mais ele sabe. Quanto mais ele viu. — Eles não combinaram com o meu vestido.

— Então você deveria ter usado jeans.

— Achei que você estaria vestindo um terno.

Eu puxo a manga de sua jaqueta para provar um ponto, mas como sua mão está espalmada em meu estômago, acabo roçando sua pele com mais uma carícia do que uma ênfase. A respiração fica presa na minha garganta quando seu domínio sobre mim aumenta.

— E eu estava certa, — acrescento.

As portas se fecham e começamos a nos mover novamente.

— É uma semana movimentada no trabalho, — diz ele.

Tenho certeza de que uma semana ocupada no trabalho é uma semana normal para Oliver, mas não digo isso. Quantas horas ele passa no escritório não é da minha conta. E se ele realmente tem mais coisas acontecendo do que o normal, não posso acreditar que ele está gastando tempo para me levar aonde quer que estejamos indo.

Depois de mais duas paradas, Oliver abaixa a mão. Meu abdômen parece despojado sem o peso e o calor dele. — Esses somos nós.

Sigo duas adolescentes saindo do metrô. Elas estão rindo, olhando por cima do ombro a cada poucos passos. Elas estão olhando para Oliver, percebo, quando chegamos às escadas. Espero ter sido mais sutil verificando os caras quando tinha a idade delas, mas provavelmente não.

Estou tão concentrada nas alunas do ensino médio que tropeço de novo, desta vez sem desculpa, a não ser minha própria falta de jeito.

Mais uma vez, Oliver está lá para me firmar.

Não se acostume com isso, digo a mim mesma.

Achei que desejava demais a independência. Que meu fracasso em manter um relacionamento sério estava ligado a mim, não a algo faltando. Mas algo estava: confiança. Não é o tipo lógico e quantificável que pode ser definido pela confiabilidade acumulada ao longo do tempo. O tipo cru, instintivo, que simplesmente está lá, ou não está. A captura após uma queda.

— Talvez você devesse andar descalça, — Oliver sugere.

Eu olho para os degraus de cimento, manchados com bebidas derramadas e sujeira e sabe-se lá o que mais. — Não, obrigada.

Ele solta meu braço. Mas seus dedos entrelaçam-se aos meus, entrelaçando-se até que não haja dúvidas de que estamos de mãos dadas.

— Você é teimosa.

— Você é o bilionário sem carro.

Oliver bufa uma risada, levemente divertido. — É isso que você procura em um cara? Um carro chique para levar você?

Há muito à espreita por trás da pergunta. O suficiente para eu ouvir que ele tomou minhas palavras como um julgamento. Como uma deficiência.

Eu só estava tentando me distrair de como é ter a mão dele segurando a minha.

Eu reajo à ira latente, algo sombrio, feio e inesperado revirando meu estômago. — *Eu não tenho namorado. Sou casada, lembra?*

Oliver não diz nada quando chegamos ao topo da escada, e eu gostaria de ter ficado de boca fechada.

As multidões são mais escassas nesta parte da cidade, mais pessoas saindo do que chegando.

Passamos por um longo prédio que parece um armazém, sob uma ponte de pedestres e atravessamos uma rua. A água plana e escura se estende à frente, com uma trilha para caminhada ao longo dela. E então Oliver me puxa para a esquerda e eu vejo.

— Uau. — Eu tropeço novamente em uma rachadura na calçada, mais focada em olhar para frente do que para o que está bem na minha frente. Pela terceira vez, Oliver me firma.

Quando eu olho, seu sorriso é brilhante e largo. Ele parece emocionado com a minha reação. — Legal certo?

Concordo com a cabeça, meu olhar voltando para a estrutura para a qual estamos caminhando. É como nada que eu já vi. Uma ilha flutuante, construída a partir de dezenas de enormes funis anexados que são pressionados juntos para formar um parque pairando acima da superfície do Hudson. Os calçadões levam da terra firme aos jardins elevados, preenchidos com o fluxo do tráfego de pedestres.

— Há quanto tempo isso está aqui?

— Cerca de um ano, — Oliver responde. — Teve um evento da empresa aqui, logo depois que abriu. Local melhor do que a maioria das nossas festas. E pensei que você poderia gostar, de uma perspectiva arquitetônica.

Minha garganta apertada. Ninguém na minha vida, os poucos que

sabem que tenho algum interesse pela arquitetura e os muitos que não sabem, jamais se esforçou para fazer isso comigo. Para me levar a algum lugar simplesmente para eu me maravilhar com sua construção. Devido ao meu próprio sigilo e insegurança, eu sei. Mas ainda assim, o fato de Oliver ter escolhido fazer isso significa mais do que as palavras podem expressar.

— Você pensou certo.

Continuamos caminhando ao longo da tábua de madeira até chegarmos ao limite do parque. Oliver não diz nada, apenas me deixa absorver tudo. Ele também não solta minha mão. Caminhamos pelos caminhos pavimentados em silêncio, passando por turistas tagarelas e plantas marrons esperando pelo clima mais quente para florescer com novos brotos.

Os funis não têm todas a mesma altura, por isso temos de subir e descer lances de escada para explorar todo o espaço. Meus dedos dos pés apertam dentro dos meus saltos, mas estou mais focada no cenário ao nosso redor. Não apenas o parque em si, mas o rio Hudson e os edifícios imponentes que se alinham em ambos os lados de suas margens. O crepúsculo caiu, rastejando em direção à noite. As luzes piscam em todos os lugares, dando vida à cidade mesmo quando o dia chega ao fim.

Há um mirante de observação no topo do funil mais alto, com vista para todos os caminhos sinuosos que acabamos de percorrer. Oliver se inclina contra o corrimão, olhando para cima em vez de olhar para qualquer um dos nossos arredores imediatos. As últimas pinceladas do pôr do sol estão desaparecendo, escurecendo como uma lâmpada moribunda.

— Sempre achei que seria legal ser astronauta, — diz ele, estudando o céu.

— Você não é claustrofóbico? — Eu inclino minha cabeça para trás também, então estou testemunhando a mesma visão.

Ele ri. — Algo sobre o espaço... é misterioso. Perigoso. Enorme. O que você faz não parece tão importante. Aposto que tudo parece muito pequeno aqui embaixo.

— Não consigo imaginar você como um astronauta. Eles não usam ternos. — Puxo sua jaqueta com a mão livre. — Não desse tipo, pelo menos.

Oliver sorri. — Meu pai também não. Ele descartou essa ideia rapidamente. Mas minha mãe me levou para o Centro Espacial em Houston.

— Isso parece bom. — Eu mordo o interior da minha bochecha para parar a enxurrada de perguntas que querem sair. Oliver não fala sobre sua mãe, eu notei.

— Era. Mas também era meio inútil. Ela e eu sabíamos que eu iria para a escola de administração e depois acabaria na Kensington Consolidated.

Concordo com a cabeça, ainda olhando para o céu. — Na faculdade, me formei em arquitetura junto com negócios. Outros três anos de escola para obter meu mestrado não pareciam muito atraentes quando eu estava me formando. Foi mais fácil começar a trabalhar para o meu pai, então foi o que fiz. E pensei em voltar e voltar ao longo dos anos, mas sempre foi mais fácil ficar parada.

— Estou feliz que você se inscreveu. Não estou surpreso por você ter entrado.

Eu sorrio, absorvendo sua fé. Isso é bom. Cru. — Ainda não contei ao meu pai. Só você... e minha melhor amiga, Rosie.

— Ela disse para você ir?

— De certa forma. Ela queria principalmente falar sobre você.

— Você contou a ela sobre nós?

— Eu disse a ela que nos casamos. Não... qualquer outra coisa.

Ele não diz nada.

— Ela não vai contar a ninguém.

Acho que é com isso que ele está preocupado, até que ele pergunta, — Por que você não disse mais nada a ela?

A resposta fácil - compreensível - seria que eu não queria explicar por que estava passando um tempo com meu futuro ex-marido. Eu não *tenho* uma explicação. — Eu não queria.

— Você contou a ela sobre Crew?

Eu concordo.

Oliver desvia o olhar, a luz fraca iluminando seu perfil forte. E percebo que ele entendeu mal.

Eu me aproximo, saboreando o calor de seu corpo. Qualquer calor do sol está desaparecendo rapidamente. — Não é isso que eu...

— Devíamos ir jantar.

Oliver começa a caminhar em direção à saída. Depois de uma breve pausa, eu sigo.

Eu deveria estar aliviada por ele não ter me dado uma chance de

explicar. Para me despir mais do que já fiz. Admitir que ele significa algo para mim.

Mas eu não estou.

CAPÍTULO VINTE

Oliver

Eu vi fotos suficientes do interior do Blackbird publicadas nas redes sociais para saber o que esperar quando entrarmos. Este é o restaurante mais badalado da cidade no momento. Você tem que planejar com meses de antecedência para conseguir uma reserva. Ou ter o sobrenome certo.

Os olhos de Hannah estão arregalados enquanto ela olha ao redor do espaço estreito. É pouco iluminado e romântico, as paredes de tijolos cobertas com vegetação gotejante e cestas de arame cheias de vinho.

— Boa noite. Em que nome está sua reserva? — A recepcionista pergunta quando a alcançamos.

— Kensington.

Choque passa por seu rosto antes que ela olhe para baixo. Não tenho reserva e observo a mulher perceber isso.

Não gosto de jogar meu sobrenome por aí. Solicitar tratamento especial me deixa desconfortável. Faz os outros agirem admirados. A maioria das pessoas só me conhece como um Kensington, e tentei criar uma identidade separada. A diferença esta noite é que quero impressionar Hannah.

— Deixe-me preparar sua mesa, — diz a recepcionista, depois sai correndo.

Hannah se vira para mim, apertando o cinto do casaco. Nós soltamos as mãos quando entramos no táxi para vir para cá, e sinto falta de tocá-la.

— Você não tem reserva.

Eu levanto uma sobancelha para ela. — Eu não preciso de uma.

Sua cabeça se inclina, me estudando. — Você está tentando me impressionar?

Sim, é a resposta exata. — Eu sei que não é um carro, mas...

Ela ri um pouco, então desvia o olhar para inspecionar o restaurante. — Você já esteve aqui antes?

— Não, mas é...

— Oliver!

Olho para o fundo do restaurante, onde a luz é ainda mais escassa.

Asher aparece de repente, contornando o estande da recepcionista e sorrindo amplamente. — Eu pensei que fosse você! Mas não pensei que fosse aqui que você... — Ele para de falar abruptamente, assim que vê Hannah.

— Olá, Asher.

Eu olho entre os dois. Asher parece atordoado. Hannah parece composta, mas um pouco incerta. Ela não tem ideia de que Asher sabe que somos conhecidos - casados - então acho que ela está esperando que ele pergunte o que estamos fazendo aqui juntos. Estou esperando a mesma pergunta, apenas em um contexto diferente.

— Hannah. — Asher se recupera. — Isso é uma surpresa.

— Não posso dizer o mesmo, — ela responde. — Este parece ser *exatamente* o tipo de lugar que você viria para comer.

Asher sorri. — Foi um pedido de Aida.

— Aida? — Eu pergunto, não reconhecendo o nome. — O que aconteceu com Isabel?

Ele dá de ombros. — Eh. Isso fracassou.

— Vem fácil, vai fácil, — comenta Hannah.

— Funcionou bem para Crew, — diz Asher.

Eu olho para ele.

— Até ele se casar, — continua Asher. — E tudo aquilo de *nada vai mudar* acabou sendo besteira. Claro, você já sabe disso.

Não sei exatamente o que aconteceu entre Hannah e meu irmão, e gostaria que os detalhes permanecessem confusos. Meu relacionamento com Crew já é bastante confuso. Mas eu estaria mentindo se dissesse que isso não me incomoda. Não apenas que eles estavam juntos de alguma forma, mas que Hannah possivelmente se machucou como parte disso.

— Sr. Kensington, sua mesa está pronta. — A recepcionista reaparece, segurando dois menus.

— Ótimo, obrigado.

— Posso ter uma palavra, Oliver? — Asher pergunta. — Sobre o trabalho, — ele acrescenta, olhando para Hannah. Sua expressão é quase de desculpas.

Eu balanço minha cabeça. — Agora não é...

— Está tudo bem, Oliver, — Hannah diz. — Te encontro na mesa.
— Ela se vira e segue a recepcionista para dentro do restaurante.

Eu me viro para Asher com uma carranca. — O quê?

— Continuando a tradição dos Kensington de não dormir com sua esposa, hein? Você parece terrivelmente tenso.

— Cuidado, — eu estalo.

Asher balança a cabeça. Suspira. — Eu não posso impedir que você destrua este trem, hein?

— Você vai contar a ele? — Se Asher não estiver mais com Isabel, perco qualquer influência para convencê-lo a manter a boca fechada.

Ele ri. — Você está brincando comigo? *De jeito nenhum* eu vou pisar neste desastre. Especialmente desde que vi as fotos de você com Quinn Branson. Parecia que você estava saindo de uma reunião de negócios. E não é aqui que você tem uma reunião de negócios. Se você não está transando com ela, você quer. E isso não vai levar a um divórcio feliz.

— Meu casamento não é da sua conta.

— Você veio até mim, Oliver, lembra? Eu vi Crew passar pela mesma coisa, fingindo que não dava a mínima para Scarlett. Olhe para ele agora. Exceto que Hannah não tem nenhum dos motivos para ficar por aqui que Scarlett tinha. Ela poderia sair com uma fortuna, para o próximo cara.

— Eu a conheço melhor do que você.

— Eu espero que você esteja certo. — Asher dá de ombros. — De qualquer forma, eu realmente queria falar sobre trabalho. Você enviou os documentos da Isaac Industries antes de sair do escritório, certo?

Porra. — Sim, — eu minto.

Eu estava esperando que eles fossem finalizados quando liguei para Hannah. Saber que ela estava na mesma cidade superou todo o resto.

Desde que sejam enviados até meia-noite, tudo bem. Mas isso significa que terei que voltar ao escritório esta noite. O que é possivelmente o melhor, porque sei que Asher está fazendo pontos válidos. Se estou querendo transar ou levar uma mulher para jantar, há candidatos muito melhores, não relacionados aos papéis pendentes no tribunal estadual. E se estou querendo Hannah, isso é um problema muito maior.

Asher bate no meu ombro. — Aproveite o jantar. Recomendo as

vieiras.

Ele desaparece tão rápido quanto apareceu.

Vou até a mesa onde Hannah está sentada. As luzes suaves fazem seu cabelo loiro brilhar, tornando-o da cor do ouro.

Ela olha para cima enquanto eu pego a cadeira em frente a ela, pegando seu copo de água e tomando um gole delicado. — Isso foi rápido. Achei que ele teria uma lista maior de motivos para você não sair para jantar comigo.

Eu solto uma risada antes de pegar meu cardápio. — Foi *um* trabalho. Você gosta de vieiras?

— Você já se sentiu culpado por ser rico?

Eu levanto uma sobrancelha, pego de surpresa pela pergunta. Algo que acontece muito perto de Hannah. Ela tem a tendência de me fazer perguntas que ninguém mais fez. A maioria das pessoas apenas sussurra sobre meu patrimônio líquido com ciúmes na voz e cífrões nos olhos.

— Pergunta a menina que cresceu em uma mansão em Montecito.

Hannah revira os olhos. — Era o dinheiro dos meus pais. E ambos cresceram na classe média. Eles pagaram a faculdade, mas eu estava por minha conta.

— Eu me sinto *indigno* disso, — eu digo. — Estou apenas capitalizando o que já foi construído por outra pessoa.

— É por isso que você está sempre trabalhando? Tentando se sentir digno?

— Isso faz parte, provavelmente. O resto é que não tenho mais nada. Não gosto de ir a festas. Eu vou até elas com um plano de quem preciso abordar e faço dias de pesquisa para saber exatamente o que dizer a eles. Quando viajo, é a trabalho. — Forço um sorriso, odiando a forma como minha pele se arrepia com a vulnerabilidade. — Minha vida é muito chata. Pode muito bem funcionar.

— E as mulheres?

Eu levanto uma sobrancelha. — Pergunta a minha esposa.

Mesmo com pouca luz, suas bochechas estão claramente vermelhas. Não tenho certeza se devo mencionar Quinn novamente ou deixar o assunto de lado. Eu quis dizer o que disse a Hannah antes, eu não deveria ter saído com ela.

— Já se apaixonou alguma vez? — Ela pergunta.

Balanço a cabeça, mas o movimento é menos confiante do que

seria algumas semanas atrás. — Por um tempo, pensei que parte da minha vida estava toda planejada. Brinquei muito no ensino médio e no primeiro ano da faculdade, me rebelando contra isso da única maneira que pude. Após a formatura, algumas mulheres duraram mais do que algumas semanas, mas não muitas. Segundo a maioria delas, trabalho demais.

Hannah dá um meio sorriso. — Imagine isso.

— Boa noite. — Aparece um garçom, que põe sobre a mesa um cesto de pães e um tabuleiro com azeite polvilhado com especiarias coloridas. — Sou Steve e serei seu garçom esta noite. Posso trazer algo para vocês dois beberem?

Hannah pede um coquetel e eu um uísque. Nosso garçom diz que voltará em breve e desaparece.

— E você? — Pergunto assim que ele sai.

Ela pega um pedaço de pão e arranca um pedaço antes de mergulhá-lo no óleo. — Eu nunca me apaixonei. Meu último relacionamento foi uma espécie de experimento, para ver o que aconteceria se eu me esforçasse. Ele morava em San Diego e, devido à distância e à agenda com a equipe, não o via com tanta frequência. Não me incomodou, o que deveria ter sido minha primeira pista. Acho que sou apenas defeituosa quando se trata dessas coisas. — Hannah levanta um ombro, deixa-o cair e então enfia o pão na boca.

— Você não é defeituosa.

— Você não é chato.

Dou um meio sorriso, escondendo o quanto essas palavras significam para mim. Porque eu sinto isso, muitas vezes.

— Como isso acabou?

Presumo que ela esteja falando sobre Declan, o cara que Eddie mencionou no bar. Quando ela se mexe na cadeira, sei que estou certo. — Ele, uh, pediu em casamento.

— Uau.

— Sim. — Ela suspira. — Ele me chamou de desafio sem fim.

— Tão emocionante?

Hanna sorri. — Acho que a implicação era mais que eu era exaustiva. Não valia a pena. As coisas não terminaram bem entre nós, obviamente.

— Ele estava *errado*, Hannah.

Ela balança a cabeça, deixando cair o contato visual.

Nossas bebidas aparecem um segundo depois, o garçom as coloca na mesa rapidamente e sai correndo com a promessa de voltar em breve para anotar nossos pedidos de jantar.

Pego o copo de uísque, levanto e inclino na direção dela. — Por entrar na faculdade de arquitetura.

Hannah morde o lábio inferior antes de levantar seu próprio copo. A guarnição laranja-sangue oscila antes de se acomodar na borda. — Por Thompson & Thompson. — Ela faz uma pausa. — Ou você já fechou outro negócio que eu perdi?

— Essa foi o mais recente. Você tem ações ou algo assim?

Ela balança a cabeça. Engole. Encolhe os ombros. — Eu pesquisei você, depois. — Seu copo se inclina mais perto. — Saúde.

— Saúde.

Nossos copos batem.

Hannah dá um gole na bebida e sorri. — Uau. Isto é muito bom. — Ela o segura para mim. — Experimente.

Não me lembro da última vez que tomei uma bebida mista. Mas aceito, principalmente porque não quero que sua expressão animada desapareça. Bebo, fazendo uma careta para a doçura. — Delicioso.

Sua risada aquece meu peito mais do que o álcool. — Você não vai me oferecer um pouco do seu?

— Pensei que você soubesse qual é o sabor do uísque.

Mas eu entrego de qualquer maneira, percebendo que estou entregando a ela muito mais do que este copo.

E reconhecendo que estou ferrado.

Tendo uma mão perdida em um jogo que eu quero desesperadamente ganhar.

Casado com uma mulher por quem estou me apaixonando quando deveria estar namorando outra pessoa. Uma mulher que está prestes a embarcar em um novo capítulo de sua vida no lado oposto do país onde moro e trabalho.

Asher chamando a situação de desastre de repente parece verdade. E ele não sabia nem da metade.

CAPÍTULO VINTE E UM

Hannah

Os escritórios da Kensington Consolidated são tão grandes e imponentes quanto eu esperava. O caminho até a entrada do prédio é imaculadamente ajardinado, uma fonte localizada do lado de fora das portas que exigem um cartão-chave para entrar.

A mão de Oliver cai na parte inferior das minhas costas, guiando-me pela porta na frente dele.

Um homem de meia-idade está sentado à mesa que fica no centro do enorme saguão de vidro, decorado com sofás e plantas.

— Boa noite, Sr. Kensington.

Oliver acena para o homem, que me olha com curiosidade. Ele tem que passar um cartão-chave para chegar aos elevadores, e novamente quando estamos lá dentro.

Eu me inclino contra a parede, observando os números digitais acima dos botões aumentarem cada vez mais conforme subimos.

Oliver está digitando em seu telefone, uma ruga se formando entre seus olhos.

Vir aqui provavelmente foi uma decisão ruim. Quando Oliver disse que precisava voltar ao escritório depois do jantar, eu deveria ter pedido para ele me deixar no hotel. Em vez disso, eu disse que não me importava de parar.

Estou curiosa sobre esse componente central de sua vida. Este edifício em que ele passa tanto tempo, e esta parte de sua identidade que está ligada à empresa de sua família.

E também não quero que esta noite acabe. Ainda não.

Não sei se considero esta noite um encontro. Não sei se Oliver sabe.

Mas sei que é o melhor em que já estive. Mesmo com o desvio para um arranha-céu.

As portas se abrem. Oliver coloca o telefone de volta no bolso, esperando que eu saia primeiro. Luzes automáticas ganham vida, refletindo nas fachadas de vidro dos escritórios que se alinham neste corredor. Tudo é imaculado e caro.

— Eu fico no final.

Sigo Oliver, passando pela longa fila de escritórios escuros. É assustador o quão quieto e silencioso é o nosso ambiente. Como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo agora.

Há um cubículo aberto do lado de fora da porta que leva ao escritório de Oliver. — É onde fica minha assistente, Alicia, — ele me diz. — Ela está comigo desde que comecei aqui.

Olho para as duas fotos na mesa. Uma delas é o retrato de casamento de um casal sorridente. A outra é de duas crianças sentadas em uma formação rochosa. Uma parte mesquinha de mim fica aliviada ao saber que sua assistente é casada e tem filhos, em vez de solteira.

Oliver continua entrando em seu escritório. Nenhuma luz acende; o único brilho é o que vem do corredor. E das janelas do chão ao teto que compõem a parede oposta do escritório, exibindo uma vista deslumbrante do icônico horizonte de Nova York.

Vou direto para as janelas, pressionando a mão contra o vidro frio. Desta altura, parece que eu poderia cair direto nos arranha-céus.

Os dedos batem nas teclas.

Eu me viro para ver Oliver debruçado sobre seu computador, focado no que ele voltou a trabalhar. Não há nenhuma fotografia emoldurada em sua mesa. Eu passo por ele, em direção ao sofá de couro. Afundo na superfície macia, tirando meu casaco. Está muito mais quente aqui do que lá fora.

A tela do meu telefone está coberta de mensagens. Do meu pai, de Rachel, de Rosie.

Eu jogo meu telefone longe e me levanto, caminhando até a estante alta e folheando as lombadas. São todos livros de negócios ou jurídicos, com nomes longos. Ornamental mais do que funcional, eu acho.

— Tudo pronto.

Eu giro, observando Oliver se levantar e desligar o computador.

— Isso foi rápido.

— Eu só tinha que enviar algo. Esqueci antes.

Chego ao lado de sua mesa, deslizando meus dedos pela superfície impecável. Meu coração bate em um ritmo constante no meu peito enquanto eu recuo, descansando contra a mesa imponente e maciça.

Oliver para, seus olhos rastreando cada movimento meu como um predador olhando para a presa. A diferença é que eu *quero* que ele ataque. Eu desejo ver aquele controle preso quebrar.

Mais da mesa suporta meu peso enquanto minhas coxas se abrem. Pouco, mas o suficiente para chamar sua atenção. A tensão aumenta no ar parado entre nós, o sabor tangível da incerteza e do desespero zumbindo entre nós. O reconhecimento de que queremos fazer isso, mas não devemos.

Eu decido empurrar, abrindo minhas pernas um pouco mais. Meu vestido centímetros mais alto. — Você queria me ver, Sr. Kensington?

Os lábios de Oliver se curvam, mas ele balança a cabeça, sem se mexer. — Hannah...

— Você me chamou de Sra. Garner quando pediu este relatório. — Eu mordo meu lábio inferior, em seguida, bato meus cílios. — Eu estraguei as prestações? Ou as declarações trimestrais? Você está me chamando de Hannah porque está prestes a me demitir?

A mandíbula de Oliver aperta enquanto ele me estuda, deliberando.

As luzes cintilantes da cidade se misturam com o brilho suave da lua entrando pelas janelas. Não consigo distinguir toda a sua expressão, mas posso ver a linha tensa de sua mandíbula. A ampla extensão de seus ombros.

— Isso é uma fantasia? — Eu sussurro. — No seu escritório, onde você dá ordens e decide coisas grandes e importantes? Você está aqui tarde da noite com uma secretária ou colega de trabalho e ela fica se inclinando pra frente, te provocando até...

Eu agarro a borda da mesa e deslizo para trás, o material liso do meu vestido deslizando facilmente contra a madeira envernizada. Meus joelhos se abrem até que estou exposta, e gemo quando o ar frio roça a umidade entre minhas pernas. Deliberadamente, puxo a bainha do meu vestido um centímetro acima.

Finalmente, Oliver se move. Ele dá um passo. Apenas um, e meu corpo reage com um sobressalto. — Você quer saber minha fantasia, Hannah? — Outro passo. — Minha fantasia não é transar com uma mulher no meu escritório, Hannah. É foder *você*.

Ele se aproxima, mas não me toca onde eu espero. Ele enrola uma mecha do meu cabelo no dedo, puxando gentilmente. Não há nada de sexual nisso. É doce. Afetuoso. Familiar.

Eu engulo, a luxúria voltando para minha corrente sanguínea em resposta. Mas não é o desejo selvagem e devasso que me colocou nesta mesa. É focado e intencional, vibrando uma pulsação insistente entre minhas pernas.

Eu quero *ele*, especificamente. A intensidade disso me assusta um

pouco.

Oliver solta a mecha do meu cabelo, apenas para enrolá-lo em sua mão, puxando minha cabeça inteira para trás. Sua outra mão pousa na minha coxa, o calor queimando minha pele como uma marca. — Diga-me que não.

Eu respiro fundo. Mas nenhuma palavra escapa. Eu posso senti-lo engrossando contra mim, quente, enorme e duro.

— Diga-me que não, Hannah. — Sua voz é mais profunda agora. Mais escura. Muito fácil de cair.

Eu *deveria* dizer não. Nós dois sabemos disso. Assim como nós dois sabemos que ele não deveria ter me ligado. Que não deveríamos ter ido jantar. Que eu deveria ter pedido a ele para me deixar no hotel.

Nós dois derrubamos dominós, então desviamos o olhar enquanto eles caíam. Fingimos que não fomos nós que os empurramos.

E mesmo que não admitamos, isso é mais do que estranhos amigáveis buscando o divórcio. Mais do que ficar em termos civis. Mais do que atração ou luxúria.

Eu reconheço essa verdade para mim, pelo menos, enquanto a borda firme de sua mesa cava em minha pele. Há um flash de déjà vu quando nos encaramos, este momento tão parecido com o da minha cozinha.

— Você já esteve aqui antes?

Há um pequeno choque de surpresa. Oliver nunca mencionou Crew.

Ele está revelando uma pequena centelha de insegurança, uma que eu não sabia que existia. Para se importar com minha história com seu irmão, ele teria que se importar, ponto final.

— Não. — Engulo em seco, escolhendo minhas próximas palavras com cuidado. — Ele foi *fácil* de explicar para Rosie, Oliver. Você... não é.

— Eu continuo tendo esse sonho, — Oliver diz, apertando minha perna com mais força da mesma forma que apertava minha mão. — Onde você está de pé na minha frente em uma igreja e seus lábios estão se movendo, mas não tenho ideia do que você está dizendo.

— Provavelmente estou prometendo amar e cuidar de você na saúde e na doença, na riqueza ou na pobreza... — Minha voz falha, abafada pela intensidade ardente em seu olhar.

— Gostaria de me lembrar, — confessa. Seu domínio sobre mim

umenta, e eu sei que o pavio está aceso. Posso praticamente vê-lo queimando, correndo em direção à explosão.

— Pessoas bêbadas fazem coisas que querem, não coisas que não querem.

— O que diabos isso diz sobre nós? — Oliver pergunta.

— Eu não sei, — eu digo.

Mas o que sei é que não é mais um mistério para mim, por que me casei com ele. Minhas memórias nebulosas da noite em que nos casamos ainda são incorpóreas. Isso não é, no entanto. Sentir essa luxúria, conforto e intensidade todos os dias não é um destino do qual eu fugiria. Uma parte de mim reconheceu aquela primeira noite em que nos conhecemos.

Ele exala enquanto oscilamos no fio da navalha.

Por esta noite, pelo menos, sei onde quero cair.

Minhas mãos pressionam contra seu estômago, os cumes de seu abdômen proeminentes mesmo através da camisa de algodão que ele está vestindo. Eu me movo mais para baixo, segurando o couro firme de seu cinto.

— Diga-me que *sim*, — eu sussurro.

Sua expiração é irregular e áspera, enquanto minha mão desce para arrastar sua virilha. É uma corrida, senti-lo responder. Sabendo que seu corpo não pode mentir, mesmo que sua boca o faça.

— Se você acha que vou negar alguma coisa a você, não prestou muita atenção. — As palavras são baixas e ásperas. E então suas mãos estão roçando as minhas, desfazendo seu cinto.

Eu me aperto contra o nada, desesperada para tê-lo dentro de mim.

— Tem certeza de que quer isso, Hannah?

— Tenho certeza.

Ele puxa as calças para baixo apenas o suficiente para liberar seu pênis. Estendo a mão para a frente, segurando sua ereção com força, memorizando a forma e o peso. Saboreando cada golpe enquanto desperto a antecipação.

— Deite-se e feche os olhos.

A respiração fica presa na minha garganta enquanto eu obedeço. A madeira de sua mesa é dura e inflexível contra minha espinha.

Os calos em suas mãos arrancam minha pele enquanto empurram meu vestido para cima e puxam minha calcinha encharcada para

baixo.

Eu sei o que está por vir, quando sua palma da mão pressiona contra a parte interna da minha coxa até que eu sinto a queimadura dos meus músculos se estendendo totalmente. Mas não estou preparada para o calor escorregadio de sua língua explorando círculos ao redor do meu clitóris, provocando eletricidade em todos os lugares.

Seu toque é provocador, um beijo na parte interna do meu joelho ou logo acima do osso ilíaco antes que ele volte para o meio das minhas pernas. Há um rugido surdo em meus ouvidos quando meu corpo se arqueia, meu instinto de empurrar para mais perto da pressão, não importa o quão desesperada isso me faça parecer.

Estou perdida na luxúria, desejo erradicando todo instinto lógico e sutil.

— Mais, — eu gemo, levantando meus quadris.

Oliver ri, e eu sinto isso reverberar contra a carne sensível. — Nunca mais vou conseguir trabalhar nessa porra de mesa sem te imaginar assim.

Bom, eu acho.

Porque ele se infiltrou na minha vida em LA. Eu penso nele no banco do passageiro do meu carro. Jogando croquet no quintal dos meus pais. Me fazendo gozar na cama onde durmo todas as noites.

O prazer cresce, aceso como o fogo que encontra lenha fresca. Estou cada vez mais perto, minha respiração ficando mais rápida e meu coração disparado enquanto Oliver corresponde à minha urgência, sua língua girando e seus dentes mordiscando.

E então eu estou voando, impulsionada por uma força invisível que me arremessa no nada e depois me junta de volta até que eu esteja de volta na mesa de Oliver, ofegante e relaxada enquanto os tremores secundários do meu orgasmo tremem através de mim. Se fôssemos *realmente* casados, eu imploraria para ele fazer isso comigo todas as manhãs. Gritar até eu ficar rouca.

Um sorriso satisfeito se espalha em seu rosto enquanto ele observa meu peito arfante e minhas pálpebras pesadas.

Eu me forço a sentar, agarrando o pau que virou um tom raivoso de vermelho púrpura. Engrossando e vazando, pulsando na minha mão. Eu bombeio a ponta, e ele assobia.

— Você tem um preservativo?

Ele já está tirando a carteira. Um pedaço de papel cai quando ele pega o pacote de alumínio. Eu não percebo o que é até que eu

vislumbre o que está escrito nele antes que ele cuidadosamente o guarde.

— Parecia bobagem realmente queimá-lo, — Oliver murmura, agarrando o pacote de alumínio e rasgando-o com os dentes.

Eu observo enquanto ele agarra seu pau e rola a borracha. Chupo meu lábio inferior, enquanto a ponta provoca minha entrada, deslizando pela evidência da minha excitação.

Oliver grunhe enquanto começa a pressionar dentro de mim, seus dedos cavando em meus quadris. Minhas coxas tremem com o esforço de manter abertas e a queimação dele me esticando.

Minha respiração fica ofegante e oscilante, tentando me familiarizar com a sensação dele dentro de mim e também reconhecer que é uma tarefa impossível.

A respiração de Oliver é tão errática, seu abdômen apertando enquanto ele empurra mais fundo. Posso ver cada centímetro, observar enquanto desaparece. Sinto meus músculos internos pulsando em torno de seu comprimento grosso e observo os tendões em seus braços tensos, se segurando.

Não tenho certeza se alguma coisa me foi melhor do que o calor úmido de sua boca puxando um mamilo, sugando-o até um ponto elevado enquanto um novo choque de eletricidade corre por mim.

Respirações irregulares saem da minha boca enquanto eu balanço contra ele, tentando apagar toda a distância entre nós e forçar mais fricção.

Minha respiração é alta e necessitada. Tudo o que posso ouvir no espaço silencioso. Eu assobio seu nome, arranhando suas costas enquanto agarro sua camisa. É tão bom... *demais*.

E então estou voando, olhando para uma vista deslumbrante da cidade.

Querendo saber como poderei voltar para LA, depois de experimentar isso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Oliver

Meus passos são seguros quando me aproximo de seu escritório, mas minha nuca está quente e coçando. Parece que todos os olhos neste corredor estão em mim, se perguntando por que estou batendo na porta de Crew.

— Entre, — Crew chama.

Quando entro, ele está esfregando uma têmpora e olhando para uma folha de papel.

Crew olha para cima, me vê e sorri. — Ei.

— Ei. Você tem um minuto?

Ele joga o papel para baixo e se recosta na cadeira. — Com prazer. Este maldito contrato está me deixando louco. Já reli a mesma página cinco vezes.

Sento-me em uma das cadeiras de frente para sua mesa, olhando para uma das fotos viradas para o computador. É uma que eu nunca vi antes, Crew e Scarlett sorrindo com a cidade de Paris espalhada atrás deles.

— Quando foi isso? — Eu pergunto, apontando para a foto.

Crew olha para a foto e sorri. — Alguns meses depois de nos casarmos. Scarlett foi a Paris em uma viagem de trabalho e eu a acompanhei.

— Parece legal.

— Foi, — ele responde. — Se você alguma vez entrasse nas redes sociais, saberia que eu posto muitas fotos de viagens.

— É isso que você faz no seu telefone durante as reuniões?

Crew sorri. — Às vezes. Você deveria tentar algum dia. Boa pausa para o cérebro.

— Não tenho certeza do que postaria.

Ele abre a boca para dizer algo, depois a fecha. Provavelmente ouvindo a nota melancólica que eu não queria deixar escapar. Porque só recentemente, desde que fui para Las Vegas e tentei surfar e passei um tempo na cidade em outros lugares além do meu escritório e

minha cobertura, que estou percebendo como meu estilo de vida de comer, dormir e trabalhar é *vazio*. Como vislumbrar a luz e depois sentar no escuro.

Antes que eu possa decidir como fazer a transição do silêncio persistente para o motivo de eu estar aqui, há uma batida na porta de Crew.

— Entre, — diz ele.

Jeremy entra, carregando uma grossa pilha de papéis debaixo do braço. Ele para quando me vê, olhando incerto entre mim e Crew.

Crew parece alheio à estranha energia zumbindo no ar, tomando um gole da caneca de café em sua mesa. — Oliver, você conhece Jeremy, certo?

— Certo. — Eu tiro um pedaço de fiapo invisível da minha calça, tentando parecer despreocupado por estar preso em uma sala com meu advogado de divórcio e meu irmão, que não tem ideia de que sou casado. — Que bom ver você, Jeremy.

— Você também, — ele responde. — Vou voltar mais tarde.

— Uma hora funciona? — Crew pergunta. — Eu devo ter terminado isso até lá. — Ele bate com a caneta nos papéis empilhados em sua mesa. — Podemos pegar bebidas depois.

— Parece bom. Vejo você então.

A porta se fecha atrás de Jeremy, e Crew olha para mim. — Você é bem-vindo para vir também. Os pais de Scarlett estão cuidando de Lili esta noite e ela está indo para um jantar, então estou basicamente solteiro por esta noite. Como nos velhos tempos.

— Você já se arrependeu? — Eu pergunto. — Você poderia ter dito ao papai que não faria isso.

— Não, — Crew responde, esfregando o queixo. — Nunca me arrependi. Mas isso tem tudo a ver com Scarlett e nada a ver com papai.

Eu concordo. Eu sabia que essa seria a resposta dele. — Vou recusar o acordo dele. Não é assim que eu quero ser CEO. E Quinn merece alguém que a faça feliz. Este não sou eu.

Não há mudança no rosto de Crew, sua expressão cuidadosamente controlada. — O encontro não foi bom?

— Isso é o que você entendeu do que acabei de dizer?

Ele dá de ombros. — A decisão é sua. E prefiro ver você feliz do que bem-sucedido. — Eu levanto uma sobrancelha, e ele sorri. — *Mais* bem-sucedido.

Eu limpo minha garganta. — Obrigado.

— Então... não foi?

— Não. — Eu suspiro. — Não foi.

— Desculpe. — O tom de provocação de Crew se torna simpático.

— Estou indo me encontrar com Quinn agora. Avisar a ela que não sou... não é... você sabe.

Crew assobia. — Boa sorte. Pelo menos você sabe o que vai dizer.

Reviro os olhos e ele sorri. — Se você precisar de uma bebida depois, a oferta continua.

— Obrigado, — eu digo, e quero dizer isso. O convite é importante para mim, então me sinto obrigado a acrescentar: — Mas eu já tenho planos. — Eu puxo uma respiração profunda. — E é sobre isso que eu queria falar com você.

As sobrançelas de Crew se erguem quando ele se inclina para pegar sua caneca. — Então, me perguntar se eu me arrependo do meu casamento e me dizer que você não está aceitando o cargo de CEO do papai foi a sua versão de conversa fiada?

Eu esfrego minhas mãos em minhas calças. — Eu acho que sim.

— Ok. — Ele se inclina para trás e ri. — Me bata com isso.

— Eu estou trazendo uma acompanhante para o casamento de Garrett amanhã.

— Ok... Não Quinn, eu estou supondo?

— O nome dela é Hannah Garner.

Acompanho cada emoção que passa pelo rosto de Crew. Surpresa. Incerteza. Preocupação.

— Uau. Eu... eu, uh, não sabia que vocês... — Ele pega uma caneta de sua mesa, rolando-a entre dois dedos. — Eu não sabia que vocês dois se conheciam.

— Igualmente.

— Como você descobriu?

— Ela me contou, depois de descobrir meu sobrenome.

Ele balança a cabeça, ainda rolando a caneta.

— Eu entendo que é estranho, Crew. Se eu soubesse do passado quando a conheci... — *Casei com ela*, acrescento silenciosamente. Eu limpo minha garganta. — Eu gosto dela.

— Você gosta dela. — Sua voz soa atordoada.

Crew sempre foi melhor em compartilhar pensamentos e sentimentos do que eu, especialmente desde que conheceu Scarlett. Nunca foi um ponto forte meu. Eu considereei isso uma fraqueza, na verdade.

Mas sinto que devo a ele alguma explicação sobre Hannah, especialmente porque parece que nosso relacionamento mudou desde aquela noite em que ele apareceu bêbado na minha porta. Eu não quero que isso se torne outra barreira entre nós. Para apagar o pouco progresso que fizemos. E é bom, de uma forma inesperada, finalmente ter algo - alguém - significativo para compartilhar, depois de anos ouvindo sobre Scarlett.

Eu concordo. — Sim. Bastante.

Suas sobrançelas sobem um centímetro. — Há quanto tempo você está saindo com ela?

— Algumas semanas. — Mais do que a maioria dos meus “relacionamentos” duraram, o que Crew sabe.

— Desde antes de papai falar com você sobre Quinn?

— Sim.

— Ela está levando em conta que você está dizendo não ao papai?

Em vez de responder, estendo a mão e pego a bola de beisebol em sua mesa. — Lembra quando você ganhou isso?

Crew dá de ombros. — Mais ou menos. Você e mamãe estavam fora da cidade.

— Ela me levou ao Houston Space Center porque eu disse a ela que queria ser astronauta. O que irritou meu pai porque ela me incentivou. Então ele levou você para um jogo enquanto estávamos fora. E ele fez isso porque eu estava pedindo a ele para me levar por semanas. Eu pensei que era *minha culpa*, Crew, por ter dito algo para mamãe.

Eu esfrego meu polegar ao longo da costura da bola de beisebol.

— Estou farto de papai pensar que pode controlar o que quiser, quando quiser. Tudo o que aconteceu com Candace... talvez eu precisasse perceber o quão destrutivo era perseguir a aprovação dele. Se eu aceitar o acordo dele, isso nunca vai acabar. — Eu expiro. — E se eu não tivesse conhecido Hannah, provavelmente teria dado mais uma chance a Quinn. Eu poderia ter me convencido disso, então eu não estaria sozinho e seria *mais bem sucedido*. Mas agora...

Continuo a girar a bola de beisebol em minha mão por mais alguns segundos, depois a coloco de volta em seu suporte.

Quando olho para cima, a cabeça de Crew está inclinada enquanto ele me estuda atentamente. Não tenho certeza do que ele está pensando. Estou despejando muito sobre ele de uma vez. Anos — décadas — de pensamentos ocultos e sentimentos secretos.

— Eu vou te apoiar não importa o que aconteça, Oliver, — ele diz.

Minha garganta parece apertada e grossa quando eu aceno. — Eu também. Eu vou te apoiar, quero dizer.

Um canto da boca de Crew se dobra em uma vírgula. — Você está bem? Você geralmente é um pouco mais eloquente.

Eu zombo enquanto olho para o meu relógio, percebendo que tenho que sair agora se vou encontrar Quinn a tempo. — Estou bem. Só cansado.

— Eu quero saber por quê?

Ele está sorrindo quando eu olho para cima, e o nó de ansiedade em meu peito diminui ainda mais. Eu sei que Crew seguiu em frente. Ele é casado e feliz. Obcecado por Scarlett. Mas eu ainda estava nervoso sobre como ele reagiria ao ouvir sobre mim e Hannah. Se ele veria isso como uma traição ou olharia para mim com ressentimento. Nunca me ocorreu que ele poderia me provocar sobre ela.

Eu balanço minha cabeça e me levanto. — Eu tenho que ir, ou vou me atrasar para encontrar Quinn. Vejo você amanhã, no casamento?

Crew acena com a cabeça. — Vejo você amanhã.

Eu me dirijo para a porta.

— Ei, Oliver?

Eu me viro. — Sim?

Crew se inclina para frente, pegando a bola de beisebol de sua mesa e jogando para mim. — Jogue isso fora para mim, sim?

Minha palma arde, enquanto aperto o couro com mais força. — Não era isso que eu estava...

— Devíamos ir a um jogo algum dia. Vou comprar uma nova.

Concordo com a cabeça, o movimento espasmódico e irregular enquanto a emoção obstrui minha garganta novamente. — Parece bom.

Não quero ser responsável por estragar o relacionamento de Crew com nosso pai mais do que já está. Ele é meu irmão mais novo, e sempre haverá algum instinto de esconder dele a feiura de nossa

família, em vez de revelá-la. Mas estou percebendo que fazer isso prejudicou *meu* relacionamento com Crew, o que não é um sacrifício que quero fazer.

Uma vez que estou de volta ao meu escritório, corro para pegar tudo que preciso, digo um adeus apressado para Alicia e, em seguida, sigo para os elevadores.

Dou ao meu motorista o endereço da cafeteria onde pedi a Quinn para me encontrar e, em seguida, tiro meu telefone do bolso, percorrendo a lista de contatos até encontrar um nome para o qual nunca liguei antes.

Scarlett atende no segundo toque. — Olá, Oliver.

— Oi. — Eu limpo minha garganta, pego de surpresa ao perceber que ela tem meu número de telefone salvo. Isso diz muito sobre nossa dinâmica, nenhuma das quais me deixa particularmente orgulhoso. Aprendi muito mais com meu pai do que apenas práticas de negócios bem-sucedidas. — Como vai você?

— Bem. — Ela parece divertida. — Você?

— Bem. Obrigado.

— Então... isso é uma visita social ou devo me preocupar?

— Sua maneira sutil de perguntar se eu estraguei tudo de novo?

— Você fez? — ela pergunta.

— Vou levar Hannah para o casamento de Garrett amanhã. Eu disse a Crew porque queria que ele estivesse avisado. Achei que devia o mesmo a você.

Há uma pausa de dez segundos antes de Scarlett responder. — Jeremy disse que você pediu o divórcio.

— Eu pedi.

— Mas você também está namorando com ela?

Olho pela janela para a cidade, sem realmente ver nenhum dos prédios ou carros pelos quais estamos passando. — Honestamente, não sei o que diabos estou fazendo.

— E quanto à oferta de Arthur?

— Eu não vou aceitar. Cansei de pular através de seus aros.

— E você não teria se casado com Quinn se a tivesse conhecido bêbado em Las Vegas.

É uma afirmação, não uma pergunta, mas respondo assim mesmo. — Não. Eu não teria.

Independentemente do que confundi minha tomada de decisão naquela noite a ponto de me casar, minha lembrança de conhecer Hannah naquele bar é completamente clara. Houve uma centelha imediata - um interesse - que não existia quando conheci Quinn. Isso nunca existiu com mais ninguém.

— Agradeço tudo o que você fez para ajudar no divórcio, Scarlett. Eu espero que você saiba disso.

— Eu envolvi Jeremy porque pensei que o divórcio era o que *você* queria, Oliver. Se não for, então...

— O divórcio é o melhor.

— Isso é diferente de... — Há uma comoção repentina do outro lado da linha de Scarlett, seguida de um suspiro. — Sinto muito, Oliver. Eu tenho que ir lidar com alguma coisa.

— Está bem. Vejo você amanhã.

Há uma pausa, onde parece que Scarlett pode estar pensando em dizer outra coisa. Mas tudo o que ela acrescenta é um tchau antes de desligar.

O carro para em frente à cafeteria da esquina alguns minutos depois.

Vejo Quinn assim que entro. Há muitas mesas disponíveis a esta hora. Não tenho certeza se esta foi a melhor escolha de local para esta conversa, mas não queria tê-la por telefone, e este foi o melhor que pude pensar.

Quinn está sentada na parte de trás. Postura perfeitamente reta, as mãos em concha em torno de uma caneca.

Ela olha para cima e sorri quando atravesso a pequena cafeteria. — Olá, Oliver.

— Oi, Quinn.

Eu desabotoo minha jaqueta e me sento em frente a ela.

Suas unhas pintadas batem na lateral da porcelana enquanto ela olha para mim, vapor com cheiro de bergamota subindo da xícara de chá na frente dela. — Você não está pedindo nada? — ela pergunta, inclinando a cabeça para a direita.

— Não posso ficar muito tempo, infelizmente.

Quinn acena com a cabeça, algo conhecedor crescendo em seu olhar.

— Você está se sentindo mais acomodada na cidade? — Eu pergunto.

— Eu estou sim. — Ela pega a etiqueta do saquinho de chá e o tira da caneca, deixando-o cair no pires. Eu observo a poça de líquido marrom ao redor da base da xícara. — Há uma nova exposição de Monet no Met, você já ouviu sobre isso?

— Não, não ouvi.

— Tenho ingressos para amanhã de manhã. Eu ia convidar você, mas agora estou percebendo que isso tornaria isso ainda mais desconfortável.

Eu expiro. — Quinn...

— Qual o nome dela?

— Desculpe?

Quinn sorri. — Eu sei porque meu pai arranjou o jantar com o seu, Oliver. Por que você me convidou para jantar. Nós fazemos sentido. E de tudo que ouvi sobre você, você fica na linha. Mas você está aqui porque não vai. Então... qual é o nome dela?

— Quinn, eu nunca quis...

Ela ri, então se inclina para frente. — Oliver, eu mal te conheço. Talvez tivéssemos dado certo. Talvez não tivéssemos. Você é exatamente o tipo de homem com quem pensei que me casaria, então não me opus a descobrir. Mas meus pais se casaram porque faziam sentido, e eu vi como isso funcionou. Não estou interessada em me sentenciar a esse mesmo destino. Ou você.

Meu pai transformou Quinn em moeda de troca. Olhei para ela e vi o cargo de CEO. É um alívio separar os dois, ter tomado a decisão que me desqualifica para o cargo.

— Nem eu.

Quinn inclina a cabeça, sua expressão curiosa. — Você ama ela?

Sim.

A resposta vem a mim imediatamente, desimpedida.

Mas então as dúvidas e questionamentos surgem. A realidade. Não tenho certeza se Hannah me vê muito mais do que um caso. Ela concordou em ficar em Nova York durante o fim de semana quando pedi, mas sua vida ainda está inteiramente em Los Angeles. Não há nada para ela aqui, exceto eu, talvez. E todos os relacionamentos que já tive falharam, pelo menos em parte, por causa da minha incapacidade de priorizar qualquer coisa acima do trabalho. Eu disse a Crew que não poderia fazer Quinn feliz. Eu tenho o mesmo medo sobre Hannah.

— É complicado, — eu digo.

Porque somos casados. Porque ela tem história com meu irmão. Porque não acho que a resposta de Hannah a essa pergunta seria *sim*.

Quinn sopra em seu chá, então toma um gole. — Eu tinha um desses.

— O que aconteceu?

Ela ergue um ombro delicado, depois o deixa cair. — Nada espetacular. Eu o conheci na universidade. Me apaixonei forte e rápido. Éramos emocionantes e dramáticos. Os altos eram altos e os baixos eram baixos. Mas, eventualmente, tornou-se cansativo. Então eu disse a ele que as coisas tinham que mudar, ou eu iria embora. — Ela sorri, e é triste. — Aqui estou.

— Sinto muito, Quinn.

— Não era para ser, só isso. Talvez a sua seja.

— Talvez.

Sempre priorizei a lógica sobre a emoção. Razão sobre instinto.

Mas de repente me vejo esperando pelo destino.



O alarme de fumaça está tocando quando abro a porta da frente.

— Hannah? — Eu chamo, deixando cair minha pasta na entrada e correndo em direção à cozinha.

Ela está de pé na ilha da cozinha com os pés descalços, balançando um pano de prato para frente e para trás. Uma panela com conteúdo carbonizado fica em cima do fogão.

De repente, o alarme de fumaça para. Ela suspira e tira o cabelo do rosto. Gira e me localiza.

— Oi. — Hannah desce e desliza para fora do balcão.

— O que aconteceu? — Eu pergunto enquanto caminho até ela.

— Eu estava tentando fazer o jantar. Recebi uma ligação de trabalho e... — Ela acena para a frigideira.

— Parece bom.

Hannah zomba, jogando a toalha que está segurando sobre o prato. — Rude.

Eu sorrio, focando nela ao invés da comida queimada. — Dia

bom?

— Foi normal. — Ela solta um longo suspiro. — Meu pai falou sobre eu obter a certificação novamente.

— Você não falou nada sobre a faculdade de arquitetura?

Hannah balança a cabeça. — Quero falar com ele pessoalmente.

Com isso, sinto uma pontada de culpa. Pedi a ela que ficasse em um surto de egoísmo, sem pensar em como isso poderia afetar a vida dela, só a minha.

— Como foi o seu dia? — Ela pergunta.

— Foi bom, na verdade.

— Bom. — Sua cabeça se inclina para trás quando me aproximo.
— Desculpe por quase incendiar sua cozinha.

— Existe um sistema de irrigação.

Hannah solta uma risada enquanto a pressiono contra o balcão. — Você chegou cedo em casa.

— Você também.

Seus dedos deslizam em meu cabelo, as unhas roçando suavemente meu couro cabeludo. Eu quase gemo, é bom pra cacete. Ela está usando um vestido, então não há barreira impedindo minha mão de deslizar por baixo do tecido e subir por sua coxa. A tentação de tocá-la é um desejo implacável. Não importa quantas vezes eu faça, nunca estou satisfeito.

— Minha última reunião foi cancelada e foi quando decidi fazer compras. Eu queria fazer para você minha refeição favorita, exceto...
— Ela engasga quando meus dedos puxam sua calcinha para o lado.

— Exceto que você a queimou? — Eu sussurro, meus lábios se movendo para seu pescoço.

— Só passou um pouco do ponto, — ela murmura, inclinando a cabeça para o lado para que eu tenha melhor acesso.

Eu rio, recuando apenas o suficiente para ter espaço para liberar meu pau da calça.

Desde que ela foi morar comigo temporariamente em vez de ficar com seu quarto de hotel, Hannah e eu fizemos mais sexo do que nos últimos anos juntos. Eu deslizei para dentro dela esta manhã antes mesmo do sol nascer, nós dois ainda meio adormecidos, então me arrastei para fora da cama para o meu treino diário. Mas, apesar de tanta ação ultimamente, meu pau está tão duro que chega a doer.

Hannah joga a calcinha no chão antes de abrir as pernas, me

dando acesso total. Seus tornozelos se enroscam na minha cintura, me puxando para mais perto.

— Isso não é muito higiênico.

Eu sorrio. — Parece que vamos pedir comida hoje à noite de qualquer maneira.

Eu agarro a cabeça do meu pau e esfrego em sua entrada, certificando-me de que ela está pronta para me levar. Nós dois gememos com a sensação. Eu empurro para dentro dela um centímetro, observando sua boceta se esticar ao meu redor. Sentindo o quão molhada ela está para mim...

— Porra. — Eu congelo.

— O que está errado?

— Eu não... eu não estou usando camisinha.

Hannah olha para baixo. Eu mal a penetrei, mas a diferença de sensação é perceptível.

Ela engole, um movimento pequeno e quase imperceptível em sua garganta.

Eu puxo para fora, a ponta do meu pau brilhando com sua excitação enquanto uma veia pulsa furiosamente ao longo do eixo. — Eu volto já.

Hannah segura meu braço e o solta rapidamente. — Você não tem que usar uma.

Eu congelo, tão atordoado quanto quando percebi que tinha esquecido a proteção. Eu nunca estive dentro de uma mulher sem. Meu pai não se importava se Crew e eu dormíssemos por aí. Mas foi incutido em nós que as repercussões arruinariam nossas vidas e destruiriam o nome da família.

Mais do que o medo de pagar pensão alimentícia ou aguentar fofocas, é algo que nunca considere porque *gosto* da barreira. É a mesma razão pela qual prefiro fazer sexo de uma posição em que não veja o rosto de uma mulher. Mesmo com as mulheres que namorei, separei a luxúria dos sentimentos. Qualquer conexão sempre foi independente da intimidade física.

Mas esse desejo nunca existiu com Hannah.

Não consigo chegar perto *o suficiente* no que diz respeito a ela.

O alarme de incêndio de repente começa a soar novamente, fazendo-nos pular.

— Ligue a ventilação e abra as portas do pátio, — eu digo, sem

ter certeza se Hannah pode me ouvir por causa do barulho. Ela deve ouvir um pouco, porém, porque ela acena com a cabeça antes de escorregar do balcão.

Eu forço minha ereção de volta em minhas calças, cerrando os dentes enquanto meu pau duro se esforça contra o tecido rígido em protesto. Há uma escada no armário do corredor. Eu a pego, localizo o botão do alarme e o pressiono. Nada acontece. Eu aperto mais três vezes antes que o grito ensurdecedor finalmente pare.

O silêncio que se segue soa mais alto do que os ruídos.

Hannah está no pátio agora, olhando para a vista deslumbrante do Central Park.

Guardo a escada de volta no armário, caminho até a porta aberta e paro. — Deve estar tudo certo agora.

Ela olha para mim e acena com a cabeça, sem se mover do corrimão. Uma brisa fresca puxa alguns cabelos de seu rabo de cavalo, as mechas loiras soprando em seu rosto.

Não tenho certeza do que mais dizer a ela. Desculpe por surtar um pouco, eu adoraria parar de usar preservativos?

Nunca tive essa conversa com uma mulher antes. Talvez ela esteja arrependida da oferta. Talvez fosse o calor de um momento totalmente esfriado, graças ao alarme de incêndio.

E é definitivamente uma má ideia, não importa o quão excitado eu esteja com o pensamento. Estamos no meio do processo de divórcio. Eu não deveria estar fazendo sexo com ela, muito menos sem proteção.

Posso refazer cada decisão que acabou aqui, mas não consigo descobrir exatamente como aconteceu. Como o que deveria ter sido a mais simples das decisões - terminar um casamento acidental com uma estranha - de alguma forma se transformou nessa bola de pavor no meu estômago. Estou com medo do nosso *divórcio*, não estou em pânico com o nosso casamento.

Eu puxo minha gravata, o nó de repente parecendo muito apertado.

Meu telefone toca no meu bolso. Eu o puxo para fora e olho para a tela.

É trabalho. É *sempre* trabalho.

— Eu preciso atender isso, — eu digo. — Não deve demorar.

Talvez eu tenha descoberto o que dizer a ela até então.

Hannah assente. Ela não revira os olhos ou suspira como outras

mulheres fazem quando atendo ligações de trabalho, e é a primeira vez que desejo que alguém o faça. Seria bom ver algum sinal de que ela se importa.

— Ok. Vou dar uma olhada nos menus de entrega.

— Parece bom. — Eu me afasto e atendo a chamada. — Oliver Kensington.

— Ei, Oliver. Passei no seu escritório, mas devo ter perdido você.

Não perco a surpresa na voz de Scott, então não digo a ele que saí do escritório há uma hora. Assim como afasto a voz que sussurra que é onde eu deveria estar.

— Zantech quer conversar. No final do dia deles, então de manhã cedo para nós. Você está disponível para uma ligação às seis?

Amanhã é o casamento de Garrett. Até a cerimônia, eu estava com a agenda aberta. E como o voo de volta de Hannah para a Califórnia é na manhã seguinte, eu esperava passar o dia inteiro com ela. Mas estamos tentando cortejar esta empresa há meses. As chances são de que Hannah ainda esteja dormindo quando a ligação terminar. — Está bom. Confirme.

— Ótimo. Vou fazer. Tenha uma boa noite, Oliver.

— Você também, Scott.

Eu continuo pelo corredor, mas não paro no meu escritório. Tenho certeza de que tenho centenas de e-mails não lidos, mas não estou interessado em lidar com nada disso agora.

Vou para o quarto principal e vou direto para o banheiro anexo. Minhas duas mãos descansam no granito frio ao redor da pia enquanto respiro fundo, tentando resolver a bagunça em minha cabeça. Está ficando cada vez mais difícil suprimir meus sentimentos, fingir que foder Hannah para fora do meu sistema está conseguindo qualquer coisa, exceto ela afundando mais fundo sob a minha pele.

E não consigo tirar da cabeça a imagem dela sentada com as pernas abertas no meu balcão.

Com um bufo irritado, eu empurro minhas calças de volta para baixo e puxo meu pau livre. Se alguém tivesse me dito um ano atrás que eu estaria em meu banheiro me masturbando com a memória da boceta molhada de minha esposa, eu teria dito que eles eram loucos. No entanto, aqui estou, porque não consigo decidir o que mais fazer e minha ereção não vai a lugar nenhum.

Eu me acariciei exatamente uma vez quando a porta se abre e Hannah entra. Seus olhos azuis se arregalam no segundo em que ela

me vê de pé com minhas calças abertas.

— Eu pensei que você estava trabalhando no escritório. — Ela não está olhando para mim. Seu olhar está focado na minha mão, envolvendo minha ereção latejante.

— Eu, uh, terminei.

Os lábios de Hannah se curvam. — Não parece assim para mim.

Meu aperto aumenta conforme meu corpo reage à sua atenção. Ter Hannah aqui é muito melhor do que simplesmente imaginar que ela está aqui. Ela ainda está usando o vestido, o tecido ao redor de sua cintura ainda mais enrugado por ter sido amassado por minhas mãos.

— Quer uma mão?

Eu levanto ambas as sobrancelhas, odiando e amando o sorriso em seu rosto.

— Ou minha boca?

Ela dá um passo mais perto, sua mão substituindo a minha enquanto ela cai de joelhos.

E desde o primeiro golpe de sua língua, eu sei que este será o melhor boquete que eu já recebi. Eu tenho que apoiar minha mão contra o balcão, o sangue correndo para o sul e a razão saindo com ele.

— Você tem um gosto bom, — ela me diz enquanto traça a ponta e depois chupa em sua boca.

Hannah se afasta para soprar na pele úmida, e meus quadris se movem para frente. Minhas bolas estão apertadas e doloridas, desesperadas por liberação, embora ela mal tenha começado a me tocar.

Ela se afasta um pouco, usando a mão para me masturbar enquanto sua língua gira na ponta como se estivesse lambendo uma casquinha de sorvete. E então ela está me chupando cada vez mais fundo em sua boca, até que ela consegue tomar tudo de mim.

Hannah engole em seco, e os músculos se contraem ao redor da ponta sensível enquanto ela esfrega contra o fundo de sua garganta. Meu pau lateja, emocionado com essa reviravolta. Faz tempo que uma mulher não fica de joelhos por mim. E *nunca* ela provocou a reação de Hannah, mesmo quando tento lutar contra isso.

Prazer nada através de mim em correntes devastadoras. Não estou preocupado com nada, mas não estou totalmente irracional também. Estou totalmente focado em Hannah, observando sua cabeça balançar entre minhas pernas e sabendo que isso será uma nova fantasia

quando ela se for. Memorizando a visão de seus lábios rosados espalhados ao redor da minha ereção.

Eu passo uma mão pelas mechas loiras que caíram de seu rabo de cavalo, querendo ver seu rosto melhor. Ela lambe ao longo de mim, sua língua molhada e quente.

Então sua boca se aventura mais abaixo, sugando uma das minhas bolas em sua boca e liberando-a para provocar a outra. Eu gemo o nome dela. Seus lábios se fecham em torno da cabeça do meu pau, puxando-me de volta para dentro de sua boca em um deslizamento quente que faz o sangue latejar em meus ouvidos.

— *Porra*, Hannah, — eu gemo, bombeando meus quadris mais rápido.

Minha mão aperta em seu cabelo, e ela geme, a vibração formigando ao longo do meu eixo. Misturando-se com o som molhado e imundo de mim fodendo sua boca. O calor corre pela minha espinha e sei que estou prestes a explodir.

— Não posso... eu não... — Puxo seu cabelo, tentando avisá-la.

Em vez de se afastar, ela crava as unhas na minha bunda. Eu rosno quando uma liberação poderosa cai sobre mim, enchendo sua boca. Isso continua em uma névoa de prazer enquanto eu me inclino contra a parede, deixando-a suportar meu peso.

Hannah engole novamente antes de se afastar. Um pouco do meu esperma sai de sua boca, escorrendo pelo queixo. É a visão mais erótica que já vi. Ela é minha esposa e, finalmente, parece que a marquei de alguma forma permanente.

Meu pau estremece, satisfação fugindo rapidamente. *Ainda* é assim com ela. É *sempre* assim com ela, parece.

Eu não consigo o suficiente.

E não é apenas físico. Há um apego emocional também. Não posso deixar de pensar em quão certo eu estava da resposta para a pergunta de Quinn.

Hannah se levanta e passa o dedo no rosto, errando completamente o traço de esperma. Eu agarro sua cintura e a puxo para mim, limpando suavemente o local com meu polegar.

Nós dois estamos respirando pesadamente.

Há muito que quero dizer e nada que eu possa descobrir como articular da maneira certa. Então eu a beijo, percebendo que ela tem o *meu* gosto, tentando transmitir todas as emoções ricocheteando silenciosamente dentro de mim.

Ela só fez isso para me agradar, e isso me faz sentir inadequado. Indigno.

Estou acostumado com as pessoas tentando cair nas minhas boas graças. Mas eles sempre querem algo em troca.

Hannah não está pedindo nada.

Eu quero dar tudo a ela.

— Eu nunca deixei de usar preservativo, Hannah, — eu digo, assim que nossos lábios se separam.

A satisfação desaparece de sua expressão, mudando de sensual para séria.

— Tudo bem. Ainda não há algumas...

— Eu quero. Se você tem certeza.

Ela se aproxima, envolvendo-me com o cheiro de toranja. — Tenho certeza.

Eu puxo a barra de seu vestido para cima, traçando uma trilha até o interior de sua coxa e no calor úmido entre suas pernas.

Ela está pingando.

Eu a provooco por um minuto, antes de soltar minha mão e envolvê-la em volta do meu pau endurecido, usando sua excitação como lubrificação. Seu olhar está focado na minha mão, observando-me acariciar a mim mesmo. Eu retardo meus movimentos, me torturando junto com ela.

Hannah franze a testa para minha ereção latejante. — Tem certeza que você está duro o suficiente? Não tenho certeza se...

Eu a giro e dou um tapa em sua bunda. — Vá para a cama.

Hannah ri, mas escuta, puxando o vestido pela cabeça e saindo do banheiro. No momento em que tiro minhas roupas e me junto a ela, ela está esparramada no edredom.

Eu a arrumo até que ela esteja de quatro na minha frente, então alinho meu pau e enfio dentro dela, impaciente demais para provocá-la.

Esta sempre foi minha posição favorita. Gosto do controle de decidir quão fundo e quão rápido uma mulher me leva, e também gosto do jeito que não posso ver seu rosto. É mais fácil focar na gratificação física, que geralmente é o objetivo de fazer sexo.

E eu sei exatamente porque estou escolhendo agora.

Porque é assustador dar esse passo com Hannah, e não tem nada a

ver com risco de gravidez ou transmissão de doenças. Ela me disse que eu podia confiar nela, e sou eu quem está fazendo isso. Mas também estou fazendo isso porque a *amo* e não tenho certeza se teremos muito, algum, relacionamento depois de domingo.

Mas não é tão satisfatório olhar para as linhas suaves das costas de Hannah e seu cabelo loiro.

Quero vê-la reagir, ver sua resposta ao meu toque.

Então eu saio dela e deito na cama ao lado dela. — Me monte.

O rosto de Hannah se vira, então ela está olhando para mim. Sua mão pousa no meu peito, traçando os cumes do meu abdômen e brincando com a linha de cabelo que desce até o meu pau. Mas ela não desce tanto. Eu gemo, já sentindo falta de estar dentro dela.

— Peça-me gentilmente.

Eu sorrio. — Você quer que eu implore?

— Você faria?

— Farei qualquer porra de coisa no mundo, se isso significar que vou assistir você tomar meu pau e brincar com seus seios.

Hannah revira os olhos, mas seus olhos azuis são mais suaves. E ela se move, rastejando sobre mim para que seu corpo fique suspenso sobre o meu.

Não consigo pensar em uma visão melhor.

— Você está cansado? — Ela me provoca, o calor de sua boceta pairando logo acima da ponta. Roçando contra meu pau e então me afastando antes que eu possa entrar nela. Eu agarro seus quadris para que eu possa me esfregar contra ela. Ela está escorregadia o suficiente para eu escorregar com facilidade, mas posso senti-la se esticando ao meu redor, ajustando-se à súbita intrusão. Ver ela se espalhar.

A respiração de Hannah torna-se ofegante quando nossas peles se chocam. Seu cabelo loiro está uma bagunça selvagem, seu rabo de cavalo desapareceu totalmente. A estrutura da cama bate na parede. Se eu tivesse vizinhos, eles seriam capazes de ouvir o quanto ela está me cavalcando.

— Oliver... — Hannah diz meu nome como eu nunca ouvi antes, um som cru e desesperado que me consome. Ela é quente e molhada e apertada e *perfeita*, e quero que isso dure para sempre.

Meu aperto em seus quadris aumenta enquanto eu movo minha pélvis na dela. Estamos suados, bagunçados e desesperados, correndo em direção ao pico juntos. Todo o meu corpo fica tenso, recusando-se ao orgasmo até que ela o faça.

Ela sobe até eu escorregar totalmente para fora e então afunda novamente.

— Não poderíamos fazer isso no balcão da cozinha.

Eu gemo. — Por favor, me diga que você não está cozinhando mais comida.

Hannah ri e balança a cabeça, girando os quadris. Minhas mãos vagam por cada centímetro de sua pele que posso alcançar, soltando seus quadris e traçando suas costelas até alcançar seus seios saltitantes. Minha boca envolve um mamilo, sugando e mordendo. Ela geme, seus músculos internos vibrando ao meu redor. Ela está tão molhada que posso ouvir. Sentir.

Meus dedos deslizam entre nossos corpos, encontrando seu clitóris e esfregando-o. Suas paredes se apertam em torno de mim em um aperto tão forte que é quase doloroso. E ela levanta o pescoço e me beija, o que eu não esperava. O emaranhado de nossas línguas é tão imundo quanto o resto de nós, uma confusão desorganizada de lábios e bocas. Mordendo, chupando e provando, enquanto a fodo durante seu orgasmo. E então eu encontro minha própria liberação, a estranha sensação de liberação dentro dela, empurrando-a cada vez mais. Carnal, primitivo e possessivo.

Minha boca se move de seus lábios para seu pescoço, beliscando a pele. Sabendo que provavelmente estou deixando marcas e não me importando nem um pouco.

Possessividade não é comigo.

Sempre pareceu uma característica de homens inseguros. Mas de acordo com um documento arquivado em algum escritório em Nevada, Hannah Garner é minha.

E estou satisfeito com esse fato.

Orgulhoso disso.

Possessivo disso.

Hannah se move primeiro, levantando-se de mim e rolando na cama ao meu lado. Sua respiração ainda está rápida, mas seus olhos estão nebulosos e satisfeitos. Ela exala, passando a mão pelo cabelo. — Eu preciso de um banho.

Eu me inclino e beijo sua testa, o carinho tão natural quanto transar com ela. — Vou começar o jantar.

— Você quer dizer pedir comida?

— Você tem mais de tudo?

— Bem, sim. Mas vai demorar um pouco para fazer e depois

cozinhar, então...

— Apenas me diga o que fazer primeiro.

— O frango tem que ser assado. Eu já cortei os legumes. Estão na geladeira.

— Ok. — Eu rolo para fora da cama, colocando um par de calças de corrida.

Hannah se levanta também, e vejo de relance o líquido branco escorrendo por dentro de sua coxa antes que ela desapareça no banheiro. Essa mesma onda orgulhosa retorna.

Imediatamente seguido de pavor.

Se eu a amo, devo deixá-la ir.



Acabamos no pátio depois de terminar o jantar, que acabou melhor do que qualquer um de nós esperava. A expectativa estava baixa, depois da panela carbonizada.

Essa se tornou nossa rotina noturna nas últimas noites, sentar no sofá ao ar livre olhando para o céu. Geralmente encolhidos sob um cobertor. Esta noite está um pouco mais quente. Há um toque de primavera no ar.

Tomo um gole de uísque enquanto olho para o horizonte, saboreando a queimadura defumada que desce pela minha garganta.

Eu sou um multibilionário. Eu poderia ir a qualquer lugar. Comprar tudo. Experimente qualquer coisa. E não há outro lugar que eu gostaria de estar do que exatamente onde estou agora.

— Quer? — Estendo o copo para Hannah.

— Uísque? — Hannah faz uma careta, mas aceita assim mesmo.

— Posso conseguir outra coisa para você. Um martini, talvez?

Uma zombaria suave é sua resposta à minha referência à noite em que nos conhecemos. Ela me devolve o copo e abaixa a cabeça no meu peito. — Você acha que foi ideia minha?

Não preciso perguntar a que ela está se referindo. — Poderia ter sido minha.

Não é difícil imaginar olhar para Hannah e pensar a mesma coisa:

Minha.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Sempre.

— A coisa com sua madrastra. Era apenas... físico? Ela era gostosa?

Esfrego a lateral do copo com o polegar. Hannah nunca perguntou sobre Candace, desde aquela noite em que contei a ela que aconteceu. Não sei por que ela está perguntando agora, e não seria minha primeira escolha de tema.

— Ela estava... lá. Crew estava focado em seu casamento com Scarlett. Parecia que meu pai basicamente se esqueceu de mim quando Crew se formou na faculdade de administração. Havia alguma amargura ali, com certeza. Mas principalmente, eu sabia que não era nada que alguém esperaria de mim. Crew seria fotografado saindo de clubes com modelos e todos dariam tapinhas nas costas dele no trabalho no dia seguinte. Se eu chegasse dois minutos atrasado em uma reunião, todo mundo perguntaria se o trânsito estava ruim.

— Você queria ser alguém diferente.

— Sim. — Eu expiro. — Não que eu quisesse ser Crew. Somos diferentes. Sempre fomos. Ele está feliz por ser o centro das atenções; eu odeio isso. Ele é naturalmente charmoso; eu pesquiso os interesses de cada investidor ou cliente com quem trabalho, então temos algo sobre o que conversar. Ele foi paciente com Scarlett; eu simplesmente a teria ignorado.

— E você se sentiu diferente com Candace?

— Eu me senti um merda. Na primeira vez, eu estava tão bêbado que mal conseguia ficar duro. E eu não gozei depois disso, o que a irritou. Ela interpretou isso como um desafio distorcido... — Balanço a cabeça. — Era tóxico.

— Então por que você continuou fazendo sexo com ela?

— Ela me chantageou.

Sinto os olhos de Hannah em mim, mas não olho para ela. Eu nunca disse isso a ninguém antes.

— Na primeira vez, fui até a casa para entregar alguns documentos ao meu pai. Ele não estava em casa. Ele disse a Candace que estava visitando o escritório de Miami. Não *temos* escritório em Miami. Não foi difícil para nenhum de nós entender por que ele mentiu.

Tomo um gole de uísque, olhando para o horizonte.

— Ela me implorou para ficar com ela. Disse que estava sozinha e deprimida e odiava ficar sozinha naquela casa grande e vazia. Foi a primeira vez que estivemos sozinhos juntos. Eu sempre a evitei. Foi estranho meu pai se casar com uma mulher alguns meses mais nova que eu. Uma que ele basicamente ignorou e tratou como uma posse, assim como ele tratou a mim e a Crew como funcionários em vez de família. Pelo menos tínhamos um ao outro, de alguma forma. Candace não tinha ninguém. Dinheiro e beleza, mas sem amor ou poder.

Eu giro o copo, observando o líquido âmbar subir e escorrer.

— Trair Arthur Kensington com seu filho? Me controlando ameaçando contar ao meu pai o que aconteceu entre nós? Foi uma emoção para ela. Uma obsessão. Tudo o que ela teve na vida. E eu não percebi até muito tarde. Achei que ela só queria uma noite para esquecer, que é o que eu estava procurando. Crew estava se casando com Scarlett. Eu não seria CEO. Parecia que nada era realmente importante - como se toda a minha vida tivesse sido reorganizada em uma fração de segundo. E toda vez que meu pai creditava a Crew uma conta na qual eu trabalhava e eu ficava em silêncio, sabia que estava me vingando dele de outra maneira. Mas isso era só para mim. Eu não queria que ele soubesse.

— Ela disse a ele de qualquer maneira? — Hannah pergunta.

— Ela disse a ele que estava grávida. Para chamar a atenção dele, eu acho. Para me assustar porque eu estava ficando cada vez mais farto? Não sei. Independentemente disso, meu pai tinha convenientemente esquecido de dizer a sua esposa que eles não teriam filhos. Ele fez uma vasectomia depois que minha mãe morreu. Então, assim que Candace contou a ele, ele soube que ela estava traindo.

— E você?

Eu olho para cima. — Eu o quê?

— Você pode ter filhos, certo?

Um sorriso relutante aparece no canto da minha boca. Porque ela não está olhando para mim com desgosto ou julgamento, e eu não percebi o quanto estava preocupado que pudesse estar lá até que percebi que não estava. — Até onde sei.

— O que aconteceu com o bebê?

— Nunca existiu. Assim que meu pai disse a ela que a criança não poderia ser dele, ela desistiu. Contou a ele sobre nosso caso, admitiu ter mentido sobre a gravidez. O divórcio foi finalizado alguns meses depois. Eu não a vi desde então. Espero que nunca veja.

— Ela deixou você pensar...

— Sim, — minha resposta é curta, mas não estou chateado com Hannah.

Estou irritado por ela estar focada na parte do meu passado que sempre me incomodou. As poucas pessoas que sabem sobre Candace e eu normalmente estão envolvidas demais no escândalo e no caso tórrido para compreender que houve um momento em que pensei que seria pai.

— Sinto muito.

— Eu provavelmente mereci isso.

— Você não mereceu. — A voz de Hannah é mais feroz do que eu já ouvi. — *Você não mereceu*, Oliver.

— Eu contei a Crew sobre nós. Não o casamento, mas todo o resto.

— O que ele disse?

— Ele ficou... surpreso.

— Eu não tenho que ir amanhã.

— Eu quero que você vá.

Ela fica em silêncio por um minuto. — Vou comprar vestidos pela manhã. Pedi à minha amiga Savannah para me ajudar a escolher algo, já que não trouxe nada para vestir.

— Eu quero que você vá, Hannah. Mas você não precisa, se não quiser. Por qualquer razão.

Outra longa pausa, enquanto ela brinca com a franja do cobertor. — Eu não faço coisas que não quero fazer, Oliver, — ela diz finalmente.

Ela está falando sobre o casamento, eu sei.

Mas não posso deixar de me perguntar a que mais ela pode estar se referindo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Hannah

Quando acordo, estou sozinha na cama.

Os arredores são familiares. Passei as últimas quatro noites dormindo na cobertura de Oliver, desde que pedi para trabalhar quinta e sexta-feira fora do escritório de Nova York para poder ficar aqui durante o fim de semana.

Hoje é o casamento do amigo de Oliver, Garrett.

E amanhã, volto para Los Angeles.

Voltando à realidade.

Oliver e eu passamos os últimos dias agindo como um casal de verdade. Acordamos juntos. Indo trabalhar. Jantando juntos. Deitando em sua varanda juntos. Indo dormir juntos.

Estou esperando para ficar cansada disso.

Eu pensei que *estaria* cansada disso agora. Mas tudo o que sinto é desapontamento, olhando para a marca sutil no travesseiro ao lado do meu e sabendo que só vou vê-lo por mais uma manhã. Que em breve estarei de volta ao meu bangalô, planejando outra reforma na tentativa de adicionar um pouco de emoção à minha vida.

Eu saio da cama e sigo pelo corredor até o escritório de Oliver. A porta está meio fechada, então eu a empurro lentamente.

Oliver está sentado em sua mesa, sem surpresa. Ele olha para cima de uma pilha de papéis quando a dobradiça range, sua expressão distraída. Ele se transforma em um sorriso quando ele me vê.

— Bom dia. — Minha voz está rouca de sono.

— Bom dia. Tentei não te acordar. Tenho uma ligação para Tóquio em três minutos.

— São *seis da manhã* de um *sábado*, Oliver.

Ele suspira. — Eu sei. Eles queriam conversar hoje, com urgência. É um acordo que buscamos há algum tempo.

Eu dou alguns passos mais perto, encorajada quando sua atenção permanece em mim. Seus olhos percorrem meu corpo de cima a baixo enquanto caminho em direção a ele, e retribuo o favor.

Uma camiseta branca e uma calça de corrida cinza escuro ficam muito bem nele, especialmente porque a protuberância abaixo do cós sugere que ele não se preocupou em colocar nenhuma boxer.

Eu o surpreendo, e a mim mesma, quando não paro de andar até subir em seu colo, montando em sua crescente ereção.

Oliver geme quando suas palmas pousam em minhas coxas nuas, o raspar de calos e o calor de suas mãos enviando faíscas em minha pele. — Volte para a cama. Estarei lá assim que puder.

Meus quadris se movem para frente e para trás, provocando a protuberância crescente.

Estou intensamente ciente do que está impulsionando esse desejo. Parto amanhã e depois disso não haverá viagens para Nova York. Da próxima vez que eu ver Oliver, se eu o vir de novo, não estaremos casados. E o que é apenas um pedaço de papel passou a significar algo para mim. É uma corda invisível, algo que nos une que não é compartilhada por mais ninguém nem afetada por nada.

Sua respiração acelera, os tendões de seu pescoço ficam tensos. — O resto do dia, eu sou seu. Eu não vou fazer nenhum trabalho.

— Você promete? — Eu ignoro o modificador.

Ele é meu... temporariamente. Ele sabe que temos o relógio contado, assim como eu.

— Eu prometo. — Oliver geme, seus dedos apertando meus quadris enquanto eles continuam se movendo. — Droga, Hannah.

Eu rio. A emoção de ele responder ao meu toque da mesma forma que reajo ao dele é alta. Não estou usando calcinha, então tudo o que nos separa é o material fino de suas calças.

A mão de Oliver avança cada vez mais na minha perna, até que ele está sob o tecido frágil do meu roupão. Seu pau estremece quando ele descobre como estou molhada, algo primitivo e orgulhoso aquecendo seu olhar.

Ele olha para o telefone, depois para o relógio. — Sessenta segundos, Hannah.

Eu não percebo o que ele quer dizer a princípio. Sua palma envolve meu seio, o toque gentil e provocador. Seu polegar mal roça meu mamilo, mas me inunda com necessidade e desejo e alimenta o vício que desenvolvi por Oliver Kensington.

Eu grito quando de repente ele belisca meu mamilo, a explosão de dor reverberando por todo o meu corpo e aumentando minha luxúria.

— Cinquenta segundos.

Ele quis dizer isso. Se eu não gozar até lá, Oliver vai parar de me tocar.

E eu poderia me masturbar, mas não seria tão satisfatório. Ele é o que meu corpo quer.

— *Oliver.* — Eu amo dizer o nome dele. Amo a forma como sua expressão muda, alguma mudança secreta que é uma resposta à minha voz.

— O que você quer, Hannah? — Um dedo empurra dentro de mim, curvando-se contra um ponto que envia faíscas de prazer voando através de mim. — Você quer foder minha mão e fingir que é meu pau?

Eu gemo, pressionando meu rosto contra seu pescoço e inalando profundamente. O cheiro caro de sua colônia é familiar. Confortante e excitante, tudo ao mesmo tempo. Estou acostumada com o cheiro em sua pele. Nos lençóis em que durmo. Para o resto da minha vida, sempre me lembrará dele.

— Trinta e nove, — ele murmura, diversão saturando sua voz.

Meus quadris balançam mais rápido, meu corpo inteiro apertado e dolorido com a necessidade. Um segundo dedo me abre. E então, finalmente, seu polegar toca meu clitóris. Meu corpo inteiro estremece, a sensação me empurrando mais alto enquanto ele esfrega pequenos círculos ao redor do ponto inchado.

— Vinte, Hannah.

Eu aperto contra a mão dele, forçando mais pressão e me concentrando naquele ponto.

— Dez.

Seus dedos se curvam, atingindo um ponto sensível dentro de mim. E então eu estou gozando, desmoronando nele enquanto um prazer trêmulo cai através de mim. O ritmo selvagem do meu coração bloqueia todos os outros sons, diminuindo gradualmente até que eu possa ouvir, pensar e *respirar* novamente.

Oliver já está ao telefone. Ele me observa com um sorriso satisfeito nos lábios, caída em seu colo, enquanto ouço o que está sendo dito do outro lado da linha e acena com a cabeça.

Começo a me levantar, mas seu braço aperta, prendendo-me no lugar contra seu peito. Quando eu olho para cima, a linha de sua mandíbula é afiada e tensa. Eu desisto, relaxando contra seu peito, e o músculo relaxa.

Em algum momento, adormeço em seu colo.



Savannah já está esperando quando saio do carro que Oliver insistiu em chamar para mim. Seu cabelo castanho claro está penteado para trás em um coque elegante, algumas mechas ao vento. É um dia perfeito de primavera, ensolarado e com baixa umidade. E cedo o suficiente em um sábado para que as ruas normalmente movimentadas de Nova York estejam praticamente desertas.

— Ei, Savannah.

Ela gira, a frente de seu sobretudo branco se abrindo com o movimento.

Estou vestida casualmente, com jeans e um moletom grande da *Yale* que pertence a Oliver. Foi um choque descobrir que ele possui roupas confortáveis. E como eu planejava ficar em Nova York apenas três dias, estou com poucas roupas limpas. E o traje do casamento, que é o motivo deste passeio.

— Hannah! — Saltos batem contra a calçada enquanto Savannah corre. Ela me abraça, então se afasta para examinar minha roupa.

Ela, claro, parece muito mais elegante. Na época em que eu visitava Nova York com mais frequência, Savannah era quem sempre me estilizava quando saíamos.

Eu me preparo para o julgamento, mas tudo o que ela faz é levantar uma sobrancelha. — Você parece feliz, — diz ela.

— Esse código é para sem-teto? — Eu provoco.

Savannah ri. É claro e arejado, como um sino tilintando. E rapidamente me lembro por que Nova York não era para mim, como sempre me senti inadequada.

Mas agora não. Não há nada que eu prefira usar do que meu jeans favorito, um moletom confortável e tênis, minhas ondas naturais puxadas para trás em um coque bagunçado. Estou confortável e quente, e não estou me perguntando o que os estranhos na rua pensam da minha aparência.

— Não. Não é o que *eu* usaria. Mas funciona em você.

Eu sorrio. — Obrigada.

— Vamos para a Quinta primeiro.

— Parece bom.

Achei que seria nossa primeira parada com base em nosso ponto de encontro e no gosto caro de Savannah. Que é exatamente o que eu preciso para hoje.

O casamento de Garrett Anderson será um quem é quem na elite de Nova York. Eu só posso imaginar o custo de alguns dos vestidos que serão usados lá. E estou aparecendo com Oliver Kensington, o que vai chamar a atenção.

Atenção que estou preocupada, honestamente. Atenção que eu não achava que Oliver iria querer.

— Você tem falado com Rosie ultimamente? — Savannah pergunta enquanto caminhamos pela calçada. Ela e Rosie se conhecem desde que cresceram na cidade, e foi assim que a conheci. Ao contrário de Rosie, Savannah nunca saiu de Manhattan.

— Não por alguns dias, — eu respondo. Tenho evitado, sabendo que ela terá muitas perguntas sobre por que ainda estou em Nova York. — Você?

— Por alguns minutos ontem. Ela estava ocupada com Jude.

— Ele é legal. Eu o conheci em minha última visita a Chicago.

— Bem, ele durou mais do que a maioria. — Rosie tende a se apaixonar rápido e forte e depois perde o interesse com a mesma rapidez. Sempre invejei sua capacidade de estar tão disposta a se apaixonar. Acho que é raro ser tão consistentemente aberto. Claro, Rosie geralmente é quem termina as coisas, o que é uma posição mais fácil de se estar.

— E você? — Eu pergunto. — Algum cara?

Savannah solta um suspiro frustrado. — Não. Não há muitos homens heterossexuais trabalhando na indústria da moda. E o trabalho tem sido tão louco e agitado que mal saio. Só cheguei em casa quase à meia-noite ontem à noite.

— Sério?

Ela acena com a cabeça. — Ninguém sai até que Scarlett saia.

Meu estômago revira com a menção de seu nome.

Savannah conseguiu um cobiçado cargo de editora assistente na Haute no outono passado, o que a deixou extasiada. Uma vez em que esbarramos em Scarlett e Crew em um restaurante, ela só falou sobre isso durante toda a refeição. Isso me fez desejar ter confessado minha história com Crew para ela quando nosso caso estava acontecendo, mas nunca o fiz. Rosie é a única pessoa a quem contei.

— Estou surpresa que ela trabalhe tão tarde, — é tudo que eu

digo.

— Ela sai às cinco e volta às oito, geralmente. Eu não sei como ela faz isso, honestamente. Ela sabe tudo o que acontece na Haute, supervisiona a *Rouge* e é esposa e mãe. E o boato no escritório é que ela está grávida de novo.

Eu me pergunto se Oliver sabe, se é verdade.

Não discutimos Scarlett e Crew, exceto quando ele os mencionou ontem à noite. Nos poucos dias em que basicamente morei com ele, não houve nenhuma evidência de comunicação, o que me fez pensar que Oliver não estava exagerando na desconexão entre ele e seu irmão. Ou talvez eles só conversem no escritório.

— Ok! — Savannah bate palmas quando chegamos à esquina que cruza com a Quinta Avenida, assustando um pombo próximo bicando uma embalagem de cachorro-quente. — Que visual estamos procurando?

Tudo o que eu disse a ela por mensagem foi que estava em Nova York, precisava de um vestido novo para um evento e perguntei se ela estava livre para fazer compras.

— Convidada de casamento.

As sobrancelhas de Savannah se erguem um centímetro. Todas as outras vezes que fomos às compras, foi para roupas coladas de boate ou roupas de trabalho profissionais. — Ok... qual é o código de vestimenta?

— Black tie.

— Local?

— É na Biblioteca Pública de Nova York.

— Essa noite?

Eu concordo.

Ela junta as peças imediatamente, o que eu estou esperando. Savannah segue de perto a sociedade de Nova York. — Eu não sabia que você era amiga de Sienna Talbot.

— Eu não sou. Eu nunca a conheci. Ou Garrett Anderson. — Eu puxo uma respiração profunda. — Eu vou com Oliver Kensington.

Savannah para de andar abruptamente. — Você está *namorando Oliver Kensington*?

— Não. Só vou a um casamento com ele. — Dou de ombros, dando uma boa demonstração de indiferença enquanto caminhamos pela calçada.

— Como-como você o conheceu?

Hesito, sabendo que ela vai mencionar isso para Rosie na próxima vez que conversarem. A principal razão pela qual mandei uma mensagem para ela é que quero estar bem esta noite, e não é com isso que devo me preocupar.

— Em um bar. — Eu opto por alguma versão da verdade. Rosie não vai compartilhar toda a história com Savannah, sabendo que quero manter o casamento em segredo.

— Você dormiu com ele?

— Não, — eu minto. — Talvez esta noite, depois da recepção.

— Então ele não está namorando Quinn Branson?

Minha cabeça vira na direção de Savannah, meu café da manhã revirando desagradavelmente em meu estômago.

— Quem é essa? — Não acompanho mais a sociedade de Nova York, mas reconheço os nomes da maioria dos jogadores poderosos.

— Filha de Leonardo Branson, — Savannah responde. — Ela acabou de voltar de Londres. Ela e Oliver foram fotografados em um jantar juntos, com Garrett e Sienna, na semana passada. A maioria das pessoas achava que ela estaria no casamento com ele.

Ela é a mulher com quem Oliver saiu na noite de sexta-feira, eu percebo. Aquela com quem ele disse que não sairia mais. As preocupações que essas palavras eliminaram tão facilmente voltam com força total. Ela é mais real com um nome, e isso aguça a percepção de que Oliver seguirá em frente com outra pessoa, se não ela. Forçando-me a confrontar o quanto essa ideia me incomoda.

Savannah está esperando ansiosamente que eu diga alguma coisa.

— Ele nunca a mencionou, — digo a Savannah. — Nós nos conhecemos, nos demos bem e ele me convidou para o casamento.

— Huh. — Savannah faz uma pausa, olha para a vitrine da frente de uma loja e continua andando. — Bem, Oliver sempre foi diferente.

— O que você quer dizer?

— Ele está totalmente focado na Kensington Consolidated. Se eu valesse bilhões, tiraria férias de vez em quando. Mas ele não festeja, nunca é fotografado com mulheres. É por isso que todo mundo fez tanto barulho com as fotos no fim de semana passado. Algumas pessoas estão especulando que eles estão noivos e é por isso que ele foi visto com ela.

— Oh.

Savannah olha de relance, sua expressão enrugada com preocupação em resposta a qualquer olhar que esteja em meu rosto. — Leonardo Branson faz negócios com Arthur Kensington. Ele provavelmente pediu a Oliver para conectar sua filha com as pessoas certas, agora que ela está de volta à cidade.

Concordo com a cabeça, minha mente ainda uma confusão de pensamentos. Minha família e Rosie sabem sobre meu casamento, mas não confidenciei a ninguém sobre o quão real ele parece. Tenho sentimentos por Oliver que vão muito mais fundo do que luxúria ou atração, e não faço ideia de como lidar com eles.

— Vamos entrar aqui.

Cegamente, sigo Savannah para dentro de uma loja bem iluminada e até uma longa prateleira de vestidos coloridos, tentando me livrar da ansiedade e das dúvidas. O terror que sinto tão profundamente com Oliver que não serei capaz de me desenterrar. Nunca me senti assim com Declan. Com mais ninguém. Como cair, sem nada para me segurar. Não há como me conter.

— Algum orçamento? — Ela pergunta.

— Não. — Minha voz sai fraca, então eu limpo minha garganta, tentando invocar de volta um pouco da minha animação anterior. — E vou precisar de sapatos e uma bolsa também.

Oliver me entregou um cartão de crédito preto antes de eu sair. E já que esta é a última noite que provavelmente passaremos juntos, pretendo fazer o máximo.

Savannah sorri para mim, e eu forço um sorriso em resposta.

Pelo menos vou ficar bem por fora, mesmo que esteja uma bagunça por dentro.



Oliver está parado na cozinha quando entro na cobertura, estudando seu tablet. Acho que ele voltou a ser viciado em trabalho enquanto eu estava fora.

Ele olha para cima, observando todas as sacolas que estou segurando. Quando ele pousa o tablet, percebo que estava assistindo a um jogo de beisebol, não olhando para documentos.

— Vejo que você deu um bom trabalho ao cartão. — Ele sorri

para minhas mãos sobrecarregadas.

Eu quero sorrir de volta. Quer ir até ele e beijá-lo.

Mas tenho feito muito disso ultimamente. Preciso me lembrar de como será minha vida a partir de amanhã. Que sou uma mulher independente com objetivos e ambições, não uma princesa mimada em um conto de fadas.

Pego o cartão de crédito no bolso da minha calça jeans e jogo na bancada imaculada. — Considere isso como nosso acordo de divórcio.

Sua bochecha se contrai. Uma pequena reação, mas que eu noto. Nenhum de nós mencionou nosso divórcio pendente nos últimos dias.

Mas não posso perder de vista o fato de que não somos um casal de verdade. Que Oliver não quer uma esposa e logo passará seus intervalos limitados do trabalho com outras mulheres, algumas das quais podem ter sofisticados sotaques britânicos. Procurei as fotos que Savannah mencionou na viagem de carro até aqui. A mulher com quem ele saiu era deslumbrante. Quinn Branson parece exatamente o tipo de mulher que um bilionário de sucesso namoraria. E talvez casaria, se Oliver mudar de opinião sobre isso.

Nunca pensei que teria que me lembrar de proteger meu coração. Com todos os outros caras, tem sido meu instinto natural. Tenho sido *muito* desapegada, de acordo com a maioria deles.

— Você se divertiu com Savannah? — Há uma nota hesitante na voz de Oliver, enquanto seu olhar percorre minha postura tensa.

Ele obviamente sentiu a mudança no meu humor. Saí daqui sorrindo. E ele teve a audácia de lembrar o nome de Savannah, embora eu só o tenha mencionado uma vez. A consideração só me irrita mais. Tudo isso seria muito mais fácil se ele fosse tão ruim em relacionamentos quanto afirma ser.

— Sim, foi divertido.

— Você ficou fora por um tempo.

Eu levanto um ombro e o deixo cair descuidadamente. — Nada para fazer aqui.

Desta vez, sua mandíbula apertada. Sua única resposta é um aceno rígido antes de olhar de volta para o tablet. Eu posso vê-lo recuando, se fechando. Exatamente o que eu esperava, mas também odeio que isso esteja acontecendo.

— O carro estará aqui em uma hora.

— Estarei pronta.

Pego minhas sacolas e saio da cozinha, caminhando pelo corredor

e entrando no quarto de hóspedes pela primeira vez.

Toda a cobertura de Oliver é decorada profissionalmente, com todos os móveis combinando e tons coordenados. É linda, mas vazia. É óbvio que ele não passa muito tempo aqui.

O quarto de hóspedes é todo em tons de azul. Deixo minhas sacolas no edredom azul-marinho e atravesso o corredor para pegar minha bolsa de produtos de higiene no banheiro de Oliver. Felizmente ele ainda está na cozinha, então não tenho que enfrentar outro encontro forçado.

Volto correndo para o quarto de hóspedes, fechando a porta e me encostando nela com um suspiro, agindo como se tivesse acabado de completar uma missão perigosa.

Eu expiro, tentando liberar a ansiedade na mesma pressa. Achei que conseguiria lidar melhor com isso.

Durante toda a semana, eu sabia que isso tinha uma data de validade. Achei que simplesmente saber disso me protegeria. Essa lógica suavizaria o golpe. Que isso seria uma aventura divertida com um cara por quem estou intrigada e atraída. Esse é o problema, no entanto. Estou *muito* intrigada. Atraída *demais*.

Acabei de entrar na faculdade dos meus sonhos, a centenas de quilômetros de onde Oliver mora e trabalha. Meu passado está emaranhado com sua família de uma forma estranha. E o mais importante, Oliver nunca me deu nenhuma indicação clara de que *quer* que isso dure.

Nós nunca iríamos terminar de outra maneira.

Nunca *pensei* que terminariamos de outra maneira.

Mas pensar nisso não vai parar de doer, como a fatia invisível e persistente de um corte de papel. Nunca pensei que a inevitabilidade fosse doer tanto.

Vou para o banheiro com minha bolsa de produtos de higiene pessoal, tiro a calça jeans e o moletom e entro no chuveiro. Tudo aqui é feito de mármore: o chão, os balcões, até as paredes. Todas as luminárias e detalhes são de metal preto.

Não registro muito do ambiente luxuoso além daquelas cores contrastantes, passando por trás da vidraça e ligando o chuveiro. Tem dez configurações diferentes, porque *é claro* que tem. Eu opto pela chuva.

A água morna cai em cascatas suaves enquanto eu esfrego, ensaboo e depilo. Relutantemente, desligo o chuveiro e pego uma das toalhas felpudas penduradas em um gancho, me seco e, em seguida,

enrolo em volta do meu torso enquanto caminho pelo chão de ladrilhos até chegar ao lavatório.

O espelho está coberto de vapor porque esqueci de ligar a ventilação. Escovo os dentes e penteio o cabelo enquanto espero clarear.

Eu costumo alisar meu cabelo, então decido cacheá-lo para esta noite. Graças à ondulação natural da textura, tenho que alisar e *depois* enrolar, o que leva o dobro do tempo. Tempo que realmente não tenho, pois demorei a voltar aqui até o último minuto possível. Depois que o último cacho cai, penteio os cachos, borrifo-os e puxo alguns pedaços para trás com grampos. Satisfeita com meu cabelo, começo a me maquiar.

O vestido que Savannah me convenceu a comprar é mais ousado do que eu planejava usar. O último casamento que participei foi de um primo mais velho. Aquele aconteceu em Santa Monica, perto da praia. A maioria dos convidados estava descalça para a cerimônia e a recepção. Era casual e boêmio e nada como os eventos chiques que participei aqui.

Meu vestido esta noite é um azul-petróleo brilhante, diferente dos vestidos azul-marinho ou preto que costumo usar em eventos mais chiques. Há babados franzidos nos ombros e cobrindo a bainha. Tem um decote coração bastante modesto, mas as costas são de renda transparente, com uma delicada coluna de botões de tecido descendo ao centro.

Eu me sinto bonita com ele. É uma bela armadura.

Dois minutos restam em minha hora quando minha maquiagem termina. Corro para o quarto, ainda enrolada na toalha, tirando a bolsa combinando e os saltos prateados da bolsa. A bolsa é grande o suficiente apenas para meu telefone, cartão de crédito e um tubo de brilho labial. Enfio tudo dentro, rezando para não estar esquecendo nada.

Há uma batida na porta. Eu giro, pulso batendo forte.

— Hannah?

— Sim? — Meu aperto na toalha aumenta.

— O carro está aqui e o trânsito está ruim. Você está pronta?

— Estou nua. — Digo a primeira coisa que me vem à mente, depois fecho os olhos na tentativa de bloquear as palavras que parecem pairar no ar entre nós, ganhando tamanho e substância. — Eu vou, uh, eu já vou. Só me dê um minuto.

Há uma *longa* pausa.

Esta manhã, ele me tocou em seu colo. Agora, parece que somos totalmente estranhos.

Não sei se Oliver está reagindo à minha frieza ou decidindo se afastar também. O cara que me carregou da varanda para a cama na noite passada entraria aqui e sorria enquanto me observava me vestir. Mas a garota que dormiu em cima dele teria deixado a porta aberta. Não estaria se arrumando no quarto de hóspedes.

É desconcertante como tanta familiaridade pode desaparecer tão rapidamente, como um balão estourado.

— Ok. — Oliver finalmente responde. Eu ouço seus passos tranquilos se afastando, então libero uma respiração profunda.

Eu puxo o vestido para fora de sua caixa e entro no centro do chifon, puxando o tecido para cima e sobre meus ombros.

As costas expostas impossibilitam o uso de sutiã, mas o designer incluiu cuidadosamente uma frente acolchoada que fornece suporte suficiente. Ajeito o vestido no lugar, procuro um zíper e congelo.

Não consigo fechar o zíper do meu vestido. É mantido unido por dezenas de botões minúsculos que mal consigo alcançar, muito menos prender. Não pensei sobre isso na loja. Eu ainda estava tentando me livrar do comentário de Savannah sobre a suposta namorada de Oliver, e ela me ajudou com cada vestido que experimentei no camarim, inspecionando o tecido e estudando os detalhes.

Meu corpo está congelado no lugar, minha mente correndo.

Não tenho mais nada para vestir. Não comprei um vestido alternativo e tudo que trouxe de LA foram roupas de trabalho, pijamas e jeans.

Entro no banheiro, minha expressão horrorizada clara como o dia no espelho.

Sem nada segurando as costas juntas, o material azul-petróleo está caído para frente, mergulhando tão baixo sobre meu decote que mal cobre qualquer coisa. Não há absolutamente nenhuma maneira de eu usá-lo assim, mesmo com uma jaqueta por cima.

Respiro profundamente o oxigênio, sabendo qual, quem, é minha única opção.

Volto para o quarto. O tecido sedoso do vestido roça minha pele enquanto ando, roçando-a como um sussurro erótico. E me lembrando que esqueci de pegar uma calcinha quando peguei meus produtos de higiene no quarto de Oliver.

Calço os saltos, pego minha bolsa com uma mão, seguro meu

vestido com a outra e abro a porta do quarto.

Oliver está encostado na parede oposta, esperando.

Eu respiro fundo, meus olhos subindo de seus sapatos pretos para as calças sob medida, jaqueta dura e camisa passada de seu smoking. Ele se barbeou, a linha de sua mandíbula afiada e definida. Eu posso sentir o cheiro de sua loção pós-barba daqui, o cheiro amadeirado e picante.

É *injusto* para ele parecer tão bem.

Já que estou focada em sua garganta, vejo-a balançar enquanto ele engole. Meus olhos fazem o resto da jornada até os dele, algo apertando no fundo do meu estômago quando nossos olhares se conectam.

Seu sorriso é lento, espalhando-se pelo rosto e iluminando os ângulos ásperos. Ele parece cada centímetro o bilionário intimidador.

E... eu percebo com um sobressalto, ele meio que se parece como *meu*.

Porque ele está olhando para mim como se eu pertencesse a *ele*.

— O que há de errado com o seu vestido?

— Uh. — Pisco rapidamente. — Eu, hum, existem botões. — Eu aponto vagamente para a parte de trás do meu vestido, percebendo tarde demais porque isso é uma má ideia. A renda e a seda escorregam de um ombro, e meu seio direito aparece.

Eu luto pela alça, mas Oliver é mais rápido. Em um movimento suave, ele captura o tecido, puxando-o de volta ao lugar.

Minhas bochechas queimam quando seus dedos roçam minha pele nua, deixando uma sensação de calor e formigamento para trás.

— Desculpe por mostrar para você. — Eu brinco.

Um canto de sua boca se curva para cima. — Nada que eu não tenha visto antes.

Eu engulo e aceno.

— Vire de costas.

Eu obedeço, inalando rapidamente quando seus dedos percorrem a coluna das minhas costas, traçando cada saliência da minha coluna. Apesar de suas palavras anteriores, Oliver não parece estar com muita pressa para sair agora.

Magicamente, a parte de trás do meu vestido começa a apertar. Os dedos de Oliver são hábeis e eficientes, colocando os botões no lugar um por um.

— Eu gosto do vestido, — diz ele. — Mesmo que os botões sejam impraticáveis.

— O elogio que toda mulher sonha.

— Desculpe, não pude oferecer *mais*. — A irritação em seu tom deixa claro que meu comentário *nada para fazer aqui* atingiu um nervo.

— Não se desculpe, — murmuro.

Nenhum de nós diz mais nada, até que ele se afasta alguns minutos depois. — Tudo pronto.

— Obrigada.

Eu começo a descer o corredor, em direção ao elevador que nos levará para baixo. Depois de um instante, ouço os passos de Oliver atrás de mim. Sinto seus olhos nas minhas costas.

Os meus ficam sempre em frente.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Oliver

Hannah não olha para mim.

E eu não consigo parar de olhar para ela.

Torço a abotoadura em seu buraco acima do meu pulso pela vigésima vez, precisando de alguma saída para toda a energia nervosa que gira dentro de mim.

Era para ser uma noite especial. O casamento de uma das poucas pessoas que considero um verdadeiro amigo, passado com a mulher de quem não consigo me cansar.

Mas desde que Hannah voltou de suas compras, ela agiu como se minha presença fosse uma inconveniência, e não tenho certeza de como lidar com isso. O que significa. Tudo o que sei é que odeio sua indiferença repentina. Eu me sinto como uma criança, emburrada porque estou recebendo menos atenção.

Sempre achei que Hannah era uma instigadora ou uma participante voluntária nessa *coisa* entre nós, que não tem um rótulo fácil. Somos casados, mas nunca fomos um casal. Estamos no meio de um divórcio, mas atualmente morando juntos.

Meu polegar esfrega contra a superfície áspera da minha abotoadura. Este é o meu par favorito, um dos poucos presentes do meu pai de que realmente gosto. Construído a partir de uma inserção da Roma antiga, o centro é uma representação de Júlio César, com *veni, vidi, vici* esboçados ao redor da borda.

Eu vim, eu vi, eu venci.

Não parece adequado. Estou mais derrotado do que vitorioso no momento.

Dou outra olhada para Hannah. Ela está olhando pela janela, totalmente imóvel, com as mãos cuidadosamente cruzadas no colo.

Desse ângulo, o decote do vestido se abre um pouco. Eu posso ver a curva de seu seio esquerdo. Meu pau se contrai em minhas calças apertadas, lembrando como ela parecia em pé no corredor com um seio à mostra. O rubor escarlate que invadiu sua pele quando ela percebeu que eu estava olhando.

Fiquei do lado de fora do quarto de hóspedes por muito tempo antes, ouvindo a água correr pelos canos e olhando para a porta fechada. Sentindo-me como um intruso em minha própria casa. Dividido entre honrar o desejo óbvio de Hannah de ficar sozinha e bater na porta, exigindo que ela me contasse o que mudou nas poucas horas que ela se foi.

Eu acabo encarando, tentando afastar o medo que apareceu assim que percebi que ela escolheu se arrumar em um dos quartos de hóspedes em vez do meu quarto. Ainda está lá, sentado como um peso de chumbo no meu estômago.

Se ela dormir lá esta noite...

Isso não deveria me incomodar. É uma pena que isso incomoda. Há um milhão de outras coisas nas quais eu deveria me concentrar e pensar. Mas tudo o que posso ver é ela, usando um vestido azul esverdeado que consegue cobrir tudo, mas também é a coisa mais sexy que já vi.

— Algo está errado? — É um alívio finalmente falar as palavras, depois de pensar nelas sem parar.

— Não. — Ainda assim, ela não vai olhar para mim. E dói, dói como um soco em uma contusão existente. Prefiro que ela grite e berre do que me ignore. Pelo menos eu teria alguma ideia do que ela está pensando.

— Um.

Finalmente, ela me encara. Sou pego de surpresa pelo contato visual.

Meu visual favorito em Hannah é quando ela está nua com ondas emaranhadas, nua na minha cama. Mas ela está devastadoramente linda esta noite, e eu deveria ter dito isso a ela antes.

— O quê? — Ela pergunta.

— Estou contando quantas mentiras você me contou.

Se ela me contou outras, elas não foram tão óbvias.

Seus olhos se estreitam, mas o azul ainda é intenso e consumidor. Muito pesado. E mudando. Eles me lembram o céu, onde sempre há algo diferente para ver. Uma nuvem ou uma tempestade ou um arco-íris.

O carro para de se mover. Olho para o leão de pedra que guarda a entrada da biblioteca. Milhares de velas foram colocadas nos degraus que vão da calçada até as portas, piscando na luz fraca. Quando estiver completamente escuro, será uma visão deslumbrante.

Abro a porta da limusine e saio, respirando fundo enquanto ajusto minhas abotoaduras uma última vez. De agora em diante, não vou exibir nenhum hábito nervoso. Já posso sentir a atenção voltada para cá, meus ombros tensos enquanto coloco um sorriso falso no rosto.

Eu ando até a outra porta, balançando a cabeça para o motorista enquanto ele estende a mão para a maçaneta. Ele dá um passo para trás instantaneamente, inclinando um pouco a cabeça.

Hannah não esperava que eu fosse abrir a porta. Eu observo a coluna delicada de sua garganta balançar antes que ela se prepare e pegue minha mão, a seda de seu vestido expondo um flash de panturrilha antes de cair em uma cachoeira solta.

— Obrigada, — diz ela.

— De nada.

Hannah segura meu cotovelo enquanto subimos as escadas, seu equilíbrio instável na pedra irregular.

Eu não posso me segurar. — Talvez você devesse ter usado sapatilhas.

— Talvez você devesse parar de criticar minha roupa, — ela dispara de volta.

Eu mordo o interior da minha bochecha para esconder meu sorriso.

Centenas de pessoas estão circulando pelo enorme saguão.

O primeiro casal que vejo são meu irmão e minha cunhada.

E como somos Kensingtons, todo mundo está olhando.

Os músculos dos meus ombros se contraem sob as costuras sob medida do meu smoking.

— Você está bem? — Murmuro para Hannah.

— Sim.

— Oliver!

Eu me viro para ver Chase Anderson se aproximando, com um sorriso largo no rosto enquanto ele aperta minha mão e depois me dá um tapinha no ombro. Sua exuberância é contagiante, relaxando um pouco minha postura rígida.

— Como diabos você está, cara?

— Nada mal, — eu respondo. — Eu vi você conquistar os playoffs, parabéns.

— Obrigado. Tenho que pegar um voo de volta para Detroit esta

noite, mas não posso perder o casamento de Garrett. — Ele olha para Hannah. — Olá linda. Acho que nunca fomos apresentados.

Eu o encaro, minha mão encontrando automaticamente as costas de Hannah. O calor de sua pele queima meus dedos, separados apenas pela fina camada de renda que abotoei antes.

— Não fomos. Mas ajudei a negociar a troca de Conor Hart, então, como foi ele quem marcou o gol na prorrogação contra o Chicago, você é bem-vindo para uma chance de buscar a Copa.

Chase pisca para Hannah, estranhamente sem palavras. — Você é um agente? — Ele finalmente pergunta.

— Não exatamente. Eu só trabalho em uma agência de esportes.

— Qual delas?

— Agência Garner Sports.

— Droga. — Chase assobia, parecendo impressionado.

— Chase! — Uma mulher de meia-idade que reconheço como a Sra. Anderson aparece, suas pulseiras balançando enquanto ela acena com as mãos. — Você deveria estar ajudando seu irmão a se arrumar.

— Ele é um homem adulto, mãe. O que eu deveria fazer?

Ela balança a cabeça. — Não ficar aqui bebendo e socializando. Vá!

Chase engole o copo do que eu presumi ser água, mas agora estou supondo que seja vodca, então o ergue em um movimento de *saúde*. — Bom ver você, Oliver. Prazer em conhecê-la, loirinha.

A mãe de Garrett aperta meu braço, sorri para Hannah e segue seu filho rebelde.

Olho para onde Crew e Scarlett estavam antes. Eles ainda estão no mesmo lugar, conversando intensamente. Discutindo, conhecendo-os.

No saguão lotado, todos lhes lançam olhares espantados e furtivos, mas sem ousar se aproximar do casal considerado o rei e a rainha de Nova York.

Crew olha para cima e encontra meu olhar, dando-me um aceno de reconhecimento antes de seus olhos deslizarem para a mulher ao meu lado. Scarlett segue sua atenção, e então estamos todos olhando um para o outro.

— Deveríamos dizer oi.

— Deveríamos, — Hannah concorda.

Minha mão permanece na parte inferior das costas de Hannah enquanto navegamos em meio à multidão em direção ao meu irmão e cunhada.

Crew está vestindo um smoking, assim como eu. Scarlett está usando um vestido vermelho ousado que abraça seu torso e depois se abre dramaticamente na cintura.

Eu abro minha boca. Mas, inesperadamente, Scarlett é quem fala primeiro, dirigindo-se a mim. — Você se vestiu bem, Oliver.

— Você também. — Eu solto minha mão das costas de Hannah para que eu possa me inclinar para frente e beijar sua bochecha, então apertar a mão de Crew.

— É bom ver você, Hannah, — diz ele, beijando sua bochecha da mesma forma que cumprimentei Scarlett.

Há uma onda de alívio e afeto ao observar a interação deles. Não sei como reagiria se Crew tivesse aparecido em um evento com uma mulher com quem eu tenho um histórico. É uma situação desconfortável para todos, e eu aprecio meu irmão agindo como se não fosse.

— Bom ver você também, — responde Hannah. Observo-a respirar fundo e olhar para Scarlett. — Olá, Scarlett.

Scarlett inclina a cabeça, seus olhos passando rapidamente entre Hannah e eu como se fôssemos um quebra-cabeça que ela está tentando decodificar ou um mapa que ela está tentando seguir. — Olá, Hannah.

Raramente trago acompanhante para eventos como este. Normalmente, eu os vejo como uma oportunidade de networking, com a qual a maioria das mulheres fica entediada ou ressentida. Portanto, há uma dinâmica diferente esta noite que não tem nada a ver com Hannah. Crew e Scarlett nunca interagiram com uma mulher com quem eu estava namorando.

O saguão está começando a esvaziar, outros convidados se infiltrando na sala central onde a cerimônia está marcada para acontecer.

Agarro a mão de Hannah, apertando-a em uma demonstração silenciosa de apoio. — Devemos ir pegar nossos lugares. Vejo vocês na recepção?

Percebo o aceno de Crew antes de nos virarmos, seguindo o fluxo do tráfego até uma sala redonda decorada com centenas de flores. O altar é colocado bem no centro, com fileiras de assentos ao seu redor. Não é tão extravagante quanto o casamento de Crew e Scarlett. Mas

suas núpcias foram intencionalmente planejadas para que fossem impossíveis de superar. Ninguém comanda como a realeza.

Muitas pessoas me cumprimentam pelo nome quando passamos, lançando olhares curiosos para Hannah. Ela está preparada enquanto caminhamos por uma fileira do meio, conversando com Jennifer Robinson quando ela se senta do outro lado.

Examino o programa que foi deixado no meu assento. Como nem Sienna nem Garrett têm festas nupciais, é apenas uma descrição da cerimônia. Curta, já que é civil.

Toda a conversa ao redor diminui quando os acordes familiares de Cânone de Pachelbel¹¹ preenchem o enorme espaço. Garrett sobe no altar, olhando para o corredor construído.

Quase todo mundo se vira para ver Sienna caminhar em sua direção. Mas me concentro em Garrett, um amigo próximo que está prestes a assumir um compromisso que, tecnicamente, eu já assumi.

Seja qual for o álcool ou drogas que consumi em Las Vegas, apaguei completamente minha memória de me casar. Ou talvez eu simplesmente não *queira* lembrar. Talvez seja mais fácil fingir que outra pessoa tomou essa decisão, totalmente separada de mim.

Mas eu olho para Hannah e posso imaginar perfeitamente. Posso imaginá-la caminhando em minha direção vestindo branco, tão claramente que me pergunto se é uma lembrança ou algo menos substancial. Algum estado nebuloso e sonhador.

Sienna está radiante quando chega a Garrett. Não registro nenhum detalhe sobre seu vestido ou véu, mas examino sua expressão de perto. Testemunho a felicidade que parece genuína. Pergunto-me que arrependimentos ela tem. Se ela tiver algum.

Tenho uma longa lista, mas Hannah não está nela. Não posso dizer que não mudaria nada. Todo o estresse e a incerteza das últimas semanas, desde que acordei casado com uma estranha, não foram bem-vindos. Mas eles também me deixaram sentado aqui, o que não parece um preço muito alto a pagar.

Assim que a cerimônia termina e os noivos caminham juntos pelo corredor, todos se levantam para ir para a sala de recepção. Este espaço é longo e retangular, com várias mesas que se estendem de ponta a ponta, com pista de dança e palco montados bem na frente.

Garçons uniformizados circulam silenciosamente pelo espaço com petiscos, e bares foram montados nos quatro cantos.

— Você quer uma bebida? — Pergunto a Hannah, as primeiras palavras que trocamos desde o fim da cerimônia.

— Claro, — ela responde, olhando ao redor do espaço cavernoso. Os tetos são altos, padrões de vitrais trabalhados neles.

Ela não está olhando para as flores ou outras decorações, eu percebo. Ela está estudando arquitetura.

É um lembrete indesejável, mas necessário. Hannah tem muito esperando por ela. Todo um novo futuro se espalhava à frente. Enquanto minha vida permanecerá a mesma, trabalhando em um prédio que amo, mas também estou percebendo que guardo muito ressentimento.

Estou com medo de dizer ao meu pai que não estou aceitando sua oferta. Assim que o fizer, não tenho ideia de como ele vai reagir. Será considerado uma afronta pessoal, sem dúvida. Estarei rejeitando o que ele provavelmente vê como uma concessão generosa de meu pai e de meu chefe.

Pela primeira vez, considero seriamente deixar a Kensington Consolidated. É um pensamento que passou pela minha cabeça de vez em quando. Foi mais persistente depois que tudo sobre Candace veio à tona. Mas sempre houve algo me impedindo, e ainda está lá agora. É uma parte de mim. Uma peça que doeria perder. É mais do que um contracheque para mim, assim como é para meu pai.

Mas há *outros* contracheques. Outros cargos de CEO.

E eu acho, olhando para Hannah enquanto ela pede um coquetel ao barman, alguns deles estão localizados na Califórnia.

— Finalmente saiu da Kensington Consolidated, Oliver?

Eu me viro para encarar Camden Crane.

Ele é um idiota que faço questão de evitar o máximo possível. Mas meu desdém não é nada comparado ao de Crew, que supostamente deu um soco nele alguns anos atrás. Eu só ouvi sobre as consequências, já que foi quando meu pai confidenciou a mim. Ele estava furioso por Crew ter comprometido um relacionamento comercial, e ainda mais furioso por que foi por causa de Scarlett. Crew não admitiria que era, mas nada mais o faria perder o controle como ele fez.

— Você ao menos sabe onde fica o escritório da Crane Enterprise, Camden?

Ele ri como se fosse uma piada. Não foi. Sebastian Crane adotou uma abordagem muito diferente do envolvimento de seu filho nos negócios da família do que meu próprio pai. Camden felizmente fica com uma parte dos lucros, para que ele possa festejar e beber ao redor do mundo.

— A vida é muito curta para passá-la em um cubículo.

— Tenho certeza de que seus acionistas concordariam, — respondo.

Camden ri novamente. Ele sempre tentou agir como amigo comigo, provavelmente em um esforço para irritar Crew. E geralmente tolerarei isso, porque a Crane Enterprises é uma concorrente da Kensington Consolidated e há algo a ser dito sobre o ditado de *manter seus inimigos próximos*.

Mas não estou tão complacente agora, em parte porque Crew merece minha lealdade mais do que a empresa, e em parte porque Camden notou Hannah. Sua expressão é lasciva enquanto ele a observa pegar uma taça de martini, e eu entendo completamente a compulsão de Crew para reorganizar seu rosto.

— Vou tomar um uísque, puro, — digo ao barman quando ele se vira para mim em seguida.

— Acho que não tivemos o prazer de sermos apresentados, — diz Camden, estendendo a mão para ela. — Sou Camden Crane.

— Hannah Garner. — Ela aperta a mão dele com a mão livre.

— Vocês dois são...

— Sim. — Meu tom é curto e cortante.

Camden não é dissuadido. — Você mora em Nova York, Hannah?

Ela brinca com as azeitonas em seu martini enquanto balança a cabeça. — Los Angeles.

— Ótima cidade. Se você precisar de um guia turístico enquanto estiver visitando, provavelmente eu poderia me colocar à disposição. Oliver tem a reputação de ser um homem muito ocupado.

— Eu prefiro namorar homens com ética de trabalho, Camden. Agora, se você nos der licença... — Hannah se afasta antes que Camden tenha a chance de responder.

Eu sorrio para a expressão atordoada de Camden. — Bom te ver.

Então eu sigo Hannah em direção à nossa mesa designada.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Hannah

Assim que estou trancada na cabine do banheiro, bato minha cabeça contra a porta. Infelizmente, essas são portas sofisticadas. Em vez de plástico que absorve sons, elas são construídas com alguma madeira antiga que ecoa a batida.

Solto um longo suspiro.

Só tenho que passar o resto desta noite. Meu voo é amanhã cedo. Eu faço xixi e dou descarga, então agarro a maçaneta.

Uma cacofonia de saltos altos ecoa no chão de mármore, acompanhada por várias vozes femininas.

— ... a loira aqui com ele? — Uma delas está dizendo.

Minha mão congela, permanecendo imóvel em vez de abrir o trinco.

— Ela é bonita, — diz outra voz. — Ele provavelmente está apenas transando com ela.

— Leonardo Branson disse ao meu pai que Quinn será uma Kensington no outono. — Uma terceira voz se junta à conversa, quando percebo exatamente de quem elas estão falando.

— Eu não achava que Oliver se casaria, honestamente. Mesmo quando ele deveria se casar com Scarlett. Ele é muito... *sério*, sabe?

— Oliver ainda precisa de herdeiros, — acrescenta outra pessoa. — A menos que ele queira que os filhos de Crew herdem tudo. Ouvi dizer que Scarlett está grávida de novo.

— Sério? Eu nunca vou sair da lista de espera *Rouge*, neste ritmo.

O riso ecoa antes que a conversa mude para batom e rímel enquanto o grupo de mulheres retoca sua aparência. Eu me inclino contra a porta, ouvindo suas vozes ricochetearem nas paredes de azulejos antes de começar a desaparecer enquanto elas voltam para a festa.

Eu destranco a porta e finalmente saio da cabine do banheiro. Ninguém mais está à vista quando abro a torneira. A água morna começa a correr, assim que outra porta se abre.

Eu congelo, olhando no espelho enquanto Scarlett Kensington se

aproxima da pia ao lado da minha. Ela puxa um tubo de batom da bolsa, cobrindo os lábios com uma nova camada de vermelho.

— As pessoas vão dizer qualquer merda que quiserem sobre você, — diz ela, fechando o tubo. — Para você. Não significa que você deva acreditar em uma palavra disso.

Não perco o duplo sentido. *Eu* já disse algumas merda.

Os nervos ricocheteiam em volta do meu estômago. Minha lembrança exata do que eu disse a ela em outro banheiro chique não é clara. Eu estava embriagada, e isso foi há alguns anos. Mas eu me lembro o suficiente para saber que a inundação de vergonha é justificada. E embora eu desejasse a oportunidade de me desculpar, agora que ela está aqui, não sei exatamente o que dizer. Scarlett é intimidante.

— Então Oliver não deveria se casar com Quinn Branson?

— Ele deveria. — Seu anel de noivado de diamante brilha enquanto ela procura algo em sua bolsa. A bolsa é tingida para combinar exatamente com o tecido do vestido dela, assim como o meu. — Ele não vai, no entanto.

— Por quê?

Ela se vira para mim, sua expressão divertida. — Kensingtons não fazem perguntas estúpidas, Hannah.

Há uma nova onda de ansiedade quando Scarlett me encara. Seu cabelo escuro está preso no alto da cabeça, alguns cachos caindo em espirais perfeitas. Ela é deslumbrante, a mulher que chama a atenção por onde passa.

E *ela sabe*, eu percebo. Ou Oliver contou a ela ou ela descobriu de outra forma.

Eu engulo. — Meu sobrenome é Garner.

— Eu lembro. Difícil esquecer a última conversa que tivemos.

Eu seguro seu olhar. — Eu não sabia quem era Oliver quando nos conhecemos. Honestamente, eu esperava nunca mais ver você ou Crew novamente.

Seus lábios se curvam. *Quase* um sorriso. — Eu acredito em você sobre isso. Mas não achei que você fosse o tipo de mulher que se casaria sem perguntar o sobrenome de um cara.

— Achei que era *exatamente* o tipo de mulher que você pensava que eu era, na verdade.

O fantasma de um sorriso passa pelo rosto de Scarlett. — Gostei do seu vestido.

Minha mão vacila antes de fechar a torneira, atordoada com o elogio. — O-obrigada. Savannah escolheu. Ela trabalha para você, na Haute.

Ela olha de relance. — Tem um botão aberto atrás. Me incomodou durante toda a cerimônia. Posso?

— Hum, claro.

Segundos depois, há um puxão no tecido. — Tudo pronto.

— Obrigada. Eu não pensei bem nas costas.

— A moda não foi feita para ser conveniente.

Eu não acho que ela está falando sobre moda, no entanto.

Scarlett se dirige para a porta, seus saltos batendo em um ritmo rápido.

— Scarlett.

Leva alguns passos, mas ela faz uma pausa e olha para trás.

Eu puxo uma respiração profunda, os nervos fazendo minhas palmas suarem. Vou ter que lavar as mãos de novo. — Eu realmente sinto muito. O que eu disse a você, o que me lembro disso, é imperdoável. Eu tive uma... impressão diferente de como era o seu casamento, mas isso não é desculpa. Se eu pudesse voltar e manter minha boca fechada, eu o faria. E estou feliz por você e Crew. É bom saber que o amor verdadeiro existe, para aqueles de nós que ainda não o encontraram.

Scarlett me encara, sem piscar. O *gotejar* da torneira pingando é o único som, pelo que parece uma eternidade.

— Todo mundo comete erros. E se você ainda não encontrou o amor, não está procurando muito, Hannah.

Ela sai em um redemoinho de tecido vermelho e perfume caro.

Quando volto para a recepção alguns minutos depois, encontro Oliver do outro lado da sala imediatamente. Ele está apertando a mão de um grupo de homens, parecendo estar se despedindo.

Sinto minha testa enrugar em confusão.

— Oi, Hannah.

Eu me viro, escondendo minha surpresa. Eu esperava que Crew e Scarlett me evitassem esta noite. Me ignorassem.

— Oi, Crew.

— Como tem passado? — Ele inclina a cabeça, me estudando com uma mistura de curiosidade e incerteza.

— Bem.

— Então... você e Oliver.

Concordo com a cabeça, sem saber o que dizer.

— Você não mencionou isso, em Los Angeles.

— Na época, achei que não havia nada a dizer.

— E agora?

Eu dou de ombros, voltando às respostas não-verbais. Eu sei que a relação de Oliver com seu irmão é complicada. E eu odeio que provavelmente estou adicionando algo a isso. O que quer que Oliver queira compartilhar - ou não compartilhar - sobre nós com Crew deve ser decisão dele.

— Você parece diferente, — ele me diz, inclinando a cabeça. — Mais... resolvida.

— Você é o único com uma esposa e um filha.

Ele balança a cabeça, um vinco aparecendo em sua bochecha. — Logo serão dois.

Um boato que já ouvi duas vezes, mas não foi confirmado. — Uau. Parabéns.

Seus olhos azuis estão de volta em mim. Procurando. — Oliver não mencionou isso?

Eu balanço minha cabeça. — Nós não... É um pouco estranho, obviamente. E Oliver e eu não estamos assim tão sério.

Crew ri, me surpreendendo. — Besteira, Hannah.

Meus lábios afinam. — Finais felizes não caem no colo de todo mundo, Crew.

— Você acha que eu não sei disso? Mas eu conheço Oliver. Eu te conheço bem o suficiente para dizer que você se preocupa com Oliver de uma forma que você nunca investiu em mim. E Oliver não checkou seu e-mail nenhuma vez desde que vocês chegaram, o que é cerca de vinte vezes menos do que eu normalmente o vejo em seu telefone. Esta foi a primeira semana em cinco anos que Oliver não foi o último a deixar o escritório. Você é boa para ele, Hannah. Ele precisa de algo com que se preocupar, além da maldita empresa. — Ele olha para onde Oliver ainda está do outro lado da sala. — O que estou tentando dizer é, não deixe que nada do que aconteceu entre nós afete vocês.

— Você pensa muito bem de si mesmo, hein?

Crew levanta uma sobancelha. — Foi você quem disse à minha esposa que eu penso em você quando fodo ela.

Eu estremeço e desvio o olhar. Os casais começaram a dançar, agora que o jantar acabou e o bolo foi cortado. — Eu estava bêbada.

Ele sorri, depois dá de ombros. — Todos nós temos momentos no passado que gostaríamos de poder mudar. Eu, Oliver. Não deixe que eles a convençam a não correr riscos.

— O que você é, um terapeuta?

Ele ri, então olha para além de mim. — Oi, irmão mais velho.

Os olhos de Oliver estão em mim, não em Crew. Verificando minha reação.

Eu ofereço a ele um sorriso, mais à vontade do que me senti desde que chegamos. Parece que tiraram uma pedra do meu peito agora que me desculpei com Scarlett. Talvez alguns erros sejam solucionáveis. Alguns arrependimentos reversíveis.

— Eu deveria ir encontrar Scarlett, — diz Crew. — Ela odeia vir a esses eventos sóbria. Foi um prazer falar com você, Hannah.

— Você também, — eu digo, antes que ele desapareça.

— Você está bem? — Oliver pergunta assim que Crew sai.

— Sim. Estávamos apenas... nos atualizando.

Ele balança a cabeça, então suspira. — A empresa com quem falei esta manhã quer fazer outra ligação. Agora.

— No sábado à noite?

— É domingo de manhã, para eles.

— Não soa muito melhor.

Ele dá um meio sorriso. — Não. Não soa.

— Então, você tem que sair?

O olhar de Oliver está procurando enquanto ele olha para mim. Não faço ideia do que ele está procurando. — Você quer ficar?

— Sozinha? Não, obrigada. Camden Crane pode aparecer de novo.

— Você lidou bem com ele.

— Não é a primeira vez que um cara me aborda em um bar.

— Sim. Eu sei. — Ele segura meu olhar, e há uma pulsação tangível entre nós.

De alguma forma, sei que ele está se lembrando de quando estávamos juntos em um bar em Los Angeles. Quando ele insistiu que não estava com ciúmes. — Bem, se estamos indo embora, eu deveria...

— Você quer dançar?

As palavras da Crew ecoam em minha mente. Ele precisa de algo com que se preocupar, além da maldita empresa.

— E a ligação?

— Isso pode esperar até segunda-feira.

— Ok. — Eu aceno, o movimento espasmódico. As pessoas estão olhando para nós - olhando para ele - e estou desconfortável com o escrutínio.

Oliver me leva para a pista de dança. A música é lenta e arrebatadora, uma valsa que evoca flutuar na água ou girar em círculos.

— Você está deslumbrante, Hannah. — Suas palavras crescem dentro de mim como uma maré crescente, espalhando calor pela minha pele.

— Obrigada, — eu consigo dizer.

O sorriso de Oliver cresce conforme nossos olhares se encontram; sua atenção totalmente focada em mim. Sua atenção é avassaladora, mas não consigo desviar o olhar. Eu me pergunto como vou viver sem isso. Se o simples ato de alguém olhar para mim me fará sentir assim novamente.

— A mulher com quem você saiu era Quinn Branson? — Não consigo conter a pergunta. Ela jorra de mim como uma fonte transbordante.

Rugas gêmeas aparecem entre os olhos de Oliver quando minha pergunta é registrada. — Sim.

— E você deveria se casar com ela?

— Onde você ouviu isso?

— Isso importa?

A mão de Oliver aperta a minha. Um músculo salta em sua mandíbula. — Meu pai sugeriu isso.

— Por que você não está?

— Eu já sou casado.

Sua voz é baixa, e eu igualo. — Estamos nos divorciando.

— Não vai mudar nada.

— Poderia. — Não sei por que estou pressionando. Depois que Oliver e eu nos separarmos, o que ele faz com sua vida não é da minha conta. Não é da minha conta agora, honestamente.

— Crew disse algo para você?

— Não. Algumas mulheres estavam falando sobre isso no banheiro. E Savannah mencionou as fotos de vocês dois.

— É por isso que você está agindo assim desde que voltou?

— Não, — eu minto.

— Hannah, eu...

O que quer que Oliver fosse dizer se perde em um súbito turbilhão de atividades, quando um grupo de caras aparece e nos cerca.

— Aqui está você! — O mesmo homem que se aproximou de Oliver quando chegamos coloca um braço em volta de seu pescoço. — Vamos lá, Garrett quer fazer uma foto de grupo. — Ele olha para mim. — Nós o devolveremos daqui a pouco.

Eu aceno enquanto eles puxam Oliver para longe, pega em algum lugar entre o alívio e a frustração com a interrupção, antes de ir em direção ao bar, para que eu não fique parada aqui sozinha.



Oliver e eu ficamos em silêncio enquanto a limusine se afasta do meio-fio, indo para a parte alta da cidade.

É tarde e estou exausta. Também estou muito ciente de como restam poucas horas do meu tempo em Nova York. Oliver e eu não tivemos chance de conversar a sós desde que nossa dança foi interrompida. Passei o resto da noite conversando com o que se tornou um borrão de nomes e rostos em minha mente. Para alguém que afirma odiar ir a festas e socializar, ele é muito bom em ambos.

Eu chuto meus saltos, alongando os arcos dos meus pés. A cabeça de Oliver se inclina em minha direção, acompanhando o movimento. Estou bêbada e acho que ele também está tonto. Toda vez que eu o via parado no centro de um grupo de homens que prestavam atenção em cada palavra sua, ele tinha um copo na mão.

A limusine percorre as ruas da cidade lentamente, as pistas lotadas mesmo a essa hora tardia.

— Eu não entro em uma limusine desde o baile de formatura.

Quando olho para Oliver, ele está olhando para mim. — Com quem você foi?

— Um grupo de amigos.

Uma sobranceira se ergue. — Nenhum cara convidou você?

— Eles convidaram. Eu só não queria ir com nenhum deles.

— Eu provavelmente deveria achar esses altos padrões lisonjeiros.

— Com quem *você* foi ao baile?

— Eu não fui, — ele responde.

— Uma garota recusou você?

Ele zomba. — Não. Não vi sentido em ir.

Se eu conhecesse Arthur Kensington, daria a ele um livro para pais. Ele fez um número em Oliver. Em ambos os filhos.

— O objetivo é *diversão*, Oliver.

— Só teria sido *divertido* se tivéssemos feito o ensino médio juntos.

Enfio os pés sob a seda do vestido e viro a cabeça para ele. Esses assentos de couro dão a sensação de estar sentada em uma nuvem. — Você teria me convidado?

— Claro. — Ele diz como se não houvesse outra resposta possível e, por algum motivo, acredito nele.

Um calor se espalha no centro do meu peito, inundando-me com uma afeição intensa que tenho medo de nomear.

Eu não deixo cair seu olhar, procurando a fivela do meu cinto de segurança. O *estalo* silencioso da liberação do cinto soa alto, no silêncio entre nós.

Sombras passam por seu rosto enquanto eu rastejo em seu colo, as luzes piscantes dos carros e prédios pelos quais passamos desaparecendo tão rapidamente quanto aparecem. Então o carro para, seja em um sinal vermelho ou preso no trânsito mais pesado, e posso ver perfeitamente a expressão de Oliver.

Ele está olhando para mim como se nunca quisesse olhar para mais nada.

A noite toda, eu o vi conversando. Observei-o ser charmoso, intimidador e sério, tudo ao mesmo tempo.

Eu sabia que era uma máscara. Eu vi além do ato de magnata polido que ele retratou a noite toda. E parece ainda mais um privilégio, depois de testemunhá-lo em seu mundo esta noite. Sabendo que nenhuma dessas pessoas consegue ver seu sorriso real ou ouvir sua risada real ou experimentar a sensação potente de sua atenção

total.

Suas mãos deslizam sob o tecido do meu vestido que está se espalhando ao nosso redor, parando em minhas panturrilhas.

O carro começa a se mover novamente. Eu me mexo em seu colo, não preparada para o movimento, e seu aperto em minhas pernas aumenta.

— Hannah...

Descanso minha testa contra a dele, inalando seu cheiro. — Você consegue ficar quieto? — Eu sussurro.

— Você consegue?

Eu o beijo. É confuso, urgente e inebriante, enviando pulsos de excitação por todo o meu corpo. Oliver chamava a si mesmo de chato, mas eu sou mais ousada perto dele do que jamais fui com qualquer outra pessoa.

Não há hesitação quando me afasto para poder puxar suas calças até as coxas. Estou convencida de que não há visão mais sexy no mundo do que Oliver Kensington em um smoking com cabelos despenteados e olhos brilhantes, sua ereção rígida orgulhosamente à mostra.

Suas mãos deslizam pelas minhas pernas, usando a vantagem para me puxar contra seu corpo. Elas se movem cada vez mais alto, até que descansam em meus quadris.

— Você não está usando calcinha? — A pergunta sai meio engasgada.

Meu rosto está em chamas. — Minha mala estava no seu quarto e eu esqueci de... *ah*.

Esqueço completamente o que eu estava dizendo, quando seu comprimento duro esfrega contra meu centro nu e úmido. Necessidade empoça baixo em minha barriga enquanto nossas pélvis moem juntas, simulando sexo. Eu deslizo para frente e para trás ao longo de seu eixo, e Oliver grunhe um “Porra”, seus dedos cavando em minha pele em resposta à fricção tentadora.

Eu alcanço entre nossos corpos, traçando a veia latejante que corre ao longo de seu pau antes de puxá-lo logo abaixo da cabeça larga e guiá-lo para a minha entrada.

Ele não empurra de imediato, e eu não afundo. Estamos suspensos em um momento de antecipação, e ambos sabemos o porquê.

Esta será a última vez que faremos isso.

Haverá uma última vez.

A mandíbula de Oliver aperta. E então ele me puxa para baixo, me forçando a tomá-lo com um empurrão rápido. Eu suspiro, o som muito alto no carro silencioso, enquanto me ajusto ao alongamento repentino.

Posso ter começado isso, mas Oliver está no controle total agora. Suas mãos apertam meus quadris enquanto ele me levanta e depois me puxa de volta para baixo novamente, me enchendo uma e outra vez. O calor se espalha por todo o meu corpo enquanto minha respiração acelera, o cheiro de sua colônia se misturando com o cheiro de suor e sexo.

Estou desorientada quando de repente ele para de empurrar, olhando pela janela e meio esperando descobrir que já estamos em seu prédio. Mas o carro ainda está rolando por uma rua desconhecida.

Oliver me levanta de seu colo como se eu não pesasse nada, me colocando no assento ao lado dele. Eu pisco para ele, então abro minha boca. — O que...

Ele me silencia com um beijo ardente.

Estou caindo de costas, deitada nas almofadas macias do carro. O assento é comprido, mas não o suficiente para acomodar o corpo de 1,80 de Oliver. Ele está com um pé no chão do carro enquanto se inclina sobre mim. Eu inalo rapidamente quando sua boca se move ao longo do meu pescoço, então traça um caminho pelo meu peito com a língua.

— Nunca é o suficiente, — diz ele, parecendo zangado com isso.

E eu sei exatamente o que ele quer dizer. Chamar essa atração entre nós de *atração* parece muito simples. É um encantamento. Um vício. Uma compulsão.

Ele empurra para dentro de mim mais lentamente desta vez, um roçar lento que eletriza cada terminação nervosa. Eu gemo alto, não me importando mais que o motorista possa ouvir. A necessidade erradica quaisquer inibições. Vou gritar o nome dele para toda a maldita cidade.

Meus dedos se entrelaçam nas mechas grossas de seu cabelo, bagunçando-o ainda mais enquanto Oliver balança seus quadris nos meus. Seus lábios encontram os meus novamente, uma posse profunda e erótica que se esgueira pela minha espinha em riachos de calor. A fricção é indescritível, o prazer borbulha dentro de mim como uma garrafa de champanhe sacudida prestes a explodir. A espessa invasão de seu pau e a pressão contra meu clitóris é tudo o que preciso para a liberação pulsar através de mim. Oliver continua empurrando, e continua em ondas intermináveis e felizes.

Eu o sinto inchar, seguido pelo derramamento de calor desconhecido quando ele goza dentro de mim.

Oliver não sai de cima de mim imediatamente. Quando o faz, parece uma perda. Ele não faz nenhuma tentativa de arrumar o cabelo ou a gravata borboleta, apenas levanta a calça e abotoa o cinto. Eu endireito meu vestido, pressionando minhas coxas sob o tecido.

O carro para do lado de fora de seu prédio.

— Você estava errada.

Eu olho, mas Oliver está olhando pela janela. — Sobre o quê?

— Casar com você estar na minha lista de arrependimentos.

Ele abre a porta e sai.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Oliver

Nova York parece tão sonolenta quanto eu, as ruas quase vazias tão cedo em um domingo. Mesmo em meio aos arranha-céus que abrigam os negócios mais lucrativos do país. Do mundo.

Escondo um bocejo quando saio do carro, abotoando meu casaco contra o frio da manhã. Passo pelas cercas vivas bem cuidadas e pela fonte gotejante, imaginando para onde estou indo.

O segurança acena com a cabeça quando me aproximo, parecendo não se surpreender com minha aparência.

Eu passo meu crachá e sigo para os elevadores, examinando-o novamente antes de apertar o botão para o andar executivo. Minha cabeça lateja por vários motivos, enquanto subo em direção ao topo do prédio.

Uma vez que as portas do elevador se abrem, sigo em direção ao escritório do meu pai, passando pelas fileiras familiares de escritórios vazios e escuros.

Crew já está esperando lá fora. Eu paro um momento para apreciar a demonstração de solidariedade, acenando para ele enquanto passo e abro a porta para entrar no maior escritório deste andar.

Meu pai está sentado atrás de sua enorme mesa, carrancudo como se ele estivesse sendo incomodado por esta reunião matinal de última hora que *ele* solicitou. O sol nasce atrás dele, lançando luz diluída sobre os móveis de couro que combinam com todos os escritórios deste andar. Seu olhar furioso se aprofunda quando ele avista minha roupa. Tanto meu pai quanto Crew estão de terno. Eu estou vestindo um moletom e joggers.

— Que diabos você está vestindo, Oliver?

— Roupas.

— Você espera que alguém te leve a sério quando você se veste como se tivesse acabado de sair da academia?

— Você me chamou aqui para me dar um sermão sobre o que eu visto no escritório em um domingo, pai?

A expressão do meu pai mal reage, mas posso dizer que ele foi pego de surpresa pelo meu tom. Passei anos como seu cara do sim, nunca contestando uma única decisão. Terminou.

— Não. Eu quero que você me explique que porra aconteceu ontem à noite. Perdemos a Zantech e quero saber por quê. Como?

— Você está exagerando, pai, — Crew diz de seu lugar no canto. Seu tom é entediado, mas sua postura é tensa.

Por mais que aprecie seu apoio, gostaria que ele ficasse de boca fechada. Não há nada que nosso pai goste menos do que apresentarmos uma frente unida.

Previsivelmente, ele discorda da avaliação de Crew sobre a situação. O vermelho sobe pelo pescoço sob a gola de sua camisa de botão azul. — *Exagerando?* Você sabe exatamente quanto valia aquele contrato, Crew. Já foi. Covington não vai deixar esse acordo escapar.

— De alguma forma, acho que conseguiremos manter as luzes acesas sem ele, — Crew fala lentamente.

— Isso não é brincadeira, Crew. Se seu irmão não tivesse conseguido foder um contrato de cem milhões de dólares, eu ficaria tentado a reconsiderá-lo como meu sucessor.

Meus molares rangem enquanto eu forçosamente reprimo qualquer reação.

Arthur Kensington é um mestre em manipulação emocional.

Se eu tivesse saído da recepção ontem à noite e fechado este negócio, teria ficado chocado ao receber um *bom trabalho*, muito menos uma promoção.

Mas perdê-lo? Claro, a Kensington Consolidated está à beira da ruína financeira e eu sou inepto.

Apenas meus erros são reconhecidos.

— Eles ligaram para você? — Eu pergunto.

O olhar penetrante de meu pai se volta para mim. Meu telefone começa a zumbir no meu bolso, mas eu o ignoro.

— Enviaram por e-mail. Eles só falam ao telefone com as empresas com as quais fazem negócios, aparentemente.

— Falei com eles por telefone ontem de manhã e ele não mencionou nada sobre uma conversa posterior. Ou uma decisão pendente. Eles tiveram semanas para concordar com os termos. E de repente eles decidem se comprometer imediatamente ou irão para outro lugar?

— Seu trabalho era fazer com que eles assinassem, Oliver! Quando ele decidir fazer! A porra de um estagiário poderia ter lidado com isso.

— Talvez você devesse ter designado um, então, em vez de esperar que eu cuidasse do trabalho de três funcionários.

O olhar de meu pai fica mais duro. Mais frio. Eu me sinto como uma criança novamente, me chutando por não ter feito melhor. Por esquecer uma tarefa ou tirar um B em vez de um A direto.

Mas agora sou um adulto que percebe que os padrões de meu pai são impossíveis de cumprir. Que preciso parar de tentar antes que enlouqueça.

— A oferta está fora de questão, Oliver. Você não será o próximo CEO da Kensington Consolidated. Você obviamente não está disposto a fazer o que for preciso.

Ele está esperando que eu discuta. Reaja. Eu não dou a ele a satisfação de qualquer uma. Eu apenas aceno. Tudo o que quero fazer é sair daqui e voltar para minha cobertura antes que Hannah tenha que sair.

— Se você quiser que esta empresa continue sendo dirigida por um Kensington, ele será.

Meu pai e eu olhamos para Crew, que abandona seu lugar no canto para caminhar até a mesa, tirando um pedaço de papel do bolso interno do paletó e jogando-o na madeira envernizada.

— Para você, pai.

Sua testa se enrugando quando ele a pega.

— Minha carta de demissão, — acrescenta Crew.

— *O quê?*

A exclamação gêmea é um dos poucos casos em que meu pai e eu estivemos na mesma página no mesmo segundo. Nós dois soamos... atordoados.

— Este é o meu aviso oficial.

— Que *porra* você pensa que está fazendo, Crew? — Nosso pai cospe. — Você está virando as costas para sua família?

Crew encontra seu olhar, calmo e não afetado. — Estou *escolhendo* minha família. A mulher que eu amo. Nossos filhos. Lili está crescendo. Terei um segundo filho em breve. Você pode ter ficado bem deixando babás criarem a mim e Oliver, mas não estou interessado em replicar essa infância. Vou conhecer *meus* filhos, pai. Então chame um recrutador e diga que você precisa de um futuro CEO

seja escolhido. Ou dê para o filho que sempre quis tê-lo. Terminei. Se você quer ser meu pai, tudo bem. Mas cansei de você ser meu chefe.

Crew se vira e sai sem dizer uma palavra, e é a única vez que vejo meu pai realmente sem palavras.

Apesar de toda a sua postura e manipulação, tenho certeza de que ele acreditava que nenhum de nós jamais iria embora.

Crew acabou de chamar seu blefe.

Não há mais nada para eu dizer, então sigo Crew para fora, deixando meu pai olhando para as repercussões de suas escolhas.

O corredor está vazio. Ando até chegar ao escritório de Crew, batendo uma vez na porta.

— Entre.

Abro e encontro Crew parado com as mãos nos bolsos, olhando para o sol nascente.

— Foi uma saída e tanto.

Crew se vira. Ele tenta um sorriso, mas não consegue. — Me desculpe por não ter te contado primeiro. Descobri que tudo foi finalizado ontem e não tinha decidido como fazer isso.

— Onde você está indo?

— Royce Raymond me fez uma oferta no meu casamento. Disse que queria entregar sua produtora para alguém com bom senso comercial e um pouco de integridade. Entrei em contato com ele depois que Scarlett me contou sobre a gravidez. São melhores horários, mais flexibilidade. A chance de fazer parte de algo que não foi entregue a mim.

— Você está fazendo parceria com ele?

Crew balança a cabeça. — Propriedade total. Scarlett já está procurando uma casa em Los Angeles. Vamos dividir o tempo, mas primeiro quero estar lá fora. Ela já estava trabalhando em planos remotos para uma vez que estivesse mais adiantada em sua gravidez.

— Eu... uau.

Meu pai não era o único que pensava que Crew nunca deixaria esta empresa. Nenhuma das razões pelas quais já pensei em fazer isso se aplica a ele. Estou orgulhoso dele por colocar sua família em primeiro lugar e entrar em algo novo. Mas, apesar do conflito que isso causou, sentirei falta dele aqui.

Desistência não é como eu queria herdar esta empresa.

— Você merece ser CEO, Oliver. Você sabe. Eu sei isso. Papai

sabe disso. Mas se você optasse por ir embora também, eu não iria culpá-lo.

— Não quero ir embora.

Ele concorda. — Eu quero dizer isso, Oliver. Você merece isso.

Eu enfio minhas mãos nos bolsos da minha calça antes de entrar em seu escritório, olhando pelas janelas. O sol está mais alto no céu, lançando uma luz brilhante sobre a cidade.

— Ela mora em Los Angeles.

Crew se vira para ter a mesma visão, ombro a ombro comigo.

— Você poderia tentar trabalhar remotamente.

— Eu basicamente moro neste escritório. Todas as reuniões e apresentações e Alicia... Eu poderia fazer meu trabalho, mas não poderia fazê-lo tão bem.

— E o trabalho dela?

Eu engulo. — Não sei.

Exceto, eu que sei. A Faculdade de Arquitetura de Los Angeles não tem um campus em Nova York.

— Pergunte a ela. Veja o que ela diz. — Ele faz parecer fácil, e é tudo menos isso.

Levei meia hora para desabotoar todos os botões do vestido de Hannah ontem à noite. Então nós dois caímos na cama, exaustos demais para conversar. Não mencionei nada do que aconteceu na limusine, e ela também não. E estou preocupado que isso signifique que ela *se* arrepende de nosso casamento.

— Eu me casei com ela.

Crew faz um som chocado e estrangulado. — *O quê?*

— Quando eu estava em Las Vegas para a despedida de solteiro de Garrett. Eu a encontrei no bar do hotel, pedi para ela me encontrar mais tarde e acordei ao lado de uma certidão de casamento.

— Puta merda.

Eu rio. — Bastante.

— Então o quê?

— Estamos nos divorciando. Os papéis foram apresentados na segunda-feira.

— Por quê?

Eu olho para ele. — Porque não queríamos nos casar.

— Mas você está apaixonado por ela.

Desvio o olhar, rapidamente. — Não importa.

— Você contou a ela?

O silêncio responde por mim.

— *Diga a ela*, Oliver.

— Eu sou como ele, — eu digo.

— Não, você não é. Você é bom no que faz e é aí que as semelhanças terminam.

— Eu a escolhi em vez do meu trabalho ontem à noite, e estou chateado comigo mesmo por causa disso. Eu fodi com o negócio da Zantech. Este trabalho é quem eu sou, e não posso esperar que ela aceite isso. Ninguém mais tem.

— Por que você ficou ontem à noite? — Crew pergunta.

— Eu queria.

Ele sorri. — Acho que você é menos desesperado do que pensa.

— Obrigado.

Ele estende a mão. — Boa sorte.

Eu choco a nós dois puxando-o para um abraço. — Estou orgulhoso de você, — digo a Crew depois que nos separamos. — Por enfrentar o papai. Fazendo suas próprias coisas. Lili e o bebê número dois têm sorte de ter você como pai.

Crew acena com a cabeça e olha para baixo, os ângulos de seu rosto marcados pela emoção. Pela primeira vez, percebo que minha opinião pode ser importante para ele. Não parecia que ele me admirava desde que éramos crianças.

— Vejo você mais tarde, — digo a ele, então saio de seu escritório e sigo para os elevadores.

Meu pé bate impacientemente enquanto espero que um chegue e novamente, enquanto desce no que parece ser um ritmo impossivelmente lento.

Crew está certo, decido, observando os números diminuírem lentamente. Não quero que Hannah vá embora sem saber exatamente qual é a minha posição. A alternativa é perdê-la definitivamente, e sei que vou me arrepender disso.

Uma vez que estou de volta no carro dirigindo em direção ao meu prédio, tiro meu telefone do bolso. E meu estômago revira quando vejo que tenho uma chamada perdida e uma mensagem de voz de

Hannah.

Com o coração na garganta, toco no nome dela e levo o telefone ao ouvido.

— Oi. Lamento fazer isto por telefone, mas queria me despedir. Eu... minha irmã ligou, e April entrou em trabalho de parto. Há complicações com o parto. Eu não sei todos os detalhes. Mas a companhia aérea conseguiu me transferir para um voo mais cedo, então estou a caminho do aeroporto agora. Eu acordei, e você tinha ido embora, então eu só.... Espero que esteja tudo bem. E se você só precisa de espaço, bem, eu entendo. Obrigada por... obrigada. Assinarei tudo o que me enviar. Então... adeus, Oliver.

Droga, eu acho.

E então disco o número do piloto particular da Kensington Consolidated.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Hannah

Meu pai está esperando ao lado da esteira de bagagens com uma placa manuscrita idiota que diz *Filha (do meio) favorita*.

Eu sorrio, livrando-me um pouco da exaustão e estresse enquanto seus braços me envolvem. Uma enxurrada de mensagens estava esperando quando meu avião pousou, informando que April e Eddie agora têm um filho chamado Ezra e que tanto o bebê quanto a mãe estão felizes e saudáveis.

— Oi, querida.

— Oi, Vovô.

Ele ri. — Esse título vai demorar um pouco para me acostumar.

— Está tudo bem?

— Sim. Apenas um susto. Ele é uma coisinha fofa, com olhos arregalados e pequenos dedinhos dos pés. Me lembra de quando você era pequena, não estendendo viagens de trabalho para passar um tempo com o marido.

Resolvi minha extensão de viagem com seu assistente, pois não tenho um supervisor direto. E eu deveria saber que levaria menos de um minuto para ele mencionar minha estada mais longa em Nova York.

— Ainda estamos nos divorciando, pai. — Coloco meus óculos escuros sobre os olhos enquanto saímos pelas portas automáticas para o sol. Está pelo menos dez graus mais quente do que quando saí de Nova York.

Meu pai não diz nada, o que é pior do que um sermão.

Sou uma covarde que deixou Nova York sem dizer a Oliver o que sinto por ele. E sinto o eco dessa fraqueza em cada segundo de silêncio. Na verdade, nenhuma das mensagens que esperava quando aterrissei era dele.

Meu pai segue as regras, então caminhamos pelo asfalto quente até o estacionamento onde ele deixou o carro. Eu o atualizo sobre as reuniões com Tyler enquanto caminhamos, mesmo sabendo que ele já recebeu relatórios. Esta é a parte do meu trabalho de que realmente

sentirei falta, se deixar a Garner Sports Agency. Compartilhando com meu pai.

— Eu me encontrei com Logan Cassidy novamente na semana passada, — ele diz, uma vez que estamos no carro voando ao longo da estrada ladeada de palmeiras, o cenário tão diferente da selva de concreto de Nova York.

— Como foi?

— Bem. Acho que há uma boa chance de ele assinar conosco.

— Isso é bom. — Eu brinco com a bainha da minha camiseta. — Eu entrei na faculdade de arquitetura, pai.

Percebo que enquanto ele está dirigindo provavelmente não é o melhor momento para dizer a ele *depois* que ele passa pelo divisor de pista, disparando uma série de buzinas. Ele rapidamente desvia de volta, corrigindo o caminho do carro.

— Não tenho certeza se vou, — acrescento, uma vez que estou confiante de que ele está dirigindo sob controle novamente.

— Por que você não iria? — Ele pergunta, o que não é a primeira pergunta que eu imaginaria que ele faria.

— Não tenho certeza se é isso que eu quero. Se me inscrevi porque era a decisão certa ou porque queria algo diferente.

— Que faculdade?

— Faculdade de Design de Los Angeles.

— Muito longe de Nova York.

Eu olho para longe dele, para fora da janela. — É, — eu concordo.

E sei que faz parte da minha indecisão. Comprometer-me com a faculdade aqui é diferente de continuar meu trabalho aqui. Uma parte esperançosa de mim quer deixar as possibilidades em aberto.

— Eu adorei ter você na agência, Hannah. Você sabe disso. Mas começar aquela empresa era o meu sonho. Eu quero que você siga o seu, onde quer que isso possa levar. Os escritórios poderiam passar por uma reforma, então seria útil ter uma arquiteta na família.

— Obrigada, pai, — eu sussurro.

Ele liga o aparelho de som, parando em uma velha canção dos Beach Boys. Serve como trilha sonora para o hospital, onde minha mãe e Rachel estão esperando no saguão. As duas me abraçam antes de irmos para o quarto de April. Como sou a única que não visitou, entro primeiro.

April está sonolenta e sorridente quando entro no minúsculo quarto de hospital. Eddie está parado ao lado da cama, sorrindo para ela e para o pequeno embrulho em seus braços.

Mais estranho do que perceber que sou tia é reconhecer que meu irmão é pai. Que sua vida mudou irrevogavelmente hoje.

Quando Eddie pergunta se quero segurar meu sobrinho, não hesito em dizer que sim. Ele está enrolado em um cobertor listrado, ainda menor do que eu esperava. Eu olho para suas feições em miniatura, seus olhos fechados e expressão pacífica. Dormindo como um bebê.

— Ele é lindo, gente.

— Obrigada, Hannah, — diz April. — Eu trouxe o macacão de patinho na minha bolsa de hospital para levá-lo para casa.

Eu sorrio. — Também comprei um presente mais original. Vou deixá-lo amanhã.

April responde com — Você não precisava nos dar um segundo presente! — ao mesmo tempo, Eddie me diz — Obrigado. — Eles se olham e depois riem.

— Tenho certeza que Ezra vai adorar, — diz ela.

— Espero que sim.

Infelizmente, pensar na cadeira de balanço de carneiro só me lembra quem sugeriu que eu a comprasse.

Passo Ezra de volta para Eddie depois de alguns minutos, notando como April parece exausta. Dou um abraço de despedida nos dois e saio para o corredor.

Meus pais também entram no quarto para se despedir, enquanto Rachel pega um lanche na máquina de venda automática. Olho para o infográfico sobre o resfriado recente enquanto espero que todos estejam prontos para partir.

Todos ficam alegres e animados quando entramos no carro. Todo mundo menos eu, mas eu tento fingir. Minha mãe está falando sobre Ezra. Meu pai recebe uma ligação sobre uma nova oferta de contrato. Rachel fala sobre sua viagem de verão. Ela escolheu a Grécia.

— Você vem jantar amanhã à noite, Hannah? — Minha mãe pergunta quando entramos na minha rua. — Quero saber tudo sobre sua viagem a Nova York.

O medo escorre por mim, mas sei que terei que ter essa conversa eventualmente. É melhor acabar logo com isso. — Claro, mãe.

Meu pai para na frente do meu bangalô e desce para pegar minha

mala na parte de trás. Eu verifico para ter certeza de que nada caiu da minha bolsa na área dos pés, então solto meu cinto de segurança.

— Oliver voltou com você?

Olho para Rachel. — O quê?

Ela aponta para fora da janela. — Esse não é ele?

Em vez de olhar, saio do carro. Meu pai também o viu, acenando assim que colocou minha mala na calçada. — Você assume daqui, Han?

— Sim. Obrigada, pai.

Ele pisca, aperta meu ombro e entra no carro.

Eu começo a andar para minha casa, rolando minha mala ao longo do caminho.

Oliver se levanta quando me aproximo, o balanço da varanda balançando levemente enquanto ele caminha até os degraus da frente. Ele está vestindo calças de corrida e um moletom, parecendo amarrotado e nada parecido com seu jeito polido de sempre. Suas roupas casuais me fazem sorrir, por algum motivo estúpido. Parece que é alguma parte de mim que deixei nele.

Abandonei minha mala a alguns metros da escada, subi correndo e me joguei em seus braços. Oliver cambaleia meio passo para trás antes de recuperar o equilíbrio.

Não sei por que ele está aqui. Mas ele veio, e isso é importante para mim. Ele não estava muito ocupado para notar que eu saí. Seus braços apertam minhas costas e eu expiro pelo que parece ser a primeira vez desde que saí de Nova York.

— April está bem?

Eu me afasto para poder ver seu rosto. — Ela está ótima. Eu tenho um sobrinho. Ezra. Ele é muito fofo. Tão pequenino que eu estava nervosa por segurá-lo.

Oliver sorri. Então, muito sério, pergunta: — Você quer filhos?

— Eu, hum, eu... — Estou completamente desnorteada, é o que estou. É que ele está aqui, e essa é a segunda pergunta que ele fez. — Não sei. Você quer?

— Achei que não. Mas eu estaria aberto a isso, se minha esposa o estivesse.

Eu estudo seu rosto, tentando determinar se ele está usando a esposa em um sentido geral ou se ele está se referindo a *mim*.

— Eu pensei que você não queria se casar.

— Sim. Eu pensei isso também. Então percebi que também não quero o divórcio.

— Não quer? — Algo que parece muito com esperança se espalha através de mim.

— Não. Eu quis dizer o que disse ontem à noite, Hannah. Não me arrependo de ter casado com você. Foi a melhor maldita coisa que já me aconteceu.

A felicidade se expande em meu peito, brilhante e efervescente.

— Eu sou egoísta, Hannah. Definido em meus caminhos e passo muito tempo focado em uma empresa que não pensa em mim. Mas é quem eu sou, Hannah. Nunca poderei mudar, não totalmente. Eu preciso que você saiba disso. Assim como eu preciso que você saiba... eu te amo. Estou *apaixonado* por você. Não tenho certeza de quando aconteceu, quando começou, mas não foi a lugar nenhum. Essa é um parte de mim agora.

Eu não percebo que estou chorando até que ele gentilmente enxuga uma lágrima.

— Desculpe. — Eu fungo, limpando o resto com as costas da minha mão. — Foi o dia.

— Eu sei.

Eu me aproximo dele, inalando seu cheiro familiar. Parece um lar, mais do que a casa em frente à qual estamos. — Eu também estou apaixonada por você.

Oliver engole visivelmente, e me pergunto se alguém já disse isso a ele. Se ele já disse isso a alguém. Então eu digo novamente, em termos ainda mais simples.

— Eu te amo, Oliver.

Ele me puxa contra seu corpo e me beija. É mais lento do que a maioria dos que compartilhamos. Saboroso e doce. Como o primeiro de muitos, em vez de possivelmente o último.

Oliver tira um pouco de cabelo do meu rosto, colocando-o atrás da minha orelha. — Meu pai me chamou para uma reunião esta manhã. Achei que estaria de volta antes de você acordar.

— O que ele queria? — Eu pergunto.

— Ele estava chateado com um negócio que deu errado. Mas a verdadeira surpresa foi que Crew entregou uma carta de demissão. Ele está saindo da empresa. Se mudando para cá, na verdade, meio período.

É por isso que ele esteve aqui algumas semanas atrás, eu percebo.

— Então, você será o próximo CEO.

— Se eu ficar.

— O que você quer dizer com se você ficar? Você dedicou toda a sua carreira à empresa. Você *quer* ser CEO.

Ele não discorda. — A sede fica em Nova York. É onde eu teria que trabalhar.

— Eles têm faculdades de arquitetura em Nova York.

A mandíbula de Oliver aperta. — Eu não quero que você desista de...

— Não estou desistindo de nada. Eu prometo.

Seu olhar verde fervilha de emoções. — Eu te amo.

Eu me levanto na ponta dos pés, envolvendo meus braços em volta do pescoço dele e fundindo nossas bocas. Suas mãos pousam na minha bunda, puxando-me para sua crescente ereção.

— Quanto tempo você pode ficar? — Eu pergunto, quando sua boca se move para o meu pescoço, beliscando e chupando a pele sensível. Eu literalmente me derreto contra ele, desistindo de me manter ereta.

— Alguns dias. Peguei o jato, mas meu pai não pode fazer merda alguma a menos que queira entregar a empresa a um estranho.

— Se ele *realmente* não pode fazer merda nenhuma, você deveria ficar por uma semana.

Eu sinto seu peito reverberar com uma risada. — Você provavelmente poderia me convencer.

— Como? — Eu pergunto, fingindo confusão.

Oliver ri de novo, e eu saboreio o som. Ele se afasta para pegar minha mala do local onde a abandonei, enquanto destranco a porta da frente.

E então entramos.

Juntos.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Oliver

Há uma batida na porta. — Entre, — eu chamo.

Estou esperando Crew.

Em vez disso, meu pai entra.

Meus dedos congelam no meio dos botões da minha camisa.

Não estou surpreso que ele tenha vindo. As aparências importam para meu pai, se nada mais. Assistir ao casamento de seu filho não é um evento que ele poderia perder sem levantar muitas sobrancelhas. Tanto quanto a maioria das pessoas sabe, meu pai é muito mais afetuoso comigo e com Crew do que jamais foi em particular. Foi comigo, pelo menos.

— Oi, pai.

— Oliver.

Crew deixou oficialmente a Kensington Consolidated dois meses atrás, pouco antes de Scarlett dar à luz seu segundo filho. Ele e meu pai tiveram uma longa conversa no hospital quando ele veio ver o bebê, enquanto eu estava sentado no quarto com Scarlett e Hannah. Pelo que sei, foi a primeira vez que conversaram fora do escritório desde que Crew lhe disse que estava saindo da empresa.

Esta é a primeira vez que *eu* estou falando com meu pai fora do escritório. Discutimos trabalho e nada mais, ajustando-nos à nova dinâmica sem Crew. Não é realmente melhor ou pior. Apenas diferente.

— Você não confirmou.

Uma sobrancelha escura se ergue, como uma barra. — Você pensou que eu não viria?

— Eu não tinha certeza.

Há um lampejo de emoção em seu rosto, algo que quase parece tristeza. Ele desaparece rápido demais para eu ter certeza.

— Boa igreja.

Acontece que, quando não está relacionado a golfe, negócios ou álcool caro, meu pai é péssimo em conversa fiada.

Eu limpo minha garganta, terminando de abotoar minha camisa e endireitando o colarinho. — É onde os pais de Hannah se casaram.

Ele concorda. — Encontrei-os lá fora. Belo casal. Dean se saiu bem.

— Sim. Graças a Deus a mulher com quem vou me casar não está sem um tostão. O pai dela não é bilionário, mas ela deveria herdar *alguma coisa*. — O sarcasmo escorre da minha voz.

Meu pai limpa a garganta. — Ela parece ser uma boa garota, Oliver. Espero que vocês sejam felizes juntos.

— Obrigado.

— Eu sei que tenho sido um pai de merda. — Ele deixa cair a declaração contundente em mim sem nenhum aviso.

Pisco rapidamente, tentando decidir como responder à franqueza. — Tenho sido um filho de merda. — Não importa o que aconteça, Candace sempre será um arrependimento que não posso reverter.

— Eu só queria o melhor para vocês, rapazes. Eu estava... orgulhoso. Dos homens que vocês estavam se tornando. O legado que eu estava deixando. E então... era difícil saber quando parar de empurrar. Eu sempre quis que você realizasse mais. — Ele limpa a garganta, o mais próximo de desconfortável que já vi em muito tempo. Em seguida, estende um envelope. — Um presente de casamento.

Pego o envelope dele e tiro as folhas de papel. Leva um minuto para digerir o juridiquês. — Você vai deixar o cargo no *mês que vem*?

— Você mereceu. — Isso é tudo o que ele diz, antes de se virar e me deixar cambaleando.

Típico do meu pai, nunca demorar. Para me entregar o que mais importa no mundo para ele como se fosse uma xícara de café morno e não me dar chance de responder.

Eventualmente, percebo que estou parado aqui há muito tempo e preciso terminar de me arrumar. Acabei de terminar os botões da minha camisa quando há outra batida na porta.

— Sim?

Desta vez, é Crew quem entra. Seu filho recém-nascido, Christopher, está amarrado ao peito.

Christopher *Oliver* Kensington.

Eu estaria mentindo se dissesse que não me emocionei quando ouvi seu nome completo pela primeira vez.

— Você não está pronto? — Ele pergunta, olhando para a jaqueta

pendurada que eu ainda não vesti.

Estendo os papéis para ele. — Papai passou por aqui.

Crew absorve o conteúdo mais rápido do que eu. Ele assobia, longo e baixo. — Uau. Parabéns.

— Eu não tinha certeza se ele iria renunciar. Muito menos em algumas semanas. Eu mal me adaptei à sua partida. Agora... isso é muito.

— Bem, papai nunca se importou muito com o timing certo. Os negócios não esperam e tudo mais.

Concordo com a cabeça, colocando os papéis de volta no envelope com cuidado. Agora que o choque está passando, há outras emoções. Excitação. Antecipação.

Hoje, estou ganhando as duas coisas que sempre pensei que seriam discordantes. Achei que teria que escolher entre me tornar CEO ou me casar por amor. Entre o sucesso e a felicidade. Ganhar os dois é perturbador da melhor maneira.

Garrett e Asher entram quando estou terminando de me arrumar.

— Apresentando-se para cuidar do bebê, — diz Asher, estendendo as mãos para Christopher.

Crew é meu padrinho, e a irmã de Hannah, Rachel, é sua dama de honra.

— Certifique-se de que você... — Crew começa.

— Recebi um discurso de vinte minutos de Scarlett, — diz Asher.
— Eu posso carregar o garoto daqui para a igreja. Prometo.

Relutantemente, Crew deixa seu filho ir.

— Boa sorte, — Garrett me diz, socando levemente no braço.

Tanto quanto ele sabe, tanto quanto a maioria das pessoas presentes ao nosso casamento sabe, Hannah e eu ainda não somos casamos. Mas interrompemos o divórcio antes de ser finalizado, então nós legalmente somos. É fácil fingir que este é o nosso primeiro casamento, já que nenhum de nós se lembra.

— Obrigado, — eu respondo.

— Você está pronto para fazer isso? — Crew pergunta. — Sóbrio?

Reviro os olhos, mas sorrio. — Sim.

Ando lado a lado com meu irmão, em direção à igreja onde vou me casar com Hannah Garner pela segunda vez.

Hannah

Minha mãe chora quando dou um abraço de despedida nela. — Meu Deus, você está tão linda, querida.

— Obrigada, mãe.

— Me ligue quando você pousar, tudo bem?

Eu concordo. — Eu ligo.

Meu pai beija minha bochecha. — Eu te amo, querida.

— Eu também te amo.

Rachel é a próxima, pulando na ponta dos pés com entusiasmo até que ela tenha a chance de jogar os braços em volta de mim. — Obrigada por se casar com um cara com toneladas de amigos solteiros, ricos e gostosos. Você é minha irmã favorita.

Balanço a cabeça e rio antes de abraçar Eddie. Ele me diz para viajar com segurança enquanto abraço April e beijo a testa de Ezra.

Então, chego à família de Oliver, que é infinitamente mais estranha.

Scarlett é a primeira.

— Obrigada novamente pelo vestido, — digo a ela.

Para a inveja das noivas em todos os lugares, estou usando um *Rouge* original. Eles nem sequer têm uma linha nupcial.

Fiquei surpresa quando Scarlett se ofereceu. E é tudo o que imaginei e mais, principalmente porque significa que a barreira entre Scarlett e eu pode não ser permanente.

— Vamos jantar, da próxima vez que você estiver em Nova York?

Ela acena com a cabeça, olhando para Crew, que está tentando consolar uma Lili chorando com um Christopher adormecido amarrado ao peito. — Vou deixar Crew em casa com as crianças. Oliver pode ajudá-lo a tomar conta.

— Eu ouvi isso, — diz Crew, tirando uma barra de frutas do bolso e entregando para sua filha. O sistema de distribuição de água para imediatamente.

— Suborno, sério? — Scarlett pergunta.

— Você teve uma ideia melhor? — Crew pergunta, endireitando-se. Ele se inclina para um abraço de um braço só. Aperto seu braço, com cuidado para não esmagar Christopher entre nossos corpos. — Estou feliz por você, Hannah, — diz ele.

— Obrigada, Crew.

Compartilhamos um sorriso.

E então, estou cara a cara com Arthur Kensington pessoalmente. Dividi meu tempo entre Los Angeles e Nova York antes do casamento, mas nenhum tempo que passei em Manhattan foi com o pai de Oliver. Eu nem tinha certeza se ele estaria aqui.

Quando perguntei a Oliver se seu pai estava presente, sua resposta foi — *Provavelmente*.

A imagem que eu tinha na cabeça era de um vilão, algum monstro retorcido com olhos mortos e um coração gelado. Mas estou olhando para como Oliver será daqui a trinta anos. A semelhança entre ele e seu pai é incrível. Mesmos olhos, mesmo queixo, mesma postura orgulhosa.

— Olá, Hannah.

— Oi, Sr. Kensington.

Sua expressão é perspicaz enquanto ele me estuda atentamente. Eu resisto ao impulso de me mexer sob seu escrutínio. Sem dúvida, ele está pensando em todas as minhas falhas. Em comparação com a outra nora dele, não estou contribuindo em nada para o nome Kensington.

— Somos uma família. Você pode me chamar de Arthur. — Seu sorriso é caloroso e não sei dizer se é genuíno ou fingido. Eu deveria ter imaginado que ele seria encantador.

— Eu não acho que você tratou sua família diferente de qualquer outra pessoa, Sr. Kensington.

O sorriso de Arthur se contrai. — Você está errada. Eu os trato pior.

Sou pega totalmente desprevenida por sua resposta. Na minha experiência, os narcisistas raramente são autoconscientes.

Ele enfia a mão no bolso de seu terno azul-marinho, extraindo uma caixa retangular de veludo. — Estes pertenceram à minha falecida esposa, Elizabeth. Ela gostaria que a noiva de Oliver tivesse algo dela.

— Obrigada, — eu digo automaticamente, abrindo a tampa. Um par de brincos de diamante brilha em seus engastes, as joias quase ofuscantes ao sol. Há um diamante central rodeado por uma auréola de diamantes menores. O design combina com o anel de noivado que Scarlett está usando. — Uau. Eles são impressionantes.

— Eu os fiz sob medida para combinar com o anel dela, — diz Arthur. — Dei a ela no dia do nosso casamento.

Há um tom mais suave em sua voz, mas qualquer emoção é cuidadosamente afastada quando olho para cima.

— Você deveria guardá-los por segurança. Valem uma pequena fortuna.

Ele não quer que mais ninguém os veja, percebo. Assentindo, coloco as joias em minha bolsa para o avião, escondendo o gesto pensativo. Querendo saber o quanto mais Arthur se esconde.

Depois de nos despedirmos, um carro leva eu e Oliver direto da nossa recepção para o aeroporto. É uma viagem curta, cerca de vinte minutos no total.

Lamento não ter trocado meu vestido de noiva depois das cinco. Eu queria saboreá-lo, já que esta é a única ocasião em que o farei. Mas os metros de tecido ocupam a maior parte do banco traseiro, enrolando-se na minha cintura e nas minhas pernas.

Oliver me lança um sorriso divertido, mas não comenta. Ele cuidadosamente me ajuda a sair do banco de trás assim que chegamos à pista. Vamos pegar o avião particular da Kensington Consolidated, no qual só estive uma vez.

Atendentes uniformizados correm, carregando o avião com nossa bagagem e fazendo verificações de segurança de última hora. Subo os quatro degraus que levam ao interior do avião, observando o ambiente luxuoso.

Eu largo minha bolsa no sofá e caminho até um assento na janela, tirando meus saltos e olhando para fora. Oliver se recusou a me dizer onde ele está me levando para minha lua de mel, então eu tive que adivinhar o que levar. Isso se reflete nas quatro malas que estão sendo retiradas do carro.

Oliver sobe no avião alguns minutos depois. — Devemos sair em alguns minutos.

— Você pode me passar meu telefone? — Eu pergunto, apontando para minha bolsa. — Quero tirar fotos do avião.

— Por quê? — Oliver pergunta, parecendo divertido enquanto pega minha bolsa e começa a vasculhar.

— Você já viu? — Eu pergunto, cavando meus dedos no tapete macio.

— O que é isso?

Eu olho para encontrá-lo segurando a pequena caixa de veludo que coloquei na minha bolsa antes de sair da nossa recepção. Eu mordo meu lábio inferior, sem saber como ele vai reagir. — Seu pai

me deu quando estávamos saindo. Eram da sua mãe.

Ele abre a caixa e a fecha rapidamente. — Sim, eu os reconheço.

— Eu não tenho que usá-los...

— Não, você deveria. Ela iria querer que você usasse.

Não digo a Oliver que foi exatamente isso que o pai dele disse. Observo a guerra de emoções em seu rosto enquanto ele vira a caixa várias vezes em suas mãos antes de colocá-la cuidadosamente de volta na minha bolsa.

— Talvez ele também tenha arrependimentos, — eu sussurro.

Oliver dá de ombros, mas o movimento é rígido. Ele se aproxima e entrega meu telefone para mim, então se senta no assento oposto e olha pela janela. Estamos começando a nos mover, virando em direção à pista de pouso.

Não me incomodo em desbloquear meu telefone ou tirar fotos. Há uma melancolia em torno de Oliver que eu acho que tem tudo a ver com seus pais. Nunca apreciei tanto minha mãe e meu pai quanto agora. Ambos estavam no meu casamento. Ambos solidários, mesmo sabendo como nosso relacionamento começou. Oliver não tinha isso hoje. Faz muito tempo que não tem, se é que alguma vez teve.

— Você vai me dizer para onde estamos indo agora?

Fico aliviada ao vê-lo sorrir antes de olhar para mim. — Tem uma arquitetura impressionante, — ele me diz.

Reviro os olhos e observo pela janela enquanto o avião decola. Assim que nivelamos, eu me levanto. — Eu vou me trocar.

A única outra vez em que estive no jato foi para acompanhar Oliver em uma viagem de trabalho a Chicago. Asher e outro funcionário da Kensington Consolidated, Scott, estavam conosco, e foi um voo curto. Eu olhei o quarto dos fundos, mas não passei nenhum tempo aqui.

A parte traseira do avião contém uma cama king-size, centralizada com janelas de cada lado e decorada com detalhes em creme e dourado. Se não fosse pela reviravolta ocasional em meu estômago e pela cobertura de nuvens pelas janelas, eu não teria ideia de que este quarto está no ar.

Luto com as costas do meu vestido de noiva por cerca de trinta segundos antes de chamar Oliver para pedir ajuda. Ele provavelmente vai reclamar, mas não quero correr o risco de rasgar o tecido.

Alguns segundos depois, ouço-o entrar no quarto.

— O que você tem contra vestidos com zíperes? — Ele pergunta,

suas mãos encontrando os botões que prendem as costas do meu vestido.

— Eu não desenhei o vestido. Pergunte a Scarlett.

Eu não digo a ele, mas Rosie, Rachel e April levaram meia hora para me colocar neste vestido. Eu deveria ter tido elas me ajudando também, mas gostei da ideia de sair com meu vestido de noiva. Eu também não me opunha a fazer sexo, mas isso parece improvável.

Oliver está em silêncio, enquanto meu vestido se afrouxa pouco a pouco.

— Você está feliz? — Eu pergunto.

Suas mãos param de se mover, e alguns segundos depois eu me viro para encará-lo. Ele parece dividido entre a perplexidade e a incredulidade. — *Claro* que estou. É o dia do nosso casamento.

— Você mal disse alguma coisa desde que saímos da recepção.

Ele exala. — Sinto muito, Han. Meu pai decidiu me entregar a empresa hoje. Ele vai se aposentar no mês que vem e isso me pegou desprevenido.

Eu fico boquiaberta com ele, atordoada. — Você vai ser CEO no *mês que vem*?

Oliver assente. — Sim. Eu sabia que estava chegando. Mas não pensei que seria tão cedo.

— Uau. Parabéns. Isso é... uau.

Eu sabia que estava chegando também. Mas ainda é um grande momento. Um grande momento em que Oliver passou anos - décadas - trabalhando.

Ele sorri, então me puxa para mais perto. — Estou feliz, Hannah. Feliz pra caralho. Vendo meu pai simplesmente... eu gostaria que minha mãe pudesse estar lá hoje. Queria que as coisas fossem diferentes com ele. É apenas mais difícil, alguns dias.

Deslizo a mão por baixo do paletó de seu smoking, até encontrar a batida constante de seu coração. — Você tem a mim, — eu sussurro. — Você sempre me terá.

Ele me beija, e é tão intenso, tão intenso, que nem percebo que ele está me movendo em direção à cama até que caio no colchão.

A consciência crepita entre nós como eletricidade enquanto continuamos nos beijando. Acostumei-me com a ideia de me casar com Oliver há algum tempo. Mas isso parece diferente - eu em um vestido de noiva e ele em um smoking. Parece real, permanente e duradouro, todos aqueles ideais eternos que o casamento deve

representar.

Eu me contorço contra o edredom, o tecido do meu vestido formando seu próprio cobertor ao meu redor. — Você pode, por favor, me tirar disso?

Oliver sorri. — Só passei por dez botões.

— De...

— Cem?

Eu suspiro. — Você pode continuar? Não há como eu dormir com isso esta noite.

— Quem disse que você vai dormir? — Seu sorriso se torna perverso. — *Esposa*.

Não consigo ver suas mãos. Mas eu as sinto, levantando e movendo o tecido do vestido até que minhas pernas fiquem expostas. A seda branca bloqueia minha visão de seus ombros para baixo, mas tenho uma ideia do que ele pretende quando a calcinha que estou usando é puxada para baixo das minhas pernas.

Meus quadris estremecem quando sinto sua língua traçar minha fenda, a sensação repentina é eletrizante. Ele me lambe até eu estremecer e ofegar, então substitui sua língua por seu pau.

— É isso que você quer?

Estou muito ocupada gemendo para formar palavras reais. Não há nenhuma preocupação. Sem dúvidas. Posso simplesmente mergulhar no prazer, sabendo que ele estará lá para me impedir de me afogar.

Ninguém além de Oliver foi capaz de me empurrar tão longe, tão rapidamente. Eu posso sentir um segundo orgasmo chegando, mesmo que eu tenha acabado de gozar. O vício que só ele pode alimentar correndo para a superfície. Ele esfrega meu clitóris e eu aperto em torno dele, segurando-o, embora estejamos permanentemente fundidos de outras maneiras.

Seus golpes são mais profundos. Mais fortes. Como se ele soubesse exatamente o que eu preciso. E então ele está me beijando, possuindo minha boca da mesma forma que ele está controlando o resto do meu corpo. Gozo em uma onda trêmula, sentindo sua liberação me encher de calor.

— Nunca será o suficiente, — ele sussurra. — Mas serão vezes pra caralho.

EPÍLOGO

Oliver

O suor escorre pelas minhas costas em correntes constantes, o sol implacável em seus raios. O grupo à nossa frente finalmente avança para o próximo buraco, para que possamos parar de ficar parados, assando no calor.

— Ângulo fácil, — diz meu pai, selecionando cuidadosamente um taco e caminhando até a bola que está esperando. Mas ele examina o percurso atentamente, não atirando imediatamente.

Crew geme, levantando seu taco e pressionando-o contra a nuca enquanto olha para o céu azul. — Apenas acerte a maldita bola, pai.

Está lotado e quente, e nosso pai se recusa a tirar qualquer coisa que não seja uma tacada perfeita.

Golf nunca foi coisa de Crew. Meu pai e eu jogamos muito juntos, mas geralmente com possíveis clientes. Nunca apenas nós dois.

Mas este passeio foi ideia dele, então aqui estamos nós três, tentando olhar através dos anos de animosidade, ressentimento e erros ao longo de dezoito buracos.

— Trabalhar em Hollywood deixou você impaciente.

Crew revira os olhos e pega uma garrafa de água no carrinho de golfe. Eu encaro as folhas imóveis na palmeira até que elas comecem a balançar, a brisa da água finalmente se movendo nessa direção. O ar está quente demais para oferecer muito alívio, mas já é alguma coisa. E apesar do calor, os arredores são lindos. O verde luxuriante do campo de golfe do resort estende-se até uma das praias de areia branca, com a água azul-turquesa a perder-se no horizonte.

Meu pai finalmente dá sua tacada, rolando perto o suficiente do buraco, ele provavelmente vai acertar na próxima tacada. Em seguida, é a vez de Crew. Seu swing é fraco, mal movendo a bola. Ele faz uma careta para meu pai, que não oferece nenhuma crítica, surpreendentemente. Minha bola cai entre as deles, não tão perto quanto a de meu pai, mas não tão longe quanto a de Crew.

Quando terminamos mais dois buracos, minhas costas estão completamente encharcadas de suor. Crew e eu trocamos olhares, e é como se fôssemos crianças de novo. Nenhum disposto a quebrar

primeiro.

Surpreendentemente, nosso pai é quem chama primeiro, sugerindo que terminemos o caminho amanhã. Crew e eu rapidamente concordamos; Crew ainda mais ansioso depois que nosso pai se oferece para levar seus filhos para tomar sorvete.

Eles me deixam na villa particular minha e de Hannah, depois de fazerem planos de nos encontrarmos para jantar às seis.

Uma rajada de ar frio me cumprimenta quando entro na pequena casa, o ar condicionado causando arrepios na minha pele úmida. Não há sinal de Hannah na sala. Entro no quarto, que também está vazio, tiro minha polo suada e a jogo em um canto. Vou para o banheiro, onde deixei meu calção de banho para secar ontem à noite.

Para minha surpresa, a maçaneta não se move. Está trancado.

Eu bato. — Hannah?

Há uma demora antes que ela responda. — Eu pensei que você estava jogando golfe.

— Estava lotado e quente, então encurtamos a viagem.

E Crew começou a acelerar depois que nosso pai se ofereceu para levar Lili e Christopher para tomar sorvete. Tenho certeza de que ele espera passar seu tempo sozinho com Scarlett, e eu estava pensando em algo semelhante com Hannah depois de lavar o suor na piscina ou no mar.

— O que está errado? Você está enjoada?

A porta se abre tão de repente que quase caio para a frente.

— Atualmente não, mas estarei. — Hannah pressiona um pedaço de plástico contra meu peito, depois passa por mim, entra no quarto e se joga na cama.

Pisco para o teste de gravidez. O teste de gravidez *positivo*.

— Uau.

Hannah zomba, depois cobre os olhos com o cotovelo. — Minha reação foi um pouco mais extrema do que isso.

Coloco o teste na cômoda e rastejo para a cama ao lado dela. A cama fica de frente para a água azul-turquesa, uma piscina privativa e um pátio são as únicas coisas que separam a villa privativa do mar. A vista da nossa cobertura é boa, mas não supera esta.

Hannah rola, enganchando uma perna na minha. Eu corro a mão para cima e para baixo em seu braço.

— Não achei que isso fosse acontecer, — diz ela.

— Eu sei.

Tentamos engravidar cerca de um ano depois do nosso casamento. O momento parecia certo, já que ela havia acabado de parar de trabalhar na Garner Sports Agency para começar um trabalho administrativo em uma empresa de arquitetura, tentando decidir se voltar a estudar era o que ela realmente queria.

Depois de dois anos de sexo desprotegido, acho que ambos presumimos que precisaríamos explorar outros caminhos para a paternidade. Algo que estivemos muito ocupados para discutir, quanto mais para agir. Hannah acabou de começar seu segundo ano na faculdade de arquitetura. E sou CEO da Kensington Consolidated há quase quatro anos, o que não diminuiu em nada o número de horas que passo no escritório.

— Você está atrasada?

— Sim. E tenho me sentido enjoada nos últimos dias. Eu pensei que era apenas jet lag e viver acima do oceano, mas então decidi fazer um teste. Pode estar errado, obviamente. Não sei o quão precisos eles são.

— Seus peitos parecem maiores, — eu digo, passando minha mão pelo braço dela e pelo peito para cobrir um seio. Ela está usando um biquíni fino por baixo da blusa. Sinto seu mamilo endurecer, reagindo ao meu toque.

— Isso é útil, obrigada.

Eu rio, rolando, então estou pairando sobre ela e posso ver sua expressão melhor. Equilibrando meu peso em um cotovelo, afasto o cabelo de seu rosto.

— Espero que esteja certo. Se não estiver, podemos continuar tentando.

Hannah morde o lábio inferior. — Eu nunca poderia dizer o quão desapontado você estava...

Eu expiro, sabendo que isso é algo que provavelmente deveríamos ter falado mais. Nós dois presumimos que esse momento teria acontecido há algum tempo. Então nos acostumamos a nunca aparecer.

— Eu também não sabia, honestamente. Mas estou feliz, Han.

— Estou apavorada, — diz ela, sem rodeios. — Não tenho ideia de como criar uma criança.

— Pelo menos você teve bons modelos. Eu mal me lembro da minha mãe. E você sabe como meu pai é.

Ele está melhor, admito. Vir nessas férias foi um grande passo adiante. Ele está muito mais relaxado perto de Lili e Christopher do que jamais esteve comigo e Crew. Talvez seja porque ele não será responsável por quem eles se tornarão.

Para o bem ou para o mal, sei que Crew e eu teríamos sido muito diferentes se ele tivesse sido um pai mais indulgente. Poderíamos ter sido mimados e merecedores. Definitivamente menos trabalhadores.

— Então, basicamente, estamos fodidos?

Eu sorrio. — Crew e Scarlett pareciam dar um jeito.

— Os filhos deles são pesadelos.

— Eles são teimosos e exigentes. Claro que os filhos deles são mini ditadores.

— *Você é teimoso e exigente, Oliver.*

— Graças a Deus você é tão doce e suave, então. — Eu roubo um beijo.

Hannah revira os olhos e empurra meu peito. — Sai. Você está todo suado.

Eu rolo de costas, observando-a entrar no banheiro. — Eu ia nadar. Quer vir?

— Eu devo ir até a casa de Scarlett e Crew para pegar um vestido emprestado para o jantar. Eu me distraí, depois de comprar o teste.

— Meu pai levou os filhos deles para tomar sorvete. Então agora provavelmente não é a melhor hora para ir até lá, — eu digo, rolando para fora da cama.

— Certo, tudo bem. Eu só preciso colocar mais protetor solar.

Mas quando entro no banheiro, ela não está aplicando protetor solar. Ela está de pé com a camisa levantada, olhando para a barriga lisa no reflexo do espelho.

Eu saio do meu short cáqui e coloco meu calção de banho, antes de caminhar atrás dela. Minha cabeça se inclina, beijando logo acima de sua clavícula antes de minhas mãos pousar em sua barriga.

Eu descanso meu queixo no topo de sua cabeça. — Nenhum arrependimento? — Eu pergunto a ela. É a nossa versão de *você está bem?*, já que era tudo o que deveríamos ter. Arrependimentos.

Mesmo se eu não estivesse olhando para o rosto dela, eu ouviria o sorriso em sua resposta. — Não. Você?

— Nenhum.

Meus braços se apertam ao redor dela.

Hannah faz um som de contentamento no fundo de sua garganta.

Sua cabeça se inclina para o lado, apenas o suficiente para eu capturar seus lábios com os meus. É lento e certo. O tipo de beijo lânguido que você só compartilha com alguém quando tem certeza de que é essa pessoa que você vai beijar pelo resto da vida.

É tudo que eu pensei que nunca teria.

E... é *real*.

Notas

[←1]

Modelo de sapatilha.

[←2]

Los Angeles.

[←3]

Passe especial para pular a fila e passar pela segurança do aeroporto sem ter de retirar os sapatos, o cinto ou o casaco. Também poderá deixar os computadores portáteis e os líquidos e géis aprovados na sua bagagem de mão.

[←4]

Tipo de salto alto.

[←5]

Bolsa tipo carteira.

[←6]

Time de basquete profissional.

[←7]

Casa com estilo de fazenda; rústico;

[←8]

Como de fosse a OAB, aqui no Brasil.

[←9]

É um terminal ferroviário e metroviário localizado em Manhattan, Nova Iorque.

[←10]

Postigo é um arco embutido em uma quadra de grama, este arco é comumente referido como postigo.

Table of Contents

PRÓLOGO

Oliver

CAPÍTULO UM

Oliver

CAPÍTULO DOIS

Hannah

CAPÍTULO TRÊS

Oliver

CAPÍTULO QUATRO

Hannah

CAPÍTULO CINCO

Oliver

CAPÍTULO SEIS

Oliver

CAPÍTULO SETE

Hannah

CAPÍTULO OITO

Oliver

CAPÍTULO NOVE

Hannah

CAPÍTULO DEZ

Oliver

CAPÍTULO ONZE

Hannah

CAPÍTULO DOZE

Oliver

CAPÍTULO TREZE

Hannah

CAPÍTULO CATORZE

Oliver

CAPÍTULO QUINZE

Hannah

CAPÍTULO DEZESSEIS

Oliver

CAPÍTULO DEZESSETE

Hannah

CAPÍTULO DEZOITO

Oliver

CAPÍTULO DEZENOVE

Hannah

CAPÍTULO VINTE

Oliver

CAPÍTULO VINTE E UM

Hannah

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Oliver

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Hannah

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Oliver

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Hannah

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Oliver

CAPÍTULO VINTE E SETE

Hannah

CAPÍTULO VINTE E OITO

Oliver

Hannah

EPÍLOGO

Oliver